



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO

**POR UMA AÇÃO CATÓLICA: HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS
DE EULÁLIO MOTTA PARA EUDALDO LIMA**

STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO

**POR UMA AÇÃO CATÓLICA: HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS
DE EULÁLIO MOTTA PARA EUDALDO LIMA¹**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Coorientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Feira de Santana
2025

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

S226p

Santiago, Stephanie da Cruz

Por uma Ação Católica: hiperedição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta para Eudaldo Lima / Stephanie da Cruz Santiago. – 2025.
263 f.: il.

Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros

Coorientador: Patrício Nunes Barreiros

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2025.

1.Hiperedição. 2.Cartas. 3.Política. 4.Religião. 5.Motta, Eulálio de Miranda (1907-1988). 6.Lima, Eudaldo Silva (1909-1988). I. Barreiros, Liliane Lemos Santana, orient. II.Barreiros, Patrício Nunes, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU 869.0(81).09

TERMO DE APROVAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO

POR UMA AÇÃO CATÓLICA: HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DE EULÁLIO MOTTA PARA EUDALDO LIMA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 13 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS
Data: 13/11/2025 17:34:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros - Orientadora
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Documento assinado digitalmente
PATRICIO NUNES BARREIROS
Data: 13/11/2025 19:55:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros - Coorientador
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/CNPq)



Documento assinado digitalmente
ALICIA DUHA LOSE
Data: 14/11/2025 09:03:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alícia Duhá Lose - Membro interno
Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq)



Documento assinado digitalmente
MARCOS ANTONIO DE MORAES
Data: 14/11/2025 07:57:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes - Membro externo
Universidade de São Paulo (USP/CNPq)



Documento assinado digitalmente
MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA
Data: 18/11/2025 08:58:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva - Membro externo
Universidade de Passo Fundo (UPF/CNPq)



Documento assinado digitalmente
ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA
Data: 21/11/2025 08:33:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza - Membro externo
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Documento assinado digitalmente
MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA
Data: 13/11/2025 20:41:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago - Membro externo
Universidade de São Paulo (USP/CNPq)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me sustentado durante todo o período de escrita desta tese, mesmo diante de tantas dificuldades;

Ao meu esposo, Iago Gusmão Santiago, a quem dedico esta tese, por seu amor infindável e por ser o meu braço direito (e, às vezes, até o esquerdo também), sempre disposto a me ajudar, mesmo que em circunstâncias muito difíceis, nunca me desamparou ou me deixou vacilar.

À FAPESB, pelo incentivo financeiro tão importante que proporcionou dedicar-me exclusivamente a este trabalho;

À minha família, que demonstrou apoio em momentos muito difíceis. Em especial, agradeço à minha mãe/avó, Elizete Silva Pimentel, por cuidar, torcer por mim e por Iago e sempre esperar o melhor resultado de tudo (ela é o copo meio cheio), também por todas as orações, por ter me criado com amor e insistido em meus estudos; aos meus pais, Itamar Pimentel da Cruz e Alexandra Maria Oliveira, por todo suporte, principalmente nos grandes momentos de dificuldade em relação à saúde de 2024/2025; e aos meus irmãos, Thawynne, Vitória, Guilherme e João Victor, que mesmo na perturbação da minha paz, conseguem me trazer uma imensa felicidade;

À minha orientadora, Liliane Lemos Santana Barreiros, por ser uma super parceira de consultas médicas, por ter dado todo apoio a mim e a Iago, por todos os conselhos e por não desistir da gente, sempre impulsionando para que conseguíssemos finalizar nossas teses. Só tenho a agradecer aos nossos encontros e as suas orientações com bolo e afeto;

Ao meu coorientador, Patrício Nunes Barreiros, por ter sempre me orientado e ter me dado a oportunidade de iniciar esta pesquisa, lá em 2015, como Iniciação Científica, que mal sabia o que era a filologia e o que estava por vir. Foi uma grande e divertida jornada e, por isso, serei sempre grata;

À banca examinadora, pela disponibilidade em ler meu trabalho e por todas as conselhos e contribuições dadas para sua melhoria;

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual de Feira de Santana que me formaram e fizeram de mim uma pesquisadora, linguista e filóloga. Na UEFS eu sempre me senti em casa, desde a graduação até agora no doutorado, graças à generosidade e ao afeto de vocês.

A todos os meus colegas e amigos do *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais*, por tantas conversas e tantos surtos coletivos em meio à pesquisa, por me auxiliarem sempre, tirando dúvidas ou dando dicas de *plugins* do *site*;

Aos meus amigos, por todo apoio. Eu jamais irei esquecer como vocês fizeram desse ano difícil, um pouco menos amargo. Em especial, agradeço a Lara Cardoso, Vanessa Fraga, Joice Passos, Gabriel Almeida, Juliana Rocha, Laysa Raquel, Flávia Almeida, Sabrina Santana, Renato Santos, Leonardo Mosimann, Lucas Santana, Sheila Cardoso, Luciane Soares, Nathalia Dantas, Vanessa Barrêto, Jaqueline Kelm, Vitória Pimentel e Charles Azevedo, por sempre estarem dispostos a conversar (e olha que eu converso...). A lista foi longa, mas cada um de vocês ajudou, à sua maneira, a mim e a Iago, para que pudéssemos concluir nossas teses e para que tivéssemos um ano mais leve, dentro do possível. Que Deus abençoe vocês e que tenhamos muitos e muitos anos de amizade pela frente, vocês me completam;

A meu querido amigo Tiago Jatobá, que foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, me fornecendo textos, fotografias e informações preciosas sobre Eudaldo Lima e Campo Formoso-BA. Agradeço por ter sempre sido disponível, espero algum dia poder retribuir todo o apoio que você me deu. Agradeço também pelas fofocas históricas que me tiraram muitos risos e me ajudaram muito durante momentos de bloqueio de escrita;

Agradeço aos meus caros Eulálio Motta e Eudaldo Lima (*in memoriam*), por me acompanharem nesta jornada de tantos anos em busca de uma hiperedição e de preservação da memória. Obrigada por guardarem parte de suas vidas para nós.

Resumindo: a Igreja Católica, Apostólica, Romana, foi fundada por Jesus Cristo. O Protestantismo - foi fundado por Lutero, quase quinze séculos depois da vinda de Cristo. Aí está um dos inúmeros motivos porque me tornei católico e não protestante (Motta, 1941).

RESUMO

Por uma Ação Católica: hiperedição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta, no Caderno Farmácia São José é uma continuação da dissertação intitulada *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021), e se trata de trabalho realizado com base no acervo de Eulálio de Miranda Motta, escritor natural de Mundo Novo-BA, que arquivou, dentre outros documentos variados, 15 cadernos manuscritos. Um dos exemplares é o caderno *Farmácia São José*, que tem 132 textos de temáticas diversas, predominando a religiosa, sendo 19 destes rascunhos de cartas destinadas a Eudaldo Lima (*corpus* desta pesquisa), que fazem parte, dentre outros documentos, da Ação Católica idealizada e desenvolvida por Motta, ambientada em um contexto político conturbado entre Integralismo e Estado Novo. A pesquisa buscou apresentar as impressões de Eulálio Motta acerca de religião (protestantismo, espiritismo e catolicismo), bem como traçar um paralelo com as suas raízes políticas integralista, além de analisar aspectos de suas relações interpessoais por meio de textos e correspondências que apresentam os temas política e religião, com ênfase nos 19 rascunhos de carta destinados a Eudaldo Lima (pastor presbiteriano e amigo do autor). Na crítica textual, como forma de publicação desses rascunhos, a hiperedição foi escolhida por conta do seu caráter expansivo e não linear de publicação, visto que a documentação se trata de rascunhos, naturalmente, não lineares. Assim, buscou-se discutir quais tipos de edição poderiam suprir, de certa forma, as necessidades do rascunho, respeitando sua natureza múltipla e com movimentos de escrita, de forma dinâmica e que explorassem as potencialidades deste tipo de documento, para compor a hiperedição. Optou-se, a saber, pelas edições: genética linearizada, topográfica, interpretativa com aparato genético e interpretativa modernizada. Para embasar o estudo, foram discutidas as relações entre a filologia e o meio digital (Cerquiglini, 2000; Dacos, 2011; Barreiros, 2015, 2017; Shillingsburg, 2004; Lourenço, 2009; McGann, 2001; dentre outros). Para fundamentar a discussão acerca de acervos de escritores, foram utilizados como base Lose (2020), Bordini (2005; 2009), Barreiros (2014), Deleuze e Guattari (1995). Além disso, é apresentado um perfil religioso e político do escritor Eulálio Motta e um contexto histórico acerca das movimentações político-religiosas do período, elaborado com base na documentação do acervo, assim como a transcrição genética dos rascunhos de cartas - em apêndice. Por fim, é apresentada a estrutura do *site* com a hiperedição dos rascunhos das cartas. Esta tese demonstra relevância por se tratar de uma edição de documentos com marcas de processo de escrita e por apresentar uma hiperedição voltada para esta necessidade dos documentos, os rascunhos, além de tratar uma documentação que revela uma empreitada ideológica religiosa e política de um escritor do interior baiano.

Palavras-chave: Hiperedição; Ação Católica; Rascunho; Cartas; Eulálio Motta.

ABSTRACT

Por uma Ação Católica: hiperedição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta, no Caderno Farmácia São José, is a continuation of the dissertation entitled *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021) and it is a work based on the collection of Eulálio de Miranda Motta, a writer from Mundo Novo-Bahia, who archived, among other documents, 15 handwritten notebooks. One of the notebooks is the *Farmácia São José*, which contains 132 texts on several themes, but predominantly religion, and 19 of these texts are draft letters addressed to Eudaldo Lima (the corpus of this research). These drafts of letters are part of, among other documents, the Catholic Action conceived and developed by Motta, set in a turbulent political context between Integralism Political Party and the Estado Novo. The research intended to present Eulálio Motta's impressions of religion (Protestantism, Spiritism, and Catholicism), as well as draw parallels with his Integralist political roots. It also analyzed aspects of his interpersonal relationships through texts and correspondence that address the themes of politics and religion, with an emphasis on the 19 draft letters addressed to Eudaldo Lima (a Presbyterian pastor and friend of the author). In textual criticism, hyperediting was chosen as the method of publishing these drafts due to its expansive and non-linear nature, given that the documentation consists of drafts, which are naturally non-linear. Thus, it was discussed which types of editing could, to some extent, meet the needs of the draft, respecting its multiple nature and incorporating dynamic writing movements that explore the potential of this type of document in order to compose the hyperedition. It was chosen the editions: linearized genetic edition, topographic edition, interpretive edition with genetic apparatus and modernized interpretive edition. To support the study, the relationships between philology and the digital environment were discussed (Cerquiglini, 2000; Dacos, 2011; Barreiros, 2015, 2017; Shillingsburg, 2004; Lourenço, 2009; McGann, 2001; among others). The discussion about writers' collections were based on Lose (2020), Bordini (2005; 2009), Barreiros (2014), and Deleuze and Guattari (1995). Furthermore, a religious and political profile of the writer Eulálio Motta is presented in this research, as well as a historical context regarding the political-religious movements of the period, prepared based on the collection's documentation, as well as the genetic transcription of draft letters. Finally, the structure of the website is presented, with the hyperedition of the 19 draft letters. This thesis demonstrates relevance because it deals with an edition of documents with marks of the writing process and because it presents a methodological hyperediting proposal focused on this need of the documents, the drafts, in addition to dealing with documentation that reveals an ideological, religious and political undertaking of a writer from the backlands of Bahia.

Keywords: Hyperedition; Catholic Action; Drafts; Letters; Eulálio Motta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Capa do livreto <i>Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?</i> (1944), de Eudaldo Lima	30
Figura 02	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Farmácia São José</i>	47
Figura 03	Canaleta externa, meia lombada, ponteira e lombada do caderno FSJ	50
Figura 04	Cortes superior, anterior e inferior do caderno <i>Farmácia São José</i>	50
Figura 05	Seixas, contraguarda, guarda-volante e miolo do caderno <i>Farmácia São José</i>	51
Figura 06	Coifa inferior e cadernos do caderno <i>Farmácia São José</i>	51
Figura 07	Abrasão no caderno <i>Farmácia São José</i>	52
Figura 08	Delaminação no caderno <i>Farmácia São José</i>	52
Figura 09	Miolo parcialmente rompido no caderno <i>Farmácia São José</i>	53
Figura 10	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Bahia Humorística</i>	54
Figura 11	Coifa, corte inferior e lombada do caderno <i>Bahia Humorística</i>	55
Figura 12	Parte interna da encadernação do caderno <i>Bahia Humorística</i>	55
Figura 13	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Lágrimas</i>	56
Figura 14	Coifas superior e inferior e lombada do caderno <i>Lágrimas</i>	56
Figura 15	Índice do caderno <i>Farmácia São José</i> (guarda-volante superior, reto)	58
Figura 16	Página 157 escrita a lápis e inteiramente apagada por borracha, no caderno FSJ	61
Figura 17	Folhas arrancadas do caderno <i>Farmácia São José</i>	62
Figura 18	Enumeração do caderno FSJ, atribuída por Eulálio Motta	64
Figura 19	Testemunho impresso e manuscrito do poema <i>Prece...</i> , caderno FSJ	65
Figura 20	Critérios adotados para a edição de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	116
Figura 21	Continuação dos critérios adotados para a transcrição do texto genético de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	117
Figura 22	Texto genético do estágio de escrita A de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	118
Figura 23	Página inicial do site https://acbmotta.com/	231
Figura 24	Menu do site	233
Figura 25	Perfil de Eulálio Motta	235
Figura 26	Perfil de Eudaldo Lima	236

Figura 27	Cartas para Eudaldo Lima	237
Figura 28	Ação Católica Brasileira e Ação Integralista Brasileira	238
Figura 29	Lista das cartas	240
Figura 30	Edição Genética de <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	243
Figura 31	Edição Topográfica de <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	245
Figura 32	Edição Interpretativa de <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	248
Figura 33	Edição Modernizada de <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	250

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Rascunhos de crônicas da Ação Católica, no caderno <i>FSJ</i>	67
Quadro 02	Rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, no caderno <i>FSJ</i>	97
Quadro 03	Quadro comparativo de Bernard Cerquiglini - <i>Une nouvelle philologie?</i>	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Características do rizoma encontradas no dossiê arquivístico	222
-----------	--	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACB -	Ação Católica Brasileira
AIB -	Ação Integralista Brasileira
FSJ -	<i>Farmácia São José</i>
Pe. -	Padre
Rev.	Reverendo
UDN -	União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 EULÁLIO MOTA, AÇÃO CATÓLICA E INTEGRALISMO	23
3 OS RASCUNHOS DE CARTAS PARA EUDALDO LIMA, NO CADERNO <i>FSJ</i>	44
3.1 O CADERNO <i>FARMÁCIA SÃO JOSÉ</i>	45
3.2 RASCUNHOS DE CRÔNICAS DO CADERNO <i>FARMÁCIA SÃO JOSÉ</i>	67
3.3 DESCRIÇÃO TEMÁTICA DOS RASCUNHOS DE CARTAS	81
3.4 DISCUSSÕES ACERCA DA EDIÇÃO GENÉTICA DOS RASCUNHOS	106
3.5 TRANSCRIÇÃO GENÉTICA LINEARIZADA DOS RASCUNHOS DE CARTAS	121
Rascunho de carta 1 - <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	124
Rascunho de carta 2 - <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i>	127
Rascunhos de carta 3 e 4 - <i>a) Meu amigo: / Você, protestante convicto e Meu amigo: / Promessa é dívida</i>	139
Rascunho de carta 5 - <i>Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio</i>	146
Rascunho de carta 6 - <i>Eudaldo amigo <u>Salutem!</u> / Ausente, em trabalhos na Fazenda</i>	150
Rascunho de carta 7 - <i>Eudaldo: <u>Salutem!</u> / Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i>	153
Rascunho de carta 8 - <i>Eudaldo: Salutem / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro</i>	155
Rascunho de carta 9 - <i>Eudaldo amigo: Salutem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix</i>	163
Rascunho de carta 10 - <i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u> Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”</i>	164
Rascunho de carta 11 - <i>Eudaldo amigo: Respondendo... I</i>	166
Rascunho de carta 12 - <i>Respondendo II / Eudaldo: <u>Há ou não há intermediario?</u></i>	168
Rascunho de carta 13 - <i>Respondendo... III</i>	171
Rascunhos de carta 14 e 15 - <i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u> 5-2-942 e Eudaldo:</i>	177

<i>Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente</i>	
Rascunho de carta 16 - Eudaldo: <u>Saudações</u> / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro	189
Rascunho de carta 17 - Eudaldo <u>Saudações</u> / Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”	190
Rascunho de carta 18 - Eudaldo: Resposta oportuna	192
Rascunho de carta 19 - Ponto final	197
4 FILOLOGIA DIGITAL E ACERVOS DE ESCRITORES	200
4.1 A FILOLOGIA E A CULTURA ESCRITA DIGITAL	200
4.2 ACERVOS DE ESCRITORES E SUA NATUREZA RIZOMÁTICA	212
5 HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO FARMÁCIA SÃO JOSÉ	233
5.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE HIPEREDIÇÕES	224
5.2 HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO FARMÁCIA SÃO JOSÉ	229
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	252
REFERÊNCIAS	256

1 INTRODUÇÃO

Eulálio Motta, escritor natural do município de Mundo Novo, no interior da Bahia, destacou-se como uma figura de grande relevância em sua terra natal. Reconhecido por seu perfil polêmico, especialmente no que tange às questões religiosas e políticas, Motta era conhecido por sua intensa atividade intelectual e engajamento crítico. Publicava textos em jornais e obras literárias de forma independente, além de confeccionar e distribuir panfletos pelas ruas da cidade, nos quais abordava uma variedade de temas, com especial ênfase em religião e política.

Como escritor incansável, acumulou ao longo da vida um vasto conjunto documental, estimado em cerca de 2.750 itens, que inclui fotografias, cadernos, livros, datiloscritos avulsos, panfletos, bem como documentos pessoais, como diplomas e certidões. Esse hábito sistemático de arquivamento resultou na constituição de um acervo pessoal expressivo, que atualmente tem se revelado um campo fértil para investigações nas áreas de crítica textual, história, literatura e linguística.

Embora ainda existam familiares, conhecidos e contemporâneos de Eulálio Motta capazes de compartilhar aspectos e acontecimentos de sua trajetória, o acervo por ele deixado revela-se uma fonte incomparavelmente mais ampla e detalhada de informações sobre sua vida pessoal e profissional. Tal conjunto documental não apenas complementa os relatos orais de seus contemporâneos, como também os corrobora em diversos pontos, oferecendo uma visão mais precisa e abrangente do autor.

Por meio da documentação, é possível acessar registros que atravessam distintos domínios da vida de Motta: desde suas atividades no campo, monitorando chuvas, nomeando animais e tratando da compra e venda de gado; passando por sua vida afetiva, especialmente com Edy, sua principal musa inspiradora, à qual dedicou diversos poemas, além de outras mulheres que igualmente despertaram seu interesse; até sua produção em prosa, como as crônicas em que defendia fervorosamente a fé católica e exortava os fiéis à vigilância contra o que considerava serem “armadilhas mundanas e protestantes” (segundo sua própria visão de mundo). Nos rascunhos de correspondências, observa-se um autor determinado a fazer prevalecer suas opiniões sobre os mais diversos temas (religião, política, moral, costumes e administração pública), sempre com veemência argumentativa. Já em seus artigos publicados em jornais locais, Motta expunha reflexões sobre literatura, acontecimentos de sua comunidade e debates públicos mais amplos, sobretudo envolvendo religião e política.

De fato, Motta foi um indivíduo inquieto e de opiniões fortes. O seu acervo permite construir uma narrativa de sua vida, dentre tantas, visto o detalhamento que ele abriga e, além de tudo, por se tratar de um ‘todo documental’, fornece também um vasto contexto para as documentações. A personalidade e convicções do escritor se revelam na medida em que se adentra no seu acervo, especialmente nos 15 cadernos manuscritos que foram escritos e guardados pelo autor, sediando uma vasta documentação inédita, fonte de valor inestimável para as pesquisas, tanto para conhecer mais sobre a história do escritor e sua relação com a comunidade, quanto para difundir sua obra, por meio da publicação dos inéditos e do estudo da sua produção, contribuindo para a compreensão acerca da literatura produzida no interior da Bahia e para a contemplação literária dos seus escritos.

Em meio aos 15 cadernos arquivados pelo autor em seu acervo, encontra-se o caderno *Farmácia São José*, que tem 296 páginas e apresenta uma grande quantidade de rascunhos de textos de gêneros e temáticas variadas. O gênero que mais se destaca no caderno é o epistolar, que conta com 53 textos ao todo, sendo a temática religiosa a mais recorrente, ocupando 41 rascunhos de cartas para destinatários diversos, destacando um em especial, Eudaldo Lima. Além dos documentos epistolares, destaca-se um volume de rascunhos de crônicas de temática religiosa em defesa dos interesses católicos, que compõem, juntamente com os rascunhos de cartas e outros documentos, a Ação Católica de Eulálio Motta. O *corpus* desta pesquisa é um volume composto por 19 rascunhos de cartas que foram escritas para seu amigo de infância e pastor presbiteriano Eudaldo Lima, o qual, no contexto da troca de missivas, estava residindo em Campo Formoso-BA, em meio a uma efervescência religiosa e grande resistência católica perante a instalação da Igreja Presbiteriana na região. Ao tratar os textos como partes de um sistema discursivo mais amplo, propomos uma leitura relacional que enxerga o caderno *Farmácia São José* como um arquivo de militância católica e de intervenção ideológica, em que cartas e crônicas se atravessam, se espelham e se reforçam mutuamente, contudo, o *corpus* da pesquisa e da hiperedição se limita aos 19 rascunhos de carta para Eudaldo Lima. O primeiro rascunho de carta para Eudaldo Lima que se encontra no caderno *Farmácia São José* se trata de uma resposta de Motta, levando a crer que o diálogo foi iniciado por Eudaldo Lima.

A Ação Católica desempenhada por Motta foi feita, de acordo com ele, com o intuito pedagógico de alertar os fiéis católicos dos perigos do mundo para a fé católica, destacando as ‘falhas’ da crença, dos princípios e da prática protestante, visando à manutenção, de forma ativa e praticante, dos católicos na Igreja Católica, contudo, como será discutido na seção 2, os interesses religiosos se entrelaçavam com os interesses políticos do escritor. Os rascunhos

de crônicas e o presentes no caderno são, de fato, a execução prática dessa idealização, visto que foram escritos para serem publicados e divulgados e, em contrapartida, o *corpus* deste trabalho, por se tratarem de cartas, não foi feito primariamente para ser publicado e difundido (com exceção da carta aberta), mas sim com o objetivo de defesa do catolicismo perante seu amigo de infância, contudo, Motta autoriza a leitura pública destas cartas nos alto-falantes da cidade de Campo Formoso-BA, sob a justificativa de que o assunto era de interesse de todos, quebrando o sigilo de correspondência ele e Lima. O volume das cartas também funciona como um laboratório do qual Motta extraía elementos que embasariam suas afirmações contra os protestantes em sua Ação Católica, de acordo com o próprio em uma de suas cartas, buscando alertar os fiéis católicos e, ao mesmo tempo, desprestigiar e desmoralizar o protestantismo, mais especificamente, a Igreja Presbiteriana.

Em paralelo a isso, a discussão acerca da religião foi entrelaçada por um tom político, visto que a Ação Católica Brasileira (ACB) se relaciona diretamente com os ideais da Ação Integralista Brasileira (AIB), que, por sua vez, era o partido político ao qual Eulálio Motta era afiliado e para o qual Eudaldo Lima tecia críticas. Até o momento, não se sabe ao certo a qual partido político Eudaldo Lima era afiliado, mas sabe-se que os ideais do Partido Integralista iam de encontro aos do pastor presbiteriano, tanto por relatos de moradores do município no qual residiu durante anos, inclusive no período de escrita dos rascunhos de carta, em Campo Formoso-BA, quanto por inferências feitas a partir do conteúdo dos rascunhos de cartas feitos por Motta para responder as acusações religiosas e políticas feitas por Lima, além de um livreto, escrito por Eudaldo Lima, intitulado *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?*, datado de 1944 e publicado pela Casa Publicadora Norte Evangelico Garanhuns, que foi gentilmente cedido pelo historiador Tiago Ferreira Jatobá, pesquisador de Campo Formoso-BA. Destaca-se aqui que no acervo, conta-se apenas com os rascunhos de cartas de Eulálio Motta, pois ficaram preservados em um dos cadernos de trabalho do autor, contudo, a correspondência passiva, enviada por Eudaldo Lima, não se encontra no acervo e não há registros acerca do que se foi feito dela (descarte, doação).

A tese que ora apresentamos teve início a partir de uma trajetória de pesquisa desenvolvida desde 2016, quando, no âmbito de um projeto de iniciação científica, demos os primeiros passos no estudo dos rascunhos de cartas do caderno *Farmácia São José*, de Eulálio Motta. Naquele momento, além da transcrição dos textos, realizamos a descrição material dos documentos e leituras interpretativas preliminares, com o intuito de compreender as formas pelas quais esses escritos se relacionavam com aspectos da vida pessoal, religiosa e política

do autor. Essa etapa inicial consolidou-se como uma base formativa essencial para o aprofundamento posterior do trabalho filológico com documentos de fonte primária.

Em continuidade a essa investigação, foi desenvolvida, no mestrado (2019-2021), uma edição genética dos rascunhos, culminando na dissertação intitulada *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta*. No presente trabalho de doutorado, retomamos e ampliamos os objetivos anteriores por meio da elaboração de uma hiperedição dos rascunhos, contemplando quatro modalidades editoriais: genética acrescida das revisões posteriores à dissertação de mestrado; topográfica, interpretativa com aparato genético e interpretativa modernizada. A proposta metodológica baseia-se nos pressupostos de Barreiros (2015) e Shillingsburg (2004), com adaptações específicas às particularidades do corpus. A hiperedição não apenas potencializa o acesso e a leitura dos documentos por diferentes públicos, como também contribui para a valorização da micro-história e para o entendimento da dinâmica político-religiosa de Mundo Novo e, por extensão, de Campo Formoso. Ao integrar recursos multimídia e diferentes camadas de leitura, a presente hiperedição se inscreve no campo dos estudos filológicos contemporâneos, propondo novas formas de interação com o texto e com o acervo de Eulálio Motta.

Ao levar em conta o valor do acervo de Eulálio Motta, o projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução Nº 128/2008 e Nº 070/2016), coordenado pelo Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros, tem como proposta fundamental editar e publicar a obra do escritor em meio impresso e digital, para que, sua obra seja amplamente difundida. O projeto visa dar continuidade aos projetos de publicação que foram idealizados por Eulálio Motta, que, por diversos motivos, não foram viabilizados durante sua vida. As edições feitas no projeto seguem critérios filológicos, buscando sempre manter confiáveis os aspectos linguísticos do documento, além de dar atenção ao movimento da escrita, aspectos de sua materialidade e contexto, que constituem parte da sócio-história do documento.

No contexto das humanidades, o ambiente digital tem possibilitado novas abordagens de pesquisa e ampliação das práticas metodológicas voltadas ao tratamento de documentos textuais. No campo específico da Filologia, essas transformações têm favorecido o desenvolvimento de edições digitais, especialmente na forma de hiperedições, que se configuram como instrumentos inovadores para a apresentação crítica de textos. A hiperedição permite múltiplas camadas de leitura e articula, de forma dinâmica, os procedimentos tradicionais da edição filológica com os recursos técnicos oferecidos pelas plataformas digitais, sem abrir mão do rigor científico que caracteriza a disciplina.

Assim, neste trabalho, apresenta-se a hiperedição dos 19 rascunhos de cartas de Eulálio Motta, que conta com quatro tipos de edições, a saber: edição genética linearizada, edição genética topográfica, interpretativa com genético e interpretativa modernizada. A hiperedição configura-se como uma estratégia de publicação e divulgação dos rascunhos de cartas vinculados à atuação de Eulálio Motta no contexto da Ação Católica, conjunto textual que expressa de forma nítida suas convicções religiosas e ideológicas, bem como sua inserção nos debates políticos de seu tempo. Nesse sentido, este trabalho busca não apenas tornar acessível esse material inédito, mas também compreender o caráter pedagógico subjacente à sua escrita, valorizando sua dimensão formativa. Além disso, propõe-se a identificar as nuances políticas imbricadas no discurso religioso de Motta, especialmente a partir de suas controvérsias com Eudaldo Lima e das publicações que resultaram desses embates.

Para a realização do trabalho, fez-se a consulta à documentação do acervo de Eulálio Motta que se encontra disponível no *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (neiHD), situado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A presente pesquisa está vinculada a dois projetos desenvolvidos no neiHD, ambos cadastrados no Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UEFS: *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 128/2008 e N° 070/2016) e *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 137/2017). Além da documentação do acervo pessoal de Eulálio Motta, este trabalho utilizou o livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* de autoria de Eudaldo Lima, datado de 1944 e publicado pela Casa Publicadora Norte Evangelico Garanhuns, cedido pelo historiador Tiago Ferreira Jatobá, pesquisador de Campo Formoso-BA.

Esta é uma continuação da pesquisa iniciada na graduação, em 2015-2018, como Iniciação Científica, e da dissertação de mestrado *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021). A tese se divide em seis seções. A primeira se refere a esta introdução e, na segunda seção, intitulada *Eulálio Motta, Ação Católica e Integralismo* buscou-se apresentar o perfil religioso e político do escritor, desde sua infância católica até sua idade adulta, período em que foi de ateu-comunista a religioso-integralista, e, na continuação, trata da Ação Católica como movimento nacional e sobre a Ação Católica empreendida pelo escritor e a relação desse movimento com a Ação Integralista Brasileira, movimento político norteador da Ação Católica Brasileira. A terceira seção intitulada *Os rascunhos de cartas para Eudaldo Lima, no caderno Farmácia São José* retoma discussões realizadas na dissertação *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021) que

são pertinentes para a tese, visto que se trata do mesmo *corpus* de pesquisa. Nessa seção apresenta-se uma descrição paleográfica do caderno *Farmácia São José*; apresenta uma breve discussão acerca da edição genética, a primeira edição feita no *corpus* e a que serve de base para as demais edições; apresenta a descrição temática das cartas atualizada a partir de novos documentos encontrados; e, por fim, apresenta a transcrição genética dos rascunhos de cartas revisadas para a hiperedição.

Na quarta seção, intitulada *Filologia Digital e Acervos de Escritores*, buscou-se pontuar a complexidade do rascunho na filologia, área científica tradicionalmente voltada para estudo e edição de textos, buscando estabelecê-lo, e buscou discutir a mudança de paradigma da filologia ao longo do tempo, no trato com a documentação, tanto para sua investigação, quanto em relação a sua publicação, deixando de figurar exclusivamente na forma impressa, passando também para o ambiente digital, permitido pelo avanço tecnológico. Nesta seção também tratou de discutir os acervos, com ênfase nos acervos de escritores, sua formação, sua natureza e sua importância como objeto de estudo em si, não sendo apenas fonte de informações sobre determinado escritor.

A quinta seção, intitulada *Hiperedição dos Rascunhos de Cartas do caderno Farmácia São José*, apresenta uma discussão sobre a elaboração de edições digitais e elementos que devem ser levados em consideração ao propor este tipo de edição e, em seguida, apresenta a estrutura do *site* da hiperedição, bem como as definições das edições e os critérios utilizados para a elaboração, a saber: genética linearizada, genética topográfica, interpretativa com aparato genético e interpretativa modernizada do *corpus*, exemplificadas com *prints* do *site* das edições de *Meu caro Eudaldo: Saudações*. Por fim, na sexta seção, são as considerações finais, nas quais há uma reflexão sobre o labor editorial na modernidade e sobre os resultados alcançados na pesquisa.

2 EULÁLIO MOTA, AÇÃO CATÓLICA E INTEGRALISMO

Nesta seção, apresentamos uma leitura possível do perfil religioso-político de Eulálio Motta, traçando um percurso que abrange desde sua infância até a vida adulta, momento em que se converte ao catolicismo e se aproxima do ideário integralista. Tal reconstrução foi realizada com base na análise dos documentos presentes em seu acervo pessoal, especialmente os textos do caderno *Farmácia São José*, publicações em jornais, panfletos e anotações diversas deixadas por Motta. Além desse material, utilizamos também o livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista*, de autoria de Eudaldo Lima, datado de 1944 e publicado pela Casa Publicadora Norte Evangélico Garanhuns, cujo fac-símile foi gentilmente cedido pelo historiador Tiago Ferreira Jatobá, pesquisador de Campo Formoso (BA).

Cabe destacar que o perfil aqui delineado não tem a pretensão de oferecer uma narrativa biográfica no sentido tradicional, tampouco de apresentar uma interpretação definitiva dos fatos. Trata-se de uma leitura crítica dos documentos disponíveis, orientada por indícios textuais e pela articulação entre diferentes registros da escrita de Motta. Sabemos que toda interpretação documental é, por natureza, parcial e situada, e reconhecemos que esta é apenas uma entre as possíveis leituras do material analisado. Nosso objetivo não é fixar sentidos, mas propor caminhos interpretativos que deem visibilidade às relações entre fé, ideologia e produção textual no contexto em que esses documentos foram gerados.

O acervo de um sujeito não é um espelho que reflete de maneira direta e transparente sua vida. Pelo contrário, ele demanda interpretação, exige atenção às lacunas, às omissões, às rasuras, às ausências e também aos silêncios que atravessam os documentos. No caso de Eulálio de Miranda Motta, intelectual mundonovense, identificamos ao longo de sua trajetória a prática do auto arquivamento, compreendida aqui como uma forma de autobiografia, de escrita de si e de produção do eu, nos termos propostos por Barreiros (2016). Por meio da reunião sistemática de documentos pessoais, fotografias, cartas, postais, bilhetes, livros, panfletos, cordéis, jornais, datiloscritos e manuscritos avulsos, diários e cadernos, Motta construiu um acervo que, embora fragmentar e lacunar, deixou para a posteridade uma tessitura rica de vestígios de sua vida e de seu tempo.

Esse conjunto documental não apenas guarda histórias do próprio escritor, mas também preserva narrativas de sua comunidade em diferentes momentos históricos, registra a presença de indivíduos com os quais ele se relacionava e evidencia suas esferas de discurso. Além disso, permite entrever posicionamentos ideológicos marcadamente políticos e

religiosos. O acervo de Eulálio Motta, portanto, não revela apenas identidades individuais, mas constitui um campo de múltiplas camadas de leitura, no qual se cruzam práticas de interação social, processos de criação literária, construção discursiva e modos de comportamento em determinadas conjunturas. Trata-se, assim, de um espaço interpretativo que nos convida a ler não apenas o que está presente, mas também aquilo que se omite ou que foi conscientemente silenciado, tanto pelo próprio Motta quanto pelos sujeitos que com ele dialogaram ao longo da vida.

Ao adentrar no acervo, percebe-se que, a religião e a política não eram entendidas por Motta como algo puramente pessoal, ele considerava como interesse público a discussão do tema, visto que ele escreveu diversos textos com tais temáticas com intuito de publicar e compartilhar com todos as suas impressões. Desde a sua infância, Eulálio Motta teve relação com a religião católica. Filho de pais católicos, desde criança frequentou a Igreja Católica e guardou boas lembranças das comemorações religiosas deste período, contudo, também guardou desapontamentos com a instituição. Em um dos rascunhos de crônica que tem por título *Evocações*, localizado no caderno *Farmácia São José*, e o mesmo texto foi publicado no impresso *Evocações I Eureka II* (1942), feito na tipografia do Jornal *Avante*. No impresso não consta data de publicação, apenas a data de escrita do texto que, no rascunho consta como 30/04/1942 e no impresso como 29/04/1942. No texto, Eulálio Motta comenta como foi a sua relação com a Igreja Católica na infância e na vida adulta:

A Igreja. Novenas de Senhora Sant’Ana, a Padroeira. Foguêtes e bombões. Dezenas de duzias de fogêtes. E duzias e duzias de bombões. A porta da Igreja enfeitada de bananeiras e licuris. Bandeirolas coloridas. Lanternas nas casas dos mordomos. Noite de Natal, com barracas e cisplandins. Noites de S. João, com fogueiras de ramo, enfeitadas de pendões de cana e carregadas de laranjas e milho maduro! (Motta, 1942, p. 3).

Observa-se que Motta recorda de momentos de festejos com detalhes e de forma carinhosa, considerando-os momentos agradáveis, porém, logo em seguida, tece críticas a Igreja Católica:

Tudo muito bonito e muito bom! Mas... (que desgraça!) nenhuma aula de catecismo! Nenhuma noção de religião! A gente crescia atôa. Padre nosso e Ave Maria, quando se deita e quando se levanta. E os dias de missa com batizados e casamentos. E as festas de Sant’Ana com muito foguête e nenhuma explicação. E a gente ia ficando grande, com a alma vazia, desarmado. Depois a vida chegaria com interrogações e a gente não saberia responder (Motta, 1942, p. 4)

Eulálio Motta, como adulto, observa sua experiência com a Igreja na infância por um outro ângulo, mais crítico, se dando conta que a beleza dos festejos não eram o suficiente para prepará-lo espiritualmente para o futuro. Motta passou a culpabilizar a Igreja Católica de maneira explícita após seu distanciamento dela, quando se mudou para a capital para estudar no Ginásio Ipiranga (um colégio em regime de internato que abrigava estudantes da Bahia e de outros estados):

Quando comecei ver o mundo e sentir a fome dos “porquês”, o primeiro alimento que recebi foi o mais infame que se possa imaginar. A mais baixa expressão do mais torpe materialismo: “Palavras cínicas”, “Velhice do Padre Eterno” e outras desgraças. Depois Haeckel, Renan, Le Dantec, pedaços traduzidos de Voltaire e de Anatole... E pronto: tornei-me materialista fanático. E me enchia de bôis contra a Igreja. E me inchava de orgulho, sentindo-me importante, “senhor do Universo”... (Motta, 1942, p. 4).

Na citação acima, Motta cita o materialismo como o alimento que recebeu ao buscar respostas às questões da vida e que, em suas palavras, se tornou materialista fanático e se voltou contra a Igreja, pois, de fato, tal corrente filosófica se opõe a espiritualidade e tem como base que o modo de vida é regido pelos bens materiais, ou seja, que a mentalidade ou consciência e o comportamento do indivíduo são determinados pelas suas condições materiais. Essa filosofia foi apoiada também por Karl Marx e Friederich Engels, especialmente no que toca às mudanças sociais, assim, indo ao encontro do movimento comunista e socialista. Portanto, é coerente dizer que Motta, neste período, se aproximou da política comunista e, conseqüentemente, isso gerou um impacto em sua relação com a Igreja, da qual já sentia certo distanciamento, como já relatado, e ele foi ampliado devido aos seus novos pensamentos políticos.

De acordo com Barreiros (2015), Motta ingressou no curso de Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, mas continuou residindo nas dependências do Ginásio Ipiranga. Barreiros (2015) apresentou um poema chamado *Os outros e eu*, que Motta escreveu no caderno *Bahia Humorística*, no qual ele comenta a natureza eclética política e religiosa dos jovens que dividiam moradia com ele no Ginásio Ipiranga:

O meu colega do quarto 5
é entusiasta do fascismo.
O do quarto 8 tem um Deus que é Hitler.
O do 12, mais brasileiro, é salgadista.
Crê em Plínio Salgado, todo poderoso
do integralismo
O do 15 acredita no catolicismo;

e o seu Deus no Brasil é Tristão de Athayde.
 Já o seu visinho, o 16,
 é catolico tambem
 e acredita no amor.
 Tem um colega que não é nada
 não crê em nada
 não tem esperança de nada.
 Eu nunca vi uma creatura
 tão parecida comigo
 como este colega.
 Eu não sou nada
 não creio em nada
 (Motta, 1933, p. 44-45).

Podemos observar que Motta comenta vários tipos de ideais diferentes que seus colegas do Ginásio tinham e se identifica mais com um colega que não crê em nada, que apresenta uma visão niilista da vida, com total descrença e desesperança. É interessante observar o ano de escrita do poema, o mesmo ano em que Motta se associa ao Integralismo.

Na crônica *Evocações I*, Motta comenta o momento em que sua empolgação com o materialismo cessou, no Congresso Eucarístico da Bahia, que ocorreu em 1933, embora na crônica Motta tenha escrito que ocorreu em 1932:

O Congresso Eucarístico da Bahia em 1932, foi uma chuva sobre a fogueira do meu entusiasmo materialista. Aquele “senhor do Universo” sentiu-se esmagado, envergonhado, pulverizado. Depois do Congresso, todavia, fiquei teimando em não ser católico. Caí no indiferentismo. Depois fui procurar Cristo em Lutero e Alan Kardec. Nada com Padres. Carola é que eu não seria. Isto não! Nunca, nunca, nunca! (Motta, 1942, p. 5).

Plínio Salgado e Gustavo Barroso fizeram visitas a Salvador durante o 1º Congresso Eucarístico Nacional, sediado na Bahia, em 1933, na Arquidiocese de São Salvador, trazendo para a Bahia o Integralismo, que havia sido fundado por Salgado em 1932. De acordo com Ferreira (2006), estudantes da Faculdade de Direito da Bahia se interessaram em trazer o integralismo para o estado e as visitas de Salgado e Barroso para discursarem nas instituições de ensino superior de Salvador acabou conquistando diversos estudantes e docente:

A trajetória do integralismo na Bahia se iniciou com a instalação do núcleo provincial da Ação Integralista Brasileira em junho de 1933, por iniciativa de estudantes da Faculdade de Direito da Bahia e profissionais liberais. [...] A expansão do integralismo na Bahia ganhou força com as visitas ao estado do líder Plínio Salgado e Gustavo Barroso, respectivamente nos meses de agosto e novembro de 1933. Ambos propagaram a doutrina integralista discursando nas principais instituições de ensino superior da capital baiana,

conquistando adesões entre estudantes e docentes [...] (Ferreira, 2006, p. 55-56).

É interessante o fato de que na crônica *Evocações I* Motta não menciona o Integralismo em nenhum momento, apenas fala que o Congresso Eucarístico acabou com sua empolgação materialista, mas não comenta o fato de neste momento ter se associado a um partido político conservador. É possível que ele não tenha dado ênfase no Integralismo na crônica para não dar a entender ou parecer que sua conversão foi condicionada a partidarismo político; ou para camuflar que seu discurso político era condicionado ao seu partido; ou ainda, porque o Integralismo, na época, tinha se tornado ilegal, graças às medidas do Estado Novo de abolição de partidos políticos. No rascunho de carta para Carlos Lacerda no *Caderno Fotocopiado 2*, podemos ver Motta comentando quando entrou para o partido:

Sr. Deputado Carlos Lacerda: Pax! Um dos seus assíduos ouvintes me disse ter-lhe ouvido a afirmação de que o passado de Plínio Salgado o compromete devido a pregação de partido único, idealizado pelo Integralismo. Com esta sua afirmação, verifiquei, entristecido, quanto é grande a minha burrice: porque, desde 1933 que sou integralista e nunca aprendi que o Integralismo pregasse partido unico. Gostaria, meu caro, que você me indicasse o livro, ou revista ou jornal, o quer que seja do Integralismo que justifique a sua afirmação com o meu antecipado agradecimento, a certeza da grande admiração de Eulálio Motta (Motta, EA2.15.CV1.15.001, s.d. f. 96r).

No entanto, Motta só se converteu ao catolicismo no dia 1º de outubro de 1940 (mesma data escrita na colagem da capa do *Caderno Farmácia São José*), cerca de sete anos após sua adesão a AIB (Ação Integralista Brasileira). Confessa que buscou Deus em diferentes religiões, como o protestantismo e o espiritismo, pois não queria voltar a ser católico ou ter contato com padres:

Depois do Congresso, todavia, fiquei teimando em não ser católico. Caí no indiferentismo. Depois fui procurar Cristo em Lutero e Alan Kardec. Nada com Padres. Carola é que eu não seria. Isto não! Nunca, nunca, nunca! Li muito. Pensei Muito. Sofri Muito. No dia 1º de Outubro de 1940, dobrei os joelhos diante de um confissionario. No dia seguinte fiz a minha primeira comunhão. Com mais de 33 anos de idade. Daí pra cá minha luta tem sido esta: vencer-me. Só Deus sabe o que tem sido esta luta. E Ele sabe que, infelizmente, desgraçadamente, continuo muitissimo longe de ser digno do nome de católico (Motta, 1942, p. 5).

Ainda que tenha buscado Deus no espiritismo, Motta tinha opiniões enérgicas contra a religião, considerando-a até como um problema mental. No texto *Espiritismo*, publicado em

1931, no jornal *Mundo Novo*, Motta chega a comparar a religião espírita com a sífilis e a cachaça, como sendo os três maiores fatores de loucura que enchem os hospícios, relegando sempre a característica de problema de saúde para se referir ao espiritismo. Trazendo um valor de autoridade a tal afirmação, Motta diz que tal afirmação não é dele, e sim de um médico, Dr. Pirajá da Silva, o qual afirma ser respeitado internacionalmente. Com isso, observa-se que Motta busca destituir de valor o espiritismo e levar a discussão para a área da saúde, em um debate científico, isentando-o de responsabilidade sobre sua opinião, visto que não seria uma opinião e sim um fato científico, sobre o qual não caberiam debates.

Assim, ainda que desprezasse o protestantismo, apresentava verdadeira aversão ao espiritismo, e buscava diversos argumentos para corroborar seu posicionamento. Um exemplo disso, mencionado na mesma publicação do *Mundo Novo*, foi o caso de um jovem que havia conhecido há uns anos e que tinha se suicidado, de acordo com Motta, por causa do espiritismo. Para finalizar, ainda deixou um alerta, que quem “se mete” com espiritismo, se não se acabar como o jovem, se acabaria louco ou, pelo menos, idiota. É importante mencionar aqui que *Espiritismo* foi assinado como Liota, pseudônimo de Motta para textos mais cômicos e cáusticos, e, sendo assim, observa-se que não mediu palavras para ofender ou invalidar a religião nesta publicação, condizendo com o estilo de escrita apresentado por Liota. Santos (2018) comentou tal publicação, afirmando que:

O texto sinalizava a incorporação de um discurso médico-psiquiátrico amplamente difundido até meados do século XX, que relacionava o espiritismo como fator de doença mental. Muitos dos estudos a respeito tomaram por base as pesquisas do médico maranhense, radicado na Bahia, Raimundo Nina Rodrigues, para quem os fenômenos mediúnicos, assim como o estado-de-santo nos candomblés baianos, poderiam estimular a alienação mental² (Santos, 2018, p. 99).

Pontua-se que tais opiniões de Motta sobre o espiritismo foram publicadas em 1931, antes de sua adesão ao Integralismo, que ocorreu em 1933, e antes de abandonar o ateísmo. É interessante que, mesmo após declarações fortes e cheias de aversão, Motta ainda tenha decidido dar uma chance ao espiritismo após seu contato com o Integralismo, visto que o próprio autor afirma que buscou Deus no protestantismo e espiritismo antes de se converter ao catolicismo, entre 1933 e 1940.

² GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1997, v. 40, n. 2. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000200002>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

No que toca a relação entre o protestantismo e o integralismo, Santos (2018) afirma que:

Foi o catolicismo que agregou o maior número de integralistas. De acordo com pesquisa realizada por Hégio Trindade com 25 dirigentes nacionais e regionais e 100 dirigentes locais e militantes integralistas, quase a totalidade (124 pesquisados) se proclamava cristã. Desses, 84 declararam-se católicos e os demais afirmaram ser protestante, espírita ou de outra denominação cristã (Santos, 2018, p. 101).

Ainda que fosse permitida a afiliação de protestantes ao Partido Integralista, sabe-se que no interior da Bahia, mais especificamente por Campo Formoso e região, os protestantes não concordavam com o pensamento Integralista, ao contrário, o combatia ferrenhamente. No livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?*, de autoria de Eudaldo Lima, datado de 1944 e publicado pela Casa Publicadora Norte Evangelico Garanhuns (cf. figura 01), o presbítero fala um pouco sobre como enxerga os eclesiásticos católicos que se aproximavam de Campo Formoso e região: “[...] espanta a desenvoltura com que certos homens, que, escorraçados de suas pátrias e que acharam guarida em nossa terra [...] andam por aí a desancar o nosso sentimento religioso (Lima, 1944, p. 3)”. Em seguida, associa esses eclesiásticos ao Nazismo: “Ultimamente, nos têm aparecido, entre o rebutalho humano que o nazismo alijou de si, por escárneo ou para espionagem, uns tantos homens que aqui aportaram sem eira nem beira, vestidos à franciscana [...] (Lima, 1944, p. 3)”.

Figura 01 - Capa do livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* (1944), de Eudaldo Lima



Fonte: Acervo pessoal de Tiago Jatobá.

Observa-se que Lima se refere aos eclesiásticos como próximos ao Nazismo, se colocando em oposição a esse pensamento ideológico, o que leva a crer que na região, os protestantes eram contra o Integralismo, que, por sua vez, era o partido adotado pela Igreja Católica na região. No rascunho de carta *Eudaldo amigo: Saludem! 5-2-942*, Motta responde a uma acusação de Eudaldo Lima, sobre ser defensor do regime hitlerista no Brasil, associando, mais uma vez, o Integralismo ao Nazismo. Portanto, justifica-se que Motta, sendo Integralista, no contexto do interior Bahiano, não conseguiria se manter no partido caso se convertesse ao protestantismo, sendo a escolha católica mais prática, visto que o Integralismo era muito bem recebido pela Igreja Católica, ou melhor, incentivado até.

Motta, após sua conversão ao catolicismo, travou uma longa discussão, com seu amigo de infância e pastor presbiteriano Eudaldo Lima, que está parcialmente preservada no caderno *Farmácia São José*. Trata-se de dezenove rascunhos de cartas que Motta escreveu para Lima buscando debater qual seria de fato a verdadeira Igreja de Cristo e qual religião seria a correta, em termos bíblicos. Tais rascunhos de cartas foram editados em 2021, por mim, na dissertação intitulada *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta*. Tanto os rascunhos de cartas mencionados e os rascunhos de crônicas da Ação Católica de Motta foram preservados no caderno *Farmácia São José* e foram escritos concomitantemente, sendo que o primeiro rascunho de carta para Lima foi datado em 22/08/1941 e o último em --/03/1942; o primeiro rascunho de crônica foi datado em 05/12/1940 e o último em 16/04/1944. Observa-se que após a finalização da discussão com Eudaldo Lima, Motta continuou escrevendo as crônicas da Ação Católica, finalizando em 1944, mesmo ano em que Eudaldo Lima publicou seu livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?*, que foi publicado em resposta a uma crônica de Motta intitulada *Porque não sou protestante?*.

Motta, logo no início do caderno, na página 3, iniciou seu primeiro rascunho de crônica, intitulado *Voltemos!*, que trata sobre a dualidade de ser cristão e participar da festa de carnaval. Já o primeiro rascunho de carta para Lima é feito na página 14 do caderno, e a produção das crônicas vai se intercalando com a escrita das cartas, embora haja uma intensidade maior na produção das cartas até a página 104, onde está o rascunho de carta *Ponto Final*, no qual Motta encerra o debate com seu amigo de infância e passa a focar em suas produções literárias, como as crônicas e poemas, além de outros assuntos. Pontua-se aqui que no rascunho de carta 9, intitulado *Eudaldo amigo: Saludem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix*, Motta agradece os materiais que Eudaldo Lima lhe havia enviado, como livros e prospectos religiosos, e afirma que são copiosas fontes para o trabalho que pretendia realizar, possivelmente a sua Ação Católica, por meio das crônicas e poemas. Sobre a troca de correspondência religiosa entre Motta e Lima, Santiago (2021) afirma que:

É importante salientar que, de acordo com Eulálio Motta, sua Ação Católica não tinha intenções de conversão, e sim de manutenção dos fiéis católicos junto à Igreja Católica, para que não houvesse migração de cristãos para outras doutrinas religiosas, que, de acordo com ele, poderia ser resultado de falta de informação contra essas doutrinas. Da mesma forma, a correspondência entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima não tinha fins de conversão e sim de debate religioso, necessário para expor como os protestantes agiam e quais eram suas intenções, para fins pedagógicos, em sua Ação Católica (Santiago, 2021, p. 151).

Devido ao local de escrita dos textos, no caderno *Farmácia São José*, o assunto da discussão, que foi a religião a partir de experiências pessoais, debate bíblico, literário e político; e o período de escrita próximo da produção das crônicas da Ação Católica, considera-se aqui que o volume de rascunhos de cartas para Eudaldo Lima serviu de pano de fundo para a escrita das crônicas, assim como os rascunhos de crônicas serviram de pano de fundo para a escrita das cartas. Contudo, não é possível desassociar o volume de rascunhos cartas e dos rascunhos de crônicas do caderno *Farmácia São José* da Ação Integralista Brasileira, visto que os interesses católicos serviam também aos interesses do Integralismo no período, não sendo possível separar tão claramente a fé da intenção política nos textos, mesmo que, por vezes, tal intenção seja bastante velada.

Para compreender bem do que se trata a Ação Católica Brasileira e qual sua relação com o movimento político de Ação Integralista Brasileira, comumente conhecido como Integralismo, é necessário apresentar os dois movimentos e contextualizar historicamente. A Igreja Católica, após a Proclamação da República, perdeu grande parte de sua influência no Estado, como afirma Magalhães (2005), “A proclamação da República em 1889, de inspiração positivista e maçônica, fez extinguir o padroado (Magalhães, 2005, p. 2)”. O padroado se refere a uma troca de benefícios, uma concordata, entre o Estado e a Igreja, em que a Santa Sé conferia aos monarcas o direito de administrar e controlar assuntos eclesiásticos, como nomeação de clérigos e gerir os bens da Igreja, ao passo que o Estado apoiaria a expansão da fé e das missões religiosas. Pontua-se que o Estado também concedia díizimos arrecadados da Coroa para a sustentação da Igreja, constituindo uma espécie de ‘apadrinhamento’.

Após a Proclamação da República e do Decreto de 1890, que dizia que “[...] nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o governo da União ou dos Estados”, o regime de concordata que era vigente chega ao fim, e, com isso, houve a separação do Estado e da Igreja, que, conseqüentemente, perdeu influência política e econômica devido à autonomia da Igreja laicidade estatal. O Estado, se tornando laico, promoveu uma maior diversidade religiosa, fazendo com que a Igreja Católica perdesse seu protagonismo absoluto no cenário religioso nacional, deixando a Igreja em desvantagem, e, a partir de então, passou a se esforçar para melhorar sua imagem e recuperar fiéis que se espalharam e se dividiram em outras religiões, como o protestantismo, por exemplo. É importante considerar que a separação da Igreja e do Estado, principalmente a laicidade

estatal, não foi bem aceita pelo Vaticano, que considerou tal movimentação como heresia da modernidade.

A partir do fim do padroado, a Igreja Católica passou a responder apenas ao Vaticano e a Santa Sé, dependendo financeiramente e, principalmente, se orientando ideologicamente por Roma, que, no período, se voltava contra o socialismo e comunismo. Durante esse período, Magalhães (2005) afirma que “[...] o Brasil passava a receber um contingente considerável de congregações religiosas femininas e masculinas europeias, encorajados pela Santa Sé (Magalhães, 2005, p. 2), que significa a entrada de missionários europeus no Brasil, com intuito de aumentar o domínio e popularidade católica entre o povo brasileiro, inclusive nos interiores e nos sertões.

Ao pensar em Roma na primeira metade do século XX, pensa-se no período político conturbado que ocorreu após a primeira guerra mundial, o Fascismo. O movimento liderado por Benito Mussolini foi fundado em 1919, mas seu período oficial contempla de 1920 a 1943, sendo que a morte de Mussolini ocorreu em 1945. O Fascismo Italiano tinha como objetivo criar um Estado forte, centralizado e autoritário, e tinha como ideais o nacionalismo extremado - nação acima do indivíduo; o estado totalitário; o culto à personalidade do líder (Mussolini); anticomunismo e antiliberalismo; corporativismo econômico; militarismo e expansão territorial; repressão política e censura; racismo (por aliança ao Nazismo, no princípio, o Fascismo não tinha base racista).

Apesar de alguns princípios básicos aproximarem o Fascismo do Nazismo, como o modelo ditatorial e Estado totalitário, nacionalismo extremo, culto ao líder, anticomunismo e antiliberalismo, militarismo e uso de propaganda para controle social, o Nazismo se difere um pouco, pois sua formação teve base racista e antissemita como ponto primordial; a ideologia principal do Nazismo era com foco na raça e purificação étnica; enquanto o Fascismo tinha foco em unificar nação e Estado, só adotou leis raciais em 1938 após aliança com o Nazismo; e, principalmente, para o interesse deste trabalho, a religião Fascista mantinha base na Igreja Católica, enquanto o Nazismo apresentava uma tendência de culto ao Führer. É importante compreender o modelo ideológico/político de partes da Europa neste período, principalmente italiano, pois ele se relaciona diretamente com os missionários católicos advindos de Roma e demais localidades europeias (inclusive Alemanha) para o Brasil, com intuito de resgatar fiéis e marcar o território religioso de forma mais efetiva, servindo a agenda católica do Vaticano (que também estava desenvolvendo uma Ação Católica Italiana, e esta serviu de base para a criação da Ação Católica Brasileira, com forte atuação por parte de Alceu Amoroso Lima).

Eudaldo Lima, em seu livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* (1944), expõe sua opinião sobre o exercício da fé por alguns frades:

Esses frades empenham-se na divulgação de uma literatura e de uns ensinamentos que não é bem catequese nem é bem Religião e sim uma afrontosa investida à moda **germânica** contra a fé de quasi dois milhões de brasileiros, como que ignorantes ou esquecidos de que não mais nos trajamos ao figurino das tangas e penachos. Há tanta gente que sabe ler no Brasil!... Em publicações recentes, oficiais ou oficiosas, para divulgação das chamadas santas missões, (movimento aqui feito no sertão no tempo das colheitas para ceifarem os bolsos do sertanejo, pois que na época das vacas magras, não aparecem para socorrer as populações que eles sangram) nessa publicidade de pasquineiros, estão êsses divulgadores que não foram dignos de viver no clima de suas terras de nascimento, a insulflar no ânimo dessa boa gente brasileira e Maximê da boa gente católica sertaneja e daí até na alma dos dirigentes do Brasil, o veneno de suas insinuações malignas e descaridosas (Lima, 1944, p. 3-4, grifo meu).

Para Jatobá (2011), “A fé católica foi um dos grandes pilares do processo de colonização da nação brasileira desde a chegada dos portugueses no século XVI (Jatobá, 2011, p. 14)”, e o protestantismo, por sua vez, de acordo com Jatobá (2011), veio ao Brasil por meio de outras nações, como Holanda e França, europeias na tentativa de ocupação de terras brasileiras, que seguiam religiões reformadas, como o Calvinismo. Contudo, o Estado Português estava bem mais aparelhado e dominaram uma boa parte do nordeste brasileiro, assim, só houve conhecimento da presença do protestantismo no Brasil novamente por volta de 1810, quando:

[...] Portugal assinou o tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação com a Inglaterra. A assinatura de tais acordos abriram prerrogativas legais para a instalação de comunidades religiosas de vertente reformada, a exemplo da comunidade Anglicana (Jatobá, 2011, p. 14).

Jatobá (2011) diz que, em 1824, a 1ª constituição imperial, manteve a religião católica como oficial - como já mencionado, era vigente o padroado -, mas estabeleceram prerrogativas de que não haveria perseguição por motivos religiosos e foi permitido que o culto protestante pudesse ser praticado, desde que as casas de culto não tivessem aparência externa de templo e que não utilizassem sino. Contudo, com o fim do padroado, a hegemonia católica e a proteção estatal e protagonismo conferido pelo Estado à Igreja chega ao fim.

O presbiterianismo chegou à Bahia em 1871, com a vinda do Rev. Francis Joseph C. Shneider para Salvador, de acordo com Jatobá (2011). O Reverendo Shneider era alemão, mas obteve cidadania norte-americana em 1832, fato importante para nortear a ideologia do

presbítero. O Reverendo organizou a primeira Igreja em Salvador, em 1872, contudo, Salvador era a sede do Arcebispado metropolitano, tornando a tarefa árdua, e, por isso, seguiu missionando para o interior da Bahia, ainda enfrentando desafios:

Na época, o catolicismo era a religião dominante no interior baiano. Apesar da igreja católica ter dificuldades em exercer o controle religioso na região pela dimensão geográfica, sua presença era muito forte, as famílias mantinham a tradição de enviar um de seus filhos para se tornarem padres; como também festejavam os santos padroeiros e comemorar as datas especiais do calendário religioso. E aquela realidade afetaria a inserção do protestantismo, provocando discussões, disputas, rejeições, agressões (Nascimento, 2008, p. 40 *apud* Jatobá, 2011, p. 17).

A pesquisadora Ester Fraga Vilas Bôas Nascimento (2008), menciona, na citação acima, as dificuldades enfrentadas por missionários presbiterianos dos Estados Unidos no Brasil. É interessante que, décadas depois, em meados da década de 60, Eudaldo Lima foi viver em Pittsburgh, Pensilvânia-EUA, com sua família, para fazer um curso de extensão em teologia no seminário presbiteriano, mas desde o início da década de 40, mais especificamente em 1944, já exprimia sua admiração pelos correligionários norte-americanos, como diz em seu livreto reclamando que católicos estavam escrevendo para o embaixador americano no Brasil “tecendo intrigas mesquinha entre o governo dos Estados Unidos e os missionários daquele país amigo. No pretexto de que a fé evangélica trazida pelos pregadores americanos é incompatível com a mentalidade do povo brasileiro (Lima, 1944, p. 4)”.

De acordo com Nascimento (2008, p. 38, *apud* Jatobá, 2011, p. 17), missionários presbiterianos buscavam no interior do estado as cidades mais bem desenvolvidas, como Feira de Santana, contudo, as lideranças religiosas locais se recusavam por não considerar o protestantismo como uma religião cristã. Por isso, avançou mais indo parar em Morro do Chapéu e região, incluindo Campo Formoso.

Sr. João Francisco da Cunha Regis, da Fazenda Quixaba, foi um grande mediador da Igreja Presbiteriana em Campo Formoso-BA, de acordo com Jatobá (2011) - a partir do livro *Os Regis da Quixaba*, escrito por Eudaldo Lima, uma vez que, por volta de 1909, foram nas fazendas de Sr. Regis que começaram a ter os primeiros encontros e conversões, além de escolas dominicais. Sobre esse período, Jatobá afirma que:

O início do século XX, período em que ocorreram tais conversões, foi marcado na região pelo clima de insegurança, devido às constantes ameaças trazidas pelas passagens dos grupos de cangaceiros e também da coluna Prestes. As famílias Regis e Galvão viviam isoladas no interior do município

e, por temerem por sua segurança, decidiram se mudar para a sede do município. Fato que provocou uma reação da população predominantemente católica da cidade (Jatobá, 2011, p. 21).

A primeira Igreja Presbiteriana na cidade de Campo Formoso-BA foi organizada em 1924 e veio também transferida a escola que funcionava na Fazenda Quixaba para o mesmo prédio da Igreja. Então, observa-se que enquanto os encontros e conversões estavam isolados nos territórios dos Regis, não havia resistência católica, que surgiu apenas quando decidiram ir para a sede da cidade de Campo Formoso, possivelmente por considerar uma afronta ou por receio de perder fiéis para a nova igreja, visto que os filhos de outras famílias da cidade também passaram a estudar na escola da igreja, de acordo com Jatobá (2011). A cidade de Campo Formoso foi colonizada por famílias católicas e faz parte de um dos mais antigos povoamentos do norte do estado da Bahia, tendo vestígios de passagem dos bandeirantes e jesuítas a partir do século XVII, e a comunidade católica fez prevalecer sua fé como predominante até o início do século XX naquela localidade (Jatobá, 2011).

Jatobá (2011) afirma que a tradição oral na cidade de Campo Formoso aponta para uma reação nada amistosa da Igreja Católica perante o crescimento protestante na região, contudo, não impediu que a Igreja Presbiteriana de Campo Formoso tomasse proporções tão grandes a ponto de se tornar a sede do presbítero Bahia-Sergipe, tendo, como reverendos duas figuras importantes: Reverendo Basílio Catalá Castro e Reverendo Eudaldo Lima.

Os dois Reverendos citados acima são essenciais para começar a falar sobre o volume de rascunhos de cartas que estão no caderno *Farmácia São José* e foram destinadas a Eudaldo Lima. O debate religioso entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima que se deu por meio dos rascunhos de carta do caderno *Farmácia São José* foi iniciado em 22/08/1941, com o rascunho de carta 1 *Meu caro Eudaldo: Saudações*, no qual Motta inicia agradecendo Eudaldo Lima pelo envio de um exemplar do livro protestante *Cochilos de um Sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro³. *Cochilos de um Sonhador* (1941), que conta com palavras introdutórias Getúlio Vargas de 1925, sobre a maioria católica brasileira (a ser citado abaixo),

³ Teólogo, pastor presbiteriano, professor de língua portuguesa, escritor e figura política. Foi eleito deputado estadual da Bahia pela União Democrática Nacional (UDN), cumprindo seu mandato de 1947 a 1951. e suplente de deputado estadual pelo Partido Libertador (PL) de 1955 a 1959. Atuou na Assembleia Legislativa como presidente da Comissão de Educação, Cultura e Arte em 1950, como vice-presidente Comissão de Educação, Cultura e Arte de 1947 a 1948 e como titular das Comissões: Administração Municipal, em 1947; Redação de Leis e Resoluções, de 1947 a 1950; Educação, Cultura e Arte, em 1949 e Saúde Pública e Assistência Social, em 1950. Na parte religiosa, fundou a Igreja Presbiteriana do Salvador, em 1933, publicou *Cochilos de um Sonhador*, em 1941, e foi tutor religioso e amigo íntimo de Eudaldo Silva Lima, que, em seu livro, *Romeiros do Meu Caminho* (1981), dedicou um capítulo a Basílio Catalá Castro (1904-1972), que conta com informações biográficas e registro de experiências juntos.

apresentadas antes do prefácio, e o livro foi escrito como resposta ao libelo⁴ *Eu Tive um Sonho*, de autoria do Pe. Francisco de Sales Brasil, no qual teceu críticas contra os protestantes. Nesse rascunho de carta, Motta deixa claro que escreverá algumas linhas sobre o livro, contudo, só havia lido as palavras de Getúlio Vargas, até então, e pontuou algumas divergências entre seus pensamentos e o que foi escrito por Vargas. Aqui se pode observar que Getúlio Vargas, então regente militar no regime do Estado Novo, tinha um pensamento que também criticava o catolicismo, visto que sua fala coube como texto introdução no livro de um autor presbiteriano que tecia críticas ao catolicismo. A introdução é apresentada no livreto *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* (1944) de Eudaldo Lima, na qual Vargas discutiu a maioria católica no Brasil no Jornal O País (1925):

[...] clamando e exigindo isso e aquilo em nome da inexistente maioria católica no Brasil (que fale o último recenseamento) esquecido talvez por gosto, de que o Presidente Vargas, quando deputado federal e vigia fiel dos nossos estatutos emendava as emendas de Plínio Marques com as suas palavras mil vezes citadas porque lapidares: «Quanto à emenda nº 10, estipulando que a Igreja Católica é da quase totalidade do povo brasileiro, acho, em primeiro lugar, essa afirmação muito contestável. Para que uma pessoa se diga católica, é preciso que conheça a doutrina, aceite todos os seus dogmas e a pratique. Nessas condições, há apenas uma minoria selecionada. A alta sociedade adota um catolicismo cético e elegante. E a grande massa ignara está na fase fetichista da adoração dos santos com suas várias especialidades milagreiras. (O País - 29 de Agosto de 1925)» (Lima, 1944, p. 5).

Para compreender melhor a relação entre Getúlio Vargas, o Estado Novo e o Integralismo, se faz necessário voltar a 1937 e relembrar como se deu o golpe militar que estabeleceu o regime ditatorial do Estado Novo, regido por Getúlio Vargas. No período de sucessão presidencial de Getúlio Vargas, que havia sido presidente outras duas vezes (1930-1933 - Governo Provisório; 1934-1937 - Governo Constitucional, eleito), de acordo com Martins (2014), o governo delatou a existência de um plano comunista chamado de “Plano Cohen”, que tinha pretensões de tomar o poder à força e instituir o comunismo no país. Contudo, isso foi apenas uma manobra planejada pelos partidários do Integralismo (1932) que culminou com a implantação do Estado Novo, liderado por Vargas. Até o momento, os integralistas eram grandes entusiastas do governo Vargas, porém, ao implementar o Estado Novo, Vargas tornou todos os partidos políticos ilegais e buscou os extinguir, uma vez que seu plano de governo ditatorial era baseado em um único líder autoritário e detentor central do

⁴ “Opúsculo, escrito ou artigo destinado a atacar alguém ou alguma coisa. Publicação difamatória. Publicação polêmica. *Factum*” (Faria; Pericão, 2008, verbete, p. 736).

poder, o que ia de encontro aos interesses integralistas. Como afirma Calil (2010), era notável o apoio dado a Vargas pelos integralistas:

Durante os meses que antecederam o golpe de Estado que inaugurou o Estado Novo, o movimento Integralista passou a apoiar ativamente o governo Vargas e seu projeto de centralização política. Para tanto, contribuía não apenas através da disseminação de sua ideologia antiliberal, antipartidária e de defesa de um “Estado forte”, mas também através de manifestações concretas em favor de Vargas (Calil, 2010, p. 66).

Então, ainda em 1938, o partido integralista provocou uma revolta e atacou o Palácio de Guanabara visando acabar com o Estado Novo, mas sem sucesso. Martins (2014) afirma que não é sabido o que Vargas prometeu a Plínio Salgado para que ele o ajudasse no golpe de Estado, mas sabe-se que não cumpriu, pois não via no partido integralista uma força militar organizada ou treinada, além de não ter armas, portanto, não viu vantagem ou uso para o movimento. O autor também diz que o Próprio Plínio disse em pela rádio que Vargas propôs a Plínio que o movimento integralista se tornasse apenas cultural e o convidou para ser Ministro da Educação, mas essa promessa não se concretizou. Para Martins (2014), a lembrança que se tem hoje da Ação Integralista é:

[...] a de tratar-se de um nazismo nacional, com todos os desvios e males deste. Talvez até passasse a ser, se realmente conquistasse o poder, que, como é sabido, traz sentimentos reformadores aos próprios líderes. Os movimentos totalitários sempre são dirigidos por elementos carismáticos, que impõem seus pontos de vista, suas ideias, suas reações aos seguidores, que tudo aceitam, incorporando o entusiasmo e a vontade do líder. No caso do integralismo, quando foi criado, em 1932, não apareceu, no momento nem depois, esse *duce*. Plínio era um pacato intelectual (excelente escritor de romances) que teve a ideia de substituir pelos estímulos de Deus, Pátria e Família um ambiente de descrença, de desordem política, revolucionário, como comunismo como bandeira, que se refletia na vida da nação. Tal conceito é que atraiu seguidores e não os discursos do “chefe”. A camisa, os símbolos e a saudação repetiam o que estava em moda, mas nem o nazismo alemão nem o fascismo italiano haviam ainda mostrado a face negra (Martins, 2014, p. 67).

Diante do exposto, cabe afirmar que durante o período do Estado Novo, que compreende os anos 1937 a 1945, o Partido Integralista Brasileiro era ilegal, juntamente com todos ou outros partidos políticos, devido decreto do regente Getúlio Vargas. Pontua-se que a correspondência entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima ocorreu entre 22/08/1941 e --/03/1942, período este em que o integralismo ainda se encontrava ilegal. Compreendendo o *zeitgeist* (se refere ao conjunto de ideias, crenças, valores e tendências culturais que definem uma época

específica) do final da década de 1930 e da primeira metade da década de 1940, acredita-se que Eulálio Motta não mencionava o integralismo nas crônicas de sua Ação Católica, cujo os rascunhos se encontram no caderno *Farmácia São José* - que seriam publicadas - por receio de ser incriminado ou perseguido. Contudo, a própria escrita e publicação dessas crônicas já cumpria a agenda integralista, visto que a Igreja Católica e o Integralismo serviam ao mesmo interesse. Assim, quanto mais fiéis Motta conseguisse para a Igreja Católica (ou conseguisse manter no catolicismo), mais potenciais apoiadores do Integralismo ele angariaria.

É interessante pontuar aqui que, mesmo Getúlio Vargas perseguindo o Partido Integralista, há, no caderno *Farmácia São José*, um rascunho de carta endereçado a o então regente do Brasil, sob título *Dr. Getulio Vargas: Respeitosas saudações* (p. 119-130 no caderno *FSJ*), datada de 11/08/1942 - enquanto ainda estava vigente o Estado Novo, e uma das características mais evidentes do texto da carta é o discurso laudatório exacerbado. Em outros rascunhos do caderno *FSJ* também se nota o discurso laudatório, como quando Eulálio Motta escreveu para Padres, Arcebispos (incluindo o Arcebispo Primaz do Brasil Augusto Silva) e ao Coronel Pinto Aleixo, contudo, o tom laudatório do texto da carta para Vargas é um pouco exagerado, como pode ser visto na citação de um trecho do rascunho:

Exa: Sirvo-me da pena para expressar-lhe a minha grande alegria, o meu profundo contentamento, pelas noticias que tenho ouvido no radio a respeito da saude de V. Exa, e dizer-lhe que este regosijo não é apenas meu, mas da totalidade do povo mundonovense. Todos nós, de M. Novo, absolutamente todos, antigos integralistas, mangabeiristas, juracistas, estamos absolutamente convictos, de que, neste momento, o maior bem que se pode fazer ao Brasil é pegar a união de todos nós em torno da pessoa de V. Exa., em defesa do Estado Novo. Ha momentos em que as patrias se personificam. Neste momento Patria Brasileira e Getulio Vargas são sinonimos. V. Exa. sabe perfeitamente que nestas palavras não ha nenhum intuito de elogio pessoal, o que seria ridiculo; mas a expressão de uma formidavel realidade historica (MOTTA, 1942t).

Um elemento importante a ser observado no texto que Motta escreveu para Vargas é que ele se coloca como sendo um ‘antigo integralista’ e afirma que todos os antigos integralistas de Mundo Novo, como ele, estão convictos de que o melhor para o Brasil, no momento, era unir forças em prol de Vargas e em defesa do Estado Novo. Contudo, tais afirmações não parecem ser sinceras, já que Motta nunca havia se desvincilhado do integralismo desde 1933. Acredita-se que ele pode ter escrito tal carta (lembrando que não se sabe se foi de fato enviada), de forma a ‘tirar os holofotes’ do Estado Novo de cima dos integralistas de Mundo Novo, colocando ‘panos quentes’ em quaisquer conflitos ou denúncias

que houvesse. Motta, que se diz antigo integralista, voltou a escrever textos exaltando a filosofia integralista no caderno *Farmácia São José* após 1945, ano em que o Estado Novo chegou ao fim.

Sobre a publicação das crônicas, ao que parece, Eulálio Motta não assinava todas as suas crônicas católicas (de sua Ação Católica) durante esse período do início da década de 1940, publicando também panfletos de autoria desconhecida. Poderia ser porque uma militância católica naquele período poderia ser atrelada à uma militância integralista indireta por alguns. Sabe-se que as crônicas *Evocações* e *Eureka!* foram publicadas em 1942, pela tipografia do jornal *Avante!*, com o nome de Eulálio Motta, mas, ao que parece, a crônica *Porque não sou protestante?* (s.d.) foi publicada anonimamente. Tal informação foi inferida do livreto de Eudaldo Lima, *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* (1944), que, ao que tudo indica, foi uma resposta a um panfleto de Eulálio Motta intitulado *Porque não sou protestante?* (s.d.) que circulou pela região, sem autoria indicada. O panfleto *Porque não sou protestante?* (s.d.) seria uma versão do rascunho de crônica *Porque me fiz católico e não protestante?*, escrito em 12-10-1941, no caderno *Farmácia São José*, e fazia parte de sua Ação Católica. Lima comenta sobre a distribuição de folhetos anônimos e sobre o recebimento do panfleto *Porque não sou protestante?* (s.d.).

[...] acolá é a distribuição de folhetos anônimos e irrisórios que não só não afirmam coisa alguma, mas até negam grandes e sabidas verdades, dertupam a História afim de embaiarem um público religiosamente mal prevenido. Agora mesmo, está sendo distribuída por toda esta boa e rendosa paróquia de Campo Formoso, terra bem mais digna de melhor sorte, onde pontificam frades advenas, provindos de ninho nazista, uma remessa de folhetos que, a nosso ver, não honram as belas tradições da boa gente católica brasileira. Os tais panfletos nada ensinam de construtivo. Mais parece propaganda de negociantes pouco decentes e muito ineptos que, ao invés de alevantarem o padrão de sua mercancia, descem ao ridículo de mofarem da mercadoria do vizinho. Tenho em mãos um exemplar destes boletins, que, na distribuição me deixaram sob a porta e cujo título é: PORQUE NÃO SOU PROTESTANTE? Quem o escreveu se foi gente brasileira a serviço do romanismo, não terá sido um bom conhecedor da bela flor do Lácio, a língua em que Camões cantou. Um erro crasso de vernáculo aparece logo no título, assim para o cúmulo da infelicidade do escrevinhador, está errado o emprego da primeira palavra. Pelo que bem melhor seria para êsses adventícios que procurassem eles de aprender a beleza da língua [...] (Lima, 1944, p. 6)

No rascunho de crônica *Porque me fiz católico e não protestante?*, que se encontra nas páginas 27-31, Motta discorre sobre suas razões em seguir o catolicismo e não o protestantismo, trazendo justificativas relativamente simples como o período de fundação da Igreja Católica, que, antecedia a criação da Igreja Protestante, sendo que a primeira havia sido

fundada nos tempos de Cristo, enquanto a protestante somente 15 séculos depois. Portanto, a protestante não poderia ser a verdadeira igreja, pois isso significaria que não existiu igreja cristã até 15 séculos depois de Cristo. Também pontua que Leonel Franca demonstra a existência histórica de uma só igreja que ensinava continuamente a velha verdade desde os apóstolos, a Igreja Católica Apostólica Romana, e que este seria o motivo de sua escolha.

Não se sabe se Eulálio Motta chegou a fazer alterações nesse texto para publicá-lo, mas, considerando que o título mencionado por Lima em seu livreto, o título *Porque não sou protestante?*, infere-se que Lima se refere à mesma crônica, uma vez que até o ‘erro’ de português da palavra *Porque* se mantém em ambos os textos e o subtítulo do livreto de Lima tem um subtítulo parecido com o do título do rascunho de Motta, sendo *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* e *Porque me fiz católico e não protestante?* (posteriormente sendo: *Porque não sou protestante?*), respectivamente.

É interessante observar que o ‘erro’ de português é bem levado a sério por Eudaldo Lima, que, em uma de suas cartas para Motta, indicou uma gramática a ele. No rascunho de carta 14, por nome *Eudaldo amigo: Saludem! 5-2-942*, comentou um ponto da carta que recebeu de Lima, em que o mesmo lhe indicou a gramática de Carlos Eduardo Pereira, dizendo-lhe que era a melhor das gramáticas. Motta, por sua vez, pontuou no rascunho que recusava o conselho pois já possuía a gramática em questão e que não tinha autoridade para julgar ser a melhor, mas disse que era a gramática de sua predileção. Aqui, nota-se que Lima alfineta Motta em relação à escrita, e, infere-se que, algum ‘erro’ de escrita deve ter passado despercebido por Motta quando passou a carta a limpo para enviar a Lima, ainda que nos rascunhos podemos observar campanhas de correção nas quais Motta faz várias modificações em busca de um texto mais polido na escrita ou melhor argumentado. Pontua-se aqui que o primeiro acordo ortográfico foi feito em 1931, data anterior a escrita das documentações apresentadas nesta tese.

Há um rascunho, no caderno *Farmácia São José*, de um texto que, inferindo por sua estrutura, parece foi pensado para ser publicado, no qual Eulálio Motta responde às acusações feitas por Eudaldo Lima no livreto *Razões da Minha Religião* (1944). O rascunho tem por título *Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga católica, {apostólica}, evangélica, de {Mai}} Mairi.*”, escrito em 10/07/1945 e está localizado nas páginas 218 a 223; 217; 211; 212; 224 e 225 - em ordem de escrita (lembrando que é um rascunho, portanto, a sua escrita não foi linear, contando com várias notas remissivas em páginas diferentes). Neste rascunho, Motta responde a uma amiga anônima de Mairi-BA, que, segundo ele, enviou o ‘livreco/livrinho’, como ele se refere, para que ele pudesse refutá-lo. No decorrer do texto,

Motta se refere diretamente ao livreto de Eudaldo Lima, especialmente quando menciona o subtítulo '*Porque sou evangélico e não romanista*' que é o mesmo subtítulo do livreto de Lima *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?*, que foi publicado um ano antes.

No rascunho, Motta diz que 'o autor' (Lima) levantou calúnias contra os frades franciscanos (no prefácio do livreto, Lima acusa os frades franciscanos de serem nazistas) e que o que o autor escreveu foi um "desrespeito criminoso á verdade, ao escrupulo á decencia, á caridade; num descaso satânico ao destino das almas que por-ventura o sigam", lembrando que Lima era Reverendo da Igreja Presbiteriana de Campo Formoso-BA. É interessante Motta só ter escrito esse texto em 1945, ano em que o Estado Novo chegou ao fim, pois caso o fizesse antes, defendendo 'frades nazistas' de 'calúnias' de um protestante, ele poderia se comprometer e ficar visado por denunciante que poderiam entregá-lo como integralista para o Estado Novo. Esse texto em resposta ao livreto de Lima é um outro elemento que contribui com a proposição de que o livreto de Lima *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* foi feito em resposta à crônica de Motta *Porque me fiz católico e não protestante?* (posteriormente sendo: *Porque não sou protestante?*), que resultou nesta outra resposta.

Retomando a discussão do livreto de Eudaldo Lima, ele já defende seu posicionamento contra a Igreja Católica e a favor do protestantismo de forma mais desenvolvida, elencando vários pontos pelos quais ele não se converteu ao catolicismo, dentre eles, a não equiparação de fé e obra, sendo que para o protestantismo, a fé é mais importante e para o catolicismo, estão em pé de igualdade; também critica o celibato obrigatório do clero por parte da Igreja Católica; a fabricação e adoração aos Santos; oração pelos mortos; infalibilidade papal; dentre outros fatores. Lima finaliza seu livreto dizendo que ele foi feito para responder ao semeador de joio e "escrevinhador" de folheto, alfineta novamente dizendo que escreveu na bela língua que o "escrevinhador" infelizmente desconhece e diz que não fez a resposta por mágoa ou contenda, e sim para alertar os incautos que poderiam se influenciar.

É importante perceber que tanto os textos de Motta, sejam eles em crônicas ou cartas, quanto os de Lima, tanto em seu livreto, quanto nas cartas que enviou para Motta, são permeados de ideologias religiosas e políticas, ainda que a ideologia política apareça de forma velada, os textos servem a uma finalidade de conversão, seja católica/integralista, por parte de Motta ou protestante/anti-integralista como as de Lima. Sabe-se por fato que Motta era integralista, mas não há, pelo menos nos documentos levantados, um posicionamento político

claro da parte de Lima, a não ser certa simpatia por Getúlio Vargas e uma aversão ao Integralismo.

3 OS RASCUNHOS DE CARTAS PARA EUDALDO LIMA, NO CADERNO *FSJ*

Nesta seção, é realizada uma leitura crítica e detalhada do conjunto de rascunhos de cartas redigidos por Eulálio Motta e registrados no caderno *Farmácia São José*, com ênfase nas correspondências destinadas a Eudaldo Lima. O objetivo é explicitar a natureza e a complexidade desse conjunto documental, considerando não apenas sua materialidade e conteúdo, mas também os desdobramentos discursivos que ultrapassam a mancha escrita e revelam as múltiplas funções comunicativas e ideológicas que esses textos desempenham. Pontua-se que o corpus desta pesquisa e da hiperedição se trata dos 19 rascunhos de carta para Eudaldo Lima, contudo, também será apresentada uma tabela acerca dos rascunhos de crônicas, que funcionam como uma leitura relacional nesta pesquisa.

Inicia-se com a descrição material do caderno, elaborada em *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021), atentando para aspectos físicos, gráficos e organizacionais que nos ajudam a compreender como Motta estruturava, reutilizava e preservava seus escritos. Em seguida, propõe-se uma análise temática e interpretativa das dezenove cartas que compõem o *corpus* principal deste estudo, destacando os eixos argumentativos recorrentes, as estratégias retóricas mobilizadas e os elementos contextuais que informam sua produção.

Com o intuito de aprofundar o entendimento das temáticas abordadas nas cartas, foram incorporadas à análise as crônicas religiosas também registradas no caderno *Farmácia São José*. Embora não sejam direcionadas diretamente a Eudaldo Lima, essas crônicas retomam tópicos centrais da correspondência - como a defesa do catolicismo, a crítica ao protestantismo e os apelos à moral cristã - e devem ser compreendidas como documentos complementares que integram o dossiê discursivo das cartas religiosas. Funcionam, nesse sentido, como extensões públicas e reflexivas das disputas travadas nas cartas, reafirmando a intenção de intervenção de Motta na esfera pública local.

A abordagem filológica que foi adotada neste trabalho parte da premissa de que os textos não devem ser analisados como unidades isoladas, mas sim em constante articulação com os demais documentos do acervo. Assume-se, assim, uma perspectiva relacional e rizomática da atividade filológica, na qual os textos se interligam por múltiplas vias - muitas vezes não lineares ou hierárquicas - e revelam um campo discursivo em constante expansão. Esse entendimento nos permite reconhecer o acervo de Motta como uma rede de significações, cujos documentos se iluminam mutuamente, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação.

Cada rascunho é analisado não apenas a partir de seu conteúdo imediato, mas também à luz dos sentidos que emergem da articulação entre texto, contexto e silêncio. O interesse volta-se especialmente para os posicionamentos ideológicos e os traços do embate político-religioso que atravessa a escrita de Motta, situando-a no cenário mais amplo das disputas simbólicas do Brasil do Estado Novo. Considera-se ainda os modos de produção, circulação e recepção desses textos, tendo em vista que, embora redigidos em formato privado, os rascunhos revelam clara intenção de circulação pública e de intervenção nas disputas de sua época.

A análise proposta visa, portanto, compreender esses rascunhos como objetos discursivos complexos, atravessados por dimensões individuais, coletivas e institucionais. Ao fazê-lo, busca-se não apenas iluminar aspectos do universo intelectual de Eulálio Motta, mas também contribuir para os estudos sobre cultura escrita, práticas epistolares e produção textual em contextos de polarização ideológica e religiosa.

3.1 O CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

A presente descrição foi feita em *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021) e está também disponível no *site* da hiperedição dos rascunhos de cartas. O Caderno *Farmácia São José* é um dos 15 cadernos de trabalho de Eulálio Motta que se encontram em seu acervo. Lhe foi atribuído esse nome graças à uma colagem, no centro de sua capa frontal (cf. figura 02), de uma etiqueta retangular de identificação em que consta o nome da farmácia onde trabalhou e era dono, 'Farmacia São José'. É um documento interessante, visto que há uma variedade de tipos de texto grande, com temáticas diversas, mas que ainda assim, concentra a temática religiosa e política como principal. É também um caderno majoritariamente de rascunhos, que vão de poemas e crônicas às cartas para destinatários diversos, incluindo o então regente do Brasil, Getúlio Vargas. O caderno chegou a ser seccionado para abrigar também anotações do cotidiano, uma vez que Motta era fazendeiro e farmacêutico também, e costumava anotar informações referentes à fazenda e doenças da redondeza.

Foram encontrados 132 textos no caderno *Farmácia São José*, sendo 53 rascunhos de cartas, 21 rascunhos de crônicas, 21 rascunhos de poemas, 30 anotações, 1 rascunho de prefácio, 1 rascunho de peça, 1 rascunho de procuração, 1 rascunho de índice e 3 textos cujo o gênero não foi identificado (designado como outros). Os temas encontrados no caderno são variados, destacando-se as temáticas religiosa, política, literária, amorosa, cotidiana (como

assuntos da fazenda, clima, finanças, administrativo e de cunho pessoal), além de saudosismo, casamento, memória, efemeridade do tempo. O caderno apresenta um total de 132 textos, sendo que 73 deles são de temática religiosa, sendo este o tema eleito desde o princípio da escrita do caderno, visto que há uma colagem na frente do caderno FSJ com a data de *1º de Outubro de 1940* escrita, data de sua conversão ao catolicismo. Na colagem, é possível ver que o intuito primário de uso do caderno era da farmácia.

Visto que a presente tese tem como produto uma edição digital, é importante apresentar uma descrição paleográfica das condições físicas do caderno, pois, no meio digital propicia a exploração de elementos da materialidade da documentação. Tal descrição foi feita no âmbito da dissertação *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021) e é um elemento essencial na edição digital, visto que a maioria dos usuários não têm acesso ao documento original e pode observar como ele é e seu estado de preservação, dando um corpo representativo, ainda que digital, ao material editado.

Figura 02 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

A etiqueta de identificação apresenta medidas de 82mm, na região superior e inferior; 60mm na região lateral esquerda e direita; informações impressas, todas em tinta azul

marinho e tem uma borda decorada, feita com tipos, de duas linhas onduladas justapostas em cada lateral, formando um retângulo.

Dentro do retângulo formado pelas bordas decoradas, há escritos impressos em tinta azul com fontes diversas, em que constam as seguintes informações, respectivamente: FARMACIA SÃO JOSÉ | Do Farmaceutico | EULALIO DE MIRANDA MOTA | MUNDO NOVO - BAHIA | N.º., seguido de uma linha pontilhada - 21 pontos - de espaço de preenchimento; USO INTERNO, seguido por sete linhas pontilhadas como espaço de preenchimento, onde Motta escreveu “1º de Outubro de 1940”, utilizando pena e tinta preto-acastanhada. É importante lembrar que essa data é a mesma da conversão de Eulálio Motta ao catolicismo, o que atribui um caráter emblemático ao caderno, que possui como principal temática a religião.

Nas laterais, ainda no espaço interior das bordas decoradas, há dois indicativos de identidade, um de cada lado, na vertical. No ângulo inferior esquerdo, na direção baixo-cima, consta: ‘Dr.’, seguido de uma linha pontilhada de espaço para preenchimento; no ângulo superior direito, na direção cima-baixo, consta: ‘Nome’, seguido de uma linha pontilhada de espaço para preenchimento. A colagem apresenta mancha de umidade na parte superior e um pequeno rasgo na ponta do ângulo inferior esquerdo.

Referente a sua encadernação, utilizando a terminologia de Paglione (2017) e Milevski (2001), pode-se dizer que o caderno possui encadernação tradicional, com quatro pontos de costura visíveis no miolo⁵. Apresenta capa dura de papelão (frontal e de fechamento), revestida com papel que imita couro com textura de crocodilo, na variação de cores azuis PANTONE⁶ 2767 C e PANTONE 2757 C. Possui meia lombada⁷, feita com material sintético grosso similar à lona, na cor azul PANTONE 303 C. As extremidades laterais do caderno, assim como as ponteiros, que são arredondadas, apresentam desgaste expondo o papelão das capas, revelando uma delaminação⁸. A lombada é quadrada e lisa, sem nervuras ou serigrafia, e se encontra um pouco desgastada e com um furo no centro. As coifas⁹ apresentam sinais de

⁵ Parte interna do livro composta por cadernos unidos.

⁶ Pantone LLC é uma empresa sediada em Carlstadt, estado de New Jersey, Estados Unidos, de propriedade da Danaher Corporation. É mundialmente conhecida por seu sistema de cores que é largamente utilizado na indústria gráfica. O Sistema *Pantone* é, hoje, o padrão na indústria gráfica e têxtil para especificação e controle da cor.

⁷ Tipo de encadernação em que a lombada é colada ocupando parte da capa.

⁸ “Separação em camadas (lâminas) do cartão das capas (pastas) ou de papéis compostos. A delaminação é um dano físico causado por manuseio, guarda inadequada e contato com água” (Paglione, 2017, p. 40).

⁹ Material de revestimento que foi moldado sobre os cabeceados, na cabeça e no pé da lombada da capa (MILEVSKI, 2001, p. 42).

abrasão¹⁰ que seguem em direção à canaleta externa¹¹, revelando as linhas do tecido que compõem o material sintético. Não possui cabeceado¹², seus cortes anterior, superior e inferior não possuem decoração/ilustração e não apresentam bordas quebradiças¹³ nas folhas. As medidas externas do caderno, considerando a encadernação, são de 167mm de largura; 238mm de comprimento; 25mm de espessura, na parte da lombada; 20mm de espessura, na parte lateral direita; pesando um total de 656 gramas. As medidas do miolo do caderno são de 160mm de largura, 229mm de comprimento e 19mm de espessura. Seguem as imagens da capa frontal, de fechamento e da etiqueta do caderno *Farmácia São José*:

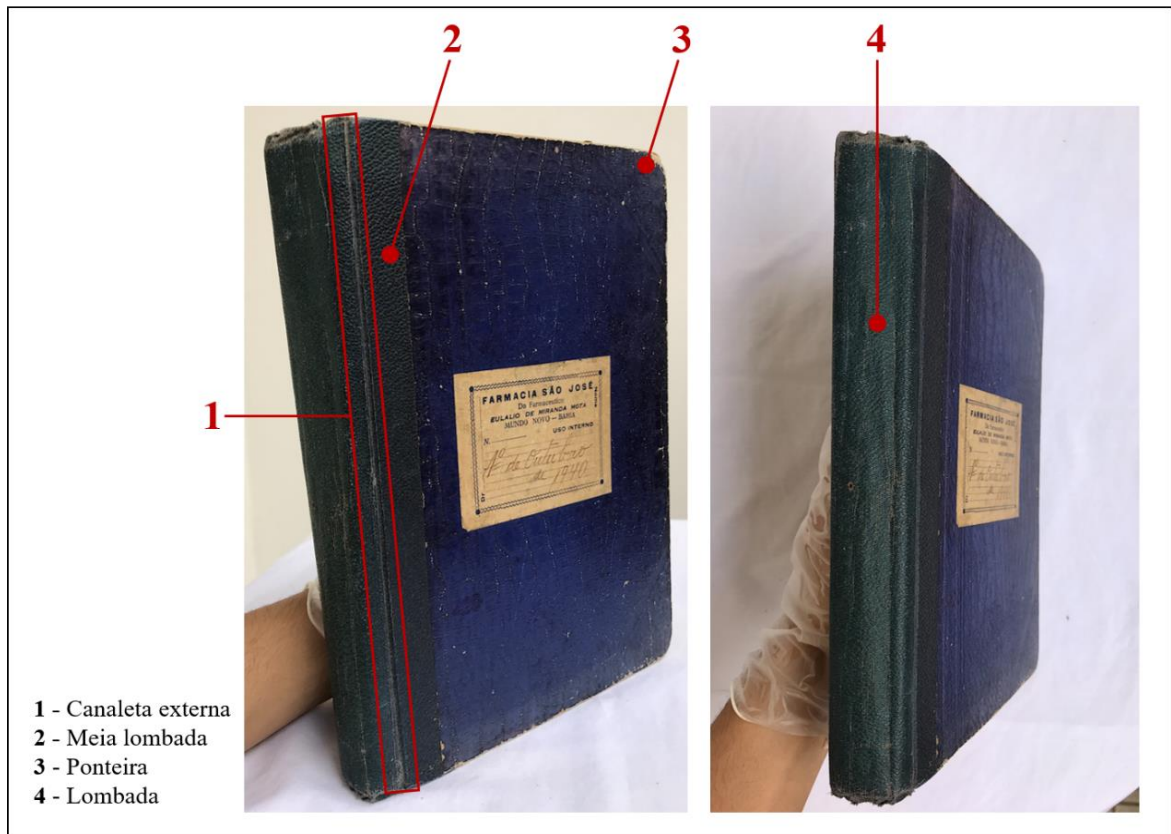
¹⁰ Desgaste de superfície decorrente de ação mecânica causadora de atrito. A abrasão fragiliza o material, ajudando os processos de rasgos e perdas. (PAGLIONE, 2017, p. 26).

¹¹ Canal flexível do material de cobertura (papel, couro, tecido etc.), do lado externo de um livro, sobre a qual a capa abre; espaço entre os papelões da capa e o encaixe da lombada do corpo do livro, no qual o material de cobertura da capa sofre pressão. Também chamado junta francesa ou encaixe francês, canaleta, encaixe, canal ou charneira (MILEVSKI, 2001, p. 42).

¹² Parte de tecido que pode ser costurado ou colado no miolo, nas extremidades, servindo para estabilizá-lo. Geralmente, são apresentadas com tecitura em quadriculação ou espiral, em diversas cores.

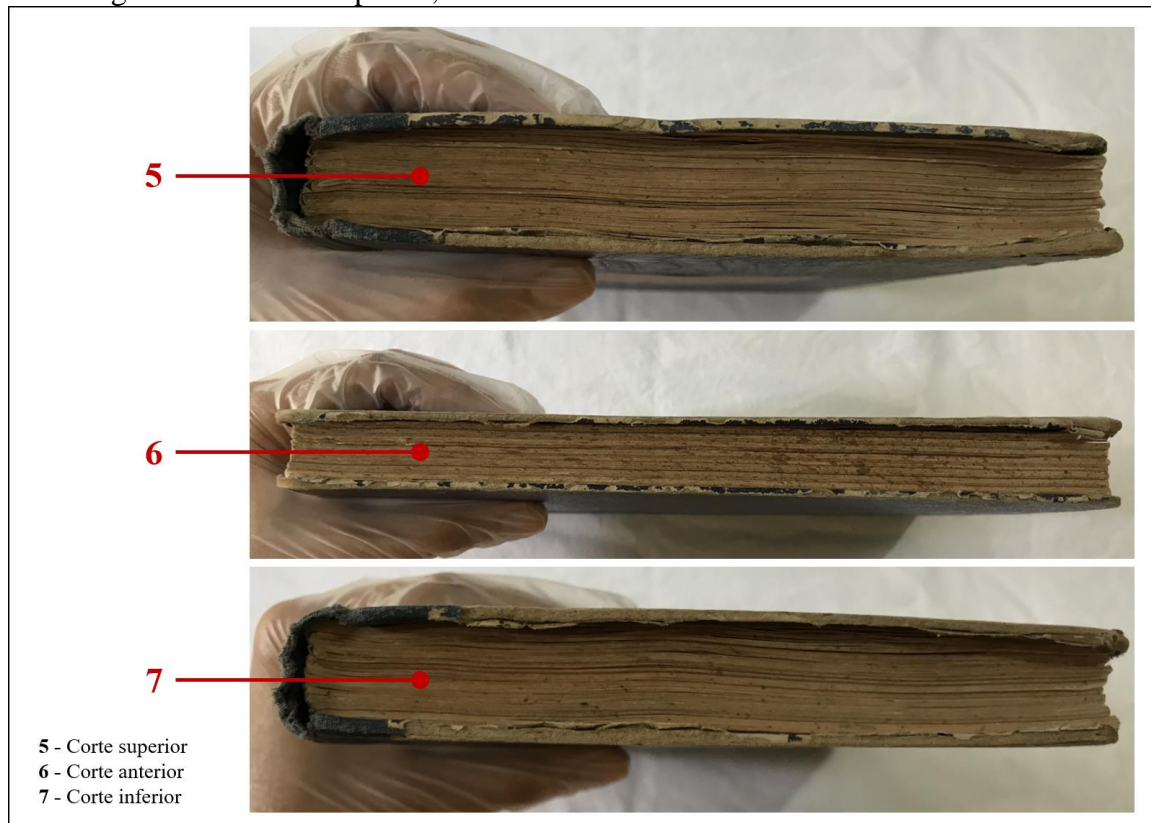
¹³ Fragilidade nas regiões dos cortes do papel, geralmente acompanhada de rasgos e perdas. Dano físico causado geralmente por quebra das cadeias de celulose do papel e/ou por guarda inadequada (PAGLIONE, 2017, p. 32).

Figura 03 - Canaleta externa, meia lombada, ponteira e lombada do caderno *FSJ*



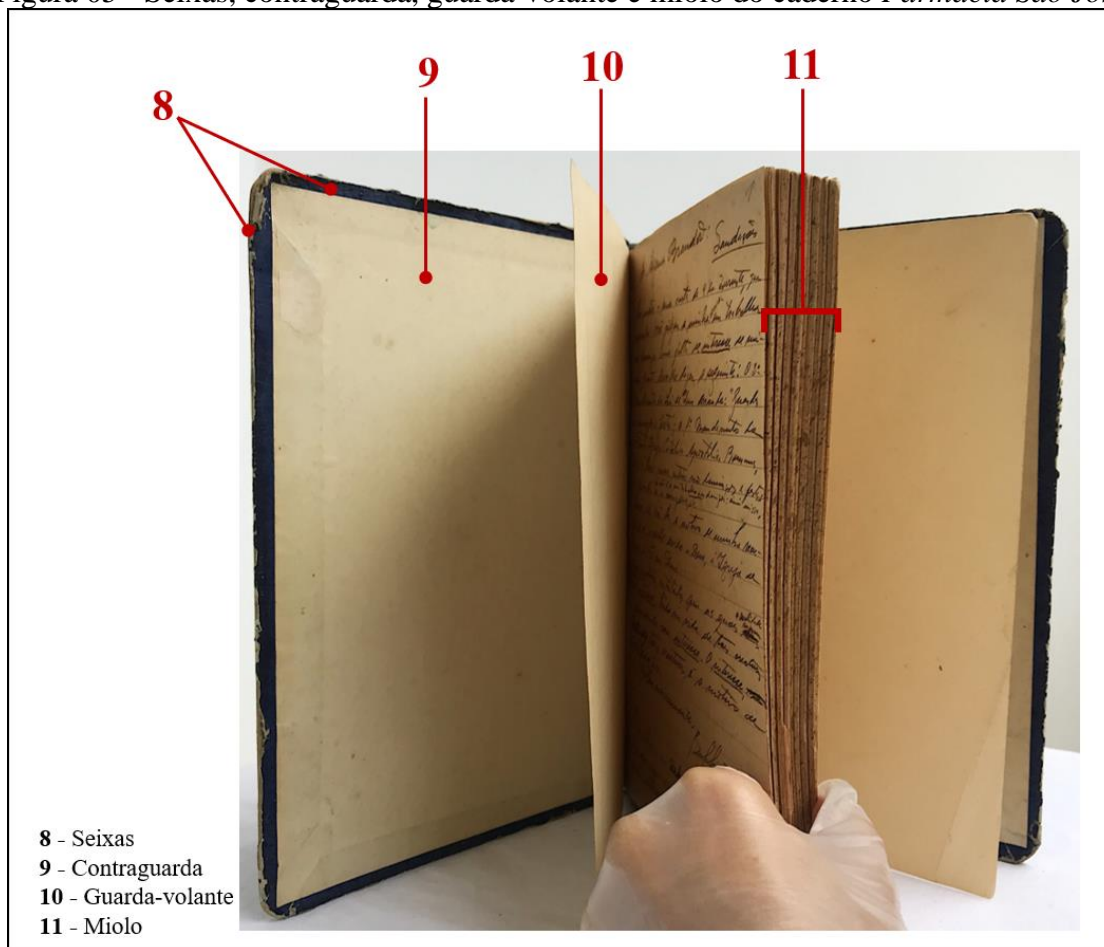
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 04 - Cortes superior, anterior e inferior do caderno *Farmácia São José*



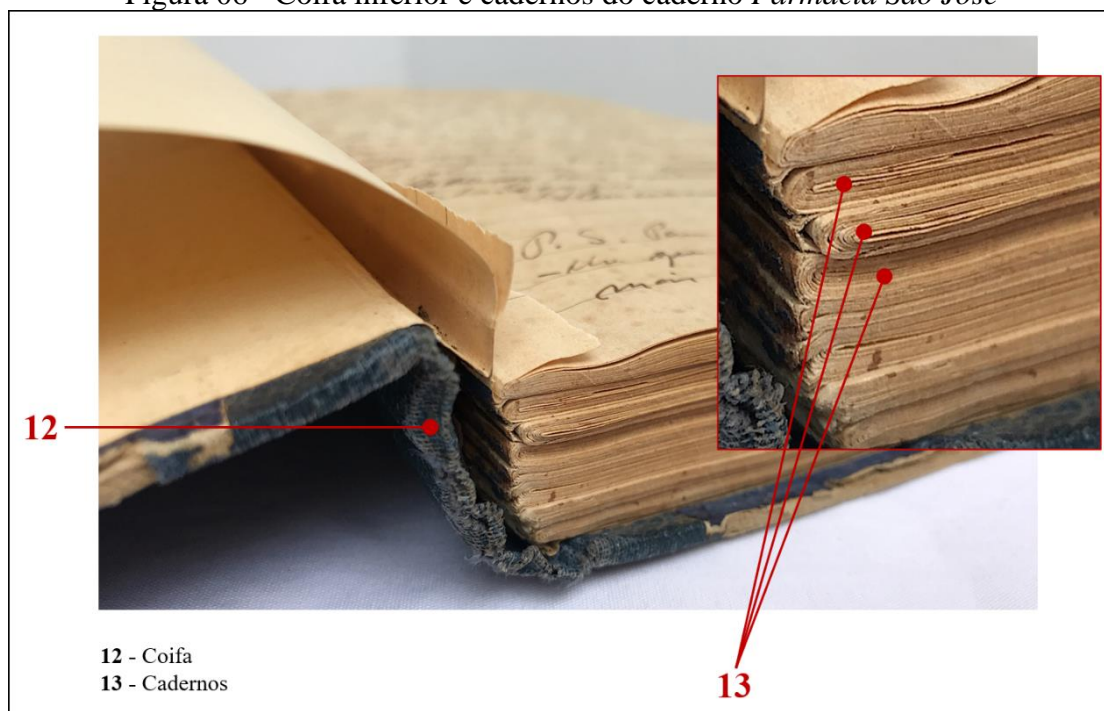
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 05 - Seixas, contraguarda, guarda-volante e miolo do caderno *Farmácia São José*



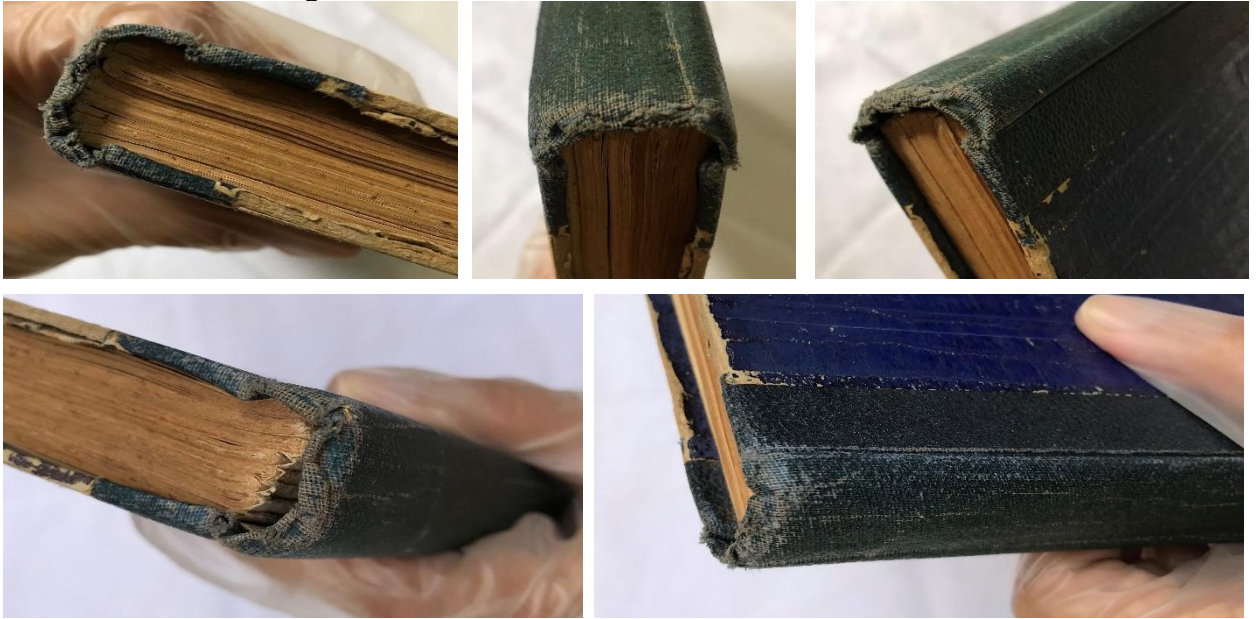
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 06 - Coifa inferior e cadernos do caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 07 - Abrasão no caderno *Farmácia São José*



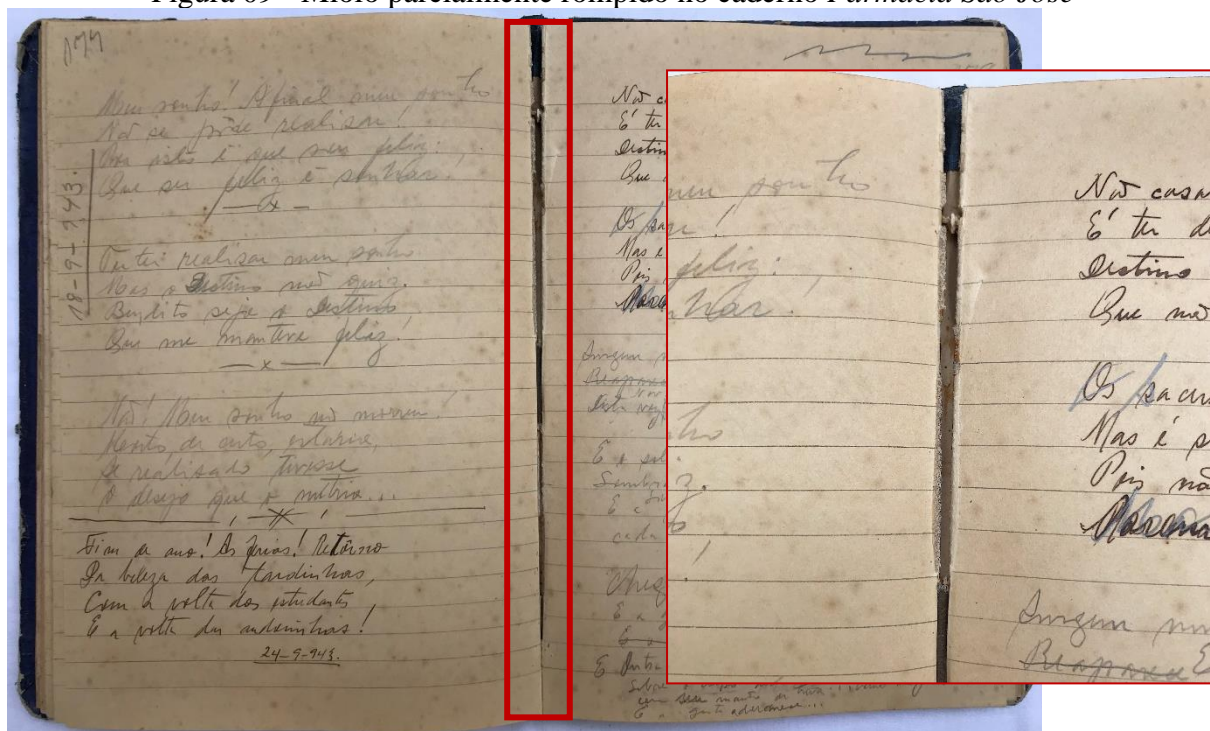
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 08 - Delaminação no caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 09 - Miolo parcialmente rompido no caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Quanto a origem de produção do caderno *Farmácia São José*, após a análise e comparação da sua encadernação e materialidade com os outros 15 cadernos do acervo, foram encontradas similaridades com dois deles: *Bahia Humorística* e *Lágrimas*. Todos os três cadernos apresentam encadernação tradicional, meia lombada feita com material sintético, capas em papelão revestidas com papeis de estampas diferentes e que apresentam textura. O caderno *Farmácia São José* é de tamanho maior do que os outros dois, por conta disso, sua encadernação é reforçada com lombada, feita de material sintético mais resistente e possui capa de papelão dura e seixas¹⁴, enquanto os outros possuem capa maleável e não possuem seixas. As folhas dos três cadernos apresentam espessura, coloração e acabamento similares, além de possuírem a mesma coloração das pautas e estruturação das margens superiores e inferiores.

Não há informações explícitas quanto às origens no caderno *Lágrimas* e no caderno *Farmácia São José*, contudo, no centro da capa do caderno *Bahia Humorística* há uma colagem com informações sobre o local de sua origem: a Casa Catugy. De acordo com a própria colagem, a Casa Catugy era uma livraria e tipografia que realizava as atividades de encadernação e pautação, com telefone 2634, sob o endereço: Rua Dr. José Gonçalves, 4 -

¹⁴ Margens da capa de um livro que ultrapassam as páginas, protegendo-as. Quando um livro é posto dentro da capa, devem se formar margens idênticas na cabeça, pé e frente (Milevski, 2001, p. 45).

Bahia. Esta rua também era conhecida como ‘Rua do Colégio’, local continuamente frequentado e comentado por Eulálio Motta, mencionado em diversos documentos do acervo. Assim, acredita-se que os três cadernos tenham sido adquiridos na Casa Catugy, devido às suas semelhanças materiais, contudo, não é possível afirmar indubitavelmente. Seguem imagens que evidenciam as semelhanças materiais dos cadernos *Bahia Humorística* e *Lágrimas*, respectivamente:

Figura 10 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Bahia Humorística*



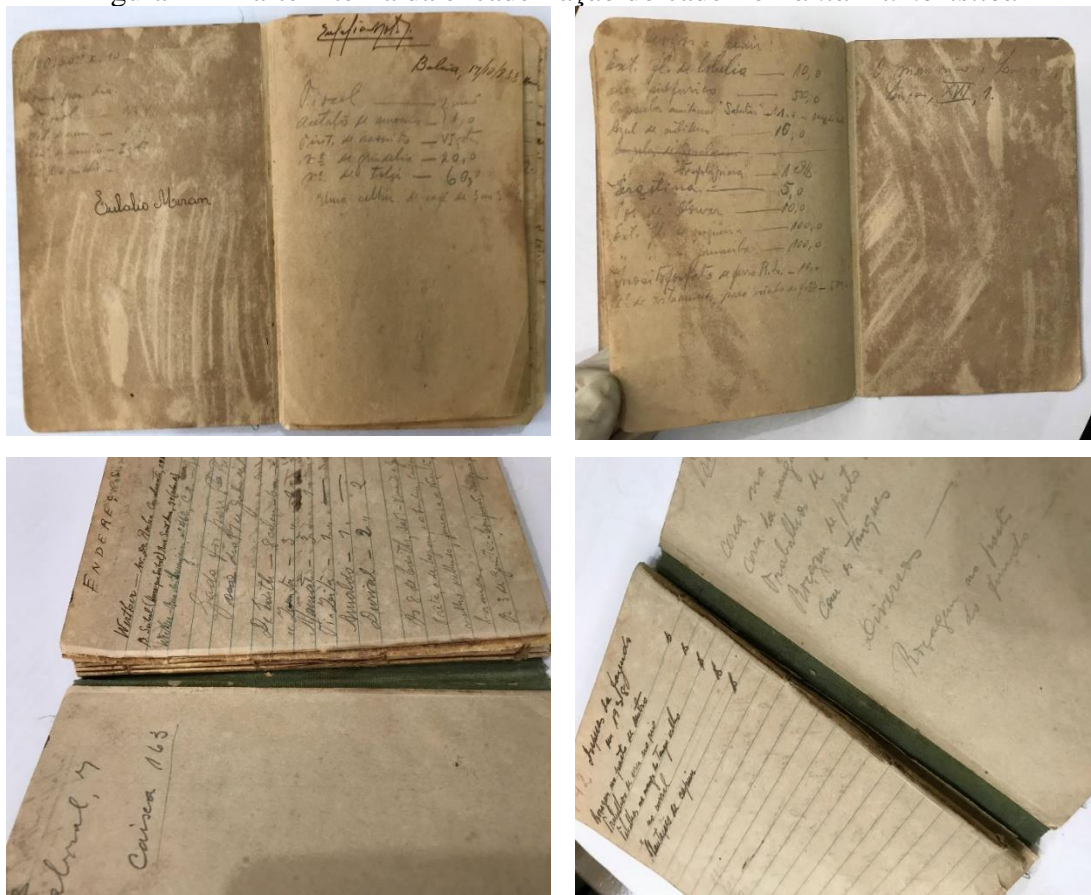
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 11 - Coifa, corte inferior e lombada do caderno *Bahia Humorística*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 12 - Parte interna da encadernação do caderno *Bahia Humorística*



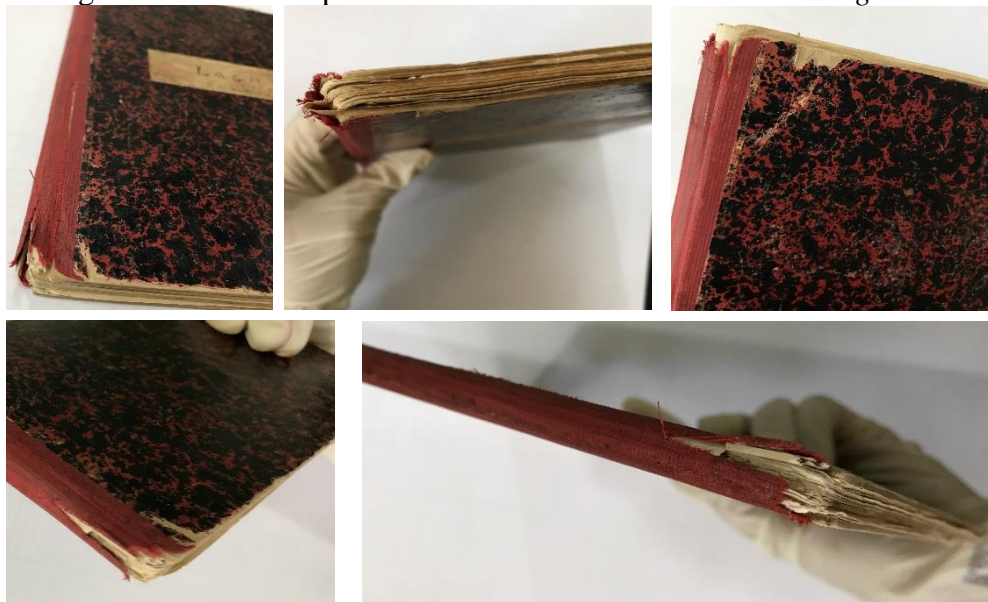
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 13 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Lágrimas*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 14 - Coifas superior e inferior e lombada do caderno *Lágrimas*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Sobre as características internas do caderno *Farmácia São José*, têm-se as seguintes informações: as seixas apresentam desgaste por conta da delaminação nas bordas da capa. A delaminação causou rasgos em alguns pontos das seixas, tanto na parte da capa frontal quanto na de fechamento; a contraguarda¹⁵ inferior apresenta mancha de umidade na região da canaleta interna¹⁶, fazendo fronteira com a guarda-volante¹⁷; a guarda-volante superior (na parte frontal do caderno) apresenta uma mancha de umidade na parte do corte superior e na canaleta interna que faz fronteira com a contraguarda. É possível notar pequenas e poucas marcas de *foxing*¹⁸ nas folhas de guarda.

Na guarda-volante superior (reto) encontra-se um índice, escrito a lápis, de cinco textos (cf. figura 15), dos quais quatro se encontram no caderno FSJ e apenas um se encontra no “Livro Vermelho”, como indicado pelo escritor. Os quatro textos que se encontram no caderno FSJ são três poemas e uma crônica e o índice não apresenta os textos na ordem crescente das páginas, como habitual em índices. São apresentados na seguinte ordem: o poema *Só*, renomeado por *Renuncia* no interior do caderno, localizado nas páginas 87 e 89, de temática amorosa e escrito em 1942; a crônica *Natal*, localizada nas páginas 148 e 149, de temática religiosa e escrita em 1942; o poema *Sombras*, localizado nas páginas 100, 141, 269 e 178, de temática não identificada e sem datação feita pelo autor, sendo atribuída a data [194-]; o poema *Suplica*, localizado na página 11, de temática religiosa e escrito em 1941. O texto *Desencanto*, localizado, segundo o autor, no Livro Vermelho, na página 20, não foi localizado no acervo até o momento. Por fim, há o número 162 impresso no centro da guarda-volante, abaixo de onde o índice fora escrito, tratando-se, possivelmente, de uma numeração de tiragem ou uma catalogação do caderno.

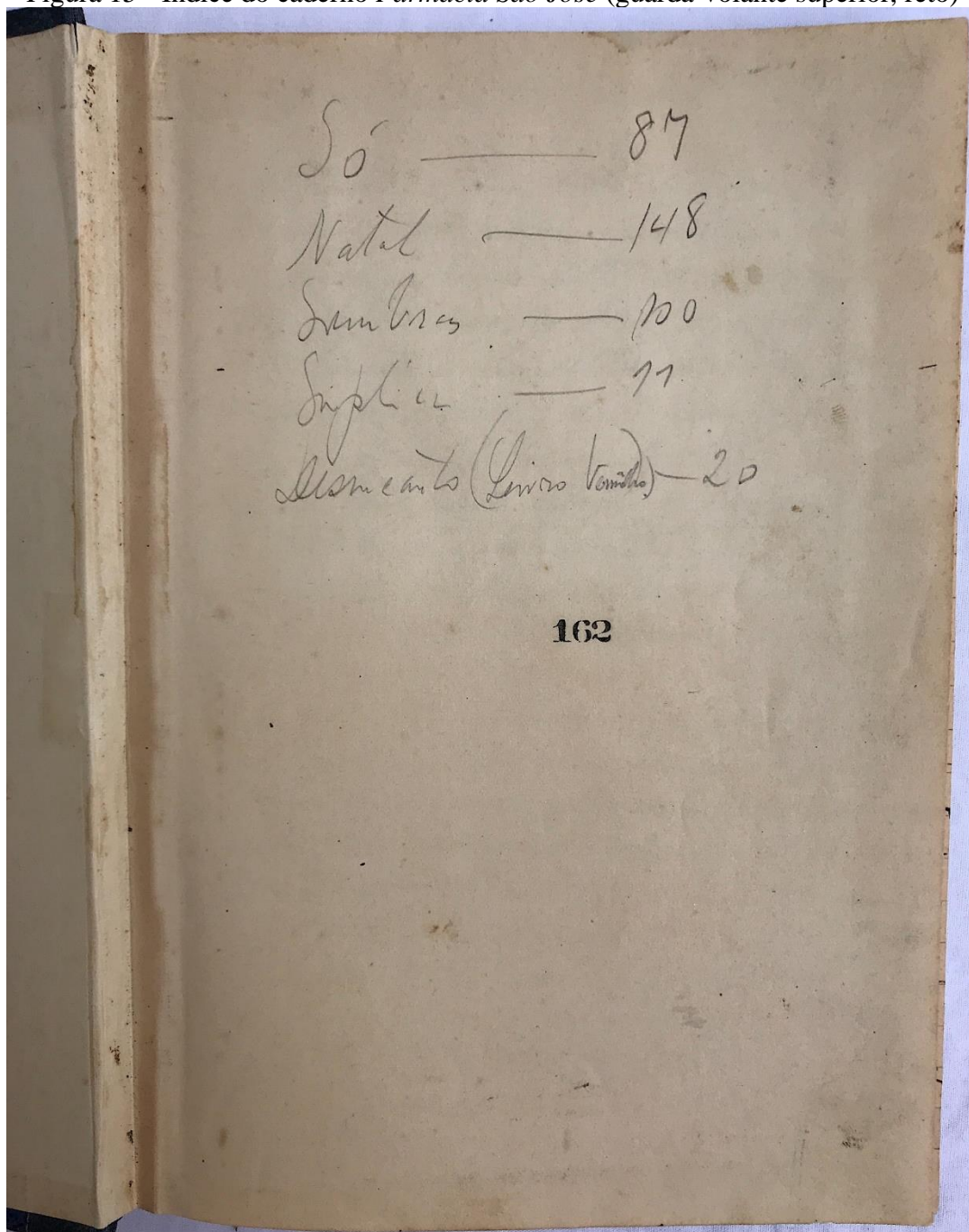
¹⁵ “Aquela metade da guarda que é colada na parte interna do papelão da capa. Também chamada de espelho da guarda ou guarda presa” (MILEVSKI, 2001, p. 42).

¹⁶ “Dobra do canal entre as duas metades da guarda, onde o corpo do livro se une à sua respectiva capa (pasta). Também chamada de canaleta da frente e de encaixe interno” (Milevski, 2001, p. 42), também chamada de fecho por Paglione (2017, p. 20).

¹⁷ A folha (ou folhas) que forma esta parte dobrada da guarda, que não está colada ao interior da capa de papelão. Sua função é proteger a primeira e a última página do texto (MILEVSKI, 2001, p. 44).

¹⁸ “Manchas arredondadas causadas no papel pela presença de pequenos depósitos metálicos, geralmente na fase de produção do papel. Podem estar em associação com fungos” (Paglione, 2017, p. 54).

Figura 15 - Índice do caderno *Farmácia São José* (guarda-volante superior, reto)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

As folhas do miolo do caderno medem 160mm de largura e 229mm de comprimento, apresentando 23 pautas cada, com espaço de 8mm entre pautas. Cada folha possui margem superior medindo 29mm e margem inferior medindo 15mm. Não foi possível precisar a gramatura das folhas, mas acredita-se que seja média, o que confere certa firmeza à folha. Sobre o acabamento do papel, é possível dizer que ele apresenta uma textura com baixa

aspereza, baixo brilho¹⁹, opacidade²⁰ média e uma capacidade alta de absorção de tinta, pois, considerando que boa parte do texto foi escrito com tinta líquida, raras são as vezes em que se pôde visualizá-lo do outro lado da folha, geralmente em contexto de borrão, isso também devido a gramatura média da folha. As folhas apresentam coloração areia PANTONE 467 C e as pautas grafite PANTONE Cool Gray 10 C. A folha de paginação 180 apresenta uma dobradura no ângulo inferior direito, não havendo sinais de fita adesiva em nenhuma parte do caderno, nem sinais de manchas de umidade e, tampouco sinais de ataques de insetos ou furos nas páginas. Contudo, foram encontradas traças conservadas no caderno, com suas localizações preservadas na digitalização das páginas 124, 125 e 126 - foram retiradas do caderno após a digitalização.

Sobre as características internas do caderno *Farmácia São José*, têm-se as seguintes informações: as seixas apresentam desgaste por conta da delaminação nas bordas da capa. A delaminação causou rasgos em alguns pontos das seixas, tanto na parte da capa frontal quanto na de fechamento; a contraguarda²¹ inferior apresenta mancha de umidade na região da canaleta interna²², fazendo fronteira com a guarda-volante²³; a guarda-volante superior (na parte frontal do caderno) apresenta uma mancha de umidade na parte do corte superior e na canaleta interna que faz fronteira com a contraguarda. É possível notar pequenas e poucas marcas de *foxing*²⁴ nas folhas de guarda.

Na guarda-volante superior (reto) encontra-se um índice, escrito a lápis, de cinco textos (cf. figura 15), dos quais quatro se encontram no caderno FSJ e apenas um se encontra no “Livro Vermelho”, como indicado pelo escritor. Os quatro textos que se encontram no caderno FSJ são três poemas e uma crônica e o índice não apresenta os textos na ordem crescente das páginas, como habitual em índices. São apresentados na seguinte ordem: o poema *Só*, renomeado por *Renuncia* no interior do caderno, localizado nas páginas 87 e 89, de temática amorosa e escrito em 1942; a crônica *Natal*, localizada nas páginas 148 e 149, de temática religiosa e escrita em 1942; o poema *Sombras*, localizado nas páginas 100, 141, 269

¹⁹ Capacidade da superfície do papel de refletir a luz de forma concentrada, ao invés de difundi-la em todas as direções. O brilho é uma propriedade que valoriza as imagens, mas pode dificultar a leitura de textos.

²⁰ Referente a capacidade do papel de barrar a passagem da luz.

²¹ “Aquela metade da guarda que é colada na parte interna do papelão da capa. Também chamada de espelho da guarda ou guarda presa” (Milevski, 2001, p. 42).

²² “Dobra do canal entre as duas metades da guarda, onde o corpo do livro se une à sua respectiva capa (pasta). Também chamada de canaleta da frente e de encaixe interno” (Milevski, 2001, p. 42), também chamada de festo por Paglione (2017, p. 20).

²³ A folha (ou folhas) que forma esta parte dobrada da guarda, que não está colada ao interior da capa de papelão. Sua função é proteger a primeira e a última página do texto (Milevski, 2001, p. 44).

²⁴ “Manchas arredondadas causadas no papel pela presença de pequenos depósitos metálicos, geralmente na fase de produção do papel. Podem estar em associação com fungos” (Paglione, 2017, p. 54).

e 178, de temática não identificada e sem datação feita pelo autor, sendo atribuída a data [194-]; o poema *Suplica*, localizado na página 11, de temática religiosa e escrito em 1941. O texto *Desencanto*, localizado, segundo o autor, no Livro Vermelho, na página 20, não foi localizado no acervo até o momento. Por fim, há o número 162 impresso no centro da guarda-volante, abaixo de onde o índice fora escrito, tratando-se, possivelmente, de uma numeração de tiragem ou uma catalogação do caderno.

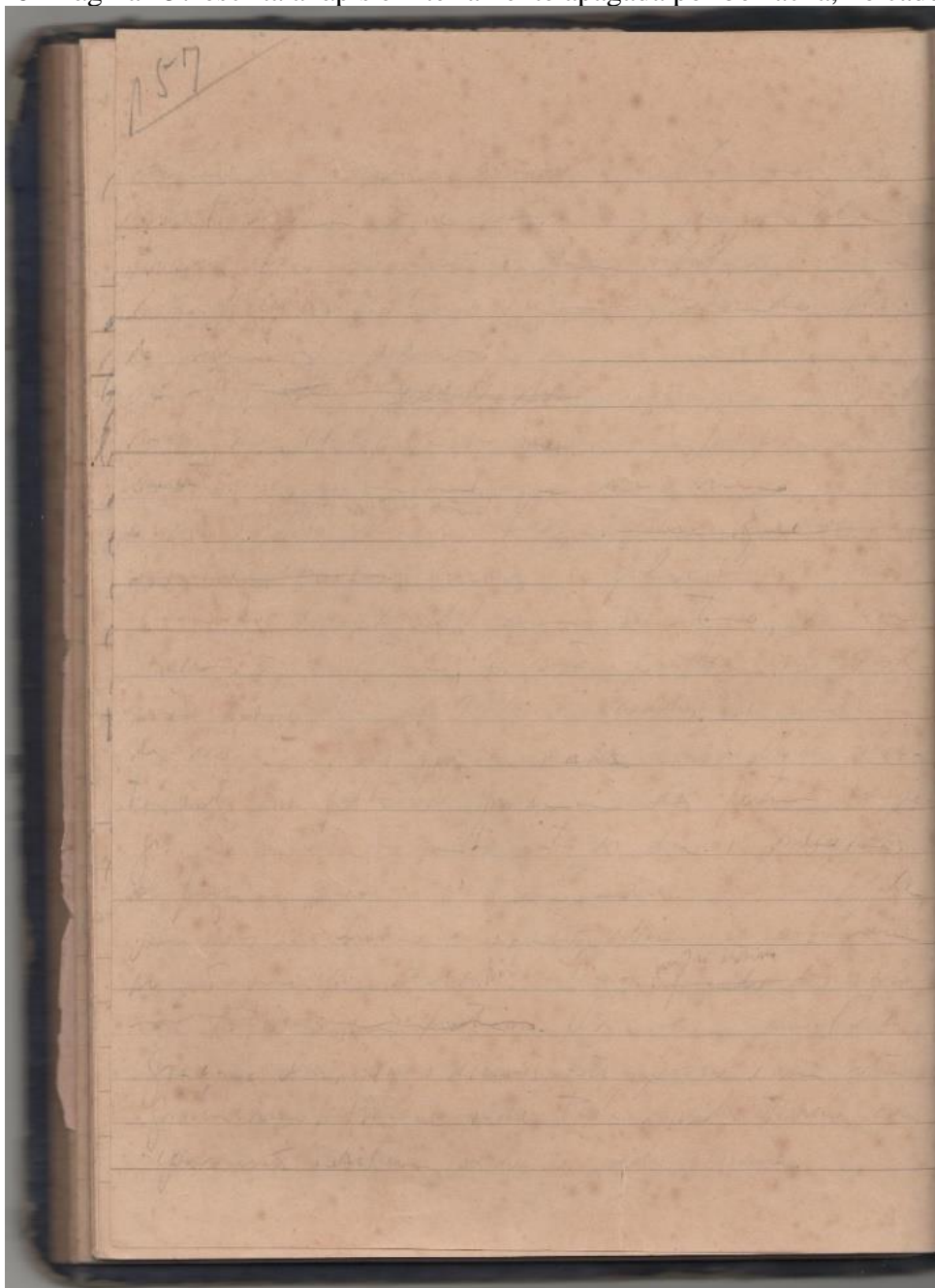
Há um pequeno rasgo vertical na região do corte inferior das páginas 156-157 e há sinais de manchas pontuais em algumas páginas feitas por tinta preta, e.g.: 70, 78, 79. Foram encontradas sujidades²⁵ (vestígios de farelo de borracha), acumuladas principalmente na região de dobra²⁶ do miolo, em diversas páginas: 8, 9, 10, 11, 22, 23, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 145, 147, 149, 151, 152, 179, 201, 240, 241, 244 e 245. A costura foi feita com um cordão encerado de cor areia PANTONE 467 C, a mesma coloração das folhas, ficando exposto entre algumas páginas do caderno: 16-17, 56-57, 96-97, 136-137, 167-168, 197-198, 238-239, 278-279. Há rupturas (rasgos) na região da dobra do miolo nas páginas: 118-156 - parte superior da dobra do miolo; 157-158 - parte inferior da dobra do miolo; 177-178 - da parte superior até a inferior da dobra do miolo, quase comprometendo a encadernação nesta região (cf. figura 09). No geral, o caderno está em bom estado de preservação, no entanto, todas as folhas apresentam *foxing*.

Trata-se de um caderno manuscrito, com exceção de uma colagem na página 3, onde consta um impresso, possivelmente retirado de um periódico. É composto por 296 páginas pautadas, porém a mancha escrita ocupa apenas 289 páginas, estando as páginas 250, 255, 256, 297 e 298 em branco. A página 157 e 158 foram escritas a lápis, no entanto, foram inteiramente apagadas com borracha, não possibilitando sua leitura e, conseqüentemente, sua transcrição (cf. figura 16). As páginas do caderno foram enumeradas a lápis e, antes da enumeração, as duas primeiras folhas foram arrancadas, deixando vestígios de sua existência mediante pedaços que ficaram na margem próxima à costura (cf. figura 17) e também não há vestígios de estiletagem no caderno. Enquanto enumerava, Motta pulou números em duas páginas: da enumeração da página 149 pulou para 151; da enumeração da página 231 pulou para 233, por isso, apesar da enumeração ir até 298, há apenas 296 páginas no caderno.

²⁵ Depósitos superficiais ou penetrantes de sujeiras (poeira, restos de comida, borracha, excrementos de insetos etc.). Sujidades atraem insetos, fungos e podem acidificar a região em que se depositam (Paglione, 2017, p. 78).

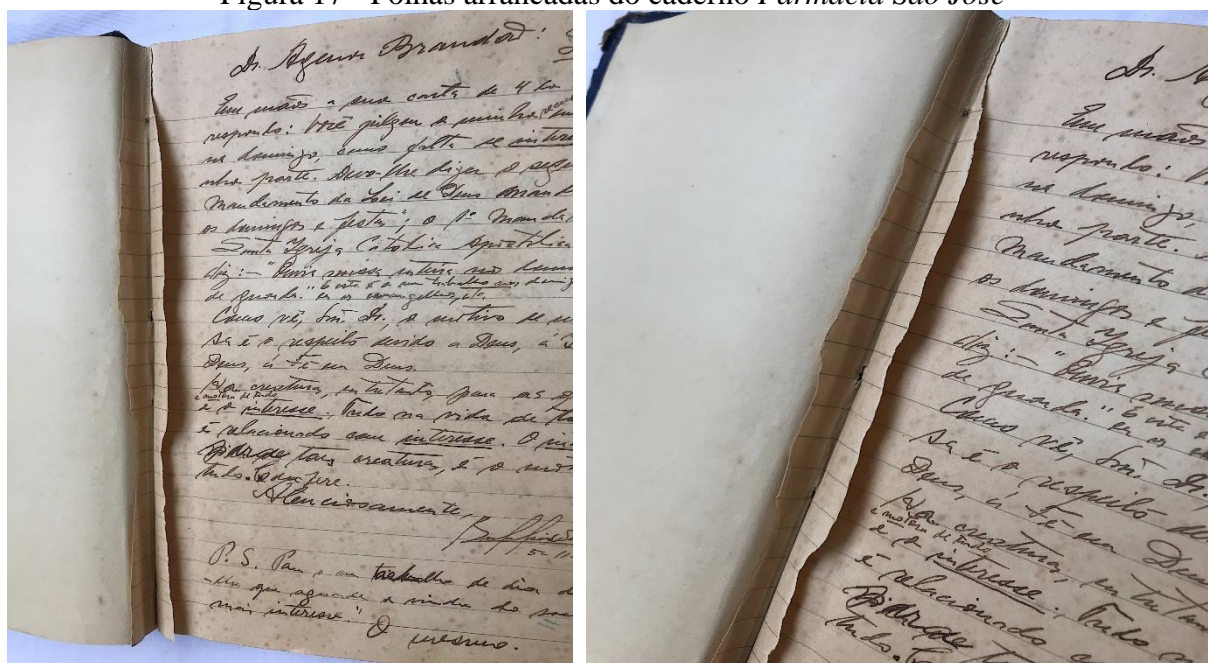
²⁶ “Vincos feitos ao longo do dorso dos cadernos, por onde eles são costurados, colados ou grampeados e pesos uns aos outros” (Milevski, 2001, p. 42).

Figura 16 - Página 157 escrita a lápis e inteiramente apagada por borracha, no caderno FSJ



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 17 - Folhas arrancadas do caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

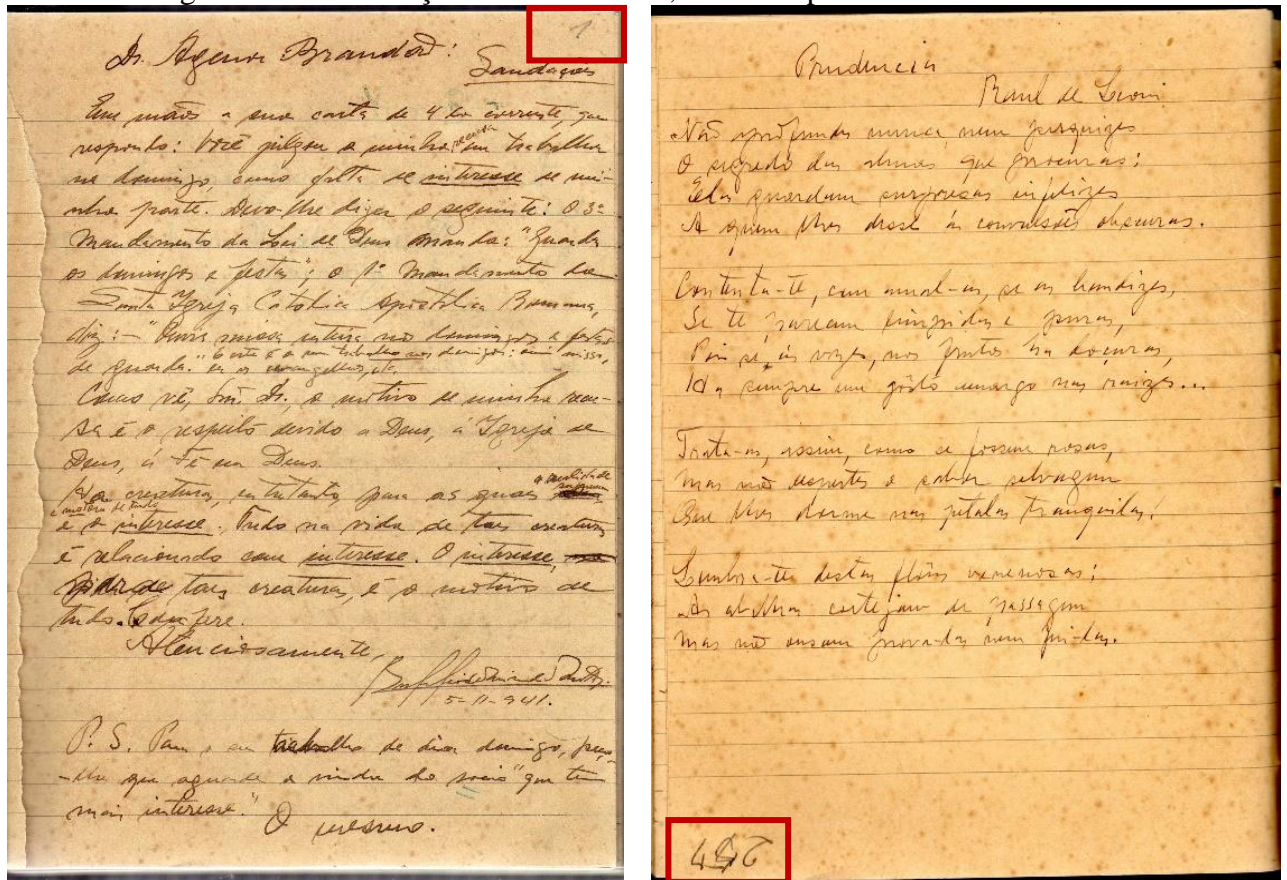
Foi escrito, em sua maioria, com tinta preta líquida e lápis grafite, porém há algumas partes de textos, acréscimos em revisões e um endereço, na página 2, escritas com tinta líquida azul e vermelha. Além disso, há passagens, geralmente correções, marcações e acréscimos de palavras que foram feitas com lápis de cor azul ou vermelho. A maior parcela da mancha escrita do caderno FSJ foi escrito com a grafia de Eulálio Motta, exceto pelo endereço da página 2, que apresenta um padrão gráfico diferente do de Motta, todavia, não há informações sobre o escrevente desta anotação. Sobre os instrumentos de escrita utilizados no caderno, devido a datação dos textos (primeira metade da década de 40), presume-se que os escritos foram feitos com pena e tinta líquida, contudo, não foi possível comprovar se foram feitos com pena de bico de metal ou natural e nem se a tinta utilizada era ou não metaloácida. Outros instrumentos de escrita utilizados foram lápis de cor nas cores azul e vermelha (ocasionalmente), além do lápis grafite que, por vezes, era de ponta dura, o que resultou em escritos de pigmentação mais clara, e outros de ponta macia, com pigmentação mais escura. Além disso, o escrevente também utilizou borracha e o uso pode ser percebido nas marcas deixadas em diversas passagens do caderno, além de ter restado vestígios de borracha depositados na região de dobra do miolo.

Levanta-se a hipótese de que tenha sido utilizada pelo escrevente uma pena de bico de metal, devido às condições financeiras do escritor e o fácil acesso à capital, para onde Motta viajava com frequência e visitava papelarias e tipografias. É possível identificar grossuras

diferentes de traçados, alguns mais finos do que outros, o que poderia indicar penas com bicos diferentes ou pressões diferentes na pena no momento da escrita. Sobre a tinta, era de prática de escreventes que utilizavam tintas líquidas fabricarem a própria tinta utilizando materiais caseiros como água, vinagre, amido de milho, sulfato ferroso etc., e, devido a formação de Eulálio Motta como farmacêutico, pode-se questionar se essa seria uma de suas práticas, pois há, no caderno *Bahia Humorística*, uma receita com riqueza de detalhes para fabricar sabão, mostrando que ele recorria à fabricação caseira de materiais. Outro ponto interessante a se observar é a grafia do escritor que, em todo o caderno, assume um formato mais ‘despojado’, sem muita ponderação caligráfica e, na maioria dos textos, apresenta uma inclinação modular próxima a de 45°.

Motta fez a enumeração do caderno nas folhas com pauta, marcando-a na margem superior das folhas, no ângulo superior direito (reto) e no ângulo superior esquerdo (verso), a lápis. Ele dividiu o caderno em duas seções, separando-as com as páginas 255 e 256 em branco. A primeira seção (da página 1 a 254) contém escritos datados entre 1940 e 1945; a segunda seção (da página 257 a 296) contém escritos datados entre 1941 e 1943. Podemos concluir através destas informações que o autor escreveu em ambas as seções concomitantemente. Quanto à estruturação e a disposição da mancha escrita nas páginas, a segunda seção do caderno que foi dividida por Motta foi escrita de ‘cabeça para baixo’ em relação a estrutura convencional de escrita do caderno. Observa-se a distinção de posição dos textos das seções na figura 18:

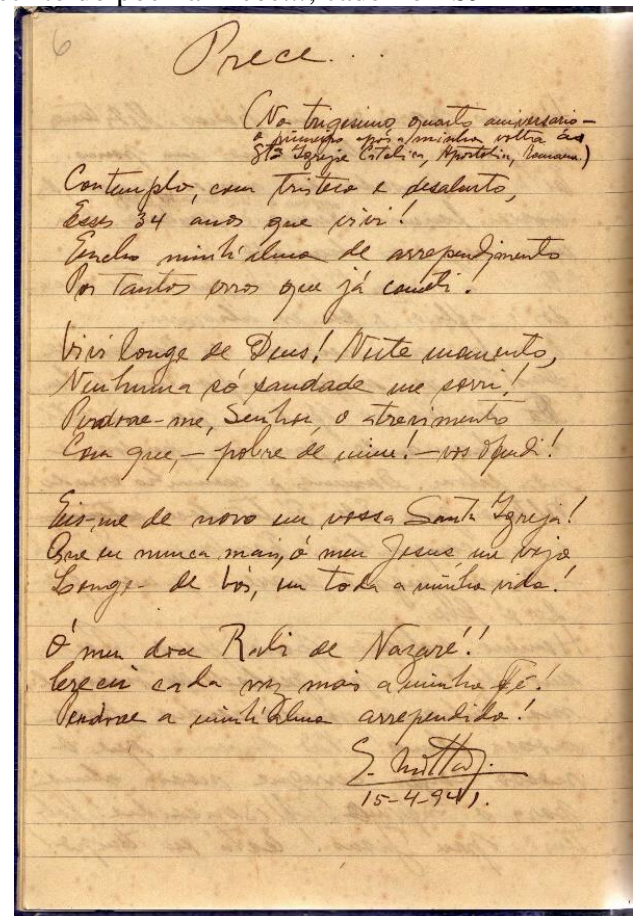
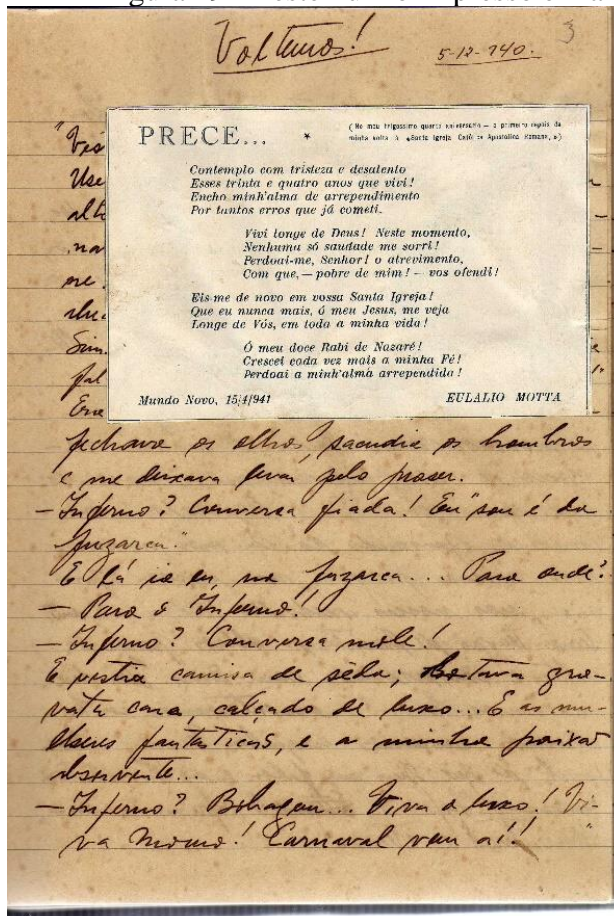
Figura 18 - Enumeração do caderno FSJ, atribuída por Eulálio Motta



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Os textos do caderno não seguem, precisamente, uma ordem cronológica. O primeiro texto, localizado na página 1, é um rascunho de carta direcionada a Agenor Brandão, datada de 5 de novembro de 1941; o segundo texto, localizado na página 2, é uma anotação de endereço, sem data, e um rascunho do poema *Saudade...* datado de setembro de 1944; o terceiro texto, localizado na página 3, é um rascunho de crônica datado de 5 de dezembro de 1940 e, a partir daí até a divisão da seção, começa a seguir uma ordem crescente na datação, com alguns textos destoando da linearidade cronológica.

Os textos do caderno *Farmácia São José* são manuscritos, exceto por uma colagem de um impresso na página 3, do poema autoral *Prece...*, que fez em comemoração ao seu primeiro aniversário após voltar para a doutrina católica, datado de 15 de abril de 1941, assinado em Mundo Novo. Ao analisar o *layout* do impresso, infere-se que havia sido publicado em algum periódico. A colagem foi feita por cima das nove primeiras linhas do rascunho da crônica católica *Voltemos!*, impossibilitando a leitura da sua parte inicial. O rascunho do poema *Prece...* se encontra na página 6, também datado de 15 de abril 1941. Verifica-se os testemunhos na figura 19:

Figura 19 - Testemunho impresso e manuscrito do poema *Prece...*, caderno FSJ

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Apesar de considerá-lo um caderno de rascunhos, não é possível afirmar que o caderno é composto totalmente por rascunhos de textos, pois há diversas anotações cotidianas, financeiras e notas pessoais que, provavelmente, não foram feitas com a intenção de serem passadas a limpo. Contudo, a maior parte do caderno é composta por rascunhos de obras literárias e cartas, pessoais e abertas. Grande parte dos rascunhos encontrados no caderno apresentam rasuras, borrões, emendas, por vezes com letras miúdas, apêndices em outras páginas indicados por notas remissivas, apagamento por borracha, cancelamentos, divisões gráficas da página, entre outras “marcas físicas de manipulação” (Duarte, [1997-], verbete *rascunho*, p. 12) feitas pelo escrevente no processo de composição do texto. Todas essas marcas fazem parte da história do caderno, nos emitem um significado, como a forma de cancelar, os tipos de rasura, a forma de disposição do texto na página, a organização dos apêndices, transmitindo uma mensagem com possibilidades de interpretação. Por conta de algumas dessas marcas físicas de manipulação, como apagamento por borracha, segmentos substituídos por sobreposição, acréscimos com letras miúdas, borrões, que não permitem que o segmento esteja legível, houve dificuldade, de certa forma, para realizar a leitura e transcrição dos documentos e, em alguns pontos, chegou a ser inviável.

Os gêneros textuais encontrados no caderno são diversos. Eulálio fez do caderno *Farmácia São José* um meio de se expressar acerca de vários temas, em forma de cartas, crônicas, anotações do cotidiano, poemas, notas. Há também anotações financeiras, uma peça autoral e um prefácio de livro que pretendia publicar. Foram encontrados 132 textos no caderno *Farmácia São José*, sendo 53 rascunhos de cartas, 21 rascunhos de crônicas, 21 rascunhos de poemas, 30 anotações, 1 rascunho de prefácio, 1 rascunho de peça, 1 rascunho de procuração, 1 rascunho de índice e 3 textos cujo o gênero não foi identificado (designado como outros). Os temas encontrados no caderno são variados, destacando-se as temáticas religiosa, política, literária, amorosa, cotidiana (como assuntos da fazenda, clima, finanças, administrativo e de cunho pessoal), além de saudosismo, casamento, memória, efemeridade do tempo.

No que concerne a textos de terceiros, há 3 rascunhos de cartas, 1 rascunho de procuração e 5 poemas que são assinados por outras pessoas, mas que se encontram escritos no caderno com a caligrafia de Eulálio Motta. Além desses, há 1 anotação de endereço, que é de autoria não identificada e não foi escrito com a caligrafia do autor.

3.2 RASCUNHOS DE CRÔNICAS DO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

Além dos rascunhos de cartas (*corpus* desta pesquisa), o caderno *Farmácia São José* abriga também um conjunto significativo de textos que compõem o que identificamos como rascunhos de crônicas, totalizando 24 textos de caráter religioso. Essas crônicas foram escritas por Eulálio Motta no contexto de sua militância na Ação Católica e refletem sua intenção de intervir no debate público por meio da argumentação doutrinária e da catequese escrita. Ainda que se tratem de rascunhos, há indícios de que parte dessas crônicas foi efetivamente publicada em formato de panfleto, prática comum na atuação religiosa e política de Motta.

A hipótese de publicação é sustentada, entre outros elementos, por um comentário feito por Eudaldo Lima, em que ele menciona a circulação de uma crônica originalmente intitulada *Porque me fiz católico e não protestante?*, que, ao que tudo indica, foi publicada sob o título modificado de *Porque não sou protestante?*. Apesar de não haver no acervo vestígios diretos da versão impressa desse panfleto, o testemunho de Lima reforça a ideia de que as crônicas ultrapassaram o espaço do caderno e foram convertidas em instrumento de propaganda religiosa, com finalidade formativa e combativa.

As crônicas apresentam a visão do autor acerca do catolicismo e sua aversão ao protestantismo, lembrando que boa parte delas foram escritas enquanto Motta se correspondia com Lima e alguns dos assuntos abordados em crônicas foram também importados dessa correspondência.

Quadro 01 - Rascunhos de crônicas da Ação Católica, no caderno *FSJ*

Nº	TÍTULO DA CRÔNICA	PÁG	DATA	ASSUNTO
01	<u>Voltemos!</u>	p. 3-5	05/12/1940	Religião. Catolicismo. Carnaval. Neste rascunho de crônica, Motta apresenta um diálogo entre duas pessoas que conversam sobre o carnaval. Uma das pessoas associa o carnaval ao inferno, enquanto a outra afirma ser a favor da festa. Na sequência, Motta continua a crônica fazendo uma reflexão sobre a importância que os homens dão aos prazeres da carne, acabam negligenciando os deveres para com Deus e que o futuro dessas decisões é o inferno. Por fim, Motta faz uma prece para que os homens voltem para Deus, por piedade de suas próprias almas. O rascunho foi escrito em dezembro, presume-se que o autor pretendia publicá-lo antes ou em período próximo das festividades do carnaval para alertar os fiéis católicos a não se deixarem levar pelos desejos carnavais e evitarem os festejos.

02	<u>Ter Fé</u>	p. 7-10	[194-]	Religião. Catolicismo. Fé. Neste rascunho de crônica, Motta apresenta um diálogo entre duas pessoas que conversam sobre ter ou não ter fé. Um personagem tenta convencer ao outro de que não importa o que faça, não consegue ter fé, enquanto o segundo personagem afirma que se houver esforço, ele conseguirá, comparando com o esforço de pessoas que se profissionalizam, como médicos, que se esforçaram e estudaram até conseguir. O personagem sem fé pergunta como pode pedir a Deus por fé, e o segundo diz que se consegue procurando a Igreja, fazendo a leitura dos livros sagrados, buscando a opinião dos “sábios e tementes a Deus” (neste momento cita A imitação de Cristo de Tomás de Kempis), mas alerta que para tal, é preciso se desfazer de suas certezas e reconhecer que não é nada e que nem sabe nada, se despindo de orgulhos, vaidades, opiniões pessoais e presunções. Por fim, finaliza dizendo que encontraremos a Cristo com o espírito de renúncia total e que assim acharemos o caminho e que a luz da fé irá começar a clarear.
03	Porque me fiz católico e não protestante?	p. 27-31, 33	12/10/1941	Religião. Catolicismo vs Protestantismo. Eudaldo Lima. Neste rascunho, Motta inicia falando que para dizer o porquê de sua escolha em ser católico, lhe custaria escrever um livro volumoso, expondo os erros protestantes e as verdades católicas, mas diz que tal trabalho já foi feito por grandes vultos do catolicismo, mencionando Julio-Maria e Leonel França com “Igreja, Reforma e a Civilização”. Também, menciona outros autores que tentaram refutar Franca, mas não obtiveram sucesso, como Eduardo Pereira e Ernesto Oliveira. Na continuação, Motta afirma que na história de sua conversão há coisas indizíveis e que devem apenas serem vividas e sentidas, mas que iria responder a um amigo que não conseguia compreender os dramas da alma, se referindo a Eudaldo Lima. Então, Motta apresenta um diálogo no qual se fala sobre a fundação da igreja católica, na data de sua criação. De acordo com o diálogo, a Igreja Católica antecedia a criação da Igreja Protestante, que a primeira havia sido fundada nos tempos de Cristo, enquanto a protestante somente 15 séculos depois. Portanto, a protestante não poderia ser a verdadeira igreja, pois isso significaria que não existiu igreja cristã até 15 séculos depois de Cristo. Na continuação, pontua que Leonel Franca demonstra a existência histórica de uma só igreja que ensinava continuamente a velha verdade desde os apóstolos, a Igreja Católica Apostólica Romana, e que este seria o motivo de sua escolha.
04	{ Qual a Igreja	p. 53-55	25/12/1941	Religião. Catolicismo vs Protestantismo. Eudaldo

	de Cristo?}/>Bilhete de Natal\ (a um amigo protestante)			<p>Lima. Esse rascunho de crônica sofreu uma alteração no título, deixando de ser <i>Qual a Igreja de Cristo?</i>, que passou a ser a primeira frase da crônica e se relaciona bastante com a temática do rascunho anterior, passando para <i>Bilhete de Natal (a um amigo protestante)</i>, escrito para Eudaldo Lima. Motta já inicia a crônica escrevendo “Qual a Igreja de Cristo? A minha ou a sua?”, travando novamente o embate catolicismo vs protestantismo. Dando continuidade ao assunto discutido no rascunho de crônica anterior, Motta volta a falar sobre o tempo de fundação da Igreja Católica e da Igreja Protestante e argumentando que para ser fundado o catolicismo, precisou que Cristo viesse, e para fundar o protestantismo, precisou apenas que Lutero se rebelasse. Ou seja, com o uso do silogismo, Motta afirma que o catolicismo advinha de Cristo e o protestantismo de um rebelde.</p> <p>Continuando a argumentação, Motta diz que se a igreja de Cristo só surgiu 15 séculos depois da vinda de Cristo, então as portas do inferno teriam prevalecido por este tempo, contradizendo a ação de Cristo no Novo Testamento, no qual diz que Cristo fundou uma igreja e garantiu que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Finaliza dizendo ao amigo protestante que hoje é Natal, que ambos amam a Cristo, mas que entre eles dois um está errado e é o amigo (referindo-se, indiretamente, a Eudaldo Lima).</p>
05	Conversa com D. Genoveva	p. 85-87	17/02/1942	<p>Religião. Catolicismo. Carnaval. Neste rascunho de crônica, Motta tece críticas a uma correligionária, que, até o momento, não se sabe dizer se é fictícia ou real. Inicia o texto dizendo “D. Genoveva se diz católica.” e continua reclamando da senhora que não foi à missa de domingo de carnaval pois estava cansada de ter ido às festas curtir as delícias “pagãs do Momo”. Então, continua a crônica dizendo que D. Genoveva veio questionar o porquê de sua ojeriza ao carnaval e se inicia um diálogo: ela defendendo os festejos e ele dizendo que a Igreja e Cristo condenavam o carnaval. Finaliza pedindo a Deus q tenha piedade de D. Genoveva e de todos.</p>
06	Processos Luteranos	p. 95-96	28/04/1942	<p>Religião. Catolicismo vs Protestantismo. Eudaldo Lima. Neste rascunho, Motta já inicia mencionando um protestante com o qual se correspondia (Eudaldo Lima) e que este protestante lhe havia mandado um recorte de jornal com estatísticas “fantásticas”, com números astronômicos, do crescimento do protestantismo pelo mundo e tudo isso narrado como se fosse escrito por um católico. O recorte, redigido como por um católico, afirmava que o protestantismo apavorava os católicos e que, se continuasse</p>

				crescendo naquela proporção, sufocaria o catolicismo. Então, na continuação, acusa ter recebido do mesmo remetente (Eudaldo Lima) um outro recorte de jornal cheio de elogios ao protestantismo, texto esse assinado anonimamente como “Um católico”. Motta, na continuação, diz que havia recebido uma edição de <i>Semana Católica</i> que estava acusando os protestantes de imitarem os católicos, com disfarces e mentiras, para conquistar os incautos, envenenar as almas e enfraquecer o Brasil.
07	Evocações	p. 97, 99-100	30/04/1942	<p>Religião. Catolicismo. Infância. Este é o rascunho da crônica <i>Evocações I</i>, publicada em forma de brochura por título <i>Evocações I Eureka! II</i> (1942), feita na tipografia do Jornal <i>Avante</i>. Um exemplar da brochura se encontra no acervo.</p> <p>Neste rascunho, Motta relembra da sua infância no Alto Bonito e das festividades católicas no arraial, como as noites de Natal e de São João. Então, em uma reviravolta, Motta começa a tecer críticas à Igreja Católica, afirmando ter sido tudo muito com e muito bonito, mas que não havia nenhum catecismo e nenhuma noção de religião. Afirma que as crianças cresciam à toa, apenas com um Padre Nosso e uma Ave-Maria ao se deitar e levantar, mas que todas as festividades da Igreja vinham com muito foguete e sem nenhuma explicação, e, assim, iam crescendo com as almas vazias e com perguntas que não saberiam responder. Este rascunho de crônica é um relato ressentido de Motta por não ter sido catequizado apropriadamente e não ter sido acompanhado pela Igreja Católica, o que ocasionou no afastamento seu e se seus amigos de infância, que acabaram se convertendo a outras religiões ou se afastando totalmente de Deus, como foi o seu caso, na sua época de ateu. Relata também que no Congresso Eucarístico da Bahia, em 1932, deixou seu entusiasmo com o materialismo, mas não se tornou logo católico, pois foi buscar Deus em Kardec e Lutero. Contudo, em 1º de Outubro de 1940, se confessou e se converteu novamente ao catolicismo. Continua dizendo que sua alma cresceu deformada pois era órfão da assistência materna da Igreja Católica e faz um apelo para o Governo do Brasil para que tomem uma providência para que outras crianças não tenham a mesma sorte que a sua, de ter se afastado do caminho católico.</p>
08	Eureka!	p. 101-103	12/05/1942	<p>Religião. Catolicismo vs Protestantismo. Conversão. Este é o rascunho da crônica <i>Eureka! II</i>, publicada em forma de brochura por título <i>Evocações I Eureka! II</i> (1942), feita na tipografia do Jornal <i>Avante</i>. Um exemplar da brochura se encontra no acervo.</p>

				<p>Neste rascunho, Motta se mostra desiludido e cansado, sedento de luz, faminto da verdade e necessitado de Cristo. Afirma que teve seu espírito envenenado contra a Igreja Católica e por isso buscou Deus batendo à porta de Lutero, que foi bem recebido e alimentou mais ainda seu preconceito contra o catolicismo. Contudo, relata ter se recolhido e realizando leituras, pois estava confuso. Em meio as leituras, percebeu que na bíblia (Mt. 18:17) dizia que era preciso ouvir a Igreja, sob pena de ser considerado pagão, e não somente seguir os Evangelhos, como os protestante lhe haviam dito. Então, Motta diz ter se questionado qual seria a Igreja de Cristo e levou este questionamento para os “filhos de Lutero” e eles responderam Igrejas diferentes (Metodista, Presbiteriana, Sabatista, Anglicana). Motta classificou a falta de unidade religiosa apresentada pelos protestantes como babelismo e revela não ter encontrado o pão na casa de Lutero. Então, Motta diz que ouviu em um rádio uma Ave Maria e teve uma epifania de que a Igreja Católica é unívoca e uníssona, como admitia a sua interpretação dos evangelhos “um só rebanho, um só Pastor, um só corpo, um só espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo”.</p>
09	Desmascarando...	p. 115-116	27/07/1942	<p>Religião. Catolicismo vs Protestantismo. Neste rascunho, Motta inicia fazendo uma denúncia de que protestantes estavam andando pelas aldeias se autointitulando donos do céu e técnicos em cristianismo, mas que, na verdade, eles eram filhos de Lutero, frutos que são similares à árvore da qual vieram. Então, Motta diz que as linhas que escreve no texto não se direcionam aos filhos de Lutero e sim para chamar as almas que ainda não haviam sido vítimas do veneno luterano e chamá-lhes a atenção para os propagandistas da heresia luterana que espalham mentiras dizendo que a Igreja Católica estava em decadência. Afirma também que para desmascarar as mentiras dos propagandistas, deveriam lembrar de tais argumentos: 1º) que as nações mais protestantes do mundo, a saber Inglaterra e América do Norte. 2º) e que estas nações reconhecem e respeitam o catolicismo. 3º) lembrar que o General Mac Artur, do exército da América do Norte, é considerado herói nº 1 dos aliados e é católico. Finaliza afirmando que o protestantismo está agonizando, pois a Igreja Católica tem garantia de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela e que as eles não se deixem levar pelo “canto da sereia” dos representantes da mentira luterana. Ainda alerta que a mentira pode parecer verdade para os desprevenidos e que é um perigo para suas almas.</p>

10	<u>Silêncio</u>	p. 121-122	[194-]	Religião. Catolicismo. Leitura Bíblica. Cristianismo. Neste rascunho, Motta inicia falando sobre a bondade e pureza infinitas de Jesus e relembra os seus mandamentos “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 13:34) e “Amai a vossos inimigos” (Mt 5:44). Segue falando que a hipocrisia farisaica e o injúrio caluniaram e mataram Jesus, que foi acusado de infâmias que Ele nunca cometeu, que exigiram castigos e o agrediram de diversas formas por vários homens. Pontua que, no fim de tudo, soltaram Barrabás ao invés do Cristo e que mesmo diante de Herodes, o assassino de seu primo João Batista, Jesus ficou em silêncio. Diante de todas as acusações e calúnias, Jesus e Deus ficaram em silêncio. Então, Motta tenta buscar exemplo nos atos e silêncios de Cristo, tentando compreender o silêncio dele e concluiu que foi um ensinamento, que há momentos em que devemos sofrer em silêncio, como Cristo sofreu por amor a nós. Por fim, Motta chama os leitores para meditarem com ele sobre o silêncio de Cristo, que os leitores não devem dar satisfação aos que os acusam e sim contar com Jesus nas suas dores silenciosas.
11	Hora Sagrada	p. 124-125	-/09/1942	Religião. Catolicismo. Cristianismo. Neste rascunho, Motta inicia falando sobre sofrimento, calúnia, injúria. Diz que são horas de dor, mas para quem tem a consciência limpa, é uma hora sagrada porque é nesta hora que nos encontramos com Cristo. Diz que a dor é uma realidade sublime que só pode ser vivida e meditada com o pensamento em Cristo, e para os que não o conhecem, a dor é uma tragédia, fonte de revolta e desesperos. Também diz que para os que vivem pensando em Cristo, a dor é sinônimo de purificação, sinal de misericórdia e do amor de Deus. Que Ele permite o mal para que dele se tire bons frutos, permite o sofrimento para ensinar a virtude da prudência, da paciência, da humildade, para nos ornar com qualidades que nos darão vida eterna. Conclui que, no fim, o sofrimento é um ato de amor, um benefício para a alma, que deve ser sentido sem revoltas e com o pensamento em Cristo, que morreu por nós.
12	O meu maior inimigo	p. 126-127	-/09/1942	Religião. Catolicismo. Reflexão Pessoal. Neste rascunho, Motta reflete sobre quem é o seu maior inimigo e diz que, os que chamamos de inimigos são, na verdade, nossos melhores amigos. Ele também revela que tem vivido dias de amargura, mas que têm sido também dias de recolhimento e de meditação, principalmente no que diz respeito a finalidade do sofrimento que vem dos ditos inimigos. Ele diz que os inimigos na verdade são os melhores amigos pois não alimentam as nossas vaidades com elogios e trabalham nossa paciência

				frente às injúrias e calúnias que sofreremos (acredito que se refere à correspondência com Eudaldo Lima). Ele diz que pensa nos amigos com afeto e simpatia, e nos inimigos com compreensão e reconhecimento, que também são amigos. Então, traz uma reflexão: não existem inimigos? E volta o olhar para si, descobrindo, com tristeza, que ele mesmo é seu maior e único inimigo. Por fim, pede a Deus que o ajude a se livrar de si, que o defenda de si, porque ninguém o faz mal, apenas ele mesmo.
13	Felicidade {Para Yvone}...	p. 128- 131	[194-]	Religião. Catolicismo. Este rascunho de crônica sofreu uma alteração no título, deixando de ser <i>Felicidade para Yvone...</i> passando para apenas <i>Felicidade</i> . O texto inicia com um diálogo entre ele e Yvone, no qual ele avisa que precisa dizer algo para Yvone com tal força que teme que possa parecer violento. Segue dizendo que, caso ela teime em conservar a sua natureza, será muito infeliz, ela rebate dizendo que não pode mudar e ele revida dizendo que pode. O debate se estende e Motta diz que ela precisa compreender a renúncia e o sacrifício para alcançar a humildade, e assim, encontrar a Cristo. Yvone retruca dizendo que ele faz parecer fácil, mas que não é e ele diz que sabe a dificuldade que é renunciar os prazeres, mas que tudo depende de ela querer. Então, aconselha que ela dobre os joelhos e peça a Deus para que Ele lhe ensine a humildade, porque ela é vaidosa, comodista e presunçosa e quando se casar, o noivo exigirá coisas e ela irá acabar se divorciando. Motta diz que tudo isso é ausência de espírito religioso e de Cristo e que precisa se compenetrar para ser feliz. Depois, ele diz que não fala essas coisas para censurá-la e sim porque a quer bem e acrescenta que isso é uma prova de amor, apresentá-la a Cristo. Finaliza dizendo que o carnaval é epicurismo, paganismo, prazer mundano, sensualismo e o diabo e que amar a festa sem causar prejuízo à alma é impossível.
14	Imagens	p. 132- 134	[194-]	Religião. Catolicismo. Neste rascunho, Motta trata do polêmico culto às imagens católicas que é bastante criticado pelos protestantes. Ele inicia ambientando o leitor no seu próprio quarto, dizendo que gosta do aroma das folhinhas da parede que fica de frente a sua cama, que é a primeira coisa que vê quando acorda e a última que vê quando dorme. Diz que é um cromo de folhinha, uma simples figura que representando o coração de Cristo, de braços abertos, que o chama para a paz e para o amor. Continua meditando sobre o poder evocativo das imagens e que acha incrível como alguém condene o culto a elas, como se fosse um ato de idolatria, mas que, na verdade, elas fazem bem pois ajudam a fixar o

				<p>pensamento com mais clareza e ajuda a tornar mais viva e real a adoração em espírito e verdade. Ele conclui dizendo que não as vê sem fixar o pensamento em Deus, que elas o fazem bem e fazem imenso bem a todos os católicos, trazendo uma citação de Cristo que, em sua interpretação, ele aconselha o culto às imagens (Nm 21:8-9).</p>
15	Deuses	p. 135-136, 139-141	-/10/1942	<p>Religião. Catolicismo. Neste rascunho, Motta inicia dizendo que os pagãos não tinham Deus, e sim deuses que eles próprios faziam e adoravam, fazendo ligação com a crônica anterior referente ao culto de imagens católicas. Ele diz que os homens faziam deuses com as próprias mãos e adoravam as suas próprias criações, criando ídolos, e que havia os que adoravam coisas do céu, como sol, lua e estrelas; os que adoravam coisas da terra, como animais, homens e pássaros e os que adoravam coisas da água, como peixes e monstros marinhos. Sinaliza que adoravam essas coisas, mas que elas não simbolizavam Deus e sim eram de fato o Deus deles (o que difere da prática católica). Finaliza dizendo que essa era a prática proibida por Deus e que insistem em confundi-la com o culto das imagens da Igreja Católica, que só pode ser miopia ou perversidade diabólica fazer tal comparação.</p>
16	Assunto Feminino...	p. 137-139	-/03/1942	<p>Religião. Catolicismo. Casamento. Este rascunho foi totalmente cancelado pelo autor. Motta escreve o texto falando com uma interlocutora e inicia dizendo que fazia parte de um grupo no qual não havia nenhuma representante de Eva (metáfora para mulher) e que o assunto que animava a roda era o assunto feminino. Diz que compartilharam opiniões na roda sobre casamento, e que nela havia casados e solteiros conversando sobre casamentos harmoniosos e felizes e também dos desgraçados. Então, Motta apresenta um diálogo sobre felicidade e fatalismo, no qual os interlocutores discutiam destino, que quem nasceu para casar com A não irá casar com B, uns concordando e outros discordando. Motta então fala com a interlocutora inicial da crônica, a garota, e diz que não acredita no fatalismo, que não há uma sina em casar com quem quer que seja. Segue novamente em um diálogo entre os homens no qual se conclui que cada um é dono do seu destino e que seus corações e suas vontades, e se a mulher não tiver coração, que é preferível ficar sozinho.</p>
17	Lendo e Pensando...	p. 142-145	-/10/1942	<p>Religião. Catolicismo. Literatura Católica. Neste rascunho, Motta relata sua leitura de D. Florenço (não informou a obra), Bispo de Amargosa, pregando que apenas o catolicismo, pregado por Jesus, ensinado pela Igreja e vivido pelos primeiros cristãos é que pode salvar o mundo da</p>

				destruição total. E mais, que apenas o catolicismo vivido no seu Dogma, sua Moral e sua Liturgia é que reformará a sociedade. Depois, o Bispo continua dizendo que o catolicismo burguês não realizará nada disso, definindo como burguês o catolicismo que é apenas ornamentado de inteligência, consolos do coração, respeitabilidade externa e sem ressonâncias profundas. Motta, então, seguiu esse pensamento e disse que pensou em D. Genoveva (personagem mencionada na crônica 5, <i>Conversa com D. Genoveva</i>) e menciona que ela nunca vai à Igreja e que ela alega que tem gente que vai e peca mais do que ela. Motta diz que essa justificativa pronta alimenta o comodismo de D. Genoveva, que sempre escolhe as coisas mundanas em detrimento das coisas da Igreja Católica e passa isso também para seus filhos. Ele finaliza afirmando “Coitada de D. Genoveva” e diz que parou de pensar em D. Genoveva e passou a pensar nele, que coitado dele também, que ele se lembre do catolicismo burguês de D. Genoveva, mas que não se esqueça de suas próprias falhas.
18	Natal	p. 148-149	24/12/1942	Religião. Catolicismo. Natal. Neste rascunho, escrito na véspera de Natal, Motta escreve sobre seus pensamentos natalinos, de que eles tentam um voo pelas terras da Judeia, a procura de Belém, para ver o menino Jesus. Então, Motta começa a refletir sobre suas próprias práticas cristãs, relacionando com o pensamento na Judeia: diz que a estrela que o levaria até Jesus estava apagada, que ele havia estado com todas as suas ruindades, fraquezas e pecados junto a Herodes e que isso fez com que a estrela se apagasse, impedindo Motta ir ao encontro do Cristo. O autor começa a suplicar para o Senhor para que o ensine a renunciar aos amores do mundo e ficar indiferente aos prazeres terrenos para que ele possa ter o coração puro e tenha a Felicidade verdadeira. Finaliza falando com Maria, dizendo que quer ver o seu filho, o Jesus Menino, e pede que ela ascenda a sua estrela para guiá-lo no seu caminho.
19	Março, 1943	p. 154-156	24/03/1943	Religião. Catolicismo. Reflexão Pessoal. Neste rascunho, Motta fala sobre uma data marcante em sua vida, Março de 1943, que lhe trouxe desgraças e venturas e que é, definitivamente, decisivo na história de sua vida. Ele explica que tal caráter decisivo desta data se dá por conta de uma luta íntima que ele estava travando consigo mesmo e que estava fazendo a sua Fé na Providência vacilar. Ele explica que a Fé na Providência não é a mesma coisa da Fé em Deus, e sim a Fé em uma modalidade divina que ele tem a impressão de não ter conhecido durante toda a vida. Motta diz que

				tenta ser cristão, mas que se entristece por não ter conhecido a Providência; que continua a orar, mas que teme que o resultado desse conflito interno seja uma descrença completa que o atire em um ceticismo silencioso. Por fim, pede à Santíssima Trindade que tenha piedade dele.
20	Adão	p. 158	[194-]	Religião. Catolicismo. Rascunho de crônica não finalizado. Neste rascunho, Motta apresenta um diálogo em que os interlocutores discutem sobre a existência de Adão e Eva, em que um acredita piamente e o outro apresenta um olhar científico e considera “Adão e Eva” como lenda.
21	Destinos...	p. 160-163	01/07/1943	Religião. Catolicismo. Reflexão Pessoal. Neste rascunho de crônica, Motta pensa sobre seu destino e no de outras pessoas. Reflete sobre sua infância sem catecismo, sobre sua juventude materialista e os passos errados que deu ao longo de sua vida que trazem consequências pra ele até hoje (momento de escrita do texto). Novamente, Motta fala sobre um vazio espiritual e sobre sua vida como que abandonada pela Providência (conectando com o tema da crônica <i>Março, 1943</i>). O autor fala sobre a angústia de querer ser bom e da frustração de não conseguir ser e da dor que o faz blasfemar descrendo contra as promessas divinas, sobre o desamparo e vazio de sua alma. Aqui pode-se observar que Motta está em uma fase de luta espiritual interna, na qual ele busca respostas e equilíbrio, calma, mas não consegue alcançar, por isso é levado a uma apatia espiritual que o assusta e aflige. Então, Motta pontua que faltou na sua infância e juventude um acompanhamento da Igreja Católica em sua vida, diz que é íntimo desta ausência e suplica ao senhor por um milagre, para que não deixe os argumentos do mal tomem conta de sua alma. Motta fala também de pessoas que nunca acreditaram em Deus, mas que também nunca cometeram loucuras como ele cometeu e vivem felizes e honestos, enquanto há cristãos que sofrem os dissabores da vida, são caluniados e sofrem grosserias de parentes e estranhos em silêncio, dois destinos diferentes.
22	A Igreja de Jesus	p. 165-169	14/07/1943	Religião. Catolicismo. Neste rascunho de crônica, Motta inicia mais calmo, em comparação às crônicas anteriores, com mais fé na Igreja Católica. Inicia dizendo que Jesus havia dito ao povo que receberiam grandes recompensas no reino dos céus aqueles que deixassem pai, mãe, esposa, filhos, bens por amor a Ele. Então, afirma que é somente na Igreja Católica que entram aos milhares as criaturas que vivem conforme tal preceito e que apenas nela há homens que vivem em castidade, renunciando ao sexo em virtude da dedicação sublime a viver e ensina a Palavra de

				<p>Jesus. Em seguida, elenca os discípulos do Senhor que viveram tais preceitos, como São Paulo e São João, diz que só na Igreja Católica há uma só Fé, um só batismo e um só rebanho. Então, comenta que a Igreja Católica continua realizando a Santa Ceia como mandou Jesus e que estes são alguns dos motivos pelos quais quer ser católico e ama a Igreja. Por fim, diz que é loucura deixar a Igreja Católica para seguir novidades.</p>
23	O Diálogo de Nicodemos e a interpretação dos espíritas	p. 170-172	[194-]	<p>Religião. Catolicismo vs Espiritismo. Neste rascunho de crônica, Motta fala sobre a interpretação que os espíritas fazem da passagem bíblica em que Jesus conversa com Nicodemos e que usam tal passagem como prova irrefutável de doutrina de reencarnação. Ele diz que a interpretação equivocada se dá pois não leem todo o diálogo e sim apenas a parte em que diz “Todo aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3:1-16). Motta ainda diz que mesmo apenas com essa parte, ainda há a implicação dos que não irão nascer de novo, os que não poderão ver o Reino de Deus. Na continuação, ele também fala que Nicodemos pergunta “Como pode um homem nascer sendo velho?” e Jesus esclarece qual o significado de nascer de novo: quem não nascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no Reino de Deus. Motta conclui que Jesus e Nicodemos estão falando do batismo, que o que nasce da carne é da carne e o que nasce do espírito é do espírito, e pelo batismo se dá nova vida ao espírito. Por fim, diz que Deus proíbe claramente a invocação dos mortos e a doutrina da reencarnação é expressamente para mortos invocados.</p>
24	Poetas e Crenças	p. 200-203	16/04/1944	<p>Religião. Catolicismo. Poesia. Infância. Saudosismo. Neste rascunho de crônica, Motta fala que leu em algum lugar, do qual não se lembra, que ser poeta é fixar a infância. Ele diz que há muita fixação na infância que não quer dizer ser poeta, mas que esta é uma definição verdadeira e bela e que o poeta, principalmente o lírico, é uma criança grande, que fala, pensa e sente como criança. Diz também que, às vezes, até chora como uma criança pela infância perdida, pelos brinquedos que se perdem ou quebram, e simbolizam bem as ilusões que se vão da vida adulta. Motta diz que apenas nos poetas e nos santos se encontram a presença de sentimentos conflitantes como as rosas, que têm perfume e espinhos. Segue dizendo que essas meditações infantis o fizeram ler “Arco-Íris”, de Flavio de Paula, para refletir sobre o aspecto de infância em sua poesia e assim esquecer as amarguras do presente e mergulhar o espírito na inocência do</p>

				passado. Finaliza dizendo que a loucura dos homens práticos faz desse mundo um inferno e é por isso que sentimos necessidade de buscar nos poetas e nos santos os caminhos do Céu e que este é o motivo de o livro “Arco-Íris” ficar ao lado de seus livros de orações.
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É pertinente situar o contexto de escrita das crônicas, no qual Eulálio Motta operava como militante católico e intelectual no interior da Bahia. A Ação Católica Brasileira foi instituída oficialmente em 1935 como iniciativa de mobilização dos leigos na vida da Igreja, com foco na formação moral, no apostolado e na ação social cristã. Em paralelo, o integralismo brasileiro emergiu em 1932 como movimento político que pregava uma fusão entre valores católicos e Estado, sintetizados no lema "Deus, Pátria e Família". Após a proibição formal da Ação Integralista Brasileira pelo Estado Novo, muitos de seus simpatizantes migraram para a Ação Católica ou continuaram sua atuação sob novos moldes. As crônicas de Motta se inscrevem nesse contexto de sobreposição entre fé, política e ação social, funcionando como documentos emblemáticos da interação entre religião e ideologia no Brasil do século XX.

A análise das 24 crônicas revela uma progressão temática e simbólica que reflete a evolução de Motta enquanto militante católico. A primeira crônica, *Voltemos!*, escrita em dezembro de 1940, serve como um apelo moral contra os excessos do carnaval, convocando os fiéis ao arrependimento e à prática da fé. Em *Ter Fé*, ele elabora a ideia de que a fé não é um dom passivo, mas uma conquista espiritual por meio do estudo, da renúncia e da humildade. A crônica *Porque me fiz católico e não protestante?* marca um ponto de inflexão, em que Motta assume abertamente o combate ao protestantismo, apoiando-se em autoridades como Júlio-Maria e Leonel Franca para legitimar sua escolha religiosa.

As crônicas subsequentes, como *Bilhete de Natal* e *Processos Luteranos*, aprofundam essa militância apologética. O protestantismo é apresentado como heresia, e os protestantes, como propagandistas da mentira, enquanto a Igreja Católica é exaltada como única detentora da verdade cristã. O antagonismo se intensifica em *Desmascarando...*, em que Motta acusa missionários protestantes de envenenarem almas brasileiras. Em paralelo a essa linha combativa, há textos que revelam a dimensão introspectiva e espiritual da militância. Em *Evocações* e *Eureka!*, Motta revisita sua infância sem catequese, relata sua fase de ateísmo e sua busca por Deus entre o kardecismo e o protestantismo, culminando em seu retorno ao

catolicismo. Essas crônicas funcionam como uma autobiografia espiritual, reafirmando que sua militância é fruto de uma jornada de crise e reconciliação.

Textos como *Silêncio*, *Hora Sagrada* e *O Meu Maior Inimigo* acrescentam profundidade à sua postura militante ao enfocarem a dor, a calúnia e o recolhimento como formas de aproximação com o sofrimento de Cristo. O discurso, aqui, migra do campo da apologética para o da mística cristã, revelando um catolicismo interiorizado. Já *Felicidade*, *Imagens* e *Deuses* retomam o combate ideológico ao confrontar práticas protestantes e reafirmar a validade das imagens católicas como instrumento devocional.

A relação entre essas crônicas e os rascunhos de cartas é direta e simbiótica. Os temas abordados nos rascunhos epistolares dirigidos a Eudaldo Lima - como a defesa da fé católica, o embate com o protestantismo, a denúncia de perseguição religiosa e a apologia do magistério da Igreja - reaparecem nas crônicas como ecos ampliados desses debates. As cartas funcionam como espaço de embate direto, enquanto as crônicas expandem o discurso para o público, em formato mais didático e argumentativo. Em várias crônicas, identificam-se expressões e tópicos que parecem desdobramentos de argumentos testados nas correspondências, especialmente naquelas que tratam de conversão, crítica a Lutero e defesa da unidade da Igreja.

Motta demonstra uma compreensão orgânica da militância católica, em que fé e ação, razão e emoção, público e íntimo se entrelaçam. Seu discurso não é apenas teológico, mas pedagógico, político e existencial. Como intelectual do interior, sua atuação não se restringe ao plano privado: ele deseja formar consciências, moldar condutas, influenciar políticas religiosas e, sobretudo, restaurar uma ordem cristã supostamente ameaçada por ideologias modernas e seculares.

Essa configuração discursiva adquire relevância à luz da história recente do Brasil. A reemergência de discursos políticos fortemente apoiados em fundamentos religiosos - que resgatam lemas do integralismo como “Deus, Pátria e Família” mostra que a retórica mobilizada por Motta nos anos 1940 ressoa em dinâmicas atuais. Partidos e movimentos políticos contemporâneos, em especial nos últimos anos, instrumentalizam a religião como base de autoridade moral e poder simbólico. Compreender como esses discursos foram historicamente produzidos, difundidos e disputados é fundamental para decifrar as formas como o imaginário religioso continua sendo mobilizado no presente como estratégia de controle social e legitimação política. Assim, a análise das crônicas de Eulálio Motta nos permite entender como intelectuais atuando fora dos grandes centros urbanos contribuíram de

maneira incisiva para a formação de um ethos católico militante que se perpetua, reconfigurado, em diversas conjunturas políticas do Brasil contemporâneo.

3.3 DESCRIÇÃO TEMÁTICA DOS RASCUNHOS DE CARTAS

Para compreender o contexto da troca de correspondência entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima, é importante considerar o momento político e religioso que o Brasil estava passando (apresentado na seção 2) e também levar em conta questões locais de Campo Formoso-BA. De acordo com Jatobá (2011), na primeira metade do século XX (período no qual está inserido o *corpus* desta pesquisa), os protestantes em Campo Formoso usavam a propaganda e cultos públicos para tentar angariar mais fiéis, e a Igreja Católica reagiu com a instalação de um sistema de alto-falante no convento, onde poderia ser feita a contrapropaganda com mais eficiência. Foi por meio desse sistema de alto-falante que eram feitas as leituras das cartas que Eulálio Motta escrevia para Eudaldo Lima. Nos rascunhos de Motta, mais especificamente no rascunho de carta 18, *Eudaldo: Resposta oportuna*, Motta comenta uma carta aberta publicada por Eudaldo Lima, em 08/03/1942, no jornal *O Lidador*, intitulada *Declaração Oportuna*, na qual Lima faz reclamações sobre a quebra de sigilo, por parte de Motta, da correspondência entre os dois:

Correu, em avulsos, há pouco tempo, uma “Carta Aberta” do farmacêutico Sr. Eulálio Motta, dirigida a um amigo protestante. Somos nós o amigo em apreço. Trocávamos idéias em cartas particulares sobre livros e assuntos religiosos, quando fui surpreendido pela revelação de uma correspondência privada ao público desconhecedor dos seus pródromos, fiel ao nosso propósito de não trazer assuntos da correspondência (ultima) ao conhecimento geral [...] (LIMA, 1942, p. 4).

Motta, então, em *Eudaldo: Resposta oportuna*, responde que Lima fez acusações equivocadas referente à violação de correspondência privada e quebra de ética da parte dele. Contudo, sabe-se, por meio dos próprios rascunhos, que Motta autorizava Frei Felix, um intermediário das correspondências que levava as cartas de Mundo Novo para Campo Formoso, a abrir e ler a correspondência. Frei Felix, em 1941 (ano do início da troca da correspondência), assumiu a paróquia de Campo Formoso e, de acordo com Jatobá (2011):

Consideramos Frei Felix como um dos párocos que mais efetivamente trabalhou na tentativa de dissuadir a ação protestante em Campo Formoso. Para isso, ele fundou um colégio que abrigou os filhos das famílias católicas, por tal ocasião ele fez constar no livro de tombo: “Considerando o grande perigo e prejuízo Moraes que a freqüência de uma escola protestante traz para a alma de alunos católicos, fundei no mês de fevereiro de 1941 o ‘Colégio do Coração de Jesus’” (Livro de Tombo do convento de Santo Antônio em Campo Formoso. p. 29.1) (Jatobá, 2011, p.48).

Além disso, Jatobá (2011) também diz que Frei Felix explicitou o seu descontentamento com a presença de uma escola protestante e a ausência de assistência estudantil que servisse às crianças católicas. Devido a isso, criou uma escola com este intuito, por meio da junção dos esforços dos grupos religiosos católicos que custearam e organizaram a escola. Observa-se que Frei Felix não era amistoso em relação à Igreja Presbiteriana em Campo Formoso, logo, não tinha também uma relação amistosa com Eudaldo Lima, Reverendo da Igreja Presbiteriana.

No rascunho de carta 9, por título *Eudaldo amigo: Saludem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix*, Motta avisa que havia enviado uma carta por intermédio de Frei Felix, um ‘amigo’ que tinham em comum. Contudo, no rascunho de carta 14, por nome *Eudaldo amigo: Saludem! 5-2-942*, Motta argumenta contra uma acusação de Eudaldo de ter feito de Frei Felix uma “estafeta de correio” e de ter tentado tecer uma intriga devido ao fato de Motta ter autorizado que Frei Felix abrisse e lesse e fizesse cópia, caso fosse de interesse, da correspondência privada que Motta havia enviado, por seu intermédio, a Eudaldo. Motta argumentou dizendo que não havia visto problema, uma vez que eram amigos em comum do Frei e havia interesse, por parte dele, pelo assunto da correspondência. Acredita-se que era Frei Felix, juntamente com outros padres, que promoviam a leitura pública das cartas de Motta para Lima nos alto-falantes de Campo Formoso. O sobrinho de Eudaldo Lima, o professor Aristarco, cedeu uma entrevista para Jatobá (2011) comentando como se dava essa leitura pública:

Professor Aristarco -. porque Rev. Eudaldo antes de ser pastor ele era de família católica, o padrinho dele que criou ele era muito católico e o filho dele que foi criado com tio Eudaldo se combinava com os padres para ver se tirava tio Eudaldo desse abismo (risos) então o negócio era esse. Era uma perseguição pra converter, pra tirar de lá! Eulálio Mota! Então, Eulálio Mota que morreu depois de do rev. Eudaldo. Eulálio Mota era um poeta muito competente, muito coisa... ele se juntava... ele escrevia para tio Eudaldo e... e mandava a cópia para os padres e os padres liam no alto falante (risos) lia no alto falante da igreja, do cinema né? Ainda não tinha o cinema, mas tinha o alto falante da cidade, Fonograma Nuporanga (risos) porque Campo Formoso já se chamou Nuporanga, era Fonograma Nuporanga. Então ele... ele lia a carta depois lia a resposta, não sei o quê... e depois vinha a outra resposta e o povo se picava para ouvir, era uns alto falante, umas bola assim... eu só sei que foi assim (Jatobá, 2011, p. 59 - trecho da entrevista concedida a Tiago F. Jatobá em 04/01/11).

Outra é que era comum se fazer cópias das cartas para quem interessasse o assunto,

podemos ver que, no rascunho de carta 14, *Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942*, ele autoriza Frei Felix a ler e copiar a carta que ele estava transportando para Eudaldo e, no rascunho de carta 16, *Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro*, ele acusa o recebimento de uma cópia da carta de Frei Felix, presume-se que enviada a Eudaldo Lima. Sobre as cópias das cartas e a publicização do gênero por parte de Eulálio Motta, Santiago (2021) afirma:

Esta autorização de cópias de suas cartas, bem como o recebimento de cópias de terceiros e a publicação de cartas abertas que tinham como base uma carta privada nos diz algo sobre como Motta pensava sobre gênero carta. Um dos argumentos que Motta utilizava para abrir a correspondência privada - no caderno FSJ - é que o assunto abordado era de interesse de muitos. Percebe-se que as cartas que contêm temáticas que se referem a esferas de discurso, como religião e política, não eram entendidas por Motta como algo tão pessoal e que era sim de interesse de outros que se envolvessem com os assuntos abordados. Uma vez que os assuntos eram discutidos no âmbito da intelectualidade, os rascunhos, em sua maioria, eram estruturados como verdadeiros manifestos e é possível perceber que a relação que Motta estabelecia com o gênero estava longe de ser apenas para comunicação pessoal cotidiana, era uma forma de expressão intelectual e ideológica tão efetiva que mobilizava não somente o destinatário, como também quem circundava os correspondentes com interesse em assuntos semelhantes (Santiago, 2021, p. 73).

A discussão religiosa, com certas menções políticas, entre Motta e Lima ficou registrado por meio de 19 rascunhos de carta do caderno *Farmácia São José*. A seguir, apresenta-se uma descrição temática dos 19 rascunhos de cartas, com revisões e acréscimos em relação ao que foi discutido na dissertação de mestrado (Santiago, 2021).

O debate entre os dois amigos de infância teve início em 22 de agosto de 1941, com o rascunho de carta 1, intitulado *Meu caro Eudaldo: Saudações*, na qual Eulálio Motta agradece a Eudaldo Lima pelo envio de um exemplar do livro protestante *Cochilos de um Sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro. Sabe-se que Basílio Catalá Castro residia em Campo Formoso, Bahia, assim como Eudaldo Lima, e atuava como pastor presbiteriano. Eudaldo Lima chegou em Campo Formoso em 1940, ano anterior ao início da troca de correspondências, e Basílio Catalá era seu pastor, amigo e incentivador para o ministério. O envio desse livro para Motta não parece ter sido um gesto meramente cordial de Lima, mas sim um movimento estratégico de tentativa de conversão do amigo de infância, considerando que, naquele período, havia crescente tensão entre protestantes e católicos em virtude de perseguições religiosas e, além disso, os integralistas enfrentavam repressão política no

contexto do Estado Novo. Em contrapartida, Motta também tentava tirar Lima do ‘abismo’ protestante, como relatou seu sobrinho Aristarco, em citação anterior.

Ao encaminhar a carta, Eudaldo Lima lança, implicitamente, um convite ao embate ideológico e teológico. Esse gesto marca o início de um debate que mais tarde se tornaria público, com trocas epistolares e manifestações em jornais, revelando a sobreposição entre conflitos religiosos e disputas políticas no universo em que ambos estavam inseridos.

O livro *Cochilos de um Sonhador* contém algumas palavras introdutórias de Getúlio Vargas, que foram ditas no jornal *O País*, em 1925, apresentadas antes do prefácio, e foi escrito como resposta ao libelo²⁷ *Eu Tive um Sonho*, de autoria do Pe. Francisco de Sales Brasil, no qual teceu críticas contra os protestantes. Nesse rascunho, Motta deixa claro que escreverá algumas linhas sobre o livro, contudo, só havia lido as palavras de Getúlio Vargas, até então, e pontuou algumas divergências entre seus pensamentos e as declarações de Vargas.

Motta escreveu o rascunho de carta 2, que, num primeiro momento, se tratava de uma carta pessoal, cujo o título era *Meu caro Eudaldo / Saudações / Na minha carta de 22-8-941*. No entanto, sob a justificativa de que o assunto da carta seria de interesse de um grande número de pessoas católicas e protestantes, resolveu transformar a carta particular em uma carta aberta, e o título mudou para *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. O rascunho de carta é uma crítica literária sob um olhar católico acerca do livro protestante *Cochilos de um Sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro. Motta apresentou diversas citações do livro, indicando páginas em que se encontravam, comentando sobre suas impressões acerca de livros protestantes em geral, comparando-os com sua leitura de livros católicos. Diversas citações foram apresentadas no corpo do rascunho, mas nem todas elas apresentam um comentário, estão como uma espécie de fichamento por citação, indicando que o texto passaria por uma nova fase de escrita em que esses comentários seriam elaborados.

A versão do rascunho que havia sido iniciada indicando o nome de Eudaldo Lima vai da página 17 a 21, e conta com o final cancelado, parte na qual o autor estrutura, de maneira agridoce, a despedida direcionada a Eudaldo, datada de 22/08/1941. No corpo dessa versão, o autor voltou fazendo cancelamentos com riscos as ocorrências do nome de Eudaldo, visto que a carta foi modificada para ser destinada ao público. Motta, escreve o cabeçalho do rascunho da carta aberta na página anterior a que havia iniciado o rascunho de carta para Eudaldo, e a

²⁷ “Opúsculo, escrito ou artigo destinado a atacar alguém ou alguma coisa. Publicação difamatória. Publicação polêmica. *Factum*” (Faria; Pericão, 2008, verbete, p. 736).

Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro) passa a ser composta desde a página 16 até a página 25, com nova datação: 31/08/1941.

Posteriormente, Eulálio Motta escreve dois rascunhos de carta para Nemésio Lima, dono do jornal *O Lídador*. O primeiro rascunho de carta foi cancelado por inteiro, mas apresentava o mesmo assunto do segundo, que reclamava sobre a não publicação de uma crônica que Motta havia mandado para Nemésio esperando que saísse sua publicação no jornal *O Lídador*. Tal publicação foi recusada por Nemésio Lima, pois, de acordo com Eulálio Motta, ele compactuava com pensamentos protestantes, já que aceitou publicar posteriormente a resposta da carta aberta feita por Eudaldo Lima. Referente a circulação da *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, Eudaldo Lima publicou, no jornal *O Lídador*, em 08/03/1942, uma carta aberta por nome de *Declaração Oportuna*, que consiste em uma resposta à carta aberta de Motta publicada em avulsos, como afirma Eudaldo Lima (1942):

Correu, em avulsos, há pouco | tempo, uma “Carta Aberta” do far- |
macêutico Sr. Eulálio Motta, dirigi- | da a um amigo protestante. So- | mos
nós o amigo em apreço. Tro- | cavamos idéias em cartas particu- | lares sôbre
livros e assuntos reli- | giosos, quando fui surpreendido pela | revelação de
uma correspondencia | privada ao público desconhecedor | dos seus
pródromos, fiel ao nosso | propósito de não trazer assuntos | da
correspondencia (ultima) ao conhe- | cimento geral [...] (Lima, 1942, p. 4).

Motta escreveu uma contra-resposta a essa carta aberta publicada por Eudaldo Lima, chamada de *Eudaldo: Resposta oportuna*, que se encontra na página 90 do caderno.

Os rascunhos de carta 3 e 4, por nomes, respectivamente, *a) Meu amigo: / Você, protestante convicto* e *Meu amigo: / Promessa é dívida*, não apresentam destinatário explícito, não há um cabeçalho, como nos demais rascunhos em que Motta se refere a Eudaldo Lima. Devido o teor da discussão, a temática e a forma de se referir ao destinatário, identificando-o como protestante convicto, concluiu-se que ambos os rascunhos teriam sido destinados a Eudaldo Lima e foram adicionados à essa coleção. A estruturação da escrita desses rascunhos é peculiar, uma vez que o rascunho 4 se encontra disposto no meio do rascunho 3, e que o autor aparenta ter finalizado o rascunho 3 na página 35, começando, em seguida, o rascunho 4 na página 36 e retomando-o, posteriormente, na página 38, a escrita do rascunho 3, por meio do uso de notas remissivas.

O rascunho de carta 3, *a) Meu amigo: / Você, protestante convicto*, se trata de uma resposta a outra carta recebida por Motta, na qual Lima fez afirmações sobre as quais Eulálio

discorda, tecendo comentários e exemplificando com citações da carta que havia recebido. Assim, é possível observar vestígios do conteúdo escrito na correspondência passiva a que ele se refere. Eudaldo fez afirmações baseadas em trechos da bíblia, dizendo que, para se salvar, bastaria crer em Cristo e que ele cria, por isso, estaria salvo. Motta o acusou de isolar trechos da bíblia para fazer afirmações que iriam ao encontro de seus interesses e que se cada pessoa fizesse o mesmo, haveria vários cristianismos diferentes, frutos de opiniões diferentes. Então, Motta afirma que o caminho mais fácil para se conhecer o verdadeiro cristianismo, o fundado pelo próprio Cristo, era ouvindo a Sua Igreja, a Católica, Apostólica, Romana, e ter um olhar de conjunto para os escritos bíblicos, não realizando “interpretações mutiladas”. Em seguida, Motta finaliza o rascunho com a promessa de revisitar esse assunto em uma próxima carta. Neste rascunho, retoma-se o embate entre obra e fé, também comentado no livreto de Eudaldo Lima *Razões da Minha Religião - Por que sou evangélico e não romanista?* (1944), em que Lima acredita que para a salvação basta a fé e Motta acredita que as obras são tão importantes para a salvação quanto a fé.

Na página seguinte, Motta inicia o rascunho de carta 4, cujo o título é *Meu amigo: Promessa é dívida*, que faz alusão a promessa feita no rascunho anterior, como continua em sua escrita “Na minha carta | anterior fiquei lhe devendo uma outra | carta para tratar do{s} assunto de nosso int- | resse: - a Igreja de Cristo”. Assim, Motta retoma o assunto sobre ter um olhar de conjunto para compreender o que era essencial, sem o qual não poderiam observar e discutir o que seria secundário. A partir disso, apresenta o que considera os pontos essenciais da Igreja de Cristo: Universalidade, pregação para todos os povos; Autoridade, perdoar os pecados para que os seus sejam perdoados e Unidade de culto de fé, sobre o qual não elaborou. Finaliza o rascunho de carta 4 dizendo que, caso falte algum desses pontos, a igreja pode ser tudo, menos a Igreja de Cristo.

Na página seguinte, Motta retoma o rascunho de carta 3 por meio de notas remissivas (três, ao total), voltando a comentar as afirmações feitas na carta que recebeu e que havia comentado no início do rascunho. Com base em trechos da bíblia, Motta questiona a afirmação feita por Eudaldo sobre a fé ser o único requisito necessário à salvação e comenta que esta é sim uma condição primordial, porém não a única. Depois, questionou a Eudaldo se ele cumpria rigorosamente os mandamentos, se sua consciência não lhe acusava de nada e se ele poderia atirar a primeira pedra. Então, Eulálio pondera que, caso Eudaldo siga afirmando a sua salvação, mesmo após refletir sobre esses questionamentos, ele não saberia dizer se sua atitude seria motivada por uma consciência de seu estado de perfeição ou por possuir um orgulho fanático. Por fim, diz que Eudaldo vê em cada batina um símbolo do diabo, devido

aos ensinamentos de Ernesto de Oliveira que julgava o Papa como Anticristo. A terceira e última nota remissiva desse rascunho encontra-se inacabada.

No rascunho de carta 5, *Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio*, Motta fala sobre a primeira crônica que publicou sobre o livro *Cochilos de um Sonhador*, fazendo algumas citações para trazer ao conhecimento de Eudaldo Lima, pois acreditava que ele ainda não a havia lido. As citações são partes do conteúdo escrito em *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. Ainda no rascunho de carta 5, Motta comenta ter finalizado a leitura do livro que Eudaldo Lima lhe havia enviado, do escritor protestante Giovani Rostagno, cujo título não é revelado, e tece uma crítica positiva comparando suas características com as dos livros de autores católicos. Além disso, Motta evidencia as diferenças entre ele e o livro *Cochilos de um Sonhador*, utilizando diversos adjetivos de enaltecimento para o livro de Rostagno, o qual ele classifica como sendo quase católico, enquanto atribui adjetivos pejorativos ao livro de Basílio Catalá. Eulálio Motta também comenta que colocaria o livro de Rostagno em sua estante, no espaço que reservava para os bons livros católicos, acrescentando que o livro possuía muitos traços de *Imitação de Cristo*, livro católico escrito por Pe. Thomas de Kempis. Então, finaliza advertindo que enviará um exemplar de *Imitação de Cristo* para Eudaldo Lima e que só não lhe enviaria seu exemplar porque era seu livro predileto de leitura e meditações diárias, por isso, não poderia se separar dele. O rascunho possui dois encerramentos, um datado de 18/11/1941, que foi cancelado, e outro datado de 25/11/1941, em substituição ao primeiro.

No rascunho de carta 6, por título *Eudaldo amigo Salutem! / Ausente, em trabalhos na Fazenda*, datado de 14/12/1941, Motta inicia acusando o recebimento de mais dois livros que Eudaldo Lima lhe enviou e informando que não poderá fazer as leituras rapidamente, pois há outras em andamento. Então, Motta alfineta Eudaldo Lima dizendo que se ele não estivesse afastado do rebanho, as suas leituras estariam alinhadas, e segue fazendo uma reflexão acerca dos erros que cometeu enquanto estava afastado da igreja, sobre a misericórdia divina para com ele e sobre o papel da Igreja Católica como representante de Deus na terra. Além disso, alfineta, novamente, Eudaldo Lima dizendo que quanto mais ouve sobre sua igreja, mais se questiona como se pode amar Jesus e odiar a Igreja Católica, já que esta foi a única igreja que havia encontrado em suas leituras do Novo Testamento. Por fim, Motta lamenta o afastamento de Eudaldo e de outros da Igreja Católica e diz que, apesar do fato de que muitos não irão voltar, ele pedia a Deus para que Eudaldo estivesse no meio dos que voltariam.

No rascunho de carta 7, que tem como título *Eudaldo: Salutem! / Em mãos a sua carta de 20 do corrente*, datado de 25/12/1941, Motta, ao acusar o recebimento, afirma não haver recebido uma carta junto com os livros que Eudaldo lhe mandou. Diz também que a partir da carta de 20 do corrente, referindo-se ao mês de dezembro, que recebeu juntamente com um prospecto anexado, faria uma resposta pública e a comentaria “ponto por ponto, tin-tin por tin-tin”. Então, segue dizendo que o intuito de publicar é para esclarecer os incautos, em vista de não cometerem erros de fé, pois os “ignorantes” no cristianismo poderiam ser arrastados pelas aparências das “seitas” protestantes e suas pseudo-razões. Na despedida, ele diz que não se prolongaria, pois a carta seria respondida posteriormente, e lança mão de alguns ataques a Eudaldo, como resposta às ironias escritas em sua carta acerca do passado materialista de Motta, mas encerra de uma forma amigável, desejando um belo natal e um ano novo feliz. Há um apêndice com índice remissivo no fim dessa carta, em que o autor menciona a sua luta de Ação Católica.

A resposta pública que Eulálio Motta menciona nessa carta só veio a ser escrita 14 páginas depois, nas cartas *Eudaldo amigo: Respondendo... I, Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário? e Respondendo... III*, a serem apresentadas em breve, no entanto, não há evidências de que estas cartas tenham sido publicadas de fato. Na sequência da carta 7, Motta escreveu o rascunho de crônica *Bilhete de Natal (a um amigo protestante)*, datado de 25/12/1941, no qual discute qual seria a igreja de Cristo e apresenta argumentos sobre o porquê de ser a Igreja Católica, sendo possível que esta dedicatória tenha sido feita para Eudaldo Lima.

No rascunho de carta 8, chamado *Eudaldo: Salutem / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro*, Motta inicia acusando o recebimento e relatando o conteúdo da carta enviada por Eudaldo, que, aparentemente, continha diversas ofensas contra sua pessoa. Motta diz que Eudaldo o acusou de doente, fazendo as vezes de um psiquiatra e, num tom irônico, diz que recebeu o diagnóstico, mas não a terapêutica. Em seguida, Motta se contrapõe a aparente afirmação de Eudaldo sobre ser especialista em cristianismo, devido ao fato de ter frequentando cursos teológicos em São Paulo, e, em contrapartida, Eulálio não o seria, pois não havia vivenciado essa experiência. Então, em tom inflamado, Eulálio rebate dizendo que São Pedro, São Paulo, São João Evangelista, São Lucas, São Jerônimo, Santo Inácio, São Ambrósio, São Agostinho, entre outros, também não haviam frequentado cursos protestantes em São Paulo, com intenção de ridicularizar o argumento apresentado por Eudaldo. Na sequência, Motta relaciona a “arrogância” apresentada por Eudaldo a Lutero como sendo consequência de ser protestante e repreende falas de Eudaldo que o ofenderam, em seguida,

comenta o objetivo de sua campanha religiosa, que não é de converter protestantes e sim esclarecer católicos. Então, afirma que o protestantismo é uma psicose e a sua ação, presume-se que a Ação Católica, terá um sentido terapêutico preventivo e não curativo. Motta segue rebatendo afirmações de Eudaldo e, de maneira inflamada, faz chacota do seu curso teológico de 10 anos e o acusa de chamá-lo de psicopata para mostrar que leu Freud. Por fim, Motta classifica a carta de Eudaldo como representante de um cristianismo farisaico, ou seja, hipócrita, e que ele só não conseguia perceber porque estava cego pelo orgulho luterano. Esse rascunho de carta apresenta três apêndices e está datado de 11/01/1942.

No rascunho de carta 9, de título *Eudaldo amigo: Saludem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix*, Motta explica que enviou a Eudaldo, por meio de Frei Felix, a longa resposta da carta de 31 de dezembro, ou seja, alguma versão do texto *Eudaldo: Saludem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro* passada a limpo. Então, acusa recebimento do prospecto *O Papado e a Infalibilidade*, seguido de “um muito obrigado de todo coração”, além de pontuar que o material das cartas trocadas com Eudaldo e os livros por ele enviados são copiosas fontes para o trabalho que pretendia realizar, possivelmente a sua Ação Católica. Por fim, agradece novamente e faz votos de que as brigas não os separem, além de expressar o desejo pela continuação das remessas de materiais que Eudaldo lhe estava fazendo.

No rascunho de carta 10, por título *Eudaldo amigo: Saludem! | Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”*, datado de 14/01/1942, Motta informa a finalização da leitura do prospecto enviado, anteriormente, por Eudaldo. Além disso, afirma que o prospecto havia sido acompanhado de um cartão-desafio para “refutar, pulverisar, aniquilar” *O Papado e a Infalibilidade*, contudo, Motta afirma, ironicamente, que não há nada de novo sobre tal prospecto e que isso se dava pelo fato de ler tanto escritores protestante quanto católicos, levando a crer que está acostumado com as críticas e questionamentos apresentados pelos escritores protestantes acerca da fé católica. Então, o autor diz que o cartão-desafio de Eudaldo já havia sido resolvido pelo padre Leonel Franca e por Julio Maria, isentando-o de tal tarefa, e acrescenta que, em seu trabalho de Ação Católica, não fará mais do que levar o conhecimento para os católicos ao seu alcance, com base nos escritos de grandes católicos, a exemplo dos que ele citou. Em seguida, faz votos pela manutenção da correspondência entre eles, contudo, cancela este fragmento de texto e encerra de uma maneira não tão amigável, dizendo que, na carta do dia 31 de dezembro, Eudaldo lhe forneceu conselhos sobre como deveria começar sua Ação Católica e que estes conselhos se repetiam no cartão, por isso lhe agradecia os conselhos não solicitados e diz que tem a quem os pedir, pois gosta de pedir a

quem é capaz de dar, encerrando com uma citação que diz “Sou pequeno, mas só fito os Andes” e que não pede luz às sombras, e sim à luz.

No rascunho de carta 11, chamado *Eudaldo amigo: Respondendo... I*, Motta cumpre com o prometido no rascunho de carta 7, *Eudaldo: Salutem! / Em mãos a sua carta de 20 do corrente*, que comentaria, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin, a carta enviada por Eudaldo em 20/12/1941. Apesar de ter prometido, no rascunho 7, uma resposta pública, não há evidências da publicação de alguma versão desse rascunho ou de sua sequência, os rascunhos 12 e 13 *Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário?* e *Respondendo... III*, respectivamente. No rascunho, Motta segue alfinetando que não haveria muitos pontos ou tins para comentar, visto que, em cartas protestantes só se encontrava muita citação evangélica, sem quê nem pra quê, e nada mais. Em sequência, comenta uma tirinha publicada em um “jornaleco” que contém estatísticas “fantásticas” acerca do progresso do protestantismo no mundo e que, concluir que o crescimento de adeptos faz com que o protestantismo seja cristão é concluir depressa demais, uma vez que a “imensíssima maioria das criaturas do mundo é indiferente”, ou seja, materialista, e pela lógica apresentada por Eudaldo, o materialismo seria cristão. Assim, Motta faz uso do silogismo para ridicularizar a argumentação de Eudaldo e segue utilizando o mesmo artifício para falar de outras vertentes políticas em diferentes países. Ao que parece, Eudaldo comentou a tirinha em sua carta de 20/12/1941 ou enviou o recorte do jornal juntamente com a carta. O autor encerra o rascunho de carta com a sinalização de “(continuamos)” logo após a data de 15/01/1942. Esse rascunho faz parte de um volume de três cartas-resposta, escritas em sequência.

O rascunho de carta 12 é o segundo do volume e tem como título *Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário?*. Nele, Motta dá continuidade em sua argumentação, porém com foco em responder, de fato, a carta enviada por Eudaldo em 20/12/1941, visto que em *Eudaldo amigo: Respondendo... I* ele se ateve a responder a tirinha do jornal. O autor inicia comentando o início da carta enviada por Eudaldo, na qual ele se diz “bispo de um rebanho que Cristo lhe confiou”, e Eulálio afirma que não o considera como tal, e sim como alguém que escolheu como profissão o trabalho de pregar as opiniões de Lutero acerca dos livros sagrados. Dessa forma, Eulálio Motta busca deslegitimar o discurso apresentado por Eudaldo em sua carta, além de sempre escrever a palavra ‘bispo’ entre aspas, ironizando-a.

Então, Motta segue para o assunto do título da carta, sobre haver ou não um intermediário entre Deus e os fiéis, criticando passagens da carta enviada por Eudaldo, em que ele diz não haver um intermediário pois, a partir da vinda de Cristo, todos os crentes são sacerdotes e podem falar diretamente com Deus e pedir seu perdão sem a intervenção de

“parentes, amigos e compadres”. Contudo, Eudaldo se apresenta como bispo de um rebanho e Motta associa esse posto a uma função de intermediário, sendo assim, o argumento de Eudaldo seria contraditório à sua posição, no ponto de vista do autor. Em seguida, Motta revela que esse argumento da falta de necessidade da intervenção de “parentes, amigos e compadres” surgiu em virtude de um comentário feito por Motta, no qual ele disse que as autoridades da “verdadeira Igreja Cristã”, referindo-se a católica, tinham o poder de perdoar pecados, uma vez que Cristo os havia concedido. Na sequência, Motta questiona o conteúdo da carta de Eudaldo, dizendo que ele havia embolado tudo, feito citações evangélicas, caído em contradições e, no final, não disse nada.

No rascunho de carta 13, *Respondendo... III*, Motta deu continuidade à discussão dos dois rascunhos de cartas anteriores, com foco em algumas passagens da carta enviada por Eudaldo no dia 20/12/1941, como, a afirmação de ser um pastor de um rebanho, fato que lhe responsabilizaria por buscar as qualidades que honram os enviados de Deus, a exemplo, “mansidão e a paz com todos”. A partir dessa citação, Motta questiona se há mesmo mansidão entre eles, referindo-se aos protestantes, e se essa mansidão passa das palavras para a vida, se são praticadas, pois, apresenta, na sequência, trechos retirados da carta enviada por Eudaldo em que, ao ver de Motta, não refletem mansidão. O primeiro trecho exposto foi “Deus não é tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes do Papa” e Motta repete “crentes do Papa” enfatizando que são crentes de Deus e de “Sua Igreja”, referindo-se a católica, e que o Papa, e seus irmãos católicos pertencem a um só rebanho, o de Deus, sendo universal, “e é um só, e tem uma só fé e um só batismo”. Ressalta também que a diferença entre um católico e um Papa é apenas hierárquica, sendo ele o chefe visível do rebanho, e, por conta disso, o obedecem e o amam.

Então, Motta apresenta uma passagem bíblica, Mateus 16, versículos 18 e 19, que se trata de uma conversa entre Jesus Cristo e seu discípulo Pedro, na qual Jesus diz que edificará a sua igreja e que as portas do inferno não prevalecerão contra ela, também diz que lhe dará as chaves do reino dos céus e tudo que Pedro ligar na terra, será ligado no céu, e tudo que desligar na terra, também será desligado nos céus. Eulálio, em seguida, aproxima as portas do inferno às ações de Lutero e “seus comparsas”, dizendo que eles lutam satanicamente contra a “verdade do primado de São Pedro”, apresentada nos versículos acima. Posteriormente, Motta afirma que Pedro foi o primeiro Papa e que, enquanto houver mundo, haverá sucessores de Pedro, e assim, as portas do inferno não prevalecerão.

Na sequência, Motta cita outro trecho da carta de Eudaldo, no qual ele compara a tolerância do “Cordeiro” com a do “monarca”, fazendo referência ao enviado de Deus e o

representante da Igreja Católica (o Papa), que, segundo Eudaldo, “[...] manda queimar cristãos porque não resou por sua cartilha!”, referindo-se à inquisição. Motta, a seguir, utiliza o mesmo argumento com o qual iniciou os questionamentos, que não havia mansidão nas palavras apresentadas por Eudaldo, e sim calúnia, e explica que, se ele houvesse usado o verbo ‘mandar’ no passado, ele poderia tolerar, creditando-se aos “[...] exageros e calúnias que os inimigos da igreja têm escrito sobre abusos da Inquisição”, mas que utilizar o verbo no presente é perder a noção e o respeito pelos outros e por si. Então, continua acusando Eudaldo de hipocrisia, pois cita palavras de humildade e de mansidão do evangelho, mas escreve calúnias e perfídias e que, nas citações, há mais preocupação em mostrar “sabença” e exibir leitura do que ensinar e viver o cristianismo.

Logo após, Motta cita outra carta enviada por Eudaldo, datada de 28/11/1941, em que ele havia dito que no livro *O Protestantismo no Brasil*, o Pe. Leonel Franca “[...] derrama o rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descomposturas como com calunias clamorosas”, argumentando, novamente, que não há mansidão nas palavras proferidas por Eudaldo e que ele não pode provar que nenhuma das alegações é verdade, pois não existem tais coisas no livro referido. Depois, Motta cita outra carta, esta bem mais antiga, datada de 20/05/1937, enviada de Campinas, na qual o remetente falava sobre o fato de Gastão de Oliveira ter deixado de ser um pastor presbiteriano para se tornar um simples soldado da Igreja Católica e diz que o tal é “[...] um homem de caráter dobre, um mentecapto, idiota” e que “[...] saíam das fileiras daqueles que sustentam o ideal da família para se mancomunar com os inimigos da família, os incentivadores da mancebia, da imoralidade e da prostituição ilícita, que amesquinha, avilta e degrada a sociedade humana”. Aqui vemos que Motta guardou uma correspondência mais antiga, de anos, e a visitou para colher argumentos nas construções de suas cartas. Então, Eulálio contra-argumenta a fala de Eudaldo, que disse que Leonel Franca cometera descomposturas e calúnias no livro, mas que é Eudaldo o autor dessas palavras que ele apresentou na citação, insinuando que tal fala acusatória contra Leonel Franca era fruto de hipocrisia, e diz que os protestantes adoram acusar sem provas e citar palavras evangélicas sem vivenciá-las. Por fim, Eulálio se antecipa e diz que Eudaldo poderá afirmar que ele também não é manso e tolerante em suas crônicas e responde sua própria antecipação dizendo que realmente não é manso, mas que procura ter cuidado de não acusar sem provas e ressalta que também não é tolerante, pois não compreende que um fanático da ‘Verdade’ possa ser tolerante com a mentira. Também diz não ser hipócrita, para citar mansidão e escrever descomposturas, alfinetando Eudaldo, e finaliza dizendo que foi de chicote em punho que Jesus expulsou os vendilhões do templo e que é de chicote em punho que queria lutar contra

as mentiras de Lutero e de seus comparsas. O uso da palavra ‘comparsas’ para se referir aos fiéis protestantes busca desqualificá-los e aproximá-los de criminosos.

É importante salientar que, de acordo com Eulálio Motta, sua Ação Católica não tinha intenções de conversão, e sim de manutenção dos fiéis católicos junto à Igreja Católica, para que não houvesse migração de cristãos para outras doutrinas religiosas, que, de acordo com ele, poderia ser resultado de falta de informação contra essas doutrinas. Da mesma forma, a correspondência entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima não tinha fins de conversão e sim de debate religioso, necessário para expor como os protestantes agiam e quais eram suas intenções, para fins pedagógicos, em sua Ação Católica.

Os rascunhos de carta 14 e 15 apresentam estruturação similar aos rascunhos 3 e 4, pois Motta escreveu o rascunho 15 no meio do rascunho de carta 14. No rascunho de carta 14, por nome *Eudaldo amigo: Saludem! 5-2-942*, Motta inicia acusando o recebimento de uma carta de Eudaldo datada de 02/02/1942 e menciona que o dia em que ele estava respondendo era a primeira sexta-feira de fevereiro, o dia do Sagrado Coração de Jesus, e que foi com esse espírito assim que recebeu a e leu a carta de Eudaldo, dando a entender que foi de forma pacífica. Em seguida, diz que há um ponto na carta de Eudaldo que merecia uma explicação: Motta havia remetido uma carta para Eudaldo e enviado por intermédio de um amigo em comum, Frei Felix, e havia dado autorização para que o Frei a lesse e, se tivesse interesse, fizesse uma cópia, devido à afinidade que o Frei tinha com o assunto da correspondência. Eudaldo então acusou Motta de ter feito Frei Felix de “estafeta de correio” e de ter tentado tecer uma intriga, o que não foi bem recebido por Motta que se defendeu dizendo não ter achado que fosse uma inconveniência e que Jesus era testemunha de suas intenções. Em seguida, comentou outro ponto da carta que recebeu de Eudaldo, em que o mesmo lhe indicou a gramática de Carlos Eduardo Pereira, dizendo-lhe que era a melhor das gramáticas. Motta, por sua vez, pontuou no rascunho que recusava o conselho pois já possuía a gramática em questão e que não tinha autoridade para julgar ser a melhor, mas disse que era a gramática de sua predileção.

Então, Motta segue comentando partes da carta recebida e questiona a imparcialidade do jornal *O Lídador* por não ter publicado a sua carta aberta, porém este trecho foi cancelado no rascunho. Na sequência, Motta pontua que não se arrepende de ter feito elogios a um livro protestante, em resposta a algum comentário feito por Eudaldo neste sentido. O elogio em questão foi feito no rascunho de carta 5 (*Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira crônica sobre o livro do Snr. Basilio*) para o livro de Giovani Rostagno, autor protestante, remetido por Eudaldo e cujo o título não foi revelado. Posteriormente, Motta diz que

pretendia publicar um livro e que haveria nele menção ao livro de Rostagno, com elogios, e ao livro de Basílio Catalá, com críticas, e segue rebatendo comentários agressivos feitos por Eudaldo na carta que recebeu.

Motta também comenta, em resposta a carta recebida de Eudaldo, um crime que aconteceu no fim de 1941, cometido por dois correligionários de Motta, Venâncio Alves de Lima e o Padre Luiz Santiago, que assassinaram o protestante Severino Amaro por motivos religiosos. Há, no caderno, entre as páginas 120 e 121, dois recortes de jornal, um retirado do *Diário de Notícias*, que referenciam a este crime. No rascunho, Motta menciona apenas o Padre Luiz Santiago e comenta que, infelizmente, esse Padre não foi o primeiro e nem o último a cometer tal ato infeliz, que não é o caso de usar o fato como propaganda de “seitas” e sim para ter compaixão. Na sequência, Motta rebate outro comentário feito por Eudaldo em sua carta, desta vez de caráter político, em que Eudaldo acusa Motta de ter sido um entusiasta do regime hitlerista no Brasil e Motta questiona sobre quando ele disse algo do gênero e apela para o dia do Sagrado Coração de Jesus (dia em que escreveu a carta), clamando para que Jesus se compadecesse de Eudaldo diante da falsa acusação.

Na página seguinte, Motta cancela o final que havia feito para o rascunho de carta 14 e inicia o rascunho de carta 15, por nome *Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente*, em que Motta lamenta o fato de que Eudaldo tinha adquirido o livro *Imitação de Cristo*, do Pe. Thomas de Kempis, sem ter aguardado que ele mesmo o enviasse, como prometido no rascunho de carta 5. Motta segue dizendo que pretendia ir à capital em março e que era de sua intenção trazer um exemplar para remetê-lo a Eudaldo. Além disso, agradece a Eudaldo por ter lhe enviado o livro *A Igreja, o Papado e a Reforma* e menciona o interesse em adquirir todos os livros que se envolveram na polêmica com Leonel Franca e diz que Eudaldo lhe ajudou na realização deste propósito. Finaliza o rascunho pontuando que os demais assuntos seriam discutidos em outra via, ao que parece, no rascunho de carta 14.

Na próxima página, Motta retoma o rascunho de carta 14 por meio de nota remissiva, rebatendo uma “ameaça” de Eudaldo, que disse que Motta deveria se lembrar de que ele possuía uma carta em que Motta havia feito “elogios notáveis” a um livro protestante, voltando a mencionar os elogios tecidos ao livro de Giovani Rostagno. Então, em resposta a ameaça de Eudaldo, Motta fez um lembrete de que ele possuía uma carta em que Eudaldo classificava o livro de Pe. Francisco de infame (em referência ao livro envolvido na discussão do rascunho de carta 2, *Eu Tive um Sonho*, de autoria do Pe. Francisco de Sales Brasil) e disse que Basílio Castro devolveu na mesma moeda e, segundo Motta, ao fazer isto, Eudaldo havia classificado o livro de Basílio Castro como infame também.

Em determinada parte do rascunho, Motta comentou que Eudaldo, em uma de suas cartas anteriores, se autoafirmou técnico em cristianismo, por conta de um curso de dez anos que havia feito, e fez comparação entre sua sabedoria e a ignorância de Motta no assunto, devido ao fato de Motta não conhecer autores protestante e, por isso, não teria autoridade para comentar nada sobre o tema. Motta rebateu a afirmação dizendo que não precisava e nem lhe interessava a leitura protestante porque possuía a bíblia. A seguir, Motta comenta que Eudaldo afirmou não responder suas cartas em público (como cartas abertas) pois Motta seria pequeno demais para discutir com ele, Motta, por sua vez, disse que não pararia de escrever em defesa da Igreja e seguiu rebatendo, com base em passagens bíblicas, os posicionamentos de Basílio Castro em seu livro *Cochilos de um Sonhador*.

No rascunho de carta 16, sob o nome *Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro*, Motta acusa o recebimento da carta de Eudaldo com um livro e uma cópia da carta de Frei Felix. Comenta sobre algo que Eudaldo disse sobre o livro *Imitação de Cristo* e diz que lhe enviará outro (o livro é mencionado no rascunho de carta 5 e 15). Então, Motta avisa para Eudaldo aguardar a sua segunda carta aberta a um amigo, que seria seguida de mais duas, e que Eudaldo não iria gostar pois ele responderia as acusações “levianas, injustas e, as vezes, graves” que Eudaldo fez contra ele. Por fim, comenta que iria se inscrever como sócio em algo que parece ser um clube do livro para receber descontos quando fosse adquirir livros e comenta títulos de livros que já possui: *Paulo de Tarso*, *Maravilhas do Universo* e *Problemas do Espírito*, todos de autoria de Rhoden.

No rascunho de carta 17, por nome *Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”*, Motta afirma estar com o “jornalzinho” que contém a carta aberta publicada por Eudaldo Lima, em 08/03/1942, por nome de *Declaração Oportuna*. O jornal em questão é *O Lidador*, e Eudaldo havia publicado a carta aberta em resposta à *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)* de Motta que foi publicada em avulso, cujo o rascunho se encontra no caderno FSJ (rascunho de carta 2). Nesse rascunho, Motta disse que a “declaração” de Eudaldo não ficaria sem resposta e que sua “ancia caloura de publicidade” (citando trecho de carta de Eudaldo) não sofreria pausa nem esmorecimento em virtude das tiradas e dos arrotos de técnica no assunto por parte de Eudaldo.

No rascunho de carta 18, intitulado *Eudaldo: Resposta oportuna*, fazendo referência à *Declaração Oportuna*, carta aberta publicada por Eudaldo em *O Lidador*. Nesse rascunho, Motta menciona que *Declaração Oportuna* chegou a ele por intermédio de um amigo e que havia pontos nesta publicação que mereciam uma resposta oportuna devido as acusações

feitas por Eudaldo. Motta pontua a primeira acusação feita por Eudaldo, que se refere à violação de correspondência privada, fazendo alusão a *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, pois Eudaldo acreditava que houve quebra de ética ao abrir o assunto ao público. Motta, então, se defende argumentando que o livro que Eudaldo lhe enviou (*Cochilos de um Sonhador*) era público e que o assunto era de interesse público, por isso não deveria transformar um fato trivial como esse em quebra de ética.

A seguir, Motta passa para a segunda acusação, a de Eudaldo tê-lo chamado de incompetente para tratar do assunto religião, por não ser da área de sua profissão, e se autoafirmou competente para falar sobre teologia, história eclesiástica, hermenêutica, filosofia e lógica. Motta se defende chamando-o de presunçoso e argumentando que, se fosse o caso, Pasteur nunca deveria ter se metido em medicina já que não era médico. Então, de forma irônica, Motta afirma, utilizando a terceira pessoa para falar de si, que “o farmaceutico Eulálio Motta” sabia ler e possuía uma estante com autores que verdadeiramente eram técnicos no assunto e que comparar Eudaldo a eles seria como comparar um grão de areia com o globo terrestre.

Assim, Motta passa para a próxima acusação, de teor político. Eudaldo havia dito que Motta possuía um recalque político que havia explodido no setor religioso e Motta, por sua vez, argumenta que Eudaldo fez leituras freudianas e estava tentando aplicar sua sabedoria psicanalítica nele. Segue, então, dizendo que Eudaldo evocou a memória do pai de Motta para amenizar a discussão, mas deu a entender que esta foi uma atitude passivo-agressiva e relembra que os dois, desde a infância, sempre foram diferentes. Para finalizar o rascunho, Motta comenta outra acusação, em que Eudaldo havia dito que ele estaria anunciando espetacularmente uma segunda carta aberta e Motta se defende dizendo que Eudaldo respondeu a sua carta aberta com uma carta privada cheia de presunção e acusações levianas, dizendo-lhe que a carta seria lida pelos correligionários de Eudaldo, fazendo com que ela deixasse de ser particular, e Motta argumenta que isso lhe deu o direito de responder publicamente. Aqui, observa-se os acontecimentos que levaram a escrita e publicação de *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. Por fim, Motta diz que a segunda carta aberta havia sido comunicada em carta particular e que o fato de estar sendo divulgada espetacularmente era uma novidade, uma mentira.

No rascunho de carta 19, por nome *Ponto final*, Motta encerra a discussão religiosa com Eudaldo no caderno *Farmácia São José*. Inicia o rascunho dizendo que estava relendo a correspondência que trocou com Eudaldo, tanto as que escreveu quanto as que recebeu, e que meditou-as chegando à conclusão de que toda a correspondência estava horivelmente vazia

de Cristo. Segue dizendo que a vaidade, o orgulho, o pedantismo, o ódio e a presunção transbordaram nas cartas de Eudaldo, que as dele não mereciam melhor classificação, por isto ele tinha um propósito de pôr um ponto final definitivo à correspondência deles. Então, Motta relembra uma afirmação que fez em carta anterior, de que nessas discussões, a vaidade, o amor próprio e a presunção falam mais alto do que o amor deles a Deus e, assim, quando eles falam, Deus silencia. Motta também, diz que as suas discussões salpicadas de ódio são um desrespeito à presença de Deus e que, quando a discussão descamba pelo terreno das agressões pessoais, eles se esquecem que Deus está presente. Por fim, Motta diz que precisavam ter humildade e que só assim seria possível conhecer, saber, amar e viver o Cristo, que as suas discussões estavam cheias de arrogância e não de humildade e encerra o rascunho dizendo que precisavam tomar juízo, fazendo uma prece para Maria: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós pecadores!”.

A seguir, apresenta-se um quadro com as informações dos rascunhos de carta, como título e datação, além de um breve resumo do assunto de cada carta:

Quadro 02 - Rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, no caderno *FSJ*

Nº	TÍTULO DA CARTA	DATA	ASSUNTO	PÁG
1	<i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	22/08/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Início do debate religioso entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima no caderno <i>Farmácia São José</i> . Este rascunho de carta se trata do agradecimento pelo envio, por parte de Eudaldo Lima, do livro protestante <i>Cochilos de um Sonhador</i> , de Basílio Catalá Castro e da promessa de um comentário sobre o livro. Também teceu comentários sobre o prólogo, de autoria de Getúlio Vargas.	14 a 16
2	<i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i>	24/08/1941; 31/08/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta se trata do comentário prometido no rascunho de carta <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i> sobre o livro do autor protestante Basílio Catalá Castro, <i>Cochilos de um sonhador</i> . Este rascunho fora iniciado como uma carta privada, porém Motta cancelou o início, em que se direcionava a Eudaldo Lima, e a nomeou como <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i> , com intenção de publicá-la. Essa carta aberta foi publicada em avulsos, de acordo com Eudaldo Lima em sua carta aberta publicada em <i>O Lidador</i> , por título de “Declaração Oportuna” (08/03/1942). Neste rascunho, Motta teceu comentários sobre os pontos de discordância entre ele e o escrito por Basílio Castro.	16 a 25

3	<i>a) Meu amigo: / Você, protestante convicto</i>	09/11/1941	Religião. Bíblia. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta não apresenta destinatário explícito, porém, após análise do conteúdo, concluiu-se que foi escrito para Eudaldo Lima. O rascunho se trata de uma resposta a uma carta que Motta recebeu, em que ele cita partes da carta e comenta pontos sobre os quais discorda, fazendo diálogo com passagens bíblicas para dar suporte à sua argumentação.	34 e 35; 38 a 40
4	<i>Meu amigo: / Promessa é dívida</i>	[1941]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta não apresenta destinatário explícito, porém, após análise do conteúdo, concluiu-se que fora escrito para Eudaldo Lima. No corpo do texto, Motta apresenta os pontos essenciais para que uma Igreja seja considerada como Igreja de Deus.	36 e 37
5	<i>Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira crônica sobre o livro do Snr. Basílio</i>	18/11/1941; 25/11/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta comenta ter finalizado o livro que Eudaldo Lima lhe enviou, do autor protestante Giovanni Rostagno. O nome do livro não foi mencionado, mas Motta faz um comparativo entre ele e o livro Cochilos de um Sonhador, do autor protestante Basílio Catalá Castro, tecendo elogios ao livro de Rostagno e críticas negativas ao livro de Catalá Castro. Também, compara o livro de Rostagno ao livro <i>Imitação de Cristo</i> , do Pe. Thomas de Kempis, e diz que o colocará em sua estante com os demais livros católicos que possuía.	41 a 43
6	<i>Eudaldo amigo <u>Salutem!</u> / Ausente, em trabalhos na Fazenda</i>	14/12/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de mais dois livros que lhe foi enviado por Eudaldo Lima. Segue dizendo que não poderá fazer a leitura rapidamente pois havia outras leituras em andamento e diz que se Eudaldo não estivesse afastado do rebanho (católico), as suas leituras se alinhariam. Faz uma reflexão sobre os erros que cometera enquanto estava afastado da Igreja Católica e lamenta o fato de Eudaldo se encontrar afastado do catolicismo.	48 a 50
7	<i>Eudaldo: <u>Salutem!</u> / Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i>	25/12/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de livros enviados por Eudaldo Lima e promete resposta pública a uma carta recebida em 20/12/1941, na qual comentaria os pontos que Eudaldo abordou. Também diz que essa publicação seria feita com o intuito de esclarecer os incautos para que não cometessem erros de fé, pois os “ignorantes” no catolicismo poderiam ser arrastados pelas aparências das “seitas”	51 e 52

			protestantes e suas pseudo-razões. Também menciona sua luta de Ação Católica.	
8	<i>Eudaldo: Saludem! / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro</i>	11/01/1942	Religião. Teologia. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de carta enviada por Eudaldo Lima na qual, aparentemente, havia diversas ofensas sobre sua pessoa. Segue dizendo que Eudaldo o acusou de doente e contrapõe a aparente afirmação de Eudaldo sobre ser especialista em cristianismo, devido ao fato de ter frequentado cursos protestantes. Motta afirma que o protestantismo é uma psicose e que sua ação (presume-se Ação Católica) teria um sentido terapêutico preventivo e não curativo.	56 a 61
9	<i>Eudaldo amigo: Saludem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta avisa que havia enviado a longa resposta da carta do dia 31/12 por meio de Frei Felix e acusa o recebimento do prospecto <i>O Papado e a Infalibilidade</i> . Também agradece as fontes materiais (livros e prospectos) que Eudaldo lhe estava remetendo, afirmando serem fontes copiosas para o trabalho que pretendia realizar e faz votos pela continuação das remessas.	62
10	<i>Eudaldo amigo: Saludem! Acabo de ler "O Papado e a Infalibilidade"</i>	14/01/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta afirma ter finalizado a leitura do prospecto enviado, anteriormente, por Eudaldo Lima e que o prospecto havia sido acompanhado de um cartão-desafio para a refutação do mesmo. Motta então diz que esta tarefa já havia sido cumprida por Leonel Franca e Julio Maria. Finaliza dizendo que agradecia os conselhos não solicitados dados por Eudaldo sobre como conduzir sua Ação Católica e encerra dizendo "Sou pequeno, mas só fito os Andes" e que não pede luz às sombras, e sim à luz.	63 e 64
11	<i>Eudaldo amigo: Respondendo... I</i>	15/01/1942	Religião. Notícia de jornal. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta cumpre o prometido no rascunho <i>Eudaldo: Saludem! / Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i> , de responder os pontos abordados por Eudaldo Lima em sua carta do dia 20/12/1941. Apesar de ter prometido, no rascunho 7, uma resposta pública, não há evidências da publicação de alguma versão deste rascunho ou de sua sequência, os rascunhos 12 e 13 <i>Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediario?</i> e <i>Respondendo... III</i> , respectivamente. Neste rascunho, Motta contesta uma tirinha, publicada em algum jornal, que apresenta estatísticas sobre	65 e 66

			o crescimento do protestantismo no Brasil e as categoriza como fantásticas. Finaliza o texto sinalizando uma continuação.	
12	<i>Respondendo II / Eudaldo: <u>Há ou não há intermediário?</u></i>	[1942]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta contesta a afirmação de Eudaldo Lima na carta do dia 20/12/1941 de ser bispo de um rebanho que Deus lhe confiou. Motta ironiza as afirmações de Eudaldo e diz que não o considera um bispo, sempre escrevendo a palavra entre aspas. Motta dá a entender, na carta de Eudaldo, ele diz que não é necessário haver intermediários entre Cristo e os fiéis, mas que a função do bispo é de intermediar, utilizando o argumento apresentado por Eudaldo para desacreditar seu posto de bispo.	67 a 69
13	<i>Respondendo... III</i>	[1942]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta dá continuidade na contestação das afirmações de Eudaldo Lima na carta do dia 20/12/1941. Segue comentando a afirmação de Eudaldo ser um pastor de rebanho e questiona se ele tem os atributos necessários para tal. Comenta uma crítica à Igreja Católica feita por Eudaldo, no sentido de que Deus seria pobre se só tivesse como súditos os crentes do Papa, dizendo que os crentes não são do Papa e sim de Deus e sua Igreja. Em outro momento, comenta outra crítica ao Papa, em que Eudaldo o acusa de mandar queimar cristãos porque não rezou de acordo com sua cartilha, fazendo referência à inquisição. Motta rebate afirmando que é uma calúnia e que os excessos da inquisição estavam no passado e que, portanto, Eudaldo deveria ter utilizado o verbo “mandar” no passado. Na sequência, Motta comenta outras duas cartas enviadas por Eudaldo, uma datada de 28/11/1941, na qual ele havia feito duras críticas ao Padre Leonel Franca e a outra, de anos atrás, datada de 20/05/1937, em que Eudaldo falava sobre o fato de Gastão de Oliveira ter deixado de ser um pastor presbiteriano para ser um simples soldado da Igreja Católica. Motta critica as falas de Eudaldo e encerra dizendo que continuará defendendo a ‘Verdade’.	69 a 73
14	<i>Eudaldo amigo: <u>Salutem! 5-2-942</u></i>	06/02/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento da carta datada de 02/02/1942 e sinaliza estar escrevendo a resposta no dia do Sagrado Coração de Jesus, dando a entender que a responderia de forma pacífica. Em seguida, enfatiza que há um ponto na carta de Eudaldo que merecia explicação: Motta havia enviado uma carta para Eudaldo por intermédio de Frei Felix,	74 a 84

			um amigo em comum, e o autorizou a abrir, ler e tirar cópia da missiva, caso fosse de seu interesse. Contudo, não foi do agrado de Eudaldo que acusou Motta de fazer de Frei Felix uma “estafeta de correio” e de tentar causar intrigas. Motta então se defende, afirmando que não achou que seria uma inconveniência e que Jesus era testemunha de suas intenções. Além disso, Motta reafirma elogios que tecera sobre o livro protestante de Giovani Rostagno e o compara com o livro de Basilio Catalá, sendo que para este último ele faz comentários negativos. Então, Motta comenta, em resposta à carta que recebeu de Eudaldo, sobre um crime de assassinato cometido pelo Padre Luiz Santiago e um fiel católico, Venâncio Alves de Lima, lamentando o ocorrido e pedindo compaixão. Por fim, Motta rebate outro comentário feito por Eudaldo em sua carta, desta vez, de caráter político, em que Eudaldo acusa Motta de ter sido um entusiasta do regime hitlerista no Brasil.	
15	<i>Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente</i>	20/02/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta responde uma carta enviada por Eudaldo e lamenta o fato de ele ter adquirido o livro <i>Imitação de Cristo</i> , do Pe. Thomas de Kempis, sem ter aguardado que ele mesmo o enviasse, como prometido no rascunho de carta 5. Motta segue dizendo que pretendia ir à capital em março e que era de sua intenção trazer um exemplar para remetê-lo a Eudaldo. Motta também agradece a Eudaldo pelo envio do livro e menciona o interesse em adquirir todos os livros que se envolveram na polêmica com Leonel Franca e diz que Eudaldo lhe ajudou na realização deste propósito. Em determinada parte do rascunho, Motta comentou que Eudaldo, em uma de suas cartas anteriores, se autoafirmara técnico em cristianismo, por conta de um curso de dez anos que havia feito e ressalta sua sabedoria diante da ignorância de Motta no assunto, devido ao fato de Motta não conhecer autores protestantes e, por isso, não estaria autorizado a comentar nada sobre o tema.	78
16	<i>Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro</i>	03/03/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de carta de Eudaldo juntamente com um livro e uma cópia da carta de Frei Felix. Motta avisa para Eudaldo aguardar a sua segunda carta aberta a um amigo, que seria seguida de mais duas, e que Eudaldo não iria gostar, pois ele responderia as acusações “levianas, injustas e, às vezes, graves” que Eudaldo fez contra ele. Por fim, comenta que iria se inscrever como sócio do	88

			que parece ser um clube do livro para receber descontos quando fosse adquirir livros e comenta títulos que já possui: <i>Paulo de Tarso</i> , <i>Maravilhas do Universo</i> e <i>Problemas do Espírito</i> , todos e autoria de Rhoden.	
17	<i>Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta afirma estar em posse do “jornalzinho” - <i>O Lيدador</i> - que contém a carta aberta publicada por Eudaldo Lima, em 08/03/1942, por nome de <i>Declaração Oportuna</i> , que foi publicada em resposta a <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i> . Motta afirma que a “declaração” de Eudaldo não ficaria sem resposta e que sua “ancia caloura de publicidade” (citando trecho de carta de Eudaldo) não sofreria pausa nem esmorecimento em virtude das tiradas e dos arrotos de técnica no assunto por parte de Eudaldo.	89
18	<i>Eudaldo: Resposta oportuna</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. O título deste rascunho faz alusão à <i>Declaração Oportuna</i> , título atribuído por Eudaldo Lima a sua carta aberta. Neste rascunho de carta, Motta menciona que <i>Declaração Oportuna</i> chegou a ele por intermédio de um amigo e que havia pontos nesta publicação que mereciam uma resposta oportuna devido as acusações equivocadas feitas por Eudaldo contra sua pessoa, que são: violação de correspondência privada e quebra de ética, por conta da publicação da <i>Carta Aberta a um amigo</i> ; incompetência para tratar do assunto religião, por Motta ser um farmacêutico e não um teólogo; recalque político que explodiu no setor religioso; anúncio ‘espetacular’ de publicação de nova carta aberta.	90 a 94
19	<i>Ponto final</i>	03/1942	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta inicia dizendo que estava relendo a correspondência que trocou com Eudaldo, tanto as que escreveu quanto as que recebeu e que as meditou, chegando à conclusão de que toda a correspondência estava horivelmente vazia de Cristo. Assim, Motta diz querer pôr um ponto final definitivo à correspondência deles e relembra uma afirmação que fez em carta anterior, de que nessas discussões, a vaidade, o amor próprio e a presunção falam mais alto do que o amor deles a Deus e, dessa forma, quando eles falam, Deus silencia.	104 e 105

Fonte: Santiago (2021).

A análise das temáticas dos rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, registrados no caderno *Farmácia São José*, permitiu evidenciar não apenas o conteúdo das mensagens trocadas, mas também os sentidos mais amplos que emergem das tensões ideológicas, religiosas e políticas presentes nesses textos. Ao longo dos dezenove rascunhos examinados, nota-se um processo argumentativo em constante construção, marcado por reformulações, hesitações e reafirmações - aspectos que revelam a complexidade do embate travado entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima.

Mais do que simples correspondência pessoal, os textos analisados configuram-se como artefatos discursivos que dialogam com um contexto histórico específico e respondem a disputas mais amplas entre catolicismo e protestantismo no interior da Bahia, durante o Estado Novo. Motta constrói seus argumentos com forte apelo à autoridade doutrinária da Igreja Católica, recorrendo a referências bíblicas, obras teológicas e à sua militância na Ação Católica como forma de legitimar suas posições.

Ainda que escritos como rascunhos, muitos desses textos apresentam marcas explícitas de intencionalidade pública, como a preparação de cartas abertas e panfletos, o que reforça seu caráter performativo e político. Essa dimensão de intervenção confere aos escritos uma função que vai além do diálogo interpessoal, inscrevendo-os no campo das controvérsias religiosas impressas e das disputas ideológicas de sua época.

Observa-se, ao final da análise, que os textos mantêm uma certa organicidade temática, estruturando-se em torno de eixos recorrentes que articulam religião, doutrina e política. Essa coerência interna permite afirmar que há uma relação clara entre fé e engajamento político nas cartas de Motta, especialmente quando invoca os ideais do integralismo e da Ação Católica como instrumentos de combate aos discursos protestantes. A oposição entre esses campos discursivos evidencia o entrelaçamento de duas esferas frequentemente tratadas como separadas: a política e a religião. Em Motta, essas esferas convergem, delineando um projeto de ação que é, ao mesmo tempo, devocional e ideológico.

Os rascunhos de cartas de Eulálio Motta, embora datados do início da década de 1940, guardam uma inquietante atualidade, ainda mais quando confrontados com o cenário político recente do Brasil, marcado pelo ressurgimento de discursos que se apoiam em valores religiosos como fundamento para projetos de poder. Lemas como “Deus, Pátria e Família”, historicamente ligados ao integralismo brasileiro de Plínio Salgado, voltaram a ser vocalizados e articulados por determinados grupos políticos e religiosos que buscam legitimar suas pautas conservadoras e excludentes com base em fundamentos morais e religiosos. O que se observa nas cartas de Motta: a denúncia das “heresias protestantes”, a associação do

catolicismo à verdade absoluta, a oposição a qualquer forma de dissidência religiosa e ideológica, ressoando, até certo ponto, em discursos contemporâneos que instrumentalizam a fé como ferramenta de combate político, promovendo uma retórica que visa à homogeneização dos valores e à desqualificação do outro. Assim, os rascunhos aqui analisados não apenas iluminam uma controvérsia do passado, mas também lançam luz sobre os mecanismos de produção de discursos de autoridade e exclusão que persistem, sob novas roupagens, na cena política brasileira atual. Ler criticamente esses documentos, portanto, é também um exercício de vigilância histórica e de resistência intelectual frente às tentativas de naturalização entre religião e poder.

Compreender o processo de elaboração dos rascunhos de Eulálio Motta não é apenas um exercício de restituição filológica do texto em sua gênese, mas também uma forma de acessar as condições de produção de um discurso que, embora originado em uma cidade do interior da Bahia, alcançou ressonância significativa em seu meio social. Eulálio Motta não era um escritor qualquer. Atuava como um intelectual engajado, cuja palavra circulava por panfletos, crônicas em jornais, cartas e publicações independentes. Sua escrita buscava operar como instrumento de intervenção pública, orientada por um projeto discursivo claramente alinhado aos valores do catolicismo tradicional e do integralismo. O caráter público de seus textos e sua disposição em confrontar ideias divergentes - como as do pastor presbiteriano Eudaldo Lima - evidenciam não apenas a densidade argumentativa de seus escritos, mas também a força simbólica de seu posicionamento.

Ao acompanhar a gênese dessas cartas, é possível perceber como Motta estruturava seu discurso, reformulava argumentos e articulava suas convicções de modo a construir uma voz autoritária, marcada por tom combativo, pretensamente pedagógico e politicamente situado. Entender como esses discursos foram produzidos, inscritos no papel e preparados para circular é essencial para compreender as redes de poder simbólico e ideológico em contextos locais, que frequentemente escapam às grandes narrativas da história nacional. Nesse sentido, o estudo dos rascunhos de Motta permite lançar luz sobre os modos de atuação de intelectuais periféricos, cuja influência não deve ser subestimada. Além disso, ao observar os vínculos entre discurso religioso e projeto político em seus textos, identificamos padrões de argumentação e estratégias retóricas que reaparecem, com nova roupagem, em momentos recentes da história brasileira, especialmente em contextos marcados pela revalorização de ideais nacionalistas, conservadores e moralizantes. Assim, ao editar geneticamente os rascunhos de Eulálio Motta, recuperamos também uma chave de leitura para o presente,

evidenciando como discursos aparentemente locais participam da formação de um imaginário coletivo mais amplo e ainda ativo no Brasil contemporâneo.

3.4 DISCUSSÕES ACERCA DA EDIÇÃO GENÉTICA DOS RASCUNHOS

Nesta subseção, retoma-se a discussão acerca de edição genética no âmbito da crítica textual, que foi elaborada em Santiago (2021), mas que cabe, devido ao *corpus* desta pesquisa ser o mesmo e a hiperedição de rascunhos, ser, brevemente, introduzida nesta tese. Pontua-se que esta pesquisa é realizada no âmbito da crítica textual, porém, utiliza-se ocasionalmente discussões/conceitos da crítica genética para elucidar a natureza do rascunho, considerando que esta é a área que mais se debruça a estudá-lo.

O termo 'edição genética' é conhecido dentro da Crítica Genética, área de estudo que se interessa pelo processo de escrita de obras literárias ou de textos com modificações outorgados pelo autor e vê o manuscrito como fonte de informações acerca do processo de construção de um texto/obra, buscando refazer, discutir e entender tal processo, elaborando transcrições, edições e dossiês acerca dele. A Crítica Genética muito se interessa pelos rascunhos e documentos que apresentem elementos do processo criativo de escrita, visto que são fontes prolíficas de movimentos de escrita e, por meio dele, é possível acessar o processo de escrita do autor de um determinado texto.

Já a Crítica Textual se interessa pelo rascunho de uma outra forma, buscando sim compreender e marcar o processo de escrita, pois todos os textos tem mesmo valor para ser editado, estudado e publicado. A crítica Textual se interessa pelo rascunho, pelo seu contexto de produção, circulação e recepção, analisando o impacto que tais textos tiveram na sociedade e em qual contexto sócio-histórico tal texto foi escrito. A crítica textual também se interessa por outras mãos que podem ter escrito os textos, mesmo que as alterações não tenham a outorga do autor, uma vez que cada campanha de escrita é um texto a ser editado, independentemente se o autor participou dela - claro que se deve sinalizar caso haja a ocorrência desta situação editorial, havendo uma descentralização do autor, ao passo que a crítica genética tem um enfoque especial no autor e na vontade do autor (ânimo autoral). A crítica textual também busca publicar uma versão ou versões do rascunho a ser estudado - o que é facilitado pelo meio digital, já que ele propicia interações entre tipos de edições.

Apesar do nome, edição genética que se discute aqui, e foi discutida e definida em Santiago (2021), e se configura no âmbito da crítica textual e não da crítica genética, pois é de interesse desta pesquisa adentrar nos elementos citados anteriormente e publicar as edições que, cada uma a sua forma, exploram elementos do rascunho, que contam com operadores genéticos e outros elementos editoriais para marcar os movimentos de escrita empreendidos pelo autor. A edição genética, de fato, não apresenta ampla tradição na crítica textual, visto

que é, para alguns, dificultosa para ser elaborada. Cada marca de processo que se encontra no documento é marcada com símbolos que foram elaborados especificamente para representar cada movimento que o autor empreendeu na escrita, a exemplo: cancelamento de um segmento ou de uma linha inteira; apagamento por borracha de algum segmento; acréscimo feito no curso da linha ou nas entrelinhas superiores ou inferiores; escrita sobreposta (um segmento escrito por cima de outro); texto com índice remissivo (parte de texto acrescida pelo escrevente e que se encontra em outra página ou em outra parte da mesma página, sinalizada por um número ou símbolo); um segmento riscado e substituído por outro, entre outros movimentos de escrita que podem ocorrer. Tais elementos são comuns de aparecerem em rascunhos, pois neles, o escritor tem a liberdade de manipular o texto como lhe convém, já que em algum momento posterior, esse texto será passado a limpo (ou não, a critério do escritor, caso desista de dar ao rascunho a finalidade prevista anteriormente).

Nos rascunhos de Eulálio Motta, esse movimento é particularmente expressivo. As cartas e as crônicas não apenas revelam o desenvolvimento de ideias, mas também registram deslocamentos na argumentação, ajustes formais e hesitações quanto à forma de interlocução com os leitores reais ou imaginados. A edição genética, nesse sentido, torna-se um instrumento essencial para compreender não apenas o conteúdo dos textos, mas também a dinâmica de sua produção, suas intencionalidades e articulações internas. A edição aqui retomada busca dar visibilidade a esses aspectos com rigor crítico e atenção à singularidade do *corpus*, reafirmando o compromisso filológico com a complexidade dos documentos textuais em estado de gênese. Ao tratar os textos como partes de um sistema discursivo mais amplo, propomos uma leitura relacional que enxerga o caderno *Farmácia São José* como um arquivo de militância católica e de intervenção ideológica, em que cartas e crônicas se atravessam, se espelham e se reforçam mutuamente.

Dentre as diversas modalidades de edição descritas pela crítica textual, destaca-se, para os propósitos desta discussão, a edição genética, frequentemente associada à prática da crítica genética e situada no âmbito das edições politemunhais, por lidar com múltiplos estados de um mesmo texto e com a materialidade do processo de escrita.

Cambraia (2005) apresenta que a edição genética se faz como se faz uma edição crítica, e acrescenta:

Para delinear o percurso criativo de um texto, o crítico genético utiliza uma gama heterogênea de fontes: de acordo com Hay (1991:23), elas podem ser as marcas dos impulsos iniciais (p. ex., notas, cadernos, diários), os documentos das operações preliminares (p. ex., projetos, planos, roteiros) e

ainda os instrumentos do trabalho redacional (p. ex., esboços, primeiras redações, rascunhos). Uma edição genética deve, portanto, apresentar a forma final de um dado texto (ou seja, a forma que o autor considerou como definitiva) acompanhada do registro das informações relativas à sua gênese obtidas através das já referidas fontes (Cambraia, 2005, p. 105).

No caso de rascunhos manuscritos - como os que compõem este *corpus* - torna-se imperativo que uma edição digital não se limite à transposição tipográfica do conteúdo legível, mas envolva um tratamento filológico minucioso que dialogue diretamente com o manuscrito em sua materialidade e idiossincrasias. Isso significa lidar com rasuras, superposições, cancelamentos, inserções marginais, interlineares e alterações diversas - elementos que constituem o cerne da gênese textual e que apenas uma leitura genética pode revelar com precisão. Somente a partir desse trabalho filológico é possível construir uma edição digital que preserve a riqueza do manuscrito e ao mesmo tempo disponibilize uma versão legível para o leitor.

Em outras palavras, toda edição digital - para ser efetivamente crítica e responsável - exige um substrato filológico sólido. É necessário visitar o manuscrito, decifrar sua sequência internalizada de escritos, mapear camadas de intervenção e oferecer um aparato editorial que explique essas intervenções. Essa interlocução entre a materialidade do manuscrito e a mediação digital é o que permite que o texto editado permaneça vivo, defendendo a noção de que uma edição jamais é definitiva, mas sim uma hipótese de leitura situacional e interativa.

Para Borges e Souza (2012), a edição genética é:

[...] instrumento para ler e conhecer o processo de escritura, com o propósito de **editar** criticamente os textos, e enfoque na gênese textual. A edição genética, proposta no âmbito dos estudos da Crítica Genética não tem a intenção de publicar o texto (produto), mas os manuscritos, pondo em evidência o trabalho do escritor (processo), realizando-se transcrições diversas: diplomática, linearizada ou mista (semidiplomática) (Borges; Souza, 2012, p. 33-34, grifo dos autores).

Como se vê, a edição genética para Borges e Souza (2012) não aparece como realizada no âmbito da crítica textual, e sim da crítica genética, sendo utilizada pela crítica textual como um instrumento para a leitura e conhecimento do processo de escritura do texto em função de uma edição crítica com enfoque genético para estabelecimento do texto crítico. Duarte ([1997-], verbete) define a edição genética como uma:

[...] edição que apresenta, sob forma impressa e na ordem cronológica do processo de escrita, o conjunto de documentos genéticos conservados de uma obra ou de um projecto, anotados de modo a perceber-se o processo da sua escrita (Duarte, [1997-], verbete).

Observa-se que o exame da gênese textual assume diferentes funções conforme o enfoque da crítica textual ou da crítica genética, justamente em virtude de seus distintos objetivos. Para a crítica textual, a gênese funciona como um subsídio interpretativo: ela ilumina camadas do processo criativo que auxiliam a compreensão e edição do texto final. Já para a crítica genética, a gênese é o próprio objeto de estudo: essa tradição analisa os rascunhos em suas variantes, reconstruindo etapas de escrita por meio de transcrições diversas, registros de intervenções e documentos paratextuais.

À luz dessas diferenças, pode-se situar as edições genéticas dentro do conjunto das edições politemunhais, dado que sua produção exige a reunião de múltiplos documentos (rascunhos, versões intermediárias, margens e variantes) como testemunhos textuais que sustentam a edição proposta. Diferentemente das edições convencionais advindas da crítica textual, a edição genética não prescinde necessariamente do confronto entre documentos diversificados, o que a aproxima logicamente da crítica genética e ressalta sua natureza híbrida: não se limita à restituição de um texto final, mas visa tornar visíveis os processos de gênese textual em diálogo com a materialidade e a variação autoral.

Em contrapartida, no âmbito das edições documentais, na tradição da crítica textual norte-americana (*Scholarly Edition*), há a edição genética monotestemunhal da obra *Billy Budd, Sailor*, do autor Herman Melville, elaborada pelos editores Harrison Hayford e Merton M. Sealts Jr. (1962). Williams e Abbott (1999), em *An introduction to bibliographical and textual studies*, discutem sobre o que são edições documentais:

Edição documental (ou diplomática, ou não-crítica) busca reproduzir um texto manuscrito ou impresso como um artefato histórico. Essa edição apresenta o texto como ele estava quando disponível em um tempo específico, em um documento específico. Esse tipo de edição é não-crítica, pois não realiza correções no texto, mesmo naqueles em que não representam com exatidão as palavras do autor. [...] o texto de cartas do autor, diários e outros papéis; de fato, edições documentais é, geralmente, o método escolhido para textos os quais o autor não preparou ou não teve a intenção de preparar para publicação. Edições, tanto documental e crítica, não se limitam a obras literárias²⁸ (Williams; Abbott, 1999, p. 71, tradução nossa).

²⁸ Texto original: Documentary (or diplomatic or noncritical) editing aims to reproduce a manuscript or printed text as a historical artifact. It presents a text as it was available at a particular time in a particular document. Such editing is noncritical in that it does not emend the text, even a text that may not accurately reproduce the author's

Para a edição documental, também chamada na tradição norte-americana de edição diplomática, cada documento é considerado como um documento único e editável, como um artefato histórico, não buscando alterá-lo ou compará-lo, sendo apropriada a elaboração a partir de documentos monotestemunhais (ou de documentos que tenham apenas um testemunho conhecido, como é o caso dos rascunhos do *corpus* desta pesquisa). Os autores acrescentam que para realizar edições documentais, os editores de utilizam de transcrições diversas, inclusive a genética:

Edições documentais também podem fazer uso de transcrições genéticas ou sinópticas, como quando em um único documento contém diversos estados de um texto. Manuscritos, por exemplo, geralmente contêm cancelamentos riscados, escritos na entrelinha, diversas leituras e coisas do tipo. Esses estados podem ser renderizados em uma transcrição genética, em que se emprega vários símbolos para registrar a variação textual e sua cronologia. Uma edição de *Billy Budd*, de Melville, fornece um exemplo²⁹ (Williams; Abbott, 1999, p. 73, tradução nossa).

A edição documental, no contexto da filologia norte-americana, se insere na orientação editorial documental, que, para Shillingsburg (2004):

[...] é embasada em um senso de integridade textual de momentos históricos e formas físicas. Sem necessariamente valorizar as primeiras formas em detrimento das posteriores, a orientação documental desaprova a mistura de leituras de textos historicamente distintos. A orientação documental é usada para apoiar diversos princípios editoriais. Alguns editores insistem que a integridade de cada documento histórico seja mantida rigidamente [...] Correções de erros em um documento podem ser toleradas, mas almejar a criação de um texto com os melhores elementos de dois documentos historicamente distintos é considerado a-histórico - uma violação pelo editor da forma histórica³⁰ (Shillingsburg, 2004, p. 17, tradução nossa).

words. [...] the text of an author's letters, journals, and other papers; in fact, documentary editing is often the method of choice for texts that their authors did not prepare or intend to prepare for publication. Scholarly editing, both documentary and critical, is not limited to literary works (Williams; Abbott, 1999, p. 71).

²⁹ Texto original: Documentary editing may also make use of genetic or synoptic transcription, as when a single document contains several states of a text. Manuscripts, for example, often contain crossings out, interlineations, multiple readings, and the like. These states can be rendered in genetic transcription, which employs various symbols to record the textual variation and its chronology. An edition of Melville's *Billy Budd* provides an example (Williams; Abbott, 1999, p. 73).

³⁰ Texto original: [...] is founded on a sense of the textual integrity of historical moments and physical forms. Without necessarily valuing early forms over later ones, the documentary orientation frowns on the mixture of readings from historically discrete texts. The documentary orientation is used to support diverse editorial principles. Some editors would insist that the integrity of each historical document be maintained rigidly [...] Emendations of errors in a document from two historically distinct documents is considered unhistorical - a violation by the editor of the historical form (Shillingsburg, 2004, p. 17).

Como se vê, a orientação documental visa que a integridade de cada momento histórico seja rigidamente mantida e a transcrição genética é uma das formas de fazê-lo, ao se tratar de um documento que apresenta marcas físicas de manipulação, pois, se estas marcas fossem ignoradas, não seria elaborada uma transcrição íntegra, ou seja, representativa, do documento. Além da orientação documental, Shillingsburg (2004) aborda outras orientações, como, por exemplo, a bibliográfica, baseada nos estudos bibliográficos de Donald McKenzie.

De acordo com Shillingsburg (2004), a orientação bibliográfica:

[...] pode ser vista como uma extensão da documental ou da sociológica, mas nos últimos anos o interesse por ela aumentou o suficiente para garantir sua descrição separada. Com base nos estudos bibliográficos de D. F. McKenzie, esta orientação amplia a definição de texto para incluir todos os aspectos das formas físicas nas quais o texto linguístico é escrito. Essa abordagem não admite que nenhuma parte do texto ou do meio físico seja considerada insignificante e, portanto, corrigível. A textura do papel, a fonte do tipo, o estilo e custo da encadernação, a cor, as indicações no livro do tipo de mercado empreendido, o preço, a largura das margens - em suma, todos os aspectos do objeto físico que é os livros que carregam pistas de suas origens e destinos e pretensões sociais e literárias - são textos para orientação bibliográfica³¹ (Shillingsburg, 2004, p. 23-24, tradução nossa).

Observando os aspectos explorados na orientação bibliográfica, pode-se dizer que a edição que apresentamos e que antecede a edição hiperedição se insere tanto na orientação documental quanto na bibliográfica, visto que buscou discutir aspectos da materialidade do caderno *Farmácia São José*, seu contexto de produção, circulação e recepção, bem como buscou representar os elementos linguísticos e semióticos dos rascunhos escritos no caderno nas transcrições genéticas.

Retomando a edição documental de *Billy Budd, Sailor* elaborada por Hayford e Sealts (1962), na qual os editores publicaram duas versões do texto, sendo uma, o texto para leitura, fruto de uma edição crítica do manuscrito monotestemunhal da obra, e a outra, o texto genético, resultado de uma transcrição genética do mesmo manuscrito. Para elaborar o texto genético, Williams e Abbott (1999) dizem que Hayford e Sealts (1962) fizeram uma transcrição literal do manuscrito, folha por folha, tendo como base a versão mais antiga de

³¹ Texto original: [...] can be seen as an extension of either the documentary or the sociological, but in the last few years interest in it has increased sufficiently to warrant its separate description. Based in the bibliographical studies of D. F. McKenzie, this orientation enlarges the definition of text to include all aspects of the physical forms upon which the linguistic text is written. This approach does not admit to any parts of the text or of the physical medium to be considered nonsignificant and therefore emendable. The texture of paper, the type font, the style and expense of binding, the color, the indications on the book of the type of marketing undertaken, the price, the width of margins - in short, all aspects of the physical object that is the book that bear clues to its origins and destinations and social and literary pretensions - are text to the bibliographic orientation (Shillingsburg, 2004, p. 23-24).

cada uma das 370 que compõem o manuscrito de Melville. É importante salientar que o romance *Billy Budd, Sailor* não foi publicado durante a vida de Melville e as edições anteriores a de Hayford e Sealts (1962) não são consideradas satisfatórias pelos estudiosos.

Sobre a edição de Hayford e Sealts (1962), Williams e Abbott (1999) afirmam que os editores:

[...] registraram as numerosas revisões encontradas nas páginas por meio de interrupções com colchetes e identificou cada revisão de acordo com o estágio de revisão que ela representava. O resultado, então, não é de uma mera transcrição, que por si só configura uma tarefa por vezes dificultosa nas edições documentais, mas uma transcrição que reflete a análise árdua de como Melville desenvolveu sua história [...] A apresentação, como a que Hayford e Sealts fizeram de *Billy Budd*, reúne em uma só sequência, não em notas ou aparato anexado, os múltiplos estágios de desenvolvimento textual, os vários estágios, por vezes, sendo indicados por esquemas muito complexos de colchetes e marcas diacríticas. Tal tipo de edição genética ganhou ímpeto na França pelo que chamam crítica genética, um movimento influenciado pelo estruturalismo francês e interessado não apenas em um estado particular do texto de uma obra, mas sim nos vários estados textuais como um processo ou como um campo de possibilidades de seleção e combinação³² (Williams; Abbott, 1999, p. 74, grifo dos autores, tradução nossa).

É importante salientar que Williams e Abbott (1999) comentam o fato de que os registros do processo de construção do texto de Melville são apresentados em uma só sequência, ou seja, no corpo do texto, não em forma de aparato ou notas. Williams e Abbott (1999) dizem que apesar de alguns críticos textuais restringirem o termo ‘genética’ para se referir a edições que apresentam o texto e suas alterações como estão em um manuscrito, o termo também tem sido usado (assim como sinóptica) para referenciar a edições que apresentam múltiplos textos documentais de uma obra. Os autores também apresentam a definição de edição genética no glossário de seu livro:

Uma edição que tem como principal objetivo o estabelecimento e a disposição do desenvolvimento de um texto ao invés de construir um texto de autoridade, com a premissa de que uma obra não é melhor representada

³² Texto original: They reported the numerous revision found on the leaves as bracketed interruptions and identified each revision according to the stage of revision it represents. The result, then, is not mere transcription, itself an often difficult task in documentary editing, but transcription that reflects painstaking analysis of how Melville went about developing his story [...] The presentation, like that of Hayford and Sealts's *Billy Budd*, brings together in one sequence, not in notes or an appendicular apparatus, the multiple stages of textual development, the various stages being indicated by sometimes very complex schemes of brackets and diacritical marks. Such genetic editing has gained impetus in France from what has been called *critique génétique*, a movement influenced by French structuralism and interested not in a particular state of a work's text but rather with the various textual states as a process or as a field of possibilities of selection and combination³² (Williams; Abbott, 1999, p. 74, grifo dos autores).

por um único texto e sim por uma série de textos que refletem sua história textual ou versões. Nesse sentido, sinônimo de edição sinóptica. O termo pode também se restringir a uma edição que apresenta o desenvolvimento do texto ou textos em um único documento, em oposição a edição sinóptica, em que apresenta o desenvolvimento em sua ordem de aparição em diversos documentos. Todas as edições genéticas apresentam *inclusive-text*³³ (Williams; Abbott, 1999, p. 148, grifos dos autores, tradução nossa).

Os autores afirmam que, quando se trata de edições de testemunhos múltiplos (politestemunhais) que buscam representar os múltiplos processos de desenvolvimento do texto, se aplica a edição sinóptica, que nesse sentido, o termo é sinônimo de edição genética, mas que esta última se aplica a documentos monotestemunhais (ou documentos que só apresentam um testemunho conhecido). Para finalizar, os autores afirmam que todas as edições genéticas utilizam o *inclusive-text* em sua apresentação. *Inclusive-text*, de acordo com a definição apresentada no glossário do livro *An introduction to bibliographical and textual studies* (1999), é, no âmbito das *Scholarly Editions*, um texto editado que incorpora símbolos editoriais, interpolações e outras coisas do tipo, ao invés de apresentar um texto limpo. Essas características são bem similares às atribuídas as transcrições genéticas.

Em *A guide to Documentary Editing*, Mary-Jo Kline (1998) considera o texto genético da edição de *Billy Budd* como uma transcrição diplomática, pois acredita que em transcrições diplomáticas deve-se apresentar detalhadamente todos os elementos que compõem o texto e o documento, inclusive processos, caso ocorram. Para Kline (1998):

O texto genético de *Billy Budd* é um dos mais complicados e sofisticados produtos das edições acadêmicas modernas. Textos genéticos mais simples têm estado entre nós desde a primeira vez que o editor apresentou um texto inclusivo ou um texto conservador expandido ou um rascunho manuscrito. Qualquer método editorial que inclui o uso de símbolos para representar remoções, inserções e escrita na entrelinha pode apresentar um texto genético para documentos individuais. Editores que evitam o uso de símbolos textuais podem, ao invés disso, entregar aos seus leitores textos limpos da versão final e fornecer notas que permitam aos leitores construir suas próprias versões genéticas³⁴ (Kline, 1998, p 179, tradução nossa).

³³ Texto original: A scholarly edition that has the chief goal of establishing and displaying a text's development rather than constructing an authoritative text, the premise often being that a work is best represented not by a single text but by a series of texts reflecting its textual history or versions. In this sense, synonymous with *synoptic edition*. The term may also be restricted to an edition showing the development of the text or texts in a single document, as opposed to a synoptic edition, which shows the development as it appears in several documents. All genetic editions use *inclusive-text* presentations (Williams; Abbott, 1999, p. 148, grifos dos autores).

³⁴ Texto original: The genetic text of *Billy Budd* is one of the most complicated and sophisticated products of modern scholarly editing. Simpler genetic texts have been with us since the first editor presented an inclusive or conservatively expanded text or a handwritten draft. Any editorial method that includes the use of symbols for deletions, insertions, and interlineations can present a genetic text for individual documents. Editors who eschew

Segundo a autora, qualquer método editorial que inclua o uso de símbolos para marcar cancelamentos, inserções e entrelinhamento pode apresentar um texto genético para documentos individuais. Na tradição da crítica textual brasileira, não se vê a transcrição diplomática sendo feita com uma grande quantidade de codificadores genéticos, mas, geralmente, é própria dela a pouca intervenção, a manutenção da *mise en page* (topografia do texto) e de elementos como consta no original, sendo preferível até a manutenção das formas gráficas, o que acaba ocupando muito espaço, além de manter as abreviaturas. No âmbito da *scholarly edition*, não há referências à existência de uma edição semidiplomática, em contrapartida, na tradição da crítica textual brasileira ela existe e apresenta certas informações acerca da gênese em suas transcrições, como substituições, entrelinhamento e supressões. O problema é que a transcrição semidiplomática não tem como foco os processos de escrita do texto da mesma forma que a transcrição genética se propõe, além de desdobrar abreviaturas, o que não é feito na transcrição genética.

Em um documento que apresenta múltiplos processos de escrita, a transcrição semidiplomática seria limitada para registrá-los, uma vez que, de acordo com os manuais brasileiros, ela tem por objetivo não apresentar grandes interferências no texto (mais comumente a intervenção se dá pelo desdobramento de abreviaturas), sendo mais interventiva que a diplomática e menos interventiva do que a interpretativa. Apesar de a transcrição genética não realizar intervenção no texto, a grande quantidade de operadores genéticos (utilizados para marcar o processo de escrita) acaba fazendo com que ela apresente grandes intervenções do editor, mesmo que essas intervenções sejam de necessidade do documento. Desse modo, a afirmação de Kline (1998) de que qualquer método editorial poder gerar um texto genético é, de certa forma, equivocada e generalizante para a realidade da crítica textual brasileira. Ao mesmo tempo, a autora pontua que “edições genéticas tentam oferecer ao leitor o acesso a mais de um nível de criação textual dentro de uma única página” (Kline, 1998, p. 178, tradução nossa).

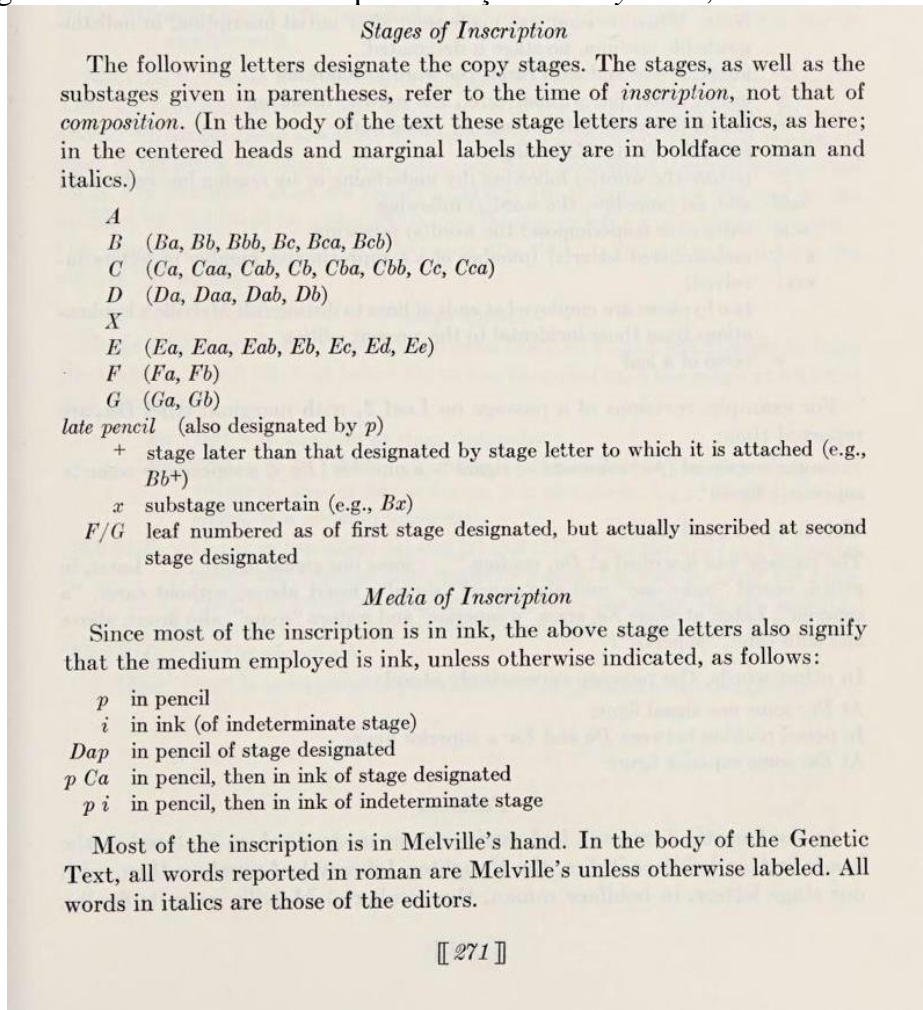
O texto genético de *Billy Budd, Sailor*, apresentado por Hayford e Sealts (1962), é definido como uma transcrição literal do manuscrito de Billy Budd, página por página, incluindo folhas substituídas, de forma que incorpora a análise dos editores sobre o texto. Os autores dizem que para fazer isso, eles apresentaram como texto-base a primeira versão do texto inscrita por Melville em cada página. Ao mesmo tempo, apresentaram cada uma das

the use of textual symbols can insted give their readers clear texts of the final version and supply notes that permit the readers to construct their own genetic version (Kline, 1998, p. 179).

revisões entre colchetes até o ponto em que ele as fez no curso do texto (modificações em curso). Os editores fazem um adendo, dizendo que não é possível acompanhar todo o desenvolvimento do texto desde o início ou encontrar a ‘primeira versão’ da história. O motivo disso se dá pelo fato de ter começado a obra literária a lápis e ter feito vários ‘falsos começos’ e várias campanhas de revisão destes, então, ele passava a limpo algumas páginas destes falsos começos utilizando tinta e descartava as versões a lápis, ficando apenas alguns exemplares preservados em situações em que Melville utilizou o verso da folha.

Hayford e Sealts (1962) apresentam, como eles designam, os estágios de escrita do autor. O estágio A representa o mais próximo do inicial que foi encontrado, que foi feito a lápis. O estágio B corresponde as alterações que o autor fez, marcada com giz de cera verde, seguida de ‘Ba’ que corresponde a primeira campanha de revisão do estágio B, sendo ‘Bb’ a segunda campanha de revisão e assim sucessivamente. Na figura 20, também se vê que os editores apresentam o ‘meio de inscrição’, que se refere às ferramentas utilizadas para realizar a escrita:

Figura 20- Critérios adotados para a edição de *Billy Budd*, de Herman Melville



Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 271).

Além desses elementos, a edição conta com a identificação dos escreventes do texto, uma vez que *Billy Budd*, além da escrita de Melville, também conta com escritos feitos por Elizabeth Shaw Melville, esposa de Herman Melville, e por Raymond Weaver, o primeiro editor. Cada escrevente conta com seu código de identificação. Em sequência, Hayford e Sealts (1962) apresentam os operadores que utilizaram para marcar os estágios das revisões, além de operadores para marcar os processos de escrita, como é apresentado na figura 21:

Figura 21 - Continuação dos critérios adotados para a transcrição do texto genético de *Billy Budd*, de Herman Melville

G E N E T I C T E X T • T R A N S C R I P T I O N	
<i>HM</i>	inscription by Herman Melville
<i>ESM</i>	inscription by Elizabeth Shaw Melville (his wife)
<i>W</i>	inscription by Raymond Weaver (the first editor)
Revisions	
The Genetic Text reports all revisions, bracketed, directly following the word(s) revised.	
→ ... →	enclosed revision was made at time leaf was first being inscribed
[. . .]	enclosed revision was made later than initial inscription of leaf
[. . . { . . . } . . . { . . . } . . .]	enclosed revision underwent secondary revisions (enclosed in braces)
[<i>Bb</i> . . . { <i>Ca</i> . . . }]	enclosed revisions were made at stages designated
Note: When revision was made soon after initial inscription, in indistinguishable medium, no stage is designated.	
>	insert, above and with caret, the word(s) following
⤵	insert, above but without caret, the word(s) following
<	cancel the word(s) following (by lining out)
⤴	erase the word(s) following
»	restore the word(s) following (by underlining or by erasing line-out mark)
<i>add</i>	add, on same line, the word(s) following
<i>w.o.</i>	write over (superimpose) the word(s) following
x }	undeciphered letter(s) (number of x's approximates number of letters involved)
xxx }	
- -	two hyphens are employed at ends of lines to distinguish Melville's hyphenations from those incidental to the present edition
v	verso of a leaf

Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 271).

Nos operadores, pode-se verificar que os editores elaboraram símbolos que representassem processos mecânicos da construção do texto, como, por exemplo, o cancelamento de palavra por segmento riscado, apagamento da palavra (por borracha), restauração de palavras por meio de sublinhado ou apagamento de risco do segmento, além de utilizar *w.o.* (*write over*) para representar palavras escritas em sobreposição. O resultado do texto genético apresentado pelos editores é um texto que conta com diversos codificadores genéticos para marcar os processos, além de marcar as versões e as campanhas de correção. Vale lembrar que essa edição foi realizada em um documento monotestemunhal que apresentava estágios em cada página. A transcrição genética (cf. figura 22) se deu da seguinte forma:

Figura 22 - Texto genético do estágio de escrita A de *Billy Budd*, de Herman Melville

A: pencil

Billy B → *w.o.* Budd → [> a rollicking seaman { < a rollicking seaman }] yet more familiarly → < yet more familiarly *w.o.* sometimes → known as → alter as to among → his shipmates as Handsome → < as Handsome *w.o.* under the nicknames → Handsome, [*underlined*] [< Handsome > “Beauty”] xx xx → < xx xx *w.o.* and J < J *w.o.* The Jewel, [*underlined*] → he being a man [?] in [?] his xx → < a man in his xx *w.o.* in person → [> (at top, to follow he being) not only → < not only → goo → < goo → goodnatured → < he being < goodnatured → > (still above, circled, with guide-line to caret) he being not only sparkingly → < sparkingly → pleasant in temper, → < pleasant in temper > genial, → { < genial > (above) genial in temper, and sparkingly so; } > but (before in person) > (after person) also] a goodly object [< goodly add brilliant { < a brilliant object > goodly }] to behold; [*passage finally reads* he being not only genial in temper, and sparkingly so, but in person also goodly to behold;] his features, ear, foot, and in a less degree even his sailor hands all indicating n → < indicating n → together → < together < all → but more particularly [< particularly > strikingly] his [> whole { < whole } frame and] natural bearing [< bearing > (with guide-line and caret) carriage] all → < all → indicating no ignoble lineage → < no add some < ignoble lineage → superior and noble stock → < some . . . stock → exceptional and superior stock → < exceptional . . . stock → a lineage contradicting his lot; he, [*alter semicolon to period and alter he to He*] in war time, Captain of a gun’s crew in a seventy-four, is summarily condemned [> at sea] to be hung as the ringleader of an incipient mutiny [> (below, circled) the spread of which was apprehended] [> a mutiny] projected under the [*orange crayon cancel whole leaf*]

Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 275).

Esse texto genético, resultado de uma transcrição genética, aproxima-se da proposta de transcrição feita no âmbito do projeto de pesquisa *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*. A transcrição proposta por Barreiros (2013; 2015) e ampliada e adaptada em Santiago (2021), busca apresentar, no corpo do texto, a gênese da escrita dos textos, por meio de operadores genéticos que registram as marcas de manipulação, autoral ou não, do documento. Sendo assim, categorizo essa proposta de Barreiros (2013; 2015), ampliada e adaptada em Santiago (2021), como uma transcrição genética, já que ela possibilita a visualização dos movimentos de escrita empregados pelo escrevente. As transcrições genéticas vêm sendo feitas no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* desde 2013 e é sempre o primeiro tipo de transcrição empreendido nos documentos de Motta que contam com marcas físicas de manipulação da escrita, servindo, posteriormente, de base para a elaboração de outros tipos de transcrição.

É importante observar que o acervo de Eulálio Motta reúne documentos de natureza e gênero variados - nem todos os itens são rascunhos, e nem todos os rascunhos exigem

transcrição genética, já que nem todos apresentam marcas de manipulação de escrita. Com base na distinção entre transcrição e edição, abriu-se em Santiago (2021) uma reflexão metodológica que dialoga diretamente com o projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e que trouxe contribuições ao grupo de pesquisa: a reavaliação de quais operadores (tipos de transcrição e edição) são mais adequados para cada documento.

O critério decisivo, nessa lógica, foi o próprio documento. Quando este apresenta pouca ou nenhuma marca física de manipulação (rasuras, sobreposições, cancelamentos etc.) ele pode ser contemplado por transcrições mais conservadoras (como diplomática ou semidiplomática) e edições que não dependem do aparato da crítica genética. Em contrapartida, se o documento revela indícios de manipulação significativa, a transcrição genética permite evidenciar essas operações, assinalando camadas de intervenção, hesitações ou reescritas que outras modalidades ocultariam. No corpus deste estudo, a maioria dos textos exhibe marcas físicas de manipulação, o que justifica a adoção sistemática da transcrição genética com uso de operadores genéticos.

Na tradição da crítica textual brasileira, costuma-se ver o tipo de transcrição como determinante para o tipo de edição. Por exemplo, se se utiliza transcrição diplomática, a edição resultante tende a ser diplomática; ao substituí-la por transcrição semidiplomática, transforma-se o tipo de edição. Contudo, há exceções complexas, como edições críticas, crítico-genéticas ou histórico-críticas, nas quais o tipo de transcrição por si só não esgota as lógicas editoriais envolvidas. Diante disso, defendo que uma edição com transcrição genética, mesmo situada no escopo da crítica textual, pode ser legítima como edição genética, desde que mantenha sua coerência metodológica e sua função de tornar visíveis os processos textuais ocultos.

Com essa abordagem, a pesquisa *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021) contribuiu ao grupo ao propor uma flexibilidade metodológica que respeita a singularidade dos documentos, reconhecendo que a escolha dos operadores de transcrição e edição exige sensibilidade crítica e compromisso com a materialidade textual. Essa revisão dos operadores reforça a posição de que edições genéticas não são meramente uma escolha estilística, mas uma exigência filológica nos casos em que os documentos exigem um tratamento mais rigoroso e revelador. E aqui, essa discussão levou em consideração o meio digital, uma vez que não se limitando mais às edições impressas, cabe ao editor pensar novas formas de exibição e de edição desses rascunhos, de forma que não haja o apagamento dos movimentos de escritas que são tão

necessários para compreender este estado de texto e compreender o pensamento de escrita e o desenvolver do texto do(s) escrevente(s).

3.5 TRANSCRIÇÃO GENÉTICA LINEARIZADA DOS RASCUNHOS DE CARTAS

A seguir, apresentam-se os critérios de transcrição utilizados para elaborar a transcrição genética linearizada, com revisões em relação ao texto apresentado anteriormente na dissertação de mestrado (Santiago, 2021).

Seguem os critérios utilizados para a transcrição/revisão do *corpus* desta tese, no âmbito do projeto *Edições das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, ampliados e adaptados por Santiago (2021) a partir de Barreiros (2013; 2015):

1. No caso de manuscritos encadernados, indica-se, à margem direita da primeira linha, a folha (caso não esteja enumerada), a exemplo: (f. 1r ou f.1v), ou a página, caso tenha sido feita a enumeração pelo escrevente, a exemplo: (p. 1; p. 2);
2. No caso de folhas avulsas (manuscritas, datiloscritas ou impressas), indica-se o código catalográfico, à margem direita, exemplo: (EH1.800.CL.03.004);
3. No caso de impressos ou datiloscritos encadernados, indica-se o número da página à margem direita, exemplo: (p. 10);
4. As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
5. Os textos são transcritos em fonte *Times New Roman* padrão *Word*; de tamanho 11, justificados à margem esquerda;
6. Transcreve-se o título como se encontra no original;
7. Quando não houver título atribuído pelo escrevente, deve-se tomar a primeira linha escrita como título para o texto;
8. As quebras de linha serão marcadas com o símbolo |;
9. A rubrica do autor indica-se entre colchetes;
10. Serão mantidos os sublinhados que constam no documento a ser transcrito;
11. Serão utilizadas notas do editor para indicar informações complementares tais como: alternância da cor da tinta, rasgões, furos, manchas, colagens, etc., que devem ser apresentadas sempre no final da transcrição, separados do texto transcrito;
12. Serão mantidas as abreviaturas na transcrição, a serem desdobradas na nota do editor;
13. São mantidas as interpolações, os lapsos do autor, a ortografia, a acentuação, o uso de maiúsculas, a pontuação e registraram-se todas as correções, emendas, rasuras e acréscimos, através da utilização de operadores genéticos;
14. Corresponde a uma transcrição linearizada que acomoda as rasuras, substituições, correções e acréscimos na sequência lógica do texto (não obedecendo a topografia do original);
15. As linhas vazias (sem escritos ou marcas), como, por exemplo, o ato de saltar uma linha, são apresentadas na transcrição, mas não são contabilizadas na enumeração. Traços, riscos ou outras marcas nas linhas em que não apresentam código alfanumérico devem ser reproduzidos, sempre que possível, e as linhas devem ser contabilizadas como linha escrita na enumeração lateral da transcrição.

Contamos com os seguintes operadores genéticos para realizar a transcrição do *corpus* desta tese, no âmbito do projeto *Edições das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, ampliados e adaptados por Santiago (2021) a partir de Barreiros (2013;2015):

Chave de leitura dos operadores: o símbolo { } ocorre em contexto de cancelamento, apagamento por borracha ou segmento ilegível; o símbolo [] ocorre em contexto de acréscimo, numeração da página e rubrica do escrevente; o símbolo / \ ocorre em contexto de substituição. O símbolo † é utilizado para representar segmento ilegível; os símbolos ↑↓←→ são utilizados para representar a localização do acréscimo ou substituição na página; o símbolo ≧ é utilizado para representar o ato o ato de substituir por sobreposição (unidade lexical ou frase escrita por cima de outra).

1. [P] Numeração da página que consta escrita no documento;
2. | marcação da quebra de linha;
3. { } seguimento riscado, cancelado;
4. {**B ... B**} (**B em negrito**) seguimento ou texto completo apagado por borracha;
5. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de texto inteiramente cancelado (riscado);
6. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de fragmento de texto cancelado (riscado) que ultrapassa o nível da linha;
7. {†} seguimento ilegível;
8. {{†}} seguimento ilegível cancelado, riscado;
9. {†}/>{†}\ seguimento ilegível substituído por outro seguimento por sobreposição ilegível;
10. {†}/ \ segmento ilegível substituído por outro legível na sequência, na relação: {ilegível}/legível;
11. {†}/> \ substituição por sobreposição de segmento ilegível por outro legível na relação: {ilegível}/>legível;
12. { } / \ segmento legível riscado e substituído por outro legível na sequência, na relação: {substituído} /substituto\;
13. { } /> \ substituição por sobreposição de segmento legível por outro legível, na relação: {substituído}/> substituto\;
14. { } / [↑] \ riscado e substituído por outro na entrelinha superior;
15. { } / [↓] \ riscado e substituído por outro na entrelinha inferior;
16. { } / [→] \ riscado e substituído por outro na margem direita;
17. { } / [←] \ riscado e substituído por outro na margem esquerda;
18. [] acréscimo no curso da linha;
19. [↑] acréscimo na entrelinha superior;
20. [↑↑] continuação da entrelinha superior;
21. [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
22. [↓↓] continuação da entrelinha inferior;
23. [→] acréscimo na margem direita;
24. [←] acréscimo na margem esquerda;
25. [↑{ }] acréscimo na entrelinha superior riscado;
26. [↑{†}] acréscimo na entrelinha superior ilegível;

27. [$\uparrow\{\ }/\backslash$] acréscimo na entrelinha superior riscado e substituído por outro na sequência;
28. [$\uparrow\{\dagger\}/\backslash$] acréscimo na entrelinha superior ilegível e substituído por outro na sequência;
29. [$\downarrow\{\ }]$ acréscimo na entrelinha inferior riscado;
30. [$\downarrow\{\dagger\}]$ acréscimo na entrelinha inferior ilegível;
31. [$\downarrow\{\ }/\backslash$] acréscimo na entrelinha inferior riscado e substituído por outro na sequência;
32. [$\downarrow\{\dagger\}/\backslash$] acréscimo na entrelinha inferior ilegível e substituído por outro na sequência;
33. [$*\uparrow$] parte do texto localizada à margem superior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
34. [$*\downarrow$] parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
35. [$*\rightarrow$] parte do texto localizada à margem direita indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
36. [$*\leftarrow$] parte do texto localizada à margem esquerda indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
37. [$*(\textbf{f. ou p., L}) \dots *(\textbf{f. ou p., L})$], sendo **apresentado em negrito**, para parte do texto localizada em outro fólio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólio ou da página aparece entre parênteses, seguido de L que referenciará a linha na qual esse apêndice se encontra;
38. /* / leitura conjecturada;

Rascunho de carta 1 - Meu caro Eudaldo: Saudações

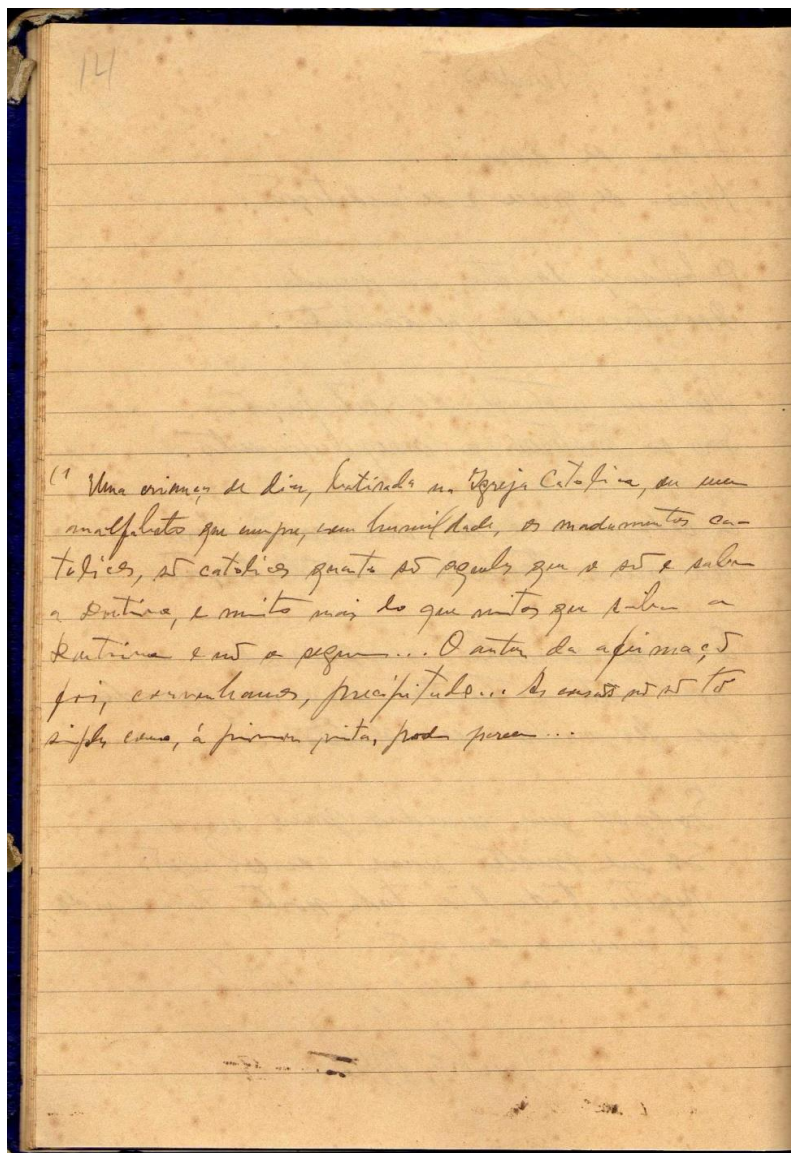
p. 14

[P 14] |

5 [***(15, L 20)**] ⁽¹ Uma criança de dias, batizada na Igreja Católica, ou um |
analfabeto que cumpre, com humildade, os mandamentos ca- |
tolicos, são catolicos quanto são aqueles que o são e sabem |
a Doutrina, e muito mais do que muitos que saibam a |
Doutrina e não a seguem... O autor da afirmação |
foi, convenhamos, precipitado... As cous {aõ}/>as\ não são tão |
simples como, á primeira vista, podem parecer... ***(15, L 20)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Texto escrito no meio exato da página, localizado entre as 8 linhas superiores e as 8 linhas inferiores da página.



16

com ~~frases~~ de políticos. Com afirmações de tal natureza, o autor cometeu aquele erro do sapateiro que passou do sapato, ~~deu~~ ^{ou} ~~se~~ ^{seu} ~~que~~ ^{que} ~~passou~~ ^{passou} do sapato, ~~deu~~ ^{ou} ~~se~~ ^{seu} ~~que~~ ^{que} ~~passou~~ ^{passou} do sapato...". Se ele tivesse na memória esse pedacinho da história [no] momento {de}/>em [que] escreve {r}/>u aquela[s] afirmações {{†}} [↑precipitadas,] cheirando a Augusto Comte...

Fiquemos por aqui, para não transpor muito os limites desta carta que ~~me~~ ^{que} escrevo ^{para} isto: {lhe} dizer-{te}/>lhe\ que recebi o livrinho supra-citado, e ped {r}/>i\r-lhe que a {q}/>c\redite na sinceridade da minha gratidão.

Receba um abraço do seu velho amigo
Eulalio Motta.
22-8-941.

Carta Aberta a um amigo
(Sobre um livro de polemicas do Sr. Basilio Castro)

Meu amigo: Na carta particular que lhe fiz, com data de 22-8-941, prometi que, terminada a leitura do livro que você me mandara, escrever-lhe-ia, dizendo algo sobre o mesmo. Considerando que o assunto não interessa somente a mim e a você, mas a um grande n° de pessoas, catolicas e protestantes, resolvi, em vez de uma carta particular, fazer-lhe esta carta aberta.

~~Receba um abraço do seu velho amigo~~

[P 16] |

com {discuções}/[↑fraseados de]\ políticos. Com afirmações |
de tal natureza, o autor cometeu aque- |
le erro do sapateiro que passou do sa- |

- 5 pato, {Dan}/>dan\do [↑lugar a] frase-[↑conselho,] que ficou na histo- |
ria : " Sapateiro não passe do sapato..." |

Se ele [↑(o autor de taes afirmações),] tivesse na memoria esse pedacinho da |
historia [↑no] momento {de}/>em [↑que] escreve {r}/>u aquela[s] afirmações {{†}} |
[↑precipitadas,] cheirando a Augusto Comte... |

- 10 Fiquemos por aqui, para não transpor muito os li- |
mites desta carta que {escrevo}/>{†}\ somente para isto: {lhe} |
dizer-{te}/>lhe\ que recebi o livrinho supra-citado, e ped {r}/>i\r- |
lhe que a {q}/>c\redite na sinceridade da minha |
gratidão. |

- 15 Receba um abraço do seu velho amigo |
[Eulalio Motta.] |
22-8-141. |

Carta {a}/>A\berta a um amigo |

- 20 (Sobre um livro de polemicas do Snr. Basilio Castro) |
Meu amigo: Na carta particular que lhe fiz com data de 22-8-941, |
prometi que, terminada a leitura do livro que você me man- |
dara, escrever-lhe-ia, dizendo algo sobre o mesmo. |
Considerando que o assunto não interessa somente a mim e |
25 a você, mas [a] um grande n° de pessoas, catolicas e protestan- |
tes, resolvi, envez de uma carta parti,cular, fazer-lhe esta carta aberta. |
{(sobre o {†}/>livreto\ re {†} aõ)} |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Entre as linhas 18 e 19, a página foi dividida por um traço para separar os textos.
3. Na linha 20, a abreviatura Snr. se desdobra como Senhor.

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Entre as linhas 18 e 19, a página foi dividida por um traço para separar os textos.
3. Na linha 20, a abreviatura Snr. se desdobra como ‘Senhor’.

~~Meu caro Eudaldo~~ 17
~~Saudações~~

~~Na minha carta de 22-8-941, lhe prometi~~
~~voltar ao assunto, para lhe dizer algo sobre~~
~~o livrinho ^{do Sr. Basilio Catalá Castro} que você me mandou.~~
~~Antes de tudo, devo-lhe dizer, ao terminar~~
~~a leitura do livrinho em questão, que os seus~~
~~sentimentos com a leitura de livros protestantes. Sem~~
~~pre que ^{os} livros, tanto me a~~
~~ausência de serenidade e humildade cristãs, tão~~
~~fecundas, e que aprendi a conhecer e a amar nos~~
~~livros dos escritores católicos. ^{Por} livros~~
~~protestantes, serenos e humildes. ^{Por} livros~~
~~que nunca tive a sorte de os encontrar.~~
~~Tenho paciência e me acompanhe nas citações~~
~~destes trechos que colhi do livrinho ^{do Sr. Basilio}~~
~~para lhe mandar como prova da minha fal-~~
~~ta de sorte em tais leituras.~~
~~A citação é longa, ^{mas} já lhe pedi~~
~~que tenha paciência. Vejamos:~~
~~— “O P. Fco, que se apresenta na bombástica dedica-~~
~~toria do seu livro, todo blandícios, “etc.” tem garras~~
~~de felino; (Página 9) |~~
~~— Negamos-^olhe o direito de usar armas proibidas pelo de-~~
~~coro e pela decência como a calúnia, a inverdade, a~~
~~insinuação malevola; (Pag. 10) |~~

{Meu caro Eudaldo.} [P 17] |

{Saudações} |

{F Na minha carta de 22-8-941, lhe prometi |

voltar ao assunto, para lhe dizer algo sobre |

5 o livrinho [↑do Snr. Basilio Catalá Castro,] que você me mandou. F} |

Antes de tudo, devo-lhe dizer, {F ao terminar |

a leitura do livrinho em questão F}, que não tenho |

{muita} sorte com a leitura de livros protestantes. Sem- |

pre que {†}/>leio\ um desses livros, entristese-me a |

10 ausência de serenidade e humildade {es}/>e\ cristãs, tão |

fecundas, e que aprendi a conhecer e a amar nos |

livros {dos escritores} católicos. {Acredito}/[↑Naõ afirmo]\ que haja |

livros protestantes serenos e humildes. P{†}/>osso\, [↑afirmar,], {portanto}/>entretanto,\ |

{†}/>que nunca\ tive a sorte de os encontrar. |

15 Tenha paciência e me acompanhe nas citações |

destes trechos que colhi do livrinho {em questão}/>{citado}\/[↑do Snr. Basilio][↓,] |

para lhe mandar como prova da minha fal- |

ta de sorte em tais leituras. |

A citação é longa, {f}/>m\assante, mas já lhe pedi |

20 que tenha paciência. Vejamos: |

— “O P. Fco, que se a apresenta na bombástica dedica- |

toria do seu livro, todo blandícios, “etc.” tem garras |

de felino; (Página 9) |

— Negamos-^olhe o direito de usar armas proibidas pelo de- |

25 coro e pela decência como a calúnia, a inverdade, a |

insinuação malevola; (Pag. 10) |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 3 a 5, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

3. Na linha 21, a abreviatura P. Fco se desdobra como ‘Padre Francisco’, referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

4. Nas linhas 5 e 16, as abreviaturas Snr. se desdobram como ‘Senhor’.

18

"Sagacidade jesuítica", "explora inescrupulosamente", "com improbidade científica", "perindo para arma e fito", "armadilha artificiosa do padre" (as expressões de pag. 13);

"Baralha astutamente" "sob bases falsas e sagazmente escondida a aleivosa insinuação";

"É manhoso no arranjo de um artil" (P. 15)

"É porque não se coibe esta 'mistura de feiticeira e pagãoismo' de que fala o P. Fco? Para nós é um mistério. Será que rende, que tine? (Pag. 17.

(Depois de ^u "aleivosa insinuação", é chocante, ~~descoberta~~ esta pergunta: "Será que rende, que tine?")

"V. Rev. manipulou perfidamente (Pag. 17)

"Malevolamente insinua (Pag. 18)

"O que estava na mente e no desejo de P. Fco foi o proposito de fazer intriga pequena, baixa, etc. (Pag. 30)

"Este velho 'conto do vigário' visa nos intrigar, etc (Pag. 32)

"O paralelo", etc. "foi arranjado artatamente. (Pag. 35)

"Seu ataque neste ponto, sobre {†}/>ser\ {†}/>vil\ é maligno" (Pag. 37)

"V. Revma. sabe tudo isso mas faz que não sabe

[P 18] |

"Sagacidade jesuítica", "explora inescrupulosamente", "com improbidade científica", "ferindo para armar efeito", "armadilha artificiosa {-} |

5 do padre" – (saõ expressões da pag. 13); |

"Baralha astutamente" "sob bases falsas e sagazmente escondida a aleivosa insinuação"; |

"é manhoso no arranjo de um artil" (P. 15) |

"E porque não se coibe esta "mistura de feiticeira e pagan {s}/>i\smo" de que fala o P. Fco? Para nós |

10 é um mistério. Será que rende, que tine? (Pag. 17. |

(Depois de [†se ler a] acusação [de] "aleivosa insinuação", é chocante, | {†}/>e encontrar\ esta pergunta: "Será que rende, que tine?") |

"V. Rev. manipulou perfidamente (Pag. 17) |

15 "Malevolamente insinúa (Pag. 18) |

"O que estava na mente e no desejo de P. Fco foi o proposito de fazer intriga pequena, baixa, | etc.) (Pag. 30) |

"Este velho "conto do vigário" visa nos intrigar, etc |

20 (Pag. 32) |

"O paralelo", etc. "foi arranjado artatamente.) (Pag. 35) |

"Seu ataque neste ponto, sobre {†}/>ser\ {†}/>vil\ é maligno" (Pag. 37) |

"V. Revma. sabe tudo isso mas faz que não sabe |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Nas linhas 14 e 24, as abreviaturas V. Rev. e V. Revema., ambas se desdobram como 'Vossa Reverendíssima'.

3. Nas linhas 10 e 16, as abreviaturas P. Fco se desdobram como 'Padre Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

[P 19] |

para entorpecer [↑leitores] inermes e difamar impune-
mente" (Pag. 41) |"Seu sistema é de restrições mentaes, quando quer |5 iludir" (Pag. 44) |

"Clamar contra o casamento civil é o prazer |

maligno de muitos missionarios." (Pag. 45) |"Em todo o seu livro ha a preocupação maligna" |

(Pag. 54); [↑ódio, odio, odio. Todo o livro do Snr. Basilio é] somente isto: ódio. |

10 Gastaõ de Oliveira, o protestante convertido ao |

Catolicismo, é [↑na pena do Snr. Basilio,] "um falsificador", (Pag. 32); é |

{o} "o informante facil, que mentio sem escrupu- |

lo nem decoro" (Pag. 31) [↑é "uma quista calunista que sofre] [↑↑enfermidade moral e
interesses] inconfessaveis." (Pag. 51) |

Leonel Franca, esse admiravel Leonel |

15 Franca, cultissimo, modestissimo, honestis- |

simo, que nunca fez afirmações sem provas [↑irrefutaveis,], é, na |

pena do Snr. Basilio, "Sadico e morbido," "tec- |

nico arteiro," que tem "o fito diabolico de trans- |

formar gracejos imprudentes em imoralidades"; |

20 e [↑teu] o "gesto [{mais}] maligno" e "o mister ignobil" de |
exumar mortos para dissecar sua vida moral e /*seriedade/. |

(Pag. 38) |

"E' dever comesinho, diz o Snr. Basilio, de qual- |

quer escritor ser imparcial e literariamente probo |

25 sem se exacerbar nas estúas da paixão fa- |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na
margem superior direita.

2. Nas linhas 9, 11, 17 e 23, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.

(2) ~~Seu muito imprudencia de minha parte substitui-los~~
~~pelo livro de Basilio!.~~

20
 natica". Depois de escrever tantas expressões
 de odio, a Sr. Basilio faz tal confissão de
 "dever comessinho;" ^{e diz á pagina 57, que "nao é de semear odio".} Imaginacão fosse, ~~o~~ hora! (3)
 Meu ~~caro Eudaldo~~, tenha paciencia, tolere a
 minha pergunta; este livro do Sr. Basilio é
 cristo? Não acha que ele esteja em desacordo
 com o espirito de Cristo que diz: "Amac-vos uns
 aos outros?" Estas expressões que transcrevi para
 lhe mandar revelarão amor ao próximo? (1)
 Quando cala o odio, ^{na pena do Sr. Basilio,} ~~chacota, a chalaça,~~
^{o espirito de Cristo,} ~~o espirito de Cristo,~~ ^{o seu odio contra nós é}
 anti-cristo e despeitado, sem duvida porque nos
 andamos atraz de V. Revma., pedindo: "ô padre
 me dê um santo." (Pag. 19) E na pag. 23, escreve:
 "Muito bem! Nós vamos com prazer atraz servindo-lhe
 de Sancho Pança e dizendo: - Bravo heroi!"
 Repito, ^{tenha paciencia} ~~tenha paciencia~~ ^{isto é} ~~isto é~~ ^{Christianismo?}
 Meu caro: - Na ^{abreviatura} ~~abreviatura~~ ^{de seu} ~~de seu ^{coração} ~~coração~~ ^{irmao} ~~irmao~~ ^e ~~e~~ ^{amigo} ~~amigo~~
 quanto ^{vez} ~~vez~~ ^{que} ~~que ^{me} ~~me ^{suria} ~~suria~~ ^{para} ~~para~~ ^{ler} ~~ler~~ ^e ~~e ^{meditar} ~~meditar~~.
 Compreendo a sua boa intenção e agradeço,
 sinceramente, a gentileza de seu coração irmão
 e amigo. Mas sou obrigado a lhe dizer, sem~~~~~~~~

- (2) {F Seria muita imprudencia de minha parte substitui-los |
 pelo livro de Basilio!. F} |
 [P 20] |
 natica". Depois de escrever tantas expressões |
 5 [↑amargas] de odio, o Snr. Basilio faz {c}/>t\al confissão de |
 "dever comessinho;" [↑e diz á pagina 57, que "nao é de semear odio".] Imagine se
 {quisesse}/>fosse\ {fa} hora! [*(22, L 22) (3)] |
 Meu {caro Eudaldo}/[↑amigo], tenha paciencia, tolere a |
 minha pergunta; este livro do Snr. Basilio é |
 cristo? Não acha que ele esteja em desacordo |
 10 com o espirito de Cristo que diz: "Amac-vos uns |
 aos outros?" Es {s}/>t\as expressões que transcrevi para |
 lhe mandar revelaraõ amor ao próximo? [*(21, L 1) [↑(1)]] |
 Quando cala o odio, [↑na pena do Snr. Basilio,] fal {a}/>{†}\ {o}/a\ {espirito galho furo,}
 /[↑chacota, a chalaça,]\ |
 o espirito de vaia. [↑incompatíveis com a seriedade do assunto.] O seu ódio contra nós é |
 15 anti-cristão e despeitado, sem duvida porque não |
 andamos atraz de V. Revma., pedindo: "ô padre |
 me dê um santo." (Pag. 19) E na pag. 23, escreve: |
 "Muito bem! Nós vamos com prazer atraz servindo-lhe |
 de Sancho Pança e dizendo: - Bravo heroi!" |
 20 {Repito}, {t}/>t\enha\ paciencia [↑repito: {este livro do Snr. Basi}} isto é Cristianismo? |
 Meu caro: - Na [{sua}] [↑delicada] dedicatoria [com] [↑que] {do}/me\ [↑enviou o]
 livrinho em |
 questaõ, você diz que m'o queria "para ler |
 e meditar." |
 Compreendo a sua boa intenção e agradeço, |
 25 sinceramente, a gentileza de seu coração irmão |
 e amigo. Mas sou obrigado a lhe dizer, sem |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 1 e 2, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 8 riscos.
3. Nas linhas 5, 8, 13 e 20, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.
4. Na linha 16, a abreviatura V. Revma. se desdobra como 'Vossa Reverendissima'.

(1) Aqui na minha rua, numa casa proxima a ~~esta~~ de onde
 escrevo, ha 1 grupo de ~~pagode~~ cantando e tocando, ~~precisamente~~ neste
 momento, estão cantando uma canção com este ~~estabelecido~~. Quem ama não faz assim.
 Achei interessante a coincidência e escrevi este entre parentesis.) ***(20, L 12)** **F** |
 nem uma intenção de ~~lhe~~ magoa, pois seria
 retribuir ~~uma~~ gentileza com ~~uma~~ grosse-
 ria, sou forçado a lhe dizer, meu amigo,
 que este livro do Snr. Basilio é impróprio
 para ~~a~~ meditações. ~~Este~~ Tenho aqui no
 meu quarto de solteiro catolico e amigo
 da solidão, um "Novo Testamento", "A Imita-
 ção de Cristo", um cri{s}/>c\ifixo, um terço, a ima-
 gem do "Sagrado Coração de Jesus" e minha estan-
 te de escritores catolicos de minha predile-
 ção. São estes os objetos de minhas leituras
 e meditações. Encontro neles tanto amor
 a Deus ^{(tanto amor de Deus! (2))} e tanta
 e tanta paz, e as almas irmãos não bebam n
 mesma fonte em que minha' alma bebe e se
 alimenta e se ilumina, graças a Deus!
 Oportunamente, voltarei a lhe escrever sobre
 os assuntos abordados pelo Snr. Basilio.
 Não o faria se não fosse o receio de você
 imaginar que fugi do assunto. Nós, catolicos,
 não tememos discutir com quem ama a Verdade. {Nós} |
 {†}/>{†} que nós a amamos. E estamos absolutamente
 convictos de que estamos com ela. |
 Receba, mais uma vez, um abraço do velho amigo |
 22-8-941. [Eulalio Motta.] **F** |

{F [*(20, L 12) (1) Aqui na minha rua, numa casa proxima {ao norte}/>a esta\ de onde |
 escrevo, ha 1 grupo de {*/pagode/}/>*/pandegos/\ cantando e tocando; e,
 {exata}/>precisa\mente neste |
 momento, estão cantando uma canção com este {†}/>{†}: "Quem ama não faz assim," |
 achei interessante a coincidência e escrevi este entre parenthesis.) ***(20, L 12)** **F** |

- 5 [P 21] |
 nenhuma intenção de {lhe} magoa{r}/>l[-o], pois seria |
 retribuir {uma} gentileza com {uma} grosse- |
 ria, sou forçado a lhe dizer, meu amigo, |
 que este livro do Snr. Basilio é impróprio |
 10 para {a} meditações. {Este}/Tenho\ aqui no |
 meu quarto de solteiro catolico e amigo |
 da solidão, um "Novo Testamento", "A Imita- |
 ção de Cristo", um cri{s}/>c\ifixo, um terço, a ima- |
 gem do "{Divino}/>Sagrado\ Coração de Jesus" e minha estan- |
 15 te de escritores catolicos de minha predile- |
 ção. São estes os objetos de minhas leituras |
 e meditações [$\uparrow(\{\{\dagger\}\})$]. Encontro neles tanto amor |
 {F {de}/>a\ Deus [e] [\uparrow tanto amor de Deus! ***(22, L 1)** (2)]} {Lastimo que você, {B}/O\ |
 Snr. Basilio |
 e tantas outras almas irmãs não bebam n{†}/>es\ta |
 20 mesma fonte em que minha' alma bebe e se |
 alimenta e se ilumina, graças a Deus! |
 Oportunamente, voltarei a lhe escrever sobre |
 os assuntos abordados pelo Snr. Basilio. |
 Não o faria se não fosse o receio de você |
 25 imaginar que fugi do assunto. Nós, catolicos, |
 não tememos discutir com quem ama a Verdade. {Nós} |
 {†}/>{†} que nós a amamos. E estamos absolutamente |
 convictos de que estamos com ela. |
 Receba, mais uma vez, um abraço do velho amigo |
 30 22-8-941. [Eulalio Motta.] **F** |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 9, 18 e 23, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.
3. Nas linhas 1 a 4, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 5 riscos.
4. Nas linhas 18 à 30, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

(2) Neles é que busco e encontro consolação para minha
 alma quando se fere, nas quedas da minha fra-
 guesa humana. Neles é que encontro o Cristo. Por meio deles é que converso
 com o C.] Neles é que encontrei resposta para |
 as perguntas e dúvidas que enchiam [↑de] angustia o meu mundo |
 interior. Somente na Igreja Católica é que encontrei |
 a {↑alegria e a paz}/>Verdade\ que [↑eu] não conhecia [* (23, L 2) (4)] Somente nela é
 que |
 encontrei o Cristo. {F Eudaldo, a Igreja Católica |
 é Mãe! Não é a madrasta que vocês imaginam! |
 Ha muito [↑desconhecimento e] crueldade na pena dos que a com- |
 batem e odeia[m]! F} Contemplem-na com boa vanta- |
 de! Olhem-na com amor que ela é mãe de |
 todos nós! Ela ilumina e eleva! {p}/>P\erdôa e |
 consola! Ela é Mãe! {Eu amo-a}/>Ame-mo-la\ com amor |
 filial! Que Deus {†}/>dêça\ ao coração de |
 vocês todos, para que a luz deste amor |
 os ilumine! |
 Estes, meu {s} caro, são os {†}/>desejos\ do coração de |
 seu velho companheiro de infância e ami- |
 go de sempre. |
 [Eulalio Motta.] |
 24-8-941.

(3) Na página 18 - do livro "insigne Primaz do Brasil"; e, na
 página 19, fala em "um educador ilustre, dedicado e delica-
 do membro do clero bahiano." Estes 2 torrõezinhos de [↑gelo] assu- |
 carado [de] [↑elogios pessoais] em meio de tanto fel, {†}/>saõ\ tão destoantes que
 provocam |
 risos. [* (20, L 6)] |
 (Ver pagina seguinte)

[* (21, L 18) (3) Neles é que busco e encontro consolação para minha |

[P 22] alma quando se fere, nas quedas da minha fra- |

guesa humana. [↑Porque neles é que encontro o Cristo. Por meio deles é que converso

com o C.] Neles é que encontrei resposta para |

as perguntas e dúvidas que enchiam [↑de] angustia o meu mundo |

5 interior. Somente na Igreja Católica é que encontrei |

a {↑alegria e a paz}/>Verdade\ que [↑eu] não conhecia [* (23, L 2) (4)] Somente nela é
 que |

encontrei o Cristo. {F Eudaldo, a Igreja Católica |

é Mãe! Não é a madrasta que vocês imaginam! |

Ha muito [↑desconhecimento e] crueldade na pena dos que a com- |

10 batem e odeia[m]! F} Contemplem-na com boa vanta- |

de! Olhem-na com amor que ela é mãe de |

todos nós! Ela ilumina e eleva! {p}/>P\erdôa e |

consola! Ela é Mãe! {Eu amo-a}/>Ame-mo-la\ com amor |

filial! Que Deus {†}/>dêça\ ao coração de |

15 vocês todos, para que a luz deste amor |

os ilumine! |

Estes, meu {s} caro, são os {†}/>desejos\ do coração de |

seu velho companheiro de infância e ami- |

go de sempre. |

20 [Eulalio Motta.] |

24-8-941. [* (21, L 18)] |

[* (20, L 6) (3) Na pagina {18} {†}/>-\ ele [↑fala] na "insigne Primaz do Brasil"; e, na |
 pagina 19, fala em "um educador ilustre, dedicado e delica- |

do membro do clero bahiano." Estes 2 torrõezinhos de [↑gelo] assu- |

25 carado [de] [↑elogios pessoais] em meio de tanto fel, {†}/>saõ\ tão destoantes que
 provocam |

risos. [* (20, L 6)] |

(Ver pagina seguinte) |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na

margem superior esquerda.

2. Na linha 3, a abreviatura C. se desdobra como ‘Cristo’.

3. Nas linhas 6 a 19, havia riscos horizontais feitos de lápis grafite e lápis de cor vermelho, porém estes riscos foram apagados por borracha. Havia 6 riscos com grafite e o escrevente passou o lápis de cor vermelho por cima deles.

4. Nas linhas 6 e 7, o fragmento “Somente nela é que encontrei o Cristo.” havia sido riscado a lápis grafite, porém o risco foi apagado com borracha, deixando uma mancha sombreada no espaço apagado.

5. Nas linhas 7 a 10, o fragmento de texto foi cancelado por um risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

23

41- Se ^{quis} pudessem ou quizessem estudar a histo-
ria e doutrina da Igreja Catolica sem rancor,
sem ideias preconcebidas, com simplicidade,
com humildade de coração puro e olhos lim-
pos, ~~talvez pudessem~~ ^{certamente poderiam} vel-a como realmente
ela é, e não como vocês a imaginam. "Bema-
venturados os limpos de coração; porque de vós a
Deus." Aproximem-se da Igreja com os corações limpos
de odio, sem expressões de rancor e chacotas, sem or-
gulho, humildemente, e vel-a-aõ. E compreenderão
que ela é mãe e não madrastra. E notarão que ha
muito desconhecimento, muita ~~agonia e~~ ^{crueza} crueldade na alma
dos que a combatem e odeiam. Procurem vel-a com
boa vontade. Não a julguem sem a conhecer. Se vo-
cês a conhecessem, ^{certamente lhe teriam amor.} ~~amariam~~ Porque ela
é mãe. Ilumina e eleva. Perdôa e consola. Me-
rece o nosso respeito e o nosso amor filial. Ela
é mãe de nossos avós, de nossos pais, de to-
dos nós. ^{Amemo-la!} ~~Amemo-la!~~ Que Deus ^{vos} ~~deus~~ corações
de vocês, para que a luz deste amor os ilu-
mine.
São estes, meu amigo, os desejos do coração de
seu velho companheiro de infancia e amigo de
sempre. 31-8-941.

[P 23] |

[*(22, L 6) 4: – Se [↑vocês] pudessem ou quizessem estudar a histo-
ria e a {D}/>d\outrina da Igreja Catolica sem rancor, |
sem ideias preconcebidas, com simplicidade, |

- 5 com humildade, de coração puro e olhos lim- |
pos, {talvez pudessem}/[↑certamente poderia]\ vel-a como realmente |
ela é, e não como vocês a imaginam. "Bema- |
venturados os limpos de coração; porque eles veraõ a |
Deus." Aproximem-se da Igreja com os corações limp{†}/>os\ |
10 de odio, sem expressões de rancor e [de] chacotas, sem or- |
gulho, humildemente, e vel-a-aõ. E compreenderão |
que ela é mãe e não madrastra. E notarão que ha |
muito desconhecimento, [e] muita {agonia e} crueldade na alma |
dos que a combatem e odeiam. Procurem vel-a com |
15 b{†}/>õ\ a vontade{,}/\ Não a julguem sem a conhecer. Se vo- |
cês a conhecessem, {amal-a-iam}/[↑certamente lhe teriam amor.]\ Porque ela |
é mãe. Ilumina e eleva. Perdôa e consola. Me- |
rece o nosso respeito e o nosso amor filial. Ela |
é mãe de nossos avós, de nossos paes, de to- |
20 dos nós [*(25, L 21) [(5)]] Amemo-la! {D}/Q\ue Deus [↑dêça] aos corações |
de vocês, para que a luz deste amor os ilu- |
mine. |
São estes, meu amigo, os desejos do coração de |
seu velho companheiro de infancia e amigo de |
25 sempre. [Eulalio Motta] |
31-8-941. *(22, L 6) |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 20 há dois desenhos em forma de zig-zag na vertical, que não puderam ser reproduzidos aqui, dispostos aos lados dos parênteses "(5)".

24
Na pagina 18, o Snr. Basilio escreve:.... "in-
signe Primaz do Brasil"; na pagina seguinte,
fala de "um educador ilustre, dedicado e deli-
cado membro do clero Bahiano". Estes tor-
rõesinhos de gelo assucarado em meio de tan-
to fel, são tão destoaantes que provocam ri-
sos.

Meu amigo, tenha paciencia, tolere uma per-
gunta: - Este livro do Snr. Basilio é cristão?
Não acha você que este livro está em de-
sacordo com o espirito do "amae-vos uns
aos outros"? "... Todo aquele que se irar
contra seu irmão será reo em juizo."
O Snr. Basilio acha que nós catolicos, so-
mos seus inimigos? Ainda assim:
- Amae os vossos inimigos, fazei bem
aos que vos têm odio.

Este livro do Snr. Basilio é cristão?
Prestar-se-a para meditações?

1º de Outubro de 1941. Primeiro ani-
versario de minha conversão. Que Deus me
ajude neste segundo ano que se inicia pa-
ra mim.

[P 24] |

Na pagina 18, o Snr. Basilio escreve:.... "in-
signe Primaz do Brasil"; na pagina seguinte, |
fala de "um educador ilustre, dedicado e deli- |
5 cado membro do clero Bahiano." Estes tor- |
rõesinhos de gelo assucarado em meio de tan- |
to fel, são tão destoantes que provocaram ri- |
sos. |

Meu amigo, tenha paciencia, tolere uma per- |

10 guntar: - Este livro do Snr. Basilio é Cristão? |
Não acha você que est{á}/>e\ livro está em de- |
sacordo com o espirito do "amae-vos uns |
aos outros"? "... Todo aquele que se irar |
contra seu irmão será reo em juizo." |

15 O Snr. Basilio acha que nós, catolicos, so- |
mos seus inimigos,? Ainda assim: |
- Amae os vossos inimigos, fazei bem |
aos que vos têm odio." |

Este livro do Snr. Basilio é cristão? |

20 Prestar-se-a para meditações? |

_____ |

1º de Outubro de 1941. Primeiro ani- |
versario de minha conversão. Que Deus me |
ajude neste segundo ano que se inicia pa- |
25 ra mim. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 2, 10, 15 e 19, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.

25

2 de Outubro. Amigo Nemesio. Saudações.

~~Pelo tempo que lhe mandei, por M^{el} Joaquim, uma crônica para "O Lídador", a proposito de um livro do protestante Basilio Catalá Castro, já deveria ter sido publicado. Você, porém, não quer publicá-la, e com isso, não se mandei para "O Lídador", a proposta de um livro de proteste, pois de acordo com o seu já conhecido odio á Igreja de Deus.~~

~~Sem nenhum sentimento de rancor, e sem nenhuma intenção de represalia, mas, simplesmente, para sinal de respeito á minha Fé e por coerencia comigo mesmo, peço-lhe que mande suspender a remessa do seu jornal para mim. No mundo, meu amigo, ha outros jornaes, e não será o silencio de sua gazeta que irá abalar a solidez da universal e bi-milenaria Igreja de Cristo.~~

~~Receba os agradecimentos do conterraneo e amigo~~

~~Eulalio Motta.~~

2-10-94/.

(5) Ela veio do Coração de Jesus. Do Seu pensamento. Do seu sofrimento. Do Seu Amor por nós. Sendo do nós e querendo ficar conosco, f{icou}/>undou\ {na}/>a\ sua Igreja. Amemol-a, pois.

[P 25] |

{¶ 2 de Outubro. Amigo Nemesio. Saudações. |

{¶ Pelo tempo que lhe mandei, por M^{el} Joaquim, | uma crônica para "O Lídador", a proposito de um |

5 livro do protestante Basilio Catalá Castro, já deveria |

ter sido publicado. ¶ Você, {†}/>afinal\ não quiz publica{-la}/>r\, |

[↑a crônica que lhe mandei para "O Lídador"; a proposito do livro do protestante] [↑↑B. |

{†}/>C.\ de Castro,] no que {além}, está de acordo com o seu já co- | nhecido odio á Igreja de Deus. |

Sem nenhum sentimento de rancor, e sem nenhuma |

10 intenção de represalia, mas, simplesmente, {f†}/>como\ {†}/>sinal\ |

de respeito á minha Fé e por coerencia comigo |

mesmo, peço-lhe que mande suspender a remes- |

sa do seu jornal para mim. No mundo, meu |

amigo, ha outros jornaes, e não será o silencio de |

15 sua gazeta que irá abalar a solidez da uni- |

versal e {m}/>b\i-milenaria Igreja de Cristo. |

Receba os agradecimentos |

do conterraneo e amigo. |

[Eulalio Motta.] |

20 2-10-941. ¶ |

[* (23, L 20) (5) Ela veio do Coração de Jesus. Do Seu pensamento. |

Do seu sofrimento. Do Seu {a}/>A\mor por nós. Sain- |

do nós e querendo ficar conosco, f{icou}/>undou\ {na}/>a\ |

sua Igreja. [↑E ficou conosco na sua Igreja.] Amemol-a, pois. * (23, L 20)] |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis, na margem superior direita.

2. Nas linhas 3 a 6, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

3. Nas linhas 2 a 20, há um cancelamento em forma de X que cobre todo o espaço que ocupa o rascunho de carta destinada a Nemésio Lima. O X foi feito a lápis grafite.

4. Na linha 3, a abreviatura M^{el} se desdobra como 'Manoel'.

Rascunhos de carta 3 e 4 - a) Meu amigo: / Você, protestante convicto e Meu amigo: / Promessa é dividida

p. 34

a) Meu amigo:
 34
 Você, protestante convicto, afirma de com
 força: "Estou salvo porque tenho fé em
 Christo e Ele prometeu a salvação para
 os que têm fé. E as promessas de Christo
 não falham." ^{Com efeito, Christo disse: "Aquele que crer e for batizado,}
^{será salvo: o que porem não crer será condenado."} ~~mas que acontece~~
~~Conversemos sobre o assunto. A promessa por~~
~~fitada é que~~ Você isola um trecho do Novo
 Testamento, um versículo, ~~sem~~ olha e agarra-
 se a ele sem um olhar ~~se conjunto~~ para
 tudo mais. ^{por ex. N. T. 6. preciso um olhar de conjunto.} Outro se agarra a outro trecho
 do Novo Testamento, e faria outra afirmação,
 também de Biblia em punho, completamente di-
 ferente de sua opinião. Ex.: poderia qualquer
 um afirmar: "Eu estou salvo porque me
 comungo. ^{mas que} Cristo disse: "Quem ^{que} comer a
 minha carne e beber o meu sangue, ~~me~~
 terá a vida eterna". Ora, eu como a Sua carne
 e bebo o Seu sangue, na sagrada eucaristia, logo
 tenho a vida eterna, estou salvo."
 Outro, se agarrando a outro trecho do
 N. T., poderia julgar-se salvo por - fé,
 porque Cristo disse: "Cada um será julgado de
 acordo com as suas obras". Ora, eu fa-
 ço boas obras, e só boas obras, portanto

a) Meu amigo: |

[P 34] |

Você, protestante convicto, afirma de com |

força: "Estou salvo porque tenho fé em |

5 Christo e Ele prometeu a salvação para |

os que têm fé. E as promessas de Christo |

não falham". [↑Com efeito, Cristo disse: "Aquele que crer e for batizado] será salvo: o que
porem não crer será condenado." ; |

Conversemos sobre o assunto. {A minha im-}/[↑O que acontece] |

{pressaão é que}/[↑é isto: —] {v}/>V\ocê isola um trecho do Novo |

10 Testamento, um versículo, {sem olha} e agarra- |

se a ele sem um olhar {de conjunto} para |

tudo mais [↑que diz no N. T. E' preciso um olhar de conjunto.] Outro se agarr {a}/>ria\ o
outro trecho |

do Novo Testamento, e faria outra afirmação, |

tambem de Biblia em punho, completamente d {†}/>i\ - |

15 ferente de sua opinião. Ex.: poderá qualquer |

um afirmar: 'Eu estou salvo porque me |

comungo. {Porque}/>Uma [↑vez que] Cristo disse: "Quem [↑naõ] comer a |minha carne e [↑naõ] beber o meu sangue, naõ |terá a vida eterna". Ora, eu como {s}/>S\ua carne |

20 e bebo o Seu sangue, na sagrada eucaristia. Logo |

tenho a vida eterna, estou salvo." |

Outro, se agarr {†}/>an\do {o}/>a\ outro trecho do |

N. T., pod {iri-se-}/>eria\ julgar-se salvo sem a fé, |

porque Cristo [disse:] "Cada um será julgado de |

25 acordo com as suas obras". Ora, eu fa- |

ço boas obras, e só boas obras, portanto |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na
margem superior esquerda.

2. Nas linhas 12 e 23, as abreviaturas N. T. se desdobram como 'Novo Testamento'.

3. Na linha 15, a abreviatura Ex. se desdobra como 'Exemplo'.

estar garantido. Estou salvo. ^{Ep. de S. Paulo a Fé M, IV, 14.} 35
 E um outro se agarraria a um outro
 trecho e lá se ia por aí a fora, cada qual
 com uma fé, cada qual com um cristianismo,
 diferentes entre si e muito diferentes do
 de Cristo. Cada um, com sua interpretação, com sua opinião, com seu modo
 de ver, de interpretar, é uma unidade, uma pedrinha, na formação de [↓ {novas} Torres de Babel que
 conduam: com interpretações individuais] com os
 livros sagrados, entregues ao livre exame, não
 se pode alugar a conhecer o Cristianismo, o ver
 verdadeiro, [↑o unico,] o fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo.
 O caminho mais pratico e mais facil de
 se chegar a Cristo, é ouvir a sua Igreja, que
 é a Catolica, Apostolica, Romana. Se não se
 quer admitir esta verdade, ou se se quer pre-
 ficar-la não com interpretação mutilada,
 com trechos isolados da Biblia que havemos
 de o conseguir. É preciso um olhar de
 conjunto, do todo. Só com uma ideia
 clara sobre o essencial, poderemos
 comentar e compreender o secundario.
 Sobre este assunto voltarei a con-
 versar com você na minha pro-
 xima carta. Vamos devagarzinho. Não
 cansar.

9-11-941.

- estou garantido. Estou salvo. [↑“Ep. de S. Paulo a Fé M {†}, IV, 14.” [P 35] |
- E um outro se agarraria a um outro |
- trecho e lá se ia por aí a fora, cada qual |
- com uma fé, cada qual com um cristianismo, |
- 5 [↑formando varios cristianismos {†}] diferentes entre si e muit {issimo} />o\ diferentes do |
- de Cristo. [↑Cada um, com sua interpretação, com sua opinião, com seu mo-] do ver, de
 interpretar, é uma unidade, uma pedrinha, na formação de [↓ {novas} Torres de Babel que
 {saõ} />é\ o que existem fora da Igreja de Deus.] |
- Concluamos: com interpretações individuais [↑do N. T.; [* (38, L 1) (1)] com os |
- livros sagrados integros ao livre exame, não |
- se pode {†} lugar a conhecer o Cristianismo, o ver |
- 10 dadeiro, [↑o unico,] o fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo. |
- {†} />O\ {o} caminho mais pratico e mais facil de |
- se conhecer a Cristo, é ouvir a sua Igreja, que |
- é a Catolica, Apostolica, Romana. Se não se |
- quer admitir esta verdade, ou se se quer visi- |
- 15 fica-la, não [é] com interpretações mutiladas, |
- com trechos isolados da Biblia que havemos |
- de o conseguir. É preciso um olhar de |
- conjunto, do todo. Só com uma ideia |
- clara sobre o essencial, poderemos |
- 20 comentar e compreender o secundario. |
- Sobre este assunto voltarei a con- |
- versar com você na minha pro- |
- xima carta. Vamos devagar[zinho]. {C} />P\ara |
- não cansar. |
- 25 9-11-941. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 1, as abreviaturas Ep. e S. se desdobram como ‘Epístola’ e ‘São’.
3. Na linha 7, a abreviatura N. T. se desdobra como ‘Novo Testamento’.

37

Aí estão, meu amigo, as linhas mestras, os
 pontos essenciaes da Igreja de Cristo:
 É universal; tem um só rebanho,
 uma só batismo, uma só fé;
 tem autoridade para perdoar peccados, etc. Qualquer igreja na qual
 falte qualquer destes pontos, pode ser
 tudo, menos a Igreja de Cristo.

[P 37] |

Aí estão, meu amigo, as linhas mestras, os |
 pontos essenciaes da Igreja de Cristo: |

E' universal; tem um só rebanho, |

5 um{a} só batismo, uma só fé; |

tem autoridade para perdoar pecca- |

dos, etc. Qualquer igreja na qual |

falte qualquer destes pontos, pode ser |

tudo, menos a Igreja de Cristo. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

40
 (3) Você que vê em cada batina um símbolo do diabo, segundo as lições do seu Ernesto de Oliveira, seria capaz de renunciar os preconceitos diabolicos e amar o portador da batina? ~~Por~~ ~~esta~~ ~~capacidade~~ ~~capaz~~ ~~de~~ ~~renunciando~~ ~~as~~ ~~sabedorias~~ ~~das~~ ~~interpretações~~ ~~de~~ ~~Ernesto~~ ~~Oliveira~~, que julga e Pope tachando-o de Anti-Cristo, amar o Papa? Amal-o realmente, verdadeiramente, de coraço? Não? Então faltaria com a caridade, pecaria contra o 2º mandamento. E São Paulo que disse, "estando" justificadas pela fé, tenhamos paz com Deus, por Nosso Senhor F. Não? Então faltaria com a caridade. E São Paulo, que fala em "justificação pela fé", "justificação pelo sangue de Jesus, a piração", "Se eu tiver uma fé capaz de transportar montanhas e não possuir a caridade, nada sou." E S. Tiago, claríssimo: "Vêdes que o homem é justi-

[P 40] |

[*(39, L 11) (3)] Você que vê em cada batina um símbo- |

lo do diabo, segundo as lições do seu Ernesto de |

Oliveira, seria capaz de renunciar os preconceitos |

5 diabolicos e amar o portador da batina? {F Você |

{Terá}/>Será\ {santidade} capaz de, renunciando{,} as sabedorias |

das interpretações de Ernesto Oliveira, que julga |

o Papa, tachando-o de Anti-Cristo, amar o Pa- |

pa? Amal-o realmente, verdadeiramente, de cora |

10 çaõ? Não? Então faltaria com a caridade, |

pecaria contra O 2º mandamento. E São |

Paulo, que disse, {"estando"} justificada[s] pela |

fé, tenhamos paz com Deus, por Nosso Senhor F} |

Naõ? Então faltaria com a caridade. E |

15 São Paulo, que fala em {"justificação pela fé"}, |

"justificação pelo sangue de Jesus, afirmo, |

"Se eu tiver uma fé capaz de transportar mon- |

tanhas e não possuir a caridade, nada sou." |

E S. Tiago, claríssimo: "Vêdes que o homem é justi- |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Nas linhas 3 a 13, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

3. Na linha 19, a abreviatura S. se desdobra como 'São'.

Rascunho de carta 5 - Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio

p. 41

Eudaldo amigo: Snr. 41

Na minha primeira cronica sobre o livro do
 Snr. Basilio, a qual voce ainda não leu, ^{disse-me} entre ou-
 tras cousas, {lhe digo} o seguinte: - "Sempre que lio
 um destes livros, (protestantes), entristece-me a ausencia
 de serenidade e humildade cristãs, que aprendi a
 conhecer e amar nos livros catolicos. Não digo que
 não haja livros protestantes serenos e humildes. Posso
 lhe afirmar, entretanto, que nunca tive a sorte de
 os encontrar." Agora que acabo de ler o livro de
 Giovanni Rostagno, dou graças a Deus pela minha
 prudencia quando disse não afirmar {que não} {ex}/>a\ |
 existencia de livros protestantes serenos e humildes. |
 Porque este livro de Giovanni Rostagno, [meu] [↑amigo,] está todo |
 cheio desta "serenidade e humildade [cristãs] que aprendi a co- |
 nhecer e amar nos livros catolicos." Entre a remes- |
 sa que você [me] [↑fez] do livro do Snr. Basilio e do livro |
 de Giovanni, há apenas um espaço de 3 meses. Mas |
 entre os dois livros, meu amigo, que distancia |
 20 imensuravel! Que abismo! Naquele a vaedade, |
 a presunção, [o] [↑pedantismo, a chacota] o odio, o orgulho, [↑{a chacota,}] a malicia, Lutero. |
 Neste, Jesus! Aquele, é um pasquim; {de um} |
 {fanatico vulgar}; este é uma prece; naquele, um |
 fanatico vulgar; neste, um Cristão; naquele |
 25 minh'alma vio um inimigo; neste, encontrou um irmão. |

Eudaldo amigo: /*Saudações/ [P 41] |

Na minha primeira cronica sobre o livro do |

Snr. Basilio, a qual você ainda não leu, [↑digo-lhe,] entre ou- |

tras cousas, {lhe digo} o seguinte: - "Sempre que leio |

5 um destes livros, (protestantes), entristece-me a ausencia |

de serenidade e humildade cristãs, que aprendi a |

conhecer e amar nos livros catolicos. Não digo que |

não haja livros protestantes serenos e humildes. Posso |

lhe afirmar, entretanto, que nunca tive a sorte de |

10 os encontrar." Agora que acabo de ler o livro de |

Giovanni Rostagno, dou graças a Deus pela minha |

prudencia quando disse não afirmar {que não} {ex}/>a\ |

inexistencia de livros protestantes serenos e humildes. |

Porque este livro de Giovanni Rostagno, [meu] [↑amigo,] está todo |

15 cheio desta "serenidade e humildade [cristãs] que aprendi a co- |

nhecer e amar nos livros catolicos." Entre a remes- |

sa que você [me] [↑fez] do livro do Snr. Basilio e do livro |

de Giovanni, há apenas um espaço de 3 meses. Mas |

entre os dois livros, meu amigo, que distancia |

20 imensuravel! Que abismo! Naquele a vaedade, |

a presunção, [o] [↑pedantismo, a chacota] o odio, o orgulho, [↑{a chacota,}] a malicia, Lutero. |

Neste, Jesus! Aquele, é um pasquim; {de um} |

{fanatico vulgar}; este é uma prece; naquele, um |

fanatico vulgar; neste, um Cristão; naquele |

25 minh'alma vio um inimigo; neste, encontrou um irmão. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Na linha 2, há uma rasura na letra "E" em Eudaldo, que parece o início de uma letra "A" maiúscula.

3. Na linha 24, a letra "f" de fanatico foi acesa com tinta preta.

4. Nas linhas 3 e 17, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

42
 naquele, um protestante; neste, um catolico.
 Giovanni esta muitissimo mais proximo de Ro-
 ma do que de Lutero. Pela serenidade de sua lin-
 guagem; pela humildade de seu espirito e até,
 pela doutrina que defende, ^{defende doutrina} ~~defende doutrina~~
 genuinamente catolica. Um dos maiores absur-
 dos do Protestantismo é, a doutrina da predes-
 tinação. A Igreja Catolica afirma que Deus quer,
 para a salvacao de nossa alma, a nossa coope-
 ração, a colaboração de nossa vontade. E é esta
 doutrina que Giovanni defende, á pag. 56 do seu oti-
 mo livrinho: — "Ele ^(Deus) quer que ^(a) alma se lho entre-
 gue voluntariamente." ^(O grifo é meu) Muito bem! Es-
 te sim, é um livro digno de ser lido e meditado. Mas,
 na minha estante e no meu coração, ha um lugar
 de destaque para os bons livros catolicos. O livro
 de Giovanni, meu amigo, será colocado entre estes. Repito-lhe,
 por isto, muito satisfeito, e muito obrigado, do
 seu
 Eulalio
 18-11-941

No capitulo VI, defende um principio catolico, e que
 a Igreja chama "Contrição perfeita", e aconselha como ne-
 cessario á salvacao. A Igreja, que ensina a doutrina
 verdadeira de que não basta a fé, prega a necessidade

[P 42] |

{naquele, um protestante; neste, um catolico.} |

Giovanni esta muitissimo mais proximo de Ro-
ma do que de Lutero. Pela serenidade de sua lin-

5 guagem; pela humildade de seu espirito e, até, |
 pela doutrina que [ele] defende. {./>,\ {Defende Doutrina}/[↑está muitissimo mais proximo de
 Roma] [↑↑do que de] Lutero.\ |

{genuinamente catolica.} Um dos maiores absur-
 dos do Protestantismo é[,] [↑ao meu ver,] a doutrina da predes-

10 tinação. A Igreja Catolica afirma que Deus quer, |
 para a salvacao de nossa alma, a nossa {cl}/>coo\pe-
 ração, a colaboração de nossa vontade. E é esta |

Doutrina que Giovanni defende, á pag. 56 do seu oti-

mo livrinho: — "Ele [↑(Deus)] quer que [a] alma se lho entr-

gue voluntariamente." (O {grifo}/[↑parenteses e o grifo]\ {é}/>saõ\ meus) {F Muito bem! Es-

15 te, sim, é um livro digno de {↑}/>ser\ lido e meditado. Mas, |
 o outro, meu {caro,}/>Euda\ [↑lido,] que tristesa! |

Na minha estante e no meu coração, ha um lugar |

de {alto de} destaque para os bons livros catolicos. O livro-

20 di Giovanni, meu amigo, será colocado entre estes. Repito-lhe, |
 por isto, muito satisfeito, o muito obrigado, do |

seu |

[Eulalio.] |

18-11-941 F |

No capitulo VI, defende um principio catolico; o que |

25 a Igreja chama "Contrição perfeita", e aconselha como ne- |
 cessario á salvacao. A Igreja, que ensina a doutrina |
 verdadeira {q}/>d\ e que não basta a fé, prega a necessidade |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Nas linhas 6 e 7, o fragmento de texto foi cancelado por um risco horizontal (linha) feito com tinta preta.

3. Nas linhas 16 a 23, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 9 riscos.

43
 Nota contriçã. Giovanni, que, em principio, é catolico, |
 prega a mesma cousa F: – "Temos fé; mas não o bastante" |
 tulo XLVI, pagina 99. Deviria ter dito: "Temos fé; mas não basta" |
 ter fé. Porque quem a tem bastante? Ninguém, ninguém, ninguém. |
 Por fé bastante ninguém chegaria ao ceo. O Novo Testamento |
 epl. epl. O Capitulo XVI é uma expressã |
 do nosso "Senhor Deus." E assim por diante. |
 Salvo algum lapso de leitura, creio que po- |
 deria afirmar não haver neste livro uma |
 unica pagina que não seja digna da as- |
 sinatura de um catolico. Não sei se você |
 já terá lido o celeberrimo livrinho do Padre |
 Thomaz de Kempis: "Imitação de Cristo." Eu não |
 conheço todos os livros do mundo. Nem eu nem |
 ninguém. Mas me parece que se alguém conhe- |
 cesse poderia dizer isto que eu tenho dito: Nunca |
 uma humana escreveu ~~livro~~ melhor do que |
 "Imitação de Cristo." O livrinho de Giovanni tem |
 traços do "Imitação." Gostaria que você lesse |
 este livro. Oportunamente lhe mandarei um; |
 mas o mando ~~logo~~ porque se tenho um |
 exemplar e deste não me aparto porque é meu |
 livro predileto de ^{leitura e} meditações. Tenho toda |
 certeza de que você gostará imensamente des{s}/>t\ e li- |
 vrinho admiravel. Aguarde. |
 Receba, com mais um muito obrigado, um abraço do |
 25-11-941. Prof. Eulalio.

[P 43] |

desta contriçã. {F Giovanni, que, em principio, é catolico, |
 prega a mesma cousa F}: – "Temos fé; mas não o bastante" – {{†}/>Diz\}: – |
 diz Giovanni, no capi- |

- 5 tulo XLVI, pagina 99. Deviria ter dito: "Temos fé; mas não basta"} |
 {ter fé."} {F Porque quem a tem bastante? Ninguém, ninguém, ninguém. |
 Por fé bastante ninguém chegaria ao ceo. O Novo Testamento |
 está cheio F} O Capitulo XVI é uma expressã |
 do nosso "{N}/>S\enhoe Deus". E assim por diante. |
- 10 Salvo algum lapso de leitura, creio que po- |
 deria afirmar não haver neste livro uma |
 unica pagina que {s}/>nao\ seja digna da as- |
 sinatura de um catolico. Não sei se você |
 já terá livro o celeberrimo livrinho do Padre |
- 15 Thomaz de Kempis: "Imitação de Cristo." Eu não |
 conheço todos os livros do mundo. Nem eu nem |
 ninguém. Mas me parece que se {os}/>al\guem os conhe- |
 cesse poderia dizer isto que eu tenho dito: Nunca |
 maõ humana escreveu {melhor}/>livro\ melhor do que |
- 20 "Imitação de Cristo." [↑Depois do livro sagrado, é o maior livro do mundo.] O livrinho de Giovanni |
 tem |
 traços do "Imitação". Gostaria que você lesse |
 este livro. Oportunamente lhe mandarei um; |
 {s}/>nao\ o mando {dessa}/>logo\, porque só tenho um |
 exemplar e deste não me aparto porque é meu |
- 25 livro predileto de [↑leitura e] meditações[.] {diarias.} Tenho toda |
 certeza que Você gostará imensamente des{s}/>t\ e li- |
 vrinho admiravel. Aguarde. |
 Receba, com mais um muito obrigado, um abraço do |
 25-11-941. [Eulalio.] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Nas linhas 2 e 3, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

3. Nas linhas 6 a 8, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 8 riscos.
4. Na linha 9, na palavra “deante”, há uma rasura em cima da letra “e”.

Rascunho de carta 6 - Eudaldo amigo Salutem! / Ausente, em trabalhos na Fazenda

p. 48

48 Eudaldo amigo Salutem!

Ausente, em trabalhos na Fazenda e em viagem a "Miguel Calmon" encontrei, ao chegar, mais dois livros que me vêm de sua lembrança amiga.

Apresso-me em lhe fazer esta, para nomear o recebimento dos mesmos e agradecer-lh'os, prevenindo-lhe, ao mesmo tempo, que demorei a lê-los; porque estou, no momento, com leituras que não devem ser interrompidas, e que serão demoradas. É pena que Você esteja fora do rebanho; não fôra isto, nossos livros seriam sempre os mesmos, nossas leituras coincidiriam sempre. Mas Deus escreve certo por linhas tortas. Também eu vivi muito tempo fora do rebanho, e muito mais longe dele do que Você, atualmente. E hoje vejo que ~~foi~~ foram inúteis os meus erros, as minhas loucuras. Se eu não tivesse vivido no mal, não poderia ter um juízo sensato sobre o Bem. Estou satisfeito. Quase feliz. Não posso eliminar este quase; porque minha fraqueza humana é uma força contra mi-

[P 48] Eudaldo Amigo |

Salutem! |

Ausente, em trabalhos na Fazenda e em |
viagem a "Miguel Calmon", encontrei, ao che- |
gar, mais dois livros que me vêm de sua |
lembrança amiga. |

- Apresso-me em lhe fazer esta, para acusar |
o recebimento dos mesmos e agradecer-lh'os, pre- |
venindo-lhe, ao mesmo tempo, que demorei a |
lê-los; porque estou, no momento, com leituras |
que não {s}/>d\evem ser interrompidas, e que serão |
demoradas. E' pena que Você esteja fora do re- |
banho; não fôra isto, nossos livros seriam |
sempre os mesmos, nossas leituras coincide- |
riam sempre. Mas Deus escreve certo por li- |
nhas tortas. Também eu vivi muito tempo |
fora do rebanho, e muito mais longe |
dele do que Você, atualmente. E hoje vejo |
que {f}/>naõ\ foram inúteis os meus erros, |
as minhas loucuras. Se eu não tivesse |
vivido no mal, não poderia ter um |
juízo sensato sobre o Bem. Estou sa- |
tisfeito. Quase feliz. Não posso elimi- |
nar este quase; porque minha fraque- |
za humana é uma força contra mi- |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

49

alhos boas intenções, contra o meu proposito de
 não ofender a Deus; constantemente O ofendo,
 porque constantemente péco. E cada um pe-
 cado que cometo, é uma bofetada que dou
 na face d'Aquela que sofreu e morreu
 por ~~meus~~ de mim. Não cáio, porém,
 em desespero porque conheço a misericórdia
 divina. Deus está no mundo para me compreen-
 der, perdoar, aconselhar e pensar as minhas feridas,
 as feridas de minha alma, abertas em cada peca-
 do. Sim, Deus está aqui no mundo, na sua Igreja,
 por meio da qual me pertão e me consola.
 A aqueles a quem Ele entregou sua Igreja, disse:
 "Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados;
 aqueles a quem os retiverdes, serão retidos."
 Nas minhas horas de tristeza, nos meus
 momentos de treva, que são os dolorosos dias
 de minhas quedas, Ela, sua Igreja, que é
 Ele, mistico, me recebe e me pertão, me
 consola e me eleva. Quanto mais me
 aproximo d'Ele, tanto mais amor sinto por
 Ele. Porque ela me ensina a conhecê-lo cada
 vez mais; e quanto mais o conheço, mais O ado-
 ro.

[P 49]

- nhas boas intenções, contra o meu proposito de |
 não ofender a Deus; constantemente O ofendo, |
 porque constantemente péco. E cada um pe- |
 5 cado que cometo, é uma bofetada que dou |
 na face d'Aquela que sofreu e morreu |
 por {amor}/>{†}\ de mim. Não{,} cáio, porém, |
 em desespero porque conheço a misericórdia |
 divina. Deus está no mundo para me compreen[↓-] |
 10 der, perdoar, aconselhar e pensar as minhas ferida[↓s.] |
 as feridas de minha alma, abertas em cada peca- |
 do. Sim, Deus está aqui no mundo, na sua Igreja, |
 por meio da qual me perd{†}/>ô\ a e me consola. |
 A aqueles a quem {e}/>E\le entregou [↑a] sua Igreja, disse: |
 15 "Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; |
 aqueles a quem [↑os] retiverdes, serão retidos." |
 Nas minhas horas de tristeza, nos meus |
 momentos de treva, que são os dolorosos dias |
 de minhas quedas, Ela, sua Igreja, que é |
 20 Ele, mistico, me recebe e me perdôa, me |
 consola e me eleva. Quanto mais me |
 aproxim{e}/>o\ d'Ela, tanto mais amor sinto por |
 Ele. Porque ela me ensina a conhecê-lo cada |
 vez mais; e quanto mais o conheço, mais O ado[↓-] |
 25 ro. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

50

Ele disse que aqueles que não escutam
 sua Igreja, sejam considerados pagãos.
 E quanto mais escuto sua Igreja, mais
 fico sem compreender como se possa
 amar a Jesus odiando a "Igreja Católica".
 Porque esta é a única Igreja que encon-
 trei nas minhas leituras e meditações do
 Novo Testamento. Leio-o sempre. É o meu
 livro de cabeceira. E, quanto mais o
 leio, mais me entusiasmo e me apaixo-
 no pela Igreja Católica, Apostólica, Ro-
 mana. Neste momento de enlevo de amor
 por minha Igreja, neste instante de har-
 monias interiores, penso, às vezes, em você, e
 me lembro de muitas pessoas amigas que
 vivem fora da Igreja, e, muitas vezes, con-
 tra a Igreja. E sinto e lastimo a ausência
 de vocês. Muitos, certamente, voltarão ao a-
 prisco. Mas é certo, também, que, endureci-
 dos no erro, muitos ficarão, obstinada-
 mente, até à morte, fora da Igreja do Senhor.
 Peço a Deus de todo coração, que entre aqueles,
 e entre estes, esteja Você.

Receba, meu caro, com mais um agradecimento,
 mais um abraço de Eulálio Motta. 14-12-941.

[P 50] |

Ele disse que aqueles que não escutam |
 {{†}}/[↑sua] Igreja, sejam considerados pagãos. |

E quanto mais escuto sua Igreja, mais |

- 5 fico sem compreender como se possa |
 amar a Jesus odiando a "Igreja Católica". |
 Porque esta é a única Igreja que encon- |
 trei nas minhas leituras e meditações do |
 Novo Testamento. Leio-o sempre. É o meu |
 10 livro de cabeceira. E, quanto mais o |
 leio, mais me entusiasmo e me apaixo- |
 no pela Igreja Católica, Apostólica, Ro- |
 mana. Nestes momentos de enlevo, de amor |
 por minha Igreja; neste instante de har- |
 15 monias interiores, penso, às vezes, em você, e |
 me lembro de muitas pessoas amigas que |
 vivem fora da Igreja, e, muitas vezes, con- |
 tra a Igreja. E sinto e lastimo a ausência |
 de vocês. Muitos, certamente, voltarão ao a- |
 20 prisco. Mas é certo, também, que, endureci- |
 dos no erro, muitos ficarão, obstinada- |
 mente, até à morte, fora da Igreja do Senhor. |
 Peço a Deus[↓,] de todo coração, que entre aqueles, |
 e não entre estes, esteja Você. |
 25 Receba, meu caro, com mais um agradecimento, |
 mais um abraço do [Eulálio Motta.] |
 14-12-941. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Na linha 3, o cancelamento "{{†}}" foi feito com um borrão.

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Há uma campanha de correção feita após o texto ser escrito, feita com uma tinta preta mais escura do que a utilizada inicialmente.

52

absoluta: e eu pude, graças a Deus, destinar
 qui as aparições da realidade.
 Mas eu ~~tenho~~ ^{tenho} ~~quest~~ ^{quest} ~~suposto~~ ^{suposto} porque o que ~~me~~
 quero dizer é apenas isto: - ~~que~~ ^{que} ~~uma~~ ^{uma} ~~carta~~ ^{carta} ~~será~~
 respondida ponto por ponto, tin-tin por tin-tin.
 Quanto à sua ironia sobre as minhas preten-
 sões materialistas do passado, devo dizer-lhe
 que Você está chovendo no molhado: porque
 eu mesmo as ridicularizo. Não precisa, portanto,
 que Você se dê a este trabalho.
 Reciba, com mais um abraço, ~~meus~~ ^{meus} votos
 sinceros para que Você tenha um belo Natal
 e um Ano Novo feliz.

Do seu ^{gafio} ~~gafio~~ ^{25-12-941.}

+ (o erro ^{luterano} tapa os olhos, ^{atrofia a int.} e endureço o coração; é muitíssimo mais
 fácil evita-lo do que ~~evita-lo~~ ^{evita-lo}. Na minha luta de "Ação
 Católica", ~~nunca~~ ^{nunca} ~~esqueço~~ ^{esqueço} ter sempre presente esta ver-
 dade)

[P 52] |

absoluta: e eu pude, graças a Deus, destin-
 guir as aparições da realidade. |

{Quem se {†} nesta resposta}/>Mas eu não quero ser longo\; - {porque o que lhe} |

5 quero dizer é apenas isto: - {que} sua carta será |
 respondida, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin. |Quanto à sua ironia sobre as minhas preten-
 sões materialistas do passado, devo dizer-lhe |
 que Você está chovendo no molhado: porque |10 eu mesmo as ridicularizo. Não precisa, portanto, |
 que Você se dê a este trabalho. |Reciba, com mais um abraço, {meu}/>os\, meus votos |
 sinceros para que Você tenha um belo Natal |
 e um Ano Novo feliz. |15 Do seu |
 [Eulalio.] 25-12-941. |[* (51, L 15) X (o erro [†luterano] tapa os olhos, [†atrofia a int.] e endureço o coração; é
 muitíssimo mais |fácil evita-lo do que {†}/>ex\tirpa-lo. Na minha luta de "Ação |
 Católica", {nunca es}que {cerei}/>ro\ ter sempre presente esta ver- |

20 dade) *(51, L 15)] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Há uma campanha de correção feita após o texto ser escrito, feita com uma tinta preta mais escura do que a utilizada inicialmente.
3. Na linha 7, a abreviatura int. se desdobra como 'interpretação'.

Rascunho de carta 8 - Eudaldo: Salutem / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro

p. 56

56 Eudaldo: Sal
 Eu recebi a sua carta de 31 de dezembro, em que
 você, fazendo-se "psiquiatra", acusa-me de doente e faz
 o diagnóstico; lastimo que você tenha esquecido de man-
 dar-me a diagnóstico terapêutica.
 Na carta em questão você se diz de sabio em Cristianis-
 mo e me acusa de cego em tal assunto. Isto porque
 frequentou um curso protestante de S. Paulo e em m.
 Sem querer contestar a sua afirmação quanto á minha
 ignorancia, devo-lhe lembrar que S. Pedro, S. Paulo, S. João
 Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo, Santo Inacio, S. Ambrosio,
 S. Agostinho, etc., etc., etc., etc., etc., etc., tambem não frequen-
 taram o curso protestante de S. Paulo... Aliás, meu
 amigo, este presunço não é meu; é uma característica
 de todo filho de Lutero. Tal arvore, tal fruto. E
 Quem herda não furta. O mundo não conheceu ninguém
 mais presunçoso e arrogante do que Lutero. Sua
 carta está cheia deste espirito luterano: "Eu sei
 o assunto." Meu amigo: eu tenho, em minha
 estante, escritores que sabem o assunto. Lendo
 estes, e lendo a você, tenho a impressão
 nitida de que {m} leio os que sabem e o que
 pensa que sabe. A distancia daqueles para
 você, a a mesma que deslumbro entre a

[P 56] Eu {l}/>d\aldo: Sal |

Em mãos a sua carta de 31 de dezembro, em que |
 você, fazendo-se [de] psiquiatra, acusa-me de doente e faz |
 o diagnostico; lastimo que você tenha esquecido de man- |
 dar-me {o}/>a\ {diagnostico.}/terapeutica.\ |

- Na carta em questão você se diz de sabio em Cristianis-
 mo e me acusa de cego em tal assunto. Isto porque {V} |
 frequentou um curso protestante de S. Paulo {de}/>e\ eu não. |
 Sem querer contestar a sua afirmação quanto á minha |
 ignorancia, devo-lhe lembrar que S. Pedro, S. Paulo, S. {Lu}/>João\{,} |
 Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo, Santo Inacio, S. Ambrosio, |
 S. Agostinho, etc., etc., etc., etc., etc., etc., tambem não frequen- |
 taram o curso protestante de S. Paulo...[***(59, L 15)** [↑(1)]] Aliaz, meu |
 amigo, esta presunção não é sua; é uma característica |
 de todo filho de Lutero. Tal arvore, tal fruto. {E} |
 {q}/>Quem herda não furta. O mundo não conheceu ninguém |
 mais presunçoso e arrogante do que Lutero. Sua |
 carta está cheia deste espirito luterano: "Eu sei |
 o assunto." Meu amigo: eu tenho, em minha |
 estante, escritores que sabem o assunto. Lendo |
 estes, e lendo a você, tenho a impressão |
 nitida de que {m} leio os que sabem e o que |
 pensa que sabe. {F A distancia daqueles para |
 você {a}/>é\ a mesma que deslumbro entre a |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Na linha 1, a abreviatura Sal pode se desdobrar como 'Salutem' 'Saudação' ou 'Saudações'.
3. Na linha 7, a abreviatura V se desdobra como 'você'.
4. Nas linhas 8, 10, 11, e 13, as abreviaturas S. para: S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo se desdobram como 'São'.
5. Nas linhas 11 e 12, as abreviaturas S. para: S. Ambrosio e S. Agostinho se desdobram como 'Santo'.
6. Na linha 23, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com

tinta preta. O cancelamento que se inicia nesta linha se encerra na linha 2 da página 57.

57

ciência e o charlatanismo. Leonel Franca é um sábio no ^{religioso} cristianismo; ele só vê... Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo... Você é apenas alguém que se enche de vento, bate nos peitos e arrôta: "Eu sei o assunto!" Meu amigo: entre a sua sabedoria do assunto, e a sabedoria da Igreja Católica sobre o mesmo assunto, escolhi a da Igreja Católica. Na sabedoria da Igreja, quanto a ^{verdade} pessoa de Jesus, na sua sabedoria, quanto a arrogância presunçosa de Lutero... Você é de minha idade; a Igreja Católica ^{tem quase vinte séculos} é dos tempos dos apóstolos; creio, pois, que tenho mais razão de confiar na sabedoria d'Ela, do que em quem não tomando conhecimento de mim. Isto, meu amigo, não significa "xingatarias catilínicas descabadas"; isto é assunto. Você me aconselha aprender "da mansidão, da tolerância, do respeito ao pensamento alheio." Tenho uma carta sua em que você fala sobre G. Barroso, com "u'a mansidão, uma tolerância, um respeito," bem interessantes... Você está vendo cisco em meu olho e [se] esquecendo do seu... [Isto] {N}/>não é {de evangélico,}/>cristão, mas {...}/>, [em] [↑compensa][↑↑çaõ] é [de um] luterano...

[P 57] |

Ciência e o charlatanismo. F} Leonel |

Franca, [por] [↑ex.,] é um sábio {em}/>no {Cristianismo;}/[↑assunto;]\ {vo-}/>e\ | {ce}/>v\ocê... Louvado seja Nosso Senhor Jesus |

5 Christo{.}/>!\.. você é apenas alguém que se enche | de vento, bate nos peitos e arrôta: "Eu sei |

o assunto!" Meu amigo: entre a sua sabedo- | ria do assunto, e a sabedoria da Igreja Cato- | lica sobre o mesmo assunto, escolhi a da |

10 Igreja Católica. {Nela,}/>Na\ sabedoria da Igreja, | {escuto}/>encontro\ a {lição}/[↑presença]\ serena de Jesus; na sua | sabedoria, {escuto} a arrogância presunço- | sa de Lutero... Você é de minha idade; a |

Igreja Católica {é dos tempos dos apóstolos;}/[↑tem quase vinte séculos.]\ creio, |

15 pois, que tenho {mais} razão de confiar na sabe- | doria d'Ela, {do que a sua} não tomando co- | nhecimento da sua. Isto, meu amigo, não são palavras |

"xinga{to↑ta}/>torias\, catilínicas descabadas" {;}/>; {isto é}/[↑São palavras de] sensatez. | [↑de um ignorante que não se prega sábio] Você me aconselha aprender "da mansidão, da to- |

20 lerância, do respeito ao pensamento alheio." Tenho |

uma carta sua em que você fala sobre G. Barroso, | com "u'a mansidão, uma tolerância, um respeito," bem | interessantes... você está vendo cisco em meu olho |

e [se] esquecendo do seu... [Isto] {N}/>não é {de evangélico,}/>cristão,\ mas {...}/>, [em] [↑compensa][↑↑çaõ] é |

25 [de um] luterano... |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Na linha 11, o risco na palavra "{lição}" e a palavra utilizada como elemento substituto na entrelinha superior "[↑presença]" foram feitas com lápis grafite.

3. Na linha 21, a abreviatura G. se desdobra como 'Gustavo', referente a Gustavo Barroso.

A não ser que você julgue xingatorias a
minha análise mostrando o farisaísmo |
de seu cristianismo. A constatação |
de {†} {†} |
fa {†} |
é fajutas. |
Se eu o chamasse de psico- |
pata com citação freudista, é |
quem estaria fazendo xingatorias. |
10 Mas não faço tal. |
[* (59, L 18) (2)] [P 58] |
Você diz que não está disposto a "ler xingatorias", sem |
revidar. Não tenha susto: {tere o cuidado de não} / [↑peço a Deus que não] |
me deix{ar} / >e\ levar para "xingatorias"; [↑{†} / >presumo\ porque] quem tem a certe- |
15 sa de estar com a Verdade, não precisa lançar mão de |
tal expediente. {Nesta carta} / >Esta certesa\ eu a tenho; e porque a |
tenho, devo lhe dizer que a minha ignorância |
não teme a sua sabedoria. Seus arrotados |
10 anos de estudos {sobre o assunto} não me |
amedrontam: tenho na minha estante muita |
gente com muito mais anos de estudos |
do que você. Mais anos de estudos, [↑{que} / >e\ muito] {mais} ta- |
lento [↑e coisa] [↑↑que não existe em você,] m{as} / >uit\ a humildade, e nada de presun- |
20 ção. Nenhum deles bate nos peitos e grita: |
"Eu sei o assunto." Porque não são filho de |
{filhos} de Lutero, são dicipulos de Cristo; [↑os filhos] \ [↓de {C} / >L\ utero {†} / >tem a
preocupação de citar\ palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo; sem preocupar em
[↓vive-los] {F que |
ensinou a humildade e não a arrogancia. |
Vocês, protestantes, sitam muito as palavras |
de humild{e} / >a\ de F} [* (61, L 5) (3)] |
30 Uma cousa que eu quero lhe dizer, {meu amigo;} / [↑antes de terminar:] \ na |
campanha religiosa a que quero dedicar-me |
não me preocupa a ideia de converter protestan- |
tes, mas, sim, a ideia de esclarecer catolicos. Eu |
considero protestantismo uma psicose; a minha

- (2) 58
- Você diz que não está disposto a "ler xingatorias", sem
revidar. Não tenha susto: {tere o cuidado de não} / [↑peço a Deus que não] |
me deix{ar} / >e\ levar para "xingatorias"; [↑{†} / >presumo\ porque] quem tem a certe- |
15 sa de estar com a Verdade, não precisa lançar mão de |
tal expediente. {Nesta carta} / >Esta certesa\ eu a tenho; e porque a |
tenho, devo lhe dizer que a minha ignorância |
não teme a sua sabedoria. Seus arrotados |
10 anos de estudos {sobre o assunto} não me |
amedrontam: tenho na minha estante muita |
gente com muito mais anos de estudos |
do que você. Mais anos de estudos, [↑{que} / >e\ muito] {mais} ta- |
lento [↑e coisa] [↑↑que não existe em você,] m{as} / >uit\ a humildade, e nada de presun- |
20 ção. Nenhum deles bate nos peitos e grita: |
"Eu sei o assunto." Porque não são filho de |
{filhos} de Lutero, são dicipulos de Cristo; [↑os filhos] \ [↓de {C} / >L\ utero {†} / >tem a
preocupação de citar\ palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo; sem preocupar em
[↓vive-los] {F que |
ensinou a humildade e não a arrogancia. |
Vocês, protestantes, sitam muito as palavras |
de humild{e} / >a\ de F} [* (61, L 5) (3)] |
30 Uma cousa que eu quero lhe dizer, {meu amigo;} / [↑antes de terminar:] \ na |
campanha religiosa a que quero dedicar-me |
não me preocupa a ideia de converter protestan- |
tes, mas, sim, a ideia de esclarecer catolicos. Eu |
considero {L} / >p\ rotestantismo uma psicose; a minha

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Nas linhas 1 a 10, o texto foi escrito na margem superior da página e marcado com um risco de divisão do texto que vai parte esquerda da margem superior da página até meados da parte direita e desce até o nível da 3ª linha da página do caderno.

Nas linhas 1 a 6, o texto foi escrito na parte esquerda da margem superior da página.

Nas linhas 7 a 10, o texto foi escrito na parte direita da margem superior da página.

3. Na linha 26, o fragmento de texto: “[↑os filhos]\ [↓de {C}/>L\utero {†}/>tem a preocupação de citar\ palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo; sem preocupar em [↓↓vive-los]” aparece como substituto do fragmento de texto cancelado das linhas 26 a 29:

“{F que | ensinam a humildade e não a arrogancia. | Vocês, protestantes, sitam muito as palavras | de humildade F}”.

4. Nas linhas 26 a 29, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

59

agora fui um partido de terapêutica preventiva
e não curativa. Para isto não preciso xingamentos
e agressões pessoais, coisas que não existem na carta
que lhe fiz, como, com a graça de Deus, não existiram
em nenhum dos trabalhos que escrevi sobre o as-
sunto.

Você parece que está muito mais triste com a falta de
folhas de laranjas, meu amigo. Você me mandou
um diagnóstico e [eu] estou lhe passando uma re-
ceita. Retribuição de gentilezas.

E receba, com a receita, o abraço amigo
do seu velho Eulálio.

11-1-942.

(1) Você se julga sabio porque frequentou tal curso;
em sua prova que você é nulo no assunto, preci-
samente por isto: porque frequentou tal curso.

(2) Você me julga "mal informado do Espírito Santo como
qualquer budista, etc." Não lhe reconheço autoridade
para um julgamento desta natureza. A Deus e não
a você, cabe julgar-me. Você me julga **F** / [↑e me julga] destituído,
da caridade de Jesus", etc.; devagar, {nao} / [↑moço, devagar!] \ {**F** reconhe-
ço nenhuma autoridade para me julgar;
deixe a Deus o que é de Deus. **F**} *(58, L 11) |

[P 59] |

ação terá um sentido de terapêutica preventiva |
e não curativa. Para isto não preciso xingamentos |
e agressões pessoais, coisas que não existem na carta |
5 que lhe fiz, como, com a graça de Deus, não existiram |
em nenhum dos trabalhos que [pretendo] escrever sobre o as- |
sunto. |

{Você parece que está muito ner} Tome um chá de |
folhas de laranjas, meu amigo. Você me mandou |
10 um diagnóstico e [↑eu] estou lhe passando uma re- |
ceita. Retribuição de gentilezas. |
E receba, com a receita, o abraço amigo |
do seu velho |

[Eulálio.] 11-1-942. |

15 [***(56, L 13)** (1) Você se julga sabio porque frequentou tal curso; |
{↑} parece que você é nulo no assunto, preci- |
samente por isto: porque frequentou tal curso. ***(56, L 13)**] |

[***(58, L 11)** (2) Você me julga "mal informado do Espírito Santo como |
qualquer budista, etc." {**F** Não lhe reconheço autoridade |
20 para um julgamento desta natureza. A Deus e não |
a você, cabe julgar-me. Você me julga **F**} / [↑e me julga] destituído, |
da caridade de Jesus", etc.; devagar, {nao} / [↑moço, devagar!] \ {**F** reconhe- |
ço nenhuma autoridade para me julgar; |
deixe a Deus o que é de Deus. **F**} ***(58, L 11)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Nas linhas 19 a 21 e 22 a 24, os fragmentos de texto foram cancelados por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

60

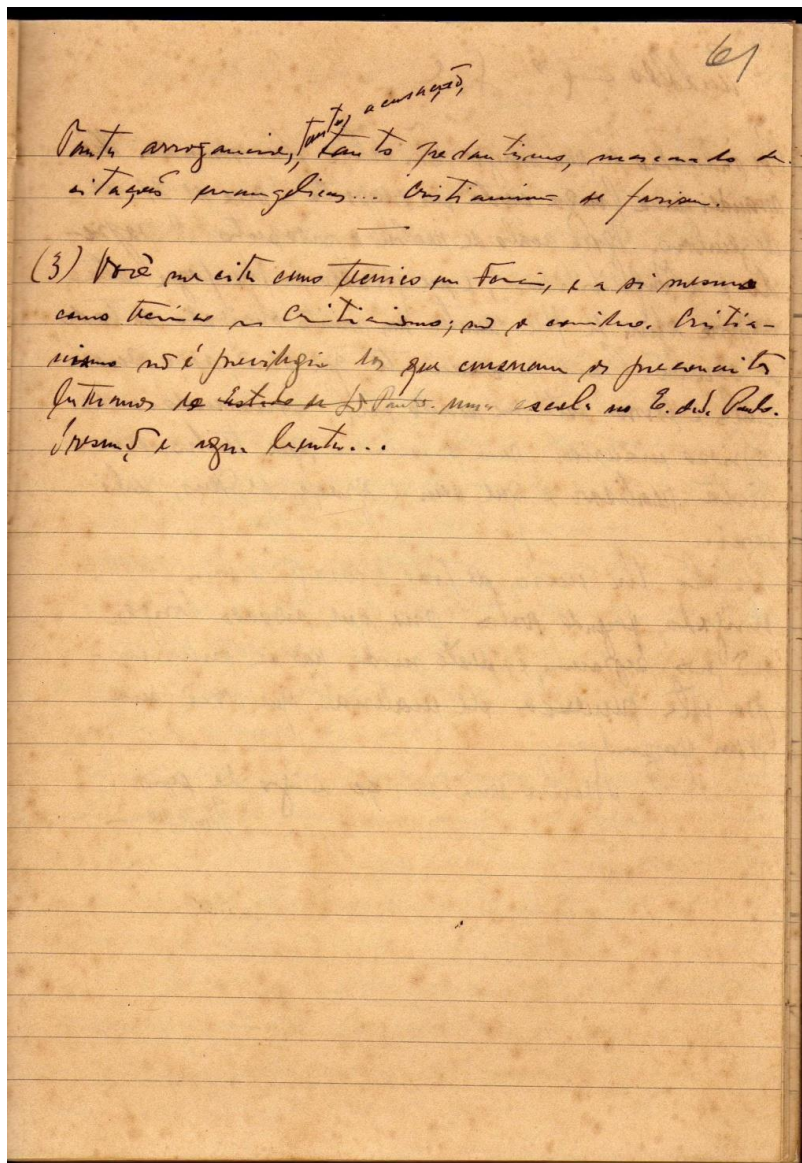
...que você me chame de ignorante e arróte sua
sabedoria; que você me taxe de psicopata, para
mostrar que já leu Freud; que você me ~~chame~~
a galo de briga, etc, va lá... tudo isto, mi-
nha ignorância, minha psicopatia, etc, tudo
isto não é de sua conta, mas, deixe que vá;
~~illegible~~, porém, sua sabedoria, esta capacidade
de julgar e medir grau de caridade, etc, é que
é de mim! Não lhe reconheço nenhuma auto-
ridade para tanto. Deixe a Deus o que é de
Deus. Só Ele pode fazer julgamento desta
natureza. Seu arrotado curso de 10 anos não pode
ter sido poderes que só a Deus pertence. A Deus o
que é de Deus, a Eudaldo o que é de Eudaldo.
E você me pergunta: "Que entendes de Cris-
tianismo?" Eu lhe respondo: o suficiente
para compreender que carta como esta
sua, cheia de arrogância e presunção, não
tem nada de cristão. Leia a parábola do
publicano e fariseu... Se a cegueira do
orgulho luterano não o atrapalhasse,
você verificaria que o cristianismo
de sua carta é um cristianismo de fariseu....

[P 60] |

- ...que você me chame de ignorante e arróte sua |
sabedoria; que você me taxe de psicopata, para |
mostrar que já leu Freud, que você me {compare}/>chame\ |
5 a galo de briga, etc, va lá... {†}/>tudo\ isto, mi- |
nha ignorância, minha psicopatia, etc., tudo |
isto não é de sua conta, mas, {q}/>deixe que vá; |
{†}/>julgar\, porém, [a] sua sabedoria, {esta}/>com\ capacidade |
de julgar o meu grau de caridade, etc., é que |
10 é de mais! Não lhe reconheço nenhuma auto- |
ridade para tanto. Deixe a Deus o que é de |
Deus. Só {e}/>E\le pode {julgar}/>fazer\ julgamento desta |
natureza. Seu arrotado curso de 10 anos não [↑lhe] pode |
ter dado poderes que só a Deus pertence. A Deus o |
15 que é de Deus, a Eudaldo o que é de Eudaldo. |
E você me pergunta: "Que entendes de Cris- |
tianismo?" Eu lhe respondo: o suficiente |
para compreender que carta como esta |
sua, cheia de arrogância e presunção, não |
20 tem nada de crist {ã}/>ian\ [ismo]. Leia a parábola do |
publicano e fariseu... Se a cegueira do |
orgulho luterano não o atrapalhasse, |
você verificaria que o cristianismo |
de sua carta é um cristianismo de fariseu.... |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. A partir da linha 16, a tinta preta fica mais intensa.



[P 61] |

Tanta arrogancia, [↑tanta acusação,] tanto pedantismo, mascarado de |
citações evangelicas... cristianismo de fariseu. |

- 5 [***(58, L 29)** (3) Você me cita como tecnico em Farmácia, e a si mesm{†}/>o\ |
como tecnico em Cristianismo; não o considero. Cristia- |
n{†}/>is\mo não é privilegio dos que cursaram os preconceitos |
luteranos d{o}/>e\ {Estado de São Paulo.} uma escola no E. de S. Paulo. |
Presunção e agua benta... ***(58, L 29)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 8, as abreviaturas “E.” e “S.” em “E. de S. Paulo” se desdobram como ‘Estado de São Paulo’.

Rascunho de carta 9 - Eudaldo amigo: Saltem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix

p. 62

62 Eudaldo amigo: Saltem!

Por intermedio de um amigo Frei Felix {lhes mandei} /lhes
mandei uma longa carta em resposta á sua de 31 de
dezembro. Agora acabo de receber o prospecto "O papa-
do e a Infalibilidade", e me apresso em lhe fazer esta
copia afim de lhe remeter um muito obrigado de todo
o coração. Creia sinceramente que você, com suas
cartas e livros, está me sendo util, fornecendo-me
copioso material para o trabalho que tenho em
vista realizar e que, com a graça de Deus, reali-
zarei.

Por isto lhe envio, de todo o coração, o meu muito
obrigado, fazendo votos para que nossas brigas
não nos separem, e, deste modo, não se interrom-
pa este processo de material que você me
vem fazendo.

Receba um abraço aigo do seu
Eulalio.

[P 62] Eudaldo amigo: Saltem! |

Por intermedio de meu amigo Frei Felix {lhes mandei}/lhes |
mandei uma longa carta em resposta á sua de 31 de |
dezembro. Agora acabo de receber o prospecto "O papa- |

5 do e a Infalibilidade", e me apresso em lhe fazer esta |
{copia} afim de lhe remeter um muito obrigado de todo |
o coração. Creia sinceramente que você, com suas |
cartas e livros, está me sendo util, fornecendo-me |
copioso material para o trabalho que tenho em |
10 vista realizar e que, com a graça de Deus, reali- |
sarei. |

Por isto lhe envio, de todo o coração, o meu muito |
obrigado, fazendo votos para que nossas brigas |

15 não nos separem, e, deste modo, não se interrom- |
pa esta remessa de material que você me |
vem fazendo. |

Receba um abraço {†}/>ço\ amigo de seu |
[Eulalio.] |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.

Rascunho de carta 10 - Eudaldo amigo: Salutem! | Acabo de ler "O Papado e a Infalibilidade"

p. 63

Eudaldo amigo: Salutem! 63
Acabo de ler "O Papado e a Infalibilidade", que
você me mandou com um cartão-desafio. Julguei
que encontrasse alguma novidade no prospecto.
Nada. Muda-se a vitrola, muda-se a agulha, mas
o disco é o mesmo. Se eu só lesse os protestantes,
dar-lhes-ia razão. Mas eu li, e leio, protestantes e
católicos. Esta questão da "Infalibilidade", do
"Culto das imagens", etc. foram por mim lidas
e meditadas, maduramente, em católicos e protes-
tantes. Sobre ^{os pontos} ~~estes pontos~~, me achei em
presença de duas correntes de opiniões: a dos
católicos e a dos protestantes. Analisei, sem paixão,
sem ideia preconcebida, as razões de uns e de
outros. Fiquei com a católica. Você ficou com a
protestante. Somos diferentes...
Você me desafia para "refutar, pulverisar, aniquilar", o pros-
pecto em questão. Seria, meu amigo, descobrir a polvo-
ra. Porque os argumentos que encontrei neste prospecto
já os conheço devidamente pulverizados por Leonel
Franca e Julio Maria. No meu trabalho de
ação católica, não farei mais do que mostrar
aos católicos ao meu alcance
estas páginas admiráveis de humildade e sabedo-
ria, escritas por aqueles grandes católicos.

Eudaldo amigo: [P 63] |

Salutem! |

- Acabo de ler "O Papado e a Infalibilidade", que |
você me mandou com um cartão-desafio. Julguei |
5 que encontrasse alguma novidade no prospecto. |
Nada. Muda-[se] a vitrola, muda-se a agulha, mas |
o disco é o mesmo. Se eu só lesse os protestantes, |
dar-lhes-ia razão. Mas eu li, e leio, protestantes e |
católicos. Esta questão do "Infalibilidade", {d}/>c\omo |
10 "Culto das imagens", etc. foram por mim lidas |
e meditadas, maduramente, em católicos e protes- |
tantes, [↑antes de minha volta á Igreja.] Sobre {pontos}/>{†}\ estes pontos, me achei em |
presença de duas correntes de opiniões: a {p}/>d\os |
católicos e a dos protestantes. Analisei, sem paixão, |
15 sem ideia preconcebida, as razões de uns e de |
outros. Fiquei com a católica. Você ficou com a |
protestante. Somos diferentes... |
Você me desafia para "refutar, pulverisar, aniquilar", o pros- |
pecto em questão. Seria, meu amigo, descobrir a polvo- |
20 ra. Porque os argumentos que encontrei nes{s}/>t\o prospecto {†}/>o\ |
já os conheço devidamente pulverizados por Leonel |
Franca e Julio Maria. No meu trabalho de |
Ação Católica, não farei mais do que {mostrar}/>levar\ |
{aos}/>o\ conheciment{os}/>o\ dos católicos ao meu alcance, |
25 estas páginas admiráveis de humildade e sabedo-
ria, escrita[s] por aqueles grandes católicos. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

64
 Receba, com os meus votos pela continui-
 dade de nossa correspondência, mais um
 abraço do seu velho amigo
 14-1-942.

Na sua carta de 31 você me dá diversos conselhos
 sobre como eu devo começar a minha Ação Católica,
 etc.; ^{repete neste cartaõ;} agradecendo estes conselhos que não lhe pedi;
 devo-lhe dizer que tenho a quem os pedir, e gosto
 de pedir a quem é capaz de dar. "Eu sou pequeno
 mas só fito os Andes."
 Não peço luz á sombra. Peço luz á Luz.
 Disponha do
 Eulalio
 14-1-942.

[P 64] |

{F Receba, com os meus votos pela continui-
 dade de nossa correspondência, mais um |
 abraço do seu velho amigo |

5 [Eulalio.] 14-1-942. F} |

Na sua carta de 31 você me dá diversos conselhos |
 sobre como eu devo começar a minha Ação Católica, |
 etc.; [[↑]repete neste cartaõ;] agradecendo estes conselhos que não lhe pedi; |
 devo-lhe dizer que tenho a quem os pedir, e gosto |

10 de pedir a quem é capaz de dar. "Eu sou pequeno |
 mas só fito os Andes." |

Não peço luz á sombra. Peço luz á Luz. |

Disponha do |

[Eulalio.] 14-1-942. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Nas linhas 6 a 8, o fragmento de texto foi cancelado por riscos com ondulações, na posição diagonal, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 5 riscos.

Rascunho de carta 11 - Eudaldo amigo: Respondendo... I

p. 65

Eu {†}/>dal\do amigo: Respondendo... 65-
I |
Requisito de responder sua carta de 20 de dezembro, ponto
por ponto, tin-tin, por tin-tin. Na verdade, são poucos
os pontos e poucos os tins. Porque na sua carta ha muita
conversa e pouco assunto. ^{Entre os protestantes e assim: muita} citação evangelica, sem
que nem porque, e nada mais. |
Conversemos. Antes da carta, duas palavras sobre uma
tirinha de um jornaleco qualquer, ^{estatísticas} {espantado}/>conta\ [↑estatísticas {masc} (?) {com}]
{†}/>fantásticas |
d{e}/>o progresso {pro}/>do protestantismo no mundo, com |
algarismos de arregalarem os olhos dos incautos. |
Ao lado da tirinha, você escreve {†}/>u\ esta tirada: |
“Estes dados de fonte catolica insuspeita [↑(o grifo {†}/>é\ meu)] vêm corro- |
borar o fato de que não somos anticristãos como nos pin- |
tam.” Não ha nestes dados estatísticos uma só coisa que |
desabone uma instituição cristã. “Se não [es]tivessemos com Cris- |
to, não poderíamos tanto pois ele diz: – “Sem mim nada |
podeis fazer.” |
Deixemos a tirinha. Deixemo-la porque eu não {a acei-} |
{to como expressão da verdade }/[↑posso leva-la a serio]. E´um pedaço de pa- |
pel {†}/>a\anônimo, carregado de algarismos que só podem |
impress{o}/>i\onar alguém que seja tão tólo [↑que se impressiona] com afirma- |
ções anônimas, {com} rotul{o}/>a\[das] de “fonte insuspeita.” |
Analisemos a tirad{†}/>a\. Você levando a serio os |
algarismos da propaganda, conclue que, por |
isto, o protestantismo é cristão! E´ concluir |

Eu {†}/>dal\do amigo: Respondendo... [P 65] |

I |

{Re}/>Fi\quei de responder sua carta de 20 de Dezembro, ponto |
por ponto, tin-tin, por tin-tin. Na verdade, são poucos |

- 5 [os] pontos e poucos [os] tins. Porque na sua carta ha muita |
conversa e pouco assunto. [[↑Carta de protestante é assim: muita] citação evangelica, sem
que nem porque, e nada mais.] |

Conversemos. Antes da carta, duas palavras sobre uma |
tirinha de um jornaleco qualquer, {espantado}/>conta\ [↑estatísticas {masc} (?) {com}]
{†}/>fantásticas |

- d{e}/>o progresso {pro}/>do protestantismo no mundo, com |
10 algarismos de arregalarem os olhos dos incautos. |

Ao lado da tirinha, você escreve {†}/>u\ esta tirada: |

“Estes dados de fonte catolica insuspeita [↑(o grifo {†}/>é\ meu)] vêm corro- |
borar o fato de que não somos anticristãos como nos pin- |
tam.” Não ha nestes dados estatísticos uma só coisa que |

- 15 desabone uma instituição cristã. “Se não [es]tivessemos com Cris- |
to, não poderíamos tanto pois ele diz: – “Sem mim nada |
podeis fazer.” |

Deixemos a tirinha. Deixemo-la porque eu não {a acei-} |

- {to como expressão da verdade }/[↑posso leva-la a serio]. E´um pedaço de pa- |
20 pel {†}/>a\anônimo, carregado de algarismos que só podem |
impress{o}/>i\onar alguém que seja tão tólo [↑que se impressiona] com afirma- |
ções anônimas, {com} rotul{o}/>a\[das] de “fonte insuspeita.” |

Analisemos a tirad{†}/>a\. Você levando a serio os |
algarismos da propaganda, conclue que, por |
isto, o protestantismo é cristão! E´ concluir |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pelos segmentos “Respondendo...”, na linha 1, e “I”,
na linha 2, feitos com tinta vermelha, e pela numeração da página, feita a lápis grafite, na
margem superior direita.2. O número romano I, que se encontra na linha 2, está disposto logo abaixo do segmento
“Respondendo...”, na linha 1.

66
 depressa demais, meu amigo! Quantidade
 de adeptos de uma ideia, não prova nada
 que esta ideia seja cristã! A maioria das crea-
 turas, a imensíssima maioria das criaturas do
 mundo, é indiferente, ou materialista. Pela sua
 lógica, o indiferentismo e o materialismo seriam
 cristãos... Na Rússia, a ideia atea-comunista
 ganhou terreno, empolgou a massa, tomou
 o poder. Pela sua lógica ali na Rússia o
 comunismo é cristão. O mesmo se diga do
 nazismo na Alemanha, do Fascismo na
 Itália, etc., etc.
 Com sua mania protestante de citar pala-
 vras evangelicas, (como se citação de palavras
 evangelicas fosse espirito evangelico) você cita Cristo:
 "Sem mim nada podeis fazer." Que tem isto com
 aquilo? Nada.
 Quando vocês citam poderio protestante, citam
 palavras evangelicas para provar que poderio
 significa cristianismo; mas quando se refe-
 rem ao formidavel, invicto e invencivel poderio da
 Igreja Catolica, vocês citam palavras evange-
 licas para provarem que poderio neste
 mundo significa dominio do Anti-Cristo...
 É sempre assim... O Evangelho em mão do livre
 exame é pau pra toda obra! Prova tudo!
 15-1-942. (continuamos.) Eulalio Motta.

[P 66] |

- depressa demais, meu amigo! Quantidade |
 {naõ}/>de\ adeptos de uma ideia, não prova nada |
 que esta ideia seja cristã! A maioria das crea- |
 5 turas, a imensíssima maioria das criaturas do |
 mundo, é indiferente, {ou} materialista. Pela sua |
 lógica, o indiferentismo e o materialismo seriam |
 cristãos... Na Rússia, a ideia {com}/>atea\-comunista |
 ganhou terreno, empolgou a massa, tomou |
 10 o poder. Pela sua lógica ali na Rússia o |
 comunismo é cristão. O mesmo se diga do |
 nazismo na Alemanha, ao Fascismo na |
 Itália, etc., etc. |
 Com sua {a} mania protestante de citar pala- |
 15 vras evangelicas, (como se citação de palavras |
 evangelicas fosse espirito evangelico) você cita Cristo: |
 "Sem mim nada podeis fazer." Que tem isto com |
 aquilo? Nada. |
 Quando vocês {citam}/>arrota\ poderio protestante, citam |
 20 palavras evangelicas para provar que poderio |
 significa cristianismo; mas quando se refe- |
 rem do formidavel, invicto e invencivel poderio da |
 Igreja Catolica, vocês citam palavras evange- |
 25 licas para provarem que poderio neste |
 mundo significa dominio do Anti-Cristo... |
 É sempre assim... O Evangelho em mão do livre |
 exame é pau pra toda obra! Prova tudo! |
 15-01-942. (continuamos.) [Eulalio Motta.] |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Na linha 1, há um pequeno risco feito com tinta vermelha, abaixo da palavra "Quantidade".

Rascunho de carta 12 - Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário?

p. 67

Respondendo II
Ha ou não ha intermediario? 67
 Eudaldo:
 Dois dedinhos de prosa sobre dois trechos de sua carta de 20 de dezembro de 1941.
 Logo nas primeiras linhas, você se diz "bispo de um rebanho que Cristo lhe confiou." Antes de tudo, não o considero como tal, é logico. Para mim não é qualquer um que se considere, como professor, ~~trabalha~~ ^{trabalha} ~~em~~ ^{em} ~~opiniões~~ ^{opiniões} ~~que~~ ^{que} ~~ensinou~~ ^{ensinou} ~~sobre~~ ^{sobre} ~~Lutero~~ ^{Lutero} ~~e~~ ^e ~~seus~~ ^{seus} ~~comparsas~~ ^{comparsas}, a cerca dos livros sagrados. Mas isto não vem ao caso. Voltemos à vaca fria: Você, na primeira folha de sua carta, se diz de Bispo de um rebanho, isto é, intermediário entre Deus e um grupo de pessoas, que formam o ~~um~~ ^{um} rebanho, o tal que Cristo que lhe confiou, como você diz.
 Poi bem. Na segunda folha desta mesmissima carta, você diz isto: - "Sacerdotes, medianeiros, breve na antiga dispensação, agora todos os crentes são sacerdotes, e diretamente a Deus para dele receber o perdão direto como Pai do prodigo o perdoou sem a intervenção de parentes, amigos e compadres."
 Afinal, meu amigo, ha medianeiro ou não ha? Ha e bispo mesmo ou é apelido que lhe botaram?

Respondendo II |

Ha ou não ha intermediario? [P 67] |

Eudaldo: |

Dois dedinhos de prosa sobre {†}/>d\ois trechos de sua |

5 carta de 20 de dezembro de 1941. |

Logo nas primeiras linhas{,}[/>d\ a] [↑referida,] você diz "bis- |

po de um rebanho que Cristo lhe confiou." Antes |

de tudo, não o considero como tal, é logico. {Eu}/>Para |

{o considerado}/[↑mim você é]\ [↑apenas] alguém que {os com{†}}/>escolheu\, como pro- |

10 fissação, {†}/>o\ [↑tristi] trabalho de pregar as opiniões {que}/>de\ |

{ensinou sobre} Lutero [e] [↑seus comparsas,] a cerca dos livros sagrados. |

Mas isto não vem ao caso. Voltemos à vaca fria: |

você{;}/>, na primeira folha de sua carta, se diz de |

Bispo de um rebanho, isto é, {inter}median{eiros}/>eiro\ |

15 entre Deus e um grupo de pessoas, que formam o |

[seu] rebanho, o tal que Cristo lhe confiou, como |

você diz. |

Pois bem. Na segunda folha desta mesmissima |

carta, você diz isto: - "Sacerdotes, medianeiros, |

20 houve na antiga dispensação, agora todos os crentes |

são sacerdotes,{“} vão diretamente a Deus para dele {pa-} |

receber o perdão direto como Pai do prodigo o |

perdoou sem a intervenção de parentes, amigos e |

compadres.” |

25 Afinal, meu amigo, ha medianeiro ou não ha? Você |

é bispo mesmo ou é apelido que lhe botaram? |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita; do segmento na linha 1, “Respondendo II”, e do sublinhado na linha 2, que foram feitos com tinta vermelha.

Mas você é "bispo" mesmo ou é ape-
lido que lhe botaram? 69

Respondendo...

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-
curar aquelas qualidades que honram os enviados de
Deus a quem Ele colocou á testa de parte de seu
grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi-
dão e a paz com todos." Você se diz bispo, se
diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita
mesmo! Vamos ver esta paz e mansidão que vocês
citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sai
da citação para a vida. Porque citar palavras evan-
gelicas é uma coisa e viver vida evangelica é ou-
tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é
tão pobre que só tenha como seus suditos os crentes
do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve-
lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes
do Papa", somos crentes de Deus e Sua Igreja. Nós,
católicos, e o Papa, católico, somos primários em Cristo, pertencemos
ao Rebanho de Cristo que é um só universal,
"e é um só, e tem uma só fé e um só batismo";
a diferença entre um católico e o Papa é de ordem hierar-
quica. Ele é chefe visível do rebanho por isso obedecemos e

Mas você é "bispo" mesmo ou é ape-
lido que lhe botaram? [P 69] |

Respondendo... |

5 III |

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-
curar aquelas qualidades que honram os enviados de |
Deus a quem Ele colocou á testa de parte de se {r}/>u |
grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi- |

10 dão e a paz com todos." {F Você se diz bispo, se |
diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita |
mesmo!" F} Vamos ver esta paz e mansidão que vocês |

citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sai |
da citação para a vida. Porque citar palavras evan- |

15 gelicas é uma coisa e viver vida evangelica é ou-
tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é |
tão pobre que só tenha como seus suditos os crentes |
do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve- |

20 lhacaria. Porque você sabe que nós naõsomos "crentes |
do Papa.", somos crentes de Deus e {s}/>Sua Igreja. Nós |
{†}/>c\atolicos, e o Papa, catolico, seus irmão[s] em Cristo, pertencemos
ao Rebanho de Cristo que é {um só} universal, |
"e é um só, e tem uma só fé e {s}/>u\m só batismo;" |

25 a diferença entre um catolico e o Papa é de ordem hierar-
quica. Ele é chefe visível do Rebanho, {a {†}}/>por isto\ [†]lhe] obedecemos e |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e pelos segmentos "Respondendo" e "III", nas linhas 4 e 5, respectivamente, que foram feitos com tinta vermelha.

2. Na linha 3, há uma laçada, como um redemoinho, que não foi possível reproduzir. Por conta disso, a linha fora contabilizada como linha escrita.

3. Nas linhas 10 a 12, o fragmento de texto foi cancelado por risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

4. O rascunho de carta Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário?

Rascunho de carta 13 - Respondendo... III

Mas você é "bispo" mesmo ou é apen-
lido que lhe botaram? 69

Respondendo...

III

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-
curar aquelas qualidades que honram os enviados de
Deus a quem Ele colocou à testa de parte de seu
grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi-
dão e a paz com todos." Você se diz bispo, se
diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita
mesmo! Vamos ver esta paz e mansidão que vocês
citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sai
de citação para a vida. Porque citar palavras evan-
gêlicas é uma coisa e viver vida evangélica é ou-
tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é
tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes
do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve-
lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes
do Papa", somos crentes de Deus e sua Igreja. Nós
católicos, e o Papa, católico, somos primos em Cristo, pertencemos
ao Rebanho de Cristo que é um só universal,
"e é um só, e tem uma só fé e um só batismo";
a diferença entre um católico e o Papa é de ordem hierar-
quica. Ele é chefe visível do rebanho por isto obedecemos e

p. 69

Mas você é "bispo" mesmo ou é apen-
lido que lhe botaram? [P 69] |

Respondendo... |

5 III |

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-
curar aquel{es}/>a\ qualidades que honram os enviados de |
Deus a quem Ele colocou á testa de parte de se{r}/>u\ |
grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi- |

10 daõ e a paz com todos." {F Você se diz bispo, se |
diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita |
mesmo!" F} Vamos ver esta paz e mansidão que vocês |

15 citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sai |
da citação para a vida. Porque citar palavras evan- |
gêlicas é uma coisa e viver vida evangélica é ou- |

tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é |
tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes |
do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve- |

20 lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes |
do Papa.", somos crentes de Deus e {s}/>S\ua Igreja. Nós |
{†}/>c\atolicos, e o Papa, catolico, seus irmão[s] em Cristo, pertencemos ao Rebanho de Cristo que é {um só} universal, |

"e é um só, e tem uma só fé e {s}/>u\m só batismo;" |
a diferença entre um catolico e o Papa é de ordem hiera- |

25 quica. Ele é chefe visível do Rebanho, {a {†}}/>por isto\ [↑lhe] obedecemos e |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e pelos segmentos "Respondendo" e "III", nas linhas 4 e 5, respectivamente, que foram feitos com tinta vermelha.

2. Na linha 3, há uma laçada, como um redemoinho, que não foi possível reproduzir. Por conta disso, a linha fora contabilizada como linha escrita.

3. Nas linhas 10 a 12, o fragmento de texto foi cancelado por risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

70
 e amamos... Cristo disse a Pedro: "Tu és Pedro e
 sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e tu te darás
 as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares na terra será
 ligado nos ceos e tudo o que desligares na terra será desligado tam-
 bem nos Ceos. Eu roguei por ti para que tua fé não desfale-
 ça, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos." As
 portas do inferno, por intermédio de Satã e seus comparsas,
 têm lutado satanicamente contra esta verdade do primado de São
 Pedro. Mas está escrito que as portas do inferno não prevalecerão.
 Passam Lutero e seus comparsas e a Igreja de Deus continuará conti-
 núa firmemente edificada Sobre Pedro. O Papa é Pedro foi o
 primeiro Papa e enquanto houver mundo haverá sucessores de
 Pedro. Porque as portas do inferno não prevalecerão.

Noutro trecho da mesma carta você escreve: "Como é di-
 ferente a santa tolerância do Cordeiro para o ma-
 narca que manda (o grifo é meu) queimar cristão por-
 que não resou por sua cartilha!" Isto, meu amigo,
 não é mansidão e calúnia. Se você tivesse escrito
mandou ainda se tolerava explicando que você estava
 dando crédito nos exageros ^{calunias} que os inimigos da Igreja
 têm escrito sobre abusos da Inquisição. Escrever, po-
 rão, o verbo no presente, quando o mundo inteiro
 sabe que tal desgraça não existe, e perder comple-
 tamente a noção de respeito aos outros e a si
 mesmo! A mansidão do Cordeiro não aconselhou
 a ninguém que caluniasse. Eu penso que a gente
 deve se preocupar mais com viver o espírito do Evan-
 gelho de que com citar [suas] palavras. {do.} Não adianta
 ter Cristo na pena ou na boca, quando não |

[P 70] |

[o] amam {os}/>os\... Cristo disse a Pedro: ... "Tu és Pedro e |
 sobre esta pedra edificarei a minha Igreja {...}/>e as\ [↑portas do inf. não p{†}]. E eu te
 darei |

as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares na terra será |
 5 ligado nos ceos e tudo o que desligares na terra será desligado tam- |
 bem nos Ceos." Eu roguei por ti para que tua fé não desfale- |
 ça, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos." {As} |

As portas do inferno, por intermédio de {l}/>L\utero e seus comparsas, |
 tem lutado satanicamente contra esta verdade do primado de São |
 10 Pedro. Mas está escrito que as portas do inferno não prevalecerão. |
 Passam Lutero e seus comparsas e a Igreja de Deus continuá, conti- |
 núa firmemente edificada Sobre Pedro. {O Papa é} Pedro foi o |
 primeiro Papa e enquanto houver mundo haverá sucessores de |
 Pedro. Porque as portas do inferno não prevalecerão. |

15 Noutro trecho da mesma carta você escreve: "Como é di- |
 ferente a santa tolerância do Cordeiro para o mo- |
narca que manda (o grifo é meu) queimar cristão por- |
 que não resou por sua cartilha!" Isto, meu amigo, |
 não é mansidão, é calúnia. Se você tivesse escrito |
 20 mandou ainda se tolerava explicando que você estava |
 {†}/>dando\ crédito nos exageros [e] [↑calunias] que os inimigos da Igreja |
 têm escrito sobre abusos da Inquisição. Escrever, po- |
 rem, o verbo no presente, quando o mundo inteiro |
 sabe que tal desgraça não existe, {†}/>é\ perder comple- |

25 tamente a noção de respeito aos outros e a si |
 mesmo! A mansidão do Cordeiro não aconselhou |
 a ninguém que calunia {†}/>sse\ {†}/>E\ u penso que a gente |
 deve se preocupar mais {em}/>com\ viver o espírito do Evan- |
 gelho de que com citar [suas] palavras. {do.} Não adianta |
 30 ter Cristo na pena ou na boca, quando não |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Na linha 2, a abreviatura "inf." se desdobra como 'inferno'.

3. Da linha 3 a 14, o texto foi escrito com uma letra menor em relação ao restante da página do caderno.
4. Os textos das linhas 7 e 8 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 7 na parte superior e a linha 8 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.
5. Os textos das linhas 10 e 11 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 10 na parte superior e a linha 11 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.
6. Os textos das linhas 13 e 14 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 13 na parte superior e a linha 14 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.

71

2 O tem no coração e na vida. lutar palavras de
humildade e mansidão do Evangelho, e perurar
calúnias e perfidias, mas é ser cristão, não é viver o Evangelho
um "espírito e verdade"... Na citação há uma premissa
um exibir lutar e mostrar palavras, do que se mostrar
e viver crístianismo.

Noutra carta, datada de 25-11-941. Você prova que um
2 "Protestantismo e o Brasil" Leonel Franca "derrama o
rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descompo-
turas como com calúnias clamorosas." Isto, meu
amigo, não é mansidão, é outra coisa. Você a dizer
que um homem autor de descomposturas e calúnias,
um prova nada disto, porque uma vez que...
mas há nenhuma descompostura e nenhuma calúnia. Se
você não me prova a existência de des-
composturas e calúnias, fica provado que o
caluniador não é Leonel Franca.

Noutra carta sua, escrita de Campinas e datada
de 20/5/937, você, se referindo ao Gastaõ de Oliveira,
que deixava de ser pastor protestante para ser sim-
ples político da Igreja Católica, tem as seguintes ex-
pressões: F afirma que Gastaõ é "um homem de cara-
ter dobre, um mentecapto, idiota", que "saio das

[P 71]

[se] O {tenho}/>tem\ no coração e na vida. Citar a palavra de |
humildade {e}/>es\ e mansidão do Evangelho, e escrever |
calúnias e perfidias, não é ser cristão, não [é] viver o Evangelho |
5 em "espírito e verdade"... Nas citações há mais preocupação |
em exibir leitura {,}/>e\ {de}/>em\ mostrar sabença, do que de ensinar |
e viver Cristianismo. |

Noutra carta, datada de {†}/>2\8-11-941 {você}/[↑você] {escreve} {isto}/>diz\ que em |
o "Protestantismo e o Brasil" Leonel Franca "derrama o |

- 10 rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descomp{en}/>o\s- |
turas como com calúnias clamorosas." Isto, meu |
amigo, não é mansidão, é outra coisa. Você a {dizer}/>diz\ |
{mas}/>que\ um homem [↑é] autor de descomposturas e calúnias, |
sem provar nada disto, porque [↑não pode provar, uma vez que...] [...] no livro referido |
15 não ha nenhuma descompostura e nenhuma calúnia! Se |
{não} você não me provar a existência de taes des- |
composturas e taes calúnias, fica provado que o |
caluniador não é Leonel Franca. |

- Noutra carta sua, escrita de Campinas e datada |
20 de 20/5/937, você, se referindo ao Gastaõ de Oliveira, |
que deixava de ser pastor protestante para ser sim- |
ples [e] [↑humilde] soldado da Igreja Católica, {F tem as seguintes ex- |
pressões: F} afirma que Gastaõ é "um homem de cara- |
ter dobre, um mentecapto, idiota", que "saio das |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. na linha 7, a data "{†}/>2\8-11-941" está sublinhada com pontilhados, somando um total de 12 pontos.
3. Na linha 9, o livro citado se chama "O Protestantismo no Brasil", de autoria do Pe. Leonel Franca.

72

fileiras daqueles que sustentam o ideal da família,
para se mancomunar com os inimigos da família,
os incentivadores da mancebia, da imoralidade e da
prostituição ilícita (?), que amesquinha, avilta e de-
grada a procriação humana." "Admira-se — con-
tinua você — que um homem que fale em espiritua-
lismo, ^{que é um homem ímpio, um materialista, um} grosseiro, supersticioso, sinuoso e vil que tem
permeado a civilização da humanidade." Pouco mais
adeante, você afirma: "choca-se o espírito de bôa fé
que anseia pelos ideais da Pátria, adere à opinião pa-
triotica, diante de atitude dum homem ^(Barroso) que prega
a Pátria e se alia e apoia um desabono dos verdadeiros
patriotas e construtores da unidade espiritual de sua
terra, ^(!!!) aqueles que não têm pátria nem pensam nessa
questão, aqueles cujo Deus é o ventre, cuja moral
é a imoralidade, cuja família são as concu-
binas de contrabando {...}" {V} |

Você, o homem que acusa, sem apresentar nenhu-
ma prova, a Leonel Franca, taxando-o de autor
de descomposturas e calúnias, você, meu amigo,
é o autor destas palavras acima! Que distancia
enorme entre citar palavras evangelicas e viver
o espírito do Evangelho. <sup>(Você diz que construtores da unidade espiritual
do Brasil são protestantes? Não, o que são são católicos?)</sup>

"Aprende de mim que sou manso e humilde de co-

[P 72]

- fileiras daqueles que sustentam o ideal da família, |
para se mancomunar com os inimigos da família, |
os incentivadores {,} da mancebia, da imoralidade e da |
5 prostituição ilícita (?), que amesquinha, avilta e de- |
grada a sociedade humana." "Admira-se — con- |
tinua você — que um homem que fala de espiritua- |
lismo, [↑apanique os /*maiores/ e /*ímpios do materialismo, {com}/>{†}\ materialismo] |
grosseiro, supersticioso, sinuoso e vil que tem |
perme[i]ado a civilização da humanidade." Pouco mais |
10 adeante, você afirma: "choca-se o espírito de bôa fé |
que anseia pelos ide {†}/>ais\ da Pátria, adere á opiniões pa- |
trioticas, diante da atitude dum homem [↑(G. Barroso)] que prega |
a Pátria e se alia e apoia um desabono dos verdadeiros |
patriotas e construtores da unidade espiritual de sua |
15 terra, [↑(!!!)] áqueles que não têm pátria nem pensam nessa |
questão, aqueles cujo Deus é o ventre, cuja moral |
é a imoralidade, cuja família são as concu- |
binas de contrabando {...}" {V} |
- Você, o homem que acusa, sem apresentar nenhu- |
20 ma prova, a Leonel Franca, taxando-o de autor |
de descomposturas e calúnias, você, meu amigo, |
é o autor destas palavras acima! Que distancia |
enorme entre citar palavras evangelicas e viver |
o espírito do Evangelho! [↑(Você diz que os construtores da unidade espiritual] do Brasil
são os protestantes? Isto é serio ou é pi {†}/>{†}indo\?) |
- 25 "Aprende de mim que sou manso e humilde de co-

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Na linha 12, a abreviatura "G." se desdobra como Gustavo, em referência a Gustavo Barroso.

73

raçaõ." Vocês gostam tanto de citar estas e muitas
outras palavras evangelicas! Palavras de humildade,
de tolerancia... Mas escrevem, sem pestanejar,
estes horrores de odio e acusaçoes sem provas.
E voce diz: "Como pastor de um rebanho devo
procurar aquellas qualidades que honram os envia-
dos de Deus, etc.". Parece que voce esqueceu
de procurar...
Voce podera dizer que tambem eu sou para nada
manso e tolerante, nas minhas cronicas. Eu lhe res-
pondo: eu sou manso, mas tenho o cuidado de não
fazer accusações sem provas. Tambem não sou tolerante
porque não compreendo que um fanatico da Verdade
possa ser tolerante com a mentira. Tambem não sou hipocrita;
apenas cito manifestos e escrevo de accuzações. Foi de
chicote em punho que Christo expulsou os vendi-
dores do templo. E' de chicote em punho
que eu quero lutar contra as mentiras de Lute-
ra e de seus comparsas. A caneta e minha
penna na luta contra a mentira, mas ha de ser
um vidro de agua de flores, deve ser uma
chibata.

[P 73] |

- raçaõ." Vocês gostam [tanto] de citar estas {estas} e muitas |
{†}/>ou\tras palavras evangelicas! Palavras de humildade, |
de tolerancia... Mas escrevem, sem pestanejar, |
5 estes horrores de odio e acusaçoes sem provas. |
E {você}/>diz\ {diz}/>você: "como pastor de um rebanho devo |
procurar aquellas qualidades que honram os envia- |
dos de Deus, etc.". Parece que você esqueceu |
de procurar... |
10 Você poderá dizer que tambem eu não sou nada |
manso {é}/>e\ tolerante, nas minhas cronicas. Eu lhe res- |
pondo: não sou manso, mas tenho o cuidado de não |
fazer accusações sem provas{.}/>ou\ [↑calunias.] Tambem não sou tolerante |
15 porque não compreendo que um fanatico da Verdade |
possa ser tolerante com [a] {†}/>mentira\ Tambem não sou hipocrita, |
{†}/>p\ara citar mansidão e escrever descomposturas. Foi de |
chicote em punho que Christo expulsou os vendi- |
lhões d{os}/>o\ templo. E' de chicote em punho |
que eu quero lutar contra as mentiras de Lute- |
20 ro [{e}] {d}/>e\ seus comparsas. A caneta de minha |
penna na luta contra a mentira, não há de ser |
um {tudo} {vidrinho}/>vidro\ de agua de flores, deve ser uma |
chibata. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

Rascunhos de carta 14 e 15 - Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942 e Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente

p. 74

74 Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942

Recebi, ha pouco, a sua carta de 2 do corrente. Antes de tudo: hoje é a primeira sexta-feira de Fevereiro. Isto significa que assisti missa do Sagrado Coração de Jesus. Saí da Igreja Satisfeito, com o coração leve e claredades de sol dentro da alma. Foi {as}/>com\ [↑o] espirito assim que recebi minha correspondencia e li a sua carta. Ha ponto de vista que merece uma explicação: - o fato de eu ter remetido uma carta por intermedio de nosso amigo Frei Felix. Note que, pelo interesse do assunto, a Frei Felix gostaria de le-la; pensei em tirar uma copia e remeter-lhe (a ele); depois resolvi eliminar este trabalho mandando a mesma por intermedio dele, com a autorização para a ler e se quiser, e copiar. Eu sabia que ele é seu amigo e não vi, por isto, nenhuma inconveniencia em fazelo intermedio de carta para você, com autorização de l-a antes de a entregar. Você, porém, achou decente julgar que, quiz fazer de Frei Felix "estafeta de correio" e que {eu} pretendi tecer "uma entrigazinha". Que Jesus seja testemunha de minha intenção e do seu julgamento.

Também você achou decente e conveniente me

- [P 74] Eudaldo amigo: |
Salutem! 5-{1}/>2\ -942 |
 Recebi, ha pouco, a sua carta de 2 do corrente. |
 Antes de tudo: hoje é a primeira sexta-feira |
 5 de Fevereiro. Isto significa que assisti missa |
 do Sagrado Coração de Jesus. Saí da Igreja Satis- |
 feito, com o coração leve e claredades de sol dentro |
 da alma. Foi {as}/>com\ [↑o] espirito assim que recebi mi- |
 nha correspondencia e li a sua carta. Ha [↑um] ponto |
 10 de vista que merece uma explicação: - o fato de eu |
 [↑lhe] ter remetido uma carta por intermedio de nosso a- |
 migo Frei Felix. [↑Fiz isto pelo seguinte:] Achei que, pelo interesse do assunto, |
 o Frei Felix gostaria de le-la; pensei em tirar uma co- |
 pia e remeter-lhe ({ao padre}/>a êle\); depois resolvi eliminar |
 15 este trabalho mandando {↑} a mesma por interme- |
 dio dele, com a autorização para a ler e se |
 qui {↑}/>zesse\, [a] copia{-la}. Eu sabia que ele é seu amigo e |
 não vi, por isto, nenhuma inconveniencia em fazel-o |
 intermediario de [uma] carta para você, com autorização de |
 20 lel-a antes de a entregar. Você, porém, achou de- |
 cente julgar que [↑eu] quiz fazer de Frei Felix "estafeta de |
 correio" e que {eu} pretendi tecer "uma entrigazinha", |
 Que Jesus seja testemunha de minha intenção |
 e do seu julgamento. |
 25 Também você achou decente e conveniente me |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página na margem superior esquerda e pela data sublinhada 5-{1}/>2\ -942, na linha 2, feitas a lápis grafite.

75

recomendar a aquisição de um exemplar da Gramática de Eduardo Carlos Pereira. Não recebo o conselho, pelo seguinte: já possuo este livro. Estou com pressa. Não tenho autoridade para dar parecer. Não julgo ser melhor nossa gramática. É, entretanto, a de minha preferência. Neste ponto estamos de acordo.

Uma pergunta, meu amigo: Haverá praxe sadico ou quem não é sadico? Haverá praxe morbido ou quem não é morbido? Afirmando-se que alguma praxe sadico e morbido, pois se tem a impressão que este algo é sadico e morbido? Porque tem praxe sadico e morbido em questão gramatical? Coisas da sabedoria Luterana... em que você se diz técnico e eu que, graças ao meu bom Deus, sou profundamente ignorante!

"Ô padre, me dê um santo." Leia esta frase no Padre F^{co} e, depois, no Sr. Basílio. E veja se não descobre diferença de sentidos. Basílio tem um sentido de chacota. Veja se nota o mesmo no padre. [* (79, L 1) (1)]

A imparcialidade de "O Lido" é contestável. Pelo menos não quis publicar minha carta aberta

[P 75]

aconselhar a aquisição de um exemplar da |

Gramática de Eduardo Carlos Pereira. { } / > , \ [↑ afirmando ser ela] [↓ a melhor de nossas gramáticas.] Não aceito o |

conselho, pelo seguinte: já possuo { † } / es \ te livro. { Estou } |

5 { com você quando } Não tenho autoridade para { sa- } |

{ ber e } julgar [↑ o] s { er ela a } / > eu valor \ { nossa melhor gramática. } |

E', entretanto, a de minha preferência. Neste ponto es- |

tamos de acordo. |

Uma pergunta, meu { amigo } / > Eudaldo \ : Haverá pra { s } / > z \ er sadico { † } / > em \ |

10 quem não é sadico? Haverá praxe morbido em |

quem não é morbido? Afirmando-se que alguém |

tem pra { s } / > z \ er sadico e morbido, não se está afir- |

mando que este é alguém é sadico e morbido? |

Porque trans { p } / > f \ ormar esta clareza em questão gra- |

15 matical? Coisas da sabedoria { l } / L \ uterana... em |

que você se diz técnico e eu que, graças ao |

meu bom Deus, sou { aprofund } / > perfeit \ amente ignoran- |

te! |

"Ô padre, me dê um santo." Leia esta frase no |

20 Padre F^{co} e, depois, no Sr. Basílio. E veja se |

não descobre diferença de sentidos. { No } / > Em \ Sr. Basílio |

há um sentido de chacota. Veja se nota |

o mesmo no padre. [* (79, L 1) (1)] |

{ F A imparcialidade de "O Lido" é contestável. |

25 Pelo menos não quis publicar minha carta aberta F } |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.

2. Na linha 20, a abreviatura F^{co} se desdobra como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

3. Nas linhas 20 e 21, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

4. Nas linhas 24 e 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

76

Não me arrependo do elogio que fiz ao livro
~~protestante~~, a que você se refere. Foi um elo-
 gio merecido, tanto quanto a minha condena-
 ção ao livro do Snr. Basilio. Na prova que
 pretendo publicar, sairá as duas referencias: a
 feita aberta e o elogio. Você acha que
 estou com "coceira de publicidade", e se demo-
 nstra na análise da sua sabedoria e da
 minha ignorancia. Meu amigo: creio
 sinceramente que sou indiferente ao juizo
 que fazem de mim os protestantes e o mu-
 do. Escrevo ~~este~~ ojo com o pensamento ao
 julgamento de Deus e penico ^{que me intro-}
 duz. O julgamento ^{dos} da Igreja Catolica, que vem
 a ser a mesma coisa. (2)

O crime do padre Luiz Santiago - Infelizmente meu
 amigo, mas é a primeira vez que o ultimo que
 comete ~~foi~~ ^{foi} ~~simples~~ ^{simples} ~~isto~~ ^{isto} ~~foi~~ ^{foi} ~~simples~~ ^{simples}. E' os casos
 que vivem por natureza de compaixão e os de pro-
 paganda de pavor. Para a misericordia divina
 e se compadeça Luiz Santiago e de todos nós, pe-
 cadores. (xx)

[P 76] |

- Não me arrependo d{†}/o\ elogio que fiz ao livro |
 {protestante,} a que você se refere. Foi um elo- |
 gio merecido, tanto quanto a minha condena- |
 5 ção ao livro do Snr. Basilio. No livro que / |
 pretendo publicar, sairá as duas referencias: {a} |
 {fiz}/>c\arta aberta e o elogio. Você acha que |
 estou com "coceira de publicidade", e se demo- |
 ra na análise da sua sabedoria e da |
 10 minha ignorancia. Meu amigo: creio |
 sinceramente que sou indiferente ao juizo |
 que façam de mim os protestantes e o mun- |
 do. Escrevo {atúo}/[↑e]\ ajo com o pensamento no |
 julgamento de Deus, {o} unico [↑julgamento] que me in{†}/te\re- |
 15 ça. O julgamento [↑de Deus] e d{e}/>a\ Igreja Catolica, [o] que vem |
 a ser a mesma cousa. [* (79, L 21) (2)] |
 O crime d{i}/>o\ Padre Luiz Santiago - Infelizmente, meu |
 amigo, não é {a}/>o\ primeiro nem será {a}/>o\ ultimo que |
 comete {taõ infeliz} ato taõ infeliz. E' dos casos |
 20 que devem ser motivos de compaixão e não de pro- |
 paganda de seitas. Que a misericordia divina |
 se compadeça [↑de] Luiz Santiago e de todos nós, pe- |
 cadores. [* (78, L 9) (xx)] |

Notas do editor:

1. Texto escrito, majoritariamente, com tinta preta. A numeração da página na margem superior esquerda; o risco na palavra 'protestante', na linha 3; a palavra 'julgamento', na linha 14 e o segmento '(2)', na linha 16, foram feitos a lápis grafite.
2. Na linha 5, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

77
 É preciso que eu não seja
 Meu caro: Eudaldo: não quero ser muito longo.
 Mesmo porque, poderia ofende-lo não lhe pode
 interessar muito a conversa a minha conversa
 sobre um assunto que não seja Farmac{eutica}/>ia.
 No seu modo de ver, um farmacêutico só deve
 falar e escrever sobre farmácias {ao parece, você}
 {acha que só pode ter {} } Não quero ser lon-
 go, portanto. F} Não{, } posso, porém, terminar esta, sem
 uma advertência sobre um outro ponto de sua -
 conta: parece-me que você diz que "ha bem
 pouco tempo" eu "clamava pelo estabelecimento
 do novo regime hitlerista no Brasil." Meu
 amigo, esta afirmação é, simplesmente, fantasti-
 ca! Eu, clamando "pelo estabelecimento do
 novo regime hitlerista no Brasil"? Quando
 e onde, Eudaldo? Eu, hitlerista?! ^{Depois de}
 fazer uma afirmação desta natureza, sua
 consciência ficará tranquila? Meu
 amigo: hoje é dia do Sagrado Coração de
 Jesus! Que {e}/>E! se compadeça de você.
 Que ele {senhor}/>tenha\ {/*piedoso}/>piedade\ de nós. Que o
 Sagrado Coração de Jesus ponha doçura
 nos nossos corações; nas nossas intenções. Que
 o nosso amor a Deus seja mais que as nossas

[P 77] |

Meu caro: {Eudaldo: não quero ser}/{[↑E' preciso que eu não seja]} muito longo. |

{F Mesmo porque, {poderia ofende-lo} não lhe pode |

interessar muito {a conversa} a minha conversa |

5 sobre um assunto que não seja Farmac{eutica}/>ia. |

No seu modo de ver, um farmacêutico só deve |

falar e escrever sobre farmácias {ao parece, você} |

{acha que só pode ter {} } Não quero ser lon- |

go, portanto. F} Não{, } posso, porém, terminar esta, sem |

10 uma advertência sobre um outro ponto de sua - |

carta: aquele em que você diz que "ha bem |

pouco tempo" eu "clamava pelo estabelecimento |

do novo regime hit[lerista no Brasil." Meu |

amigo, {s}/>esta afirmação é, simplesmente, fantasti- |

15 ca! Eu, clamando "pelo estabelecimento do |

novo regime hitlerista no Brasil"? Quando, |

e onde, Eudaldo? Eu, hitlerista?! [↑Louvado seja Deus!] Depois de |

fazer uma afirmação desta natureza, sua |

consciência ficará tranquila? Meu |

20 amigo: hoje é dia do Sagrado Coração de |

Jesus! Que {e}/>E! se compadeça de você. |

Que ele {senhor}/>tenha\ {/*piedoso}/>piedade\ de nós. Que o |

Sagrado Coração de Jesus ponha doçura |

nos nossos corações; nas nossas intenções. Que |

25 o nosso amor a Deus seja mais que as nossas |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 3 a 11, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 13 riscos.

78 Verdades e presunções.

Meu caro Eudaldo: creia sinceramente na
estima do seu velho companheiro de
infância. Que o Sagrado Coração nos ilumi-
ne e nos ajude!

Do seu velho amigo e irmão de
infância, [Eulalio Motta.] [↓6-2-942] F} Eudaldo: Saudação |
[*(76, L 23) (xx)] Em mão a sua carta de |
2 do corrente, com o livro [↓e os prospectos q a acompanham.] |
{Livros -} Fiquei sentido de você ter adquirido |
"a Imitação de Christo" antes que eu lhe remetesse |
o prometido. Pretendo ir à Capital em Março e era |
{tra}/[↑minha intenção] >trazer\ o exemplar que teria de mandar-lhe. Muito |
15 obrigado pela remessa do "A Igreja, o Papado e |
a Reforma". É propósito meu adquirir todos os |
livros {daquela}/>da\ coleção da polémica com L. Franca. Você, |
com esta remessa, veio auxiliar-me na realização |
deste propósito. Por isto, repito, muito obrigado. |
20 {F Sempre que queira me escreva e remeter livros, conte |
com a minha boa vontade para os receber, ler |
e agradecer. F} [↑Os demais assuntos de sua carta serão respon-] didos por outra via. Do seu
conterraneo e amigo [↓ [Eulalio Motta.]] [↓↓20/2/942.] |
{F Disponha do seu velho amigo-|
e companheiro de infância, |
25 [Eulalio Motta.] F} |

[P 78]

verdades e presunções. {{{B 2 B}}}|

{F Meu caro Eudaldo: creia sinceramente na |
estima do seu velho companheiro de |
5 infância. Que o Sagrado Coração nos ilumi-
ne e nos ajude! |

Do seu velho amigo e irmão de |
infância, [Eulalio Motta.] [↓6-2-942] F} Eudaldo: Saudação |
[*(76, L 23) (xx)] Em mão a sua carta de |

10 2 do corrente, com o livro [↓e os prospectos q a acompanham.] |

{Livros -} Fiquei sentido de você ter adquirido |

"a Imitação de Christo" antes que eu lhe remetesse |

o prometido. {†}/>Pretendo\ ir à Capital em Março e era |

{tra}/[↑minha intenção] >trazer\ o exemplar que teria de mandar-lhe. Muito |

15 obrigado pela remessa do "A Igreja, o Papado e |

a Reforma". É propósito meu adquirir todos os |

livros {daquela}/>da\ coleção da polémica com L. Franca. Você, |

com esta remessa, veio auxiliar-me na realização |

deste propósito. Por isto, repito, muito obrig {†}/>a\do. |

20 {F Sempre que queira me escreva e remeter livros, conte |

com a minha boa vontade para os receber, ler |

e agradecer. F} [↑Os demais assuntos de sua carta serão respon-] didos por outra via. Do seu

conterraneo e amigo [↓ [Eulalio Motta.]] [↓↓20/2/942.] |

{F Disponha do seu velho amigo-|

e companheiro de infância, |

25 [Eulalio Motta.] F} |

Notas do editor:

1. Texto escrito, majoritariamente, com tinta preta, exceto pela numeração da página na margem superior esquerda e o segmento '(2)' com o seu cancelamento em forma de redemoinho, na linha 2, que foram feitos a lápis grafite.

2. Na linha 17, a abreviatura L. se desdobra como 'Leonel', em referência a Leonel Franca.

3. Nas linhas 5 a 10, há um balão de divisão de página, feito com tinta preta, para separar os textos.

4. Nas linhas 3 a 8, fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

5. Nas linhas 20 a 22, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais com ondulações, na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 9 riscos.
6. Nas linhas 23 a 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

(1) Você diz, com ares de ameaça, que eu me lembre que você tem uma carta protestante. Meu caro: subsecrevo tudo que co-
 rri sua carta referida. E agora eu falo pesso-
 que lembra o seguinte: tenho uma carta sua
 em que você, depois de classificar o livro
 do padre F^{co} de infame (linguagem luterana) diz que o Snr. |
 Basilio "respondeu na mesma moeda", |
 quer dizer, portanto, que você classificou |
 o livro do Snr. Basilio como infame e a- |
 gora se levanta em defesa d{o}/>este livro. {F por |
 você classificado de infame. Se você me |
 disser que isto é decente, é bonito, é cristão F} |
 Você diz que meu "cristianismo é raquitico". |
 Eu não sei que nome {B {†} B}/>possa dar\ ao cristianis- |
 mo de um individuo que {adqu}/>classifica um |
 livro de infame e depois o defende. {Isto} |
{não é cristianismo, é luteranismo. [* (84, L 13) 1'] } F} [* (75, L 23) (1)]
 [* (76, L 16) (2) – Você me manda um livro de pole- |
 mica; {B dizendo B}/>recomendando\ que era para eu ler e me- |
 ditar. Eu lhe respondo que, para meditar, |
 {eu} tenho [o] "Novo Test.", "A Imitação de Cristo", etc. Agora |
 você conclui, empossado, que comparei um livro |
 da polemica com um de {†}tica. {B {†} B}/>E faz um\ |
 {B {†}... B} |

(2) – Você me manda um livro de pole-
 mica, recomendando que era para eu ler e me-
 ditar. Eu lhe respondo que, para meditar,
 tenho, "Novo Test.", "A Imitação de Cristo", etc. Agora
 você conclui, empossado, que comparei um livro
 de polemica com um de ascetico. E faz um

- [* (75, L 23) (1) Você diz, com ares de ameaça, que |
 eu me lembre que você tem uma carta [P 79] |
 minha com "elogios notaveis" a um livro |
 protestante. Meu caro: subsecrevo tudo que es- |
 5 {F crevi na carta referida. [* (76, L 16) [†2]] Agora eu {p}/>lh\ e pesso |
 que lembre o seguinte: tenho uma carta sua |
 em que você, depois de classificar o livro |
 do padre F^{co} de infame, [†(linguagem luterana)] diz que o Snr. |
 Basilio "respondeu na mesma moeda", |
 10 quer dizer, portanto, que você classificou |
 o livro do Snr. Basilio como infame e a- |
 gora se levanta em defesa d{o}/>este livro. {F por |
 você classificado de infame. Se você me |
 disser que isto é decente, é bonito, é cristão F} |
 15 Você diz que meu "cristianismo é raquitico". |
 Eu não sei que nome {B {†} B}/>possa dar\ ao cristianis- |
 mo de um individuo que {adqu}/>classifica um |
 livro de infame e depois o defende. {Isto} |
 {não é cristianismo, é luteranismo. [* (84, L 13) 1'] } F} [* (75, L 23) (1)] |
 20 ----- |
 [* (76, L 16) (2) – Você me manda um livro de pole- |
 mica; {B dizendo B}/>recomendando\ que era para eu ler e me- |
 ditar. Eu lhe respondo que, para meditar, |
 {eu} tenho [o] "Novo Test.", "A Imitação de Cristo", etc. Agora |
 25 você conclui, empossado, que comparei um livro |
 da polemica com um de {†}tica. {B {†} B}/>E faz um\ |
 {B {†}... B} |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite, exceto pelo número '2', na linha 5; o segmento '(linguagem luterana)', na linha 8 e o sublinhado da palavra 'infame', na linha 8, que foram feitos com tinta preta.
2. Nas linhas 5 a 19, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais, feitos a lápis grafite, apresentando um total de 8 riscos.
3. Nas linhas 8, 11 e 24, as abreviaturas se desdobram, respectivamente: F^{co} como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil; Snr. como 'Senhor' e Test. como 'Testamento'.

80
 isto de chegar ^{temo} de tal conclusã. Isto é
 uma velha tecnica luterana já muito conhe-
 cida: fazer afirmações fantásticas, dizer que tem
 a firmeza do adversário, e depois cantar vitorias
 sobre tua afirmação...
 Mas suas cartas anteriores, por se demorarem na de-
 monstraçã de sua incompetência, demonstrando dez
 anos de curso, e que é um técnico em cristia-
 nismo, e que sabe o assunto, e mais isto e mais
 aquilo, não conseguindo de focalizar a minha
 ignorância para demonstrar ^{o chocante} do contraste: da sua
 grandeza com a minha pequenez. Nesta carta
 você volta a falar, com insistência, da sua
 sabedoria e da minha ignorância. Você
 parece que vive absolutamente preocupado com ^x
 a sua grandeza. Em Miguel Calmon um tabe-
 reo protestante me disse que você é um genio.
 Tome nota disto e fique contente. Que eu tam-
 bém estou muito contente com a minha
 ignorância e pequenez. Nos Evangelhos
 há duas referências aos pequenos e pobres
 de espírito. (x)

Vocês, protestantes, dizem: "Só a Bíblia é autori-
 dade em religião. Só nela devemos crer." Isto

[P 80] |

estardalhaço [↑em tórno] de tal conclusã. {E'}/>Isto é |
 uma velha tecnica luterana já muito conhe- |
 cida: fazer afirmações fantásticas, dizer que taes |

5 afirmação são do adversario, e depois cantam vitorias |
 sobre taes afirmação... |

N{a}/>u\[\↑ma de] suas cartas anteriores, {f}/>vo\cê se demorou na de- |
 monstraçã de sua competência {dez}/>arro\tanto dez |
 anos de curso, e que é um técnico em cristia- |

10 nismo, e que sabe o assunto, e mais isto e mais |

aquilo, {B {†} B}/>naõ [↑se] esquecendo de fo\calisar a minha |
 ignorancia para demonstrar [↑o chocante] {o}/>do\ contraste: da sua |
 grandeza com a minha pequenez. Nesta carta |
 você volta a falar com insistencia, da sua |

15 sabedoria e da minha ignorancia. Você |
 parece que vive absolutamente preocupado com [(x) |
 a sua grandesa. Em Miguel Calmon um taba- |
 reo protestante me disse que você é um genio. |
 Tome nota disto e fique contente. Que eu tam- |

20 bem estou muito contente com a minha |
 ignorancia e pequenez. Nos Evangelhos |
 na [↑terra e] dous referencias aos pequenos e pobres |
 de espirito. [***(81, L 16)** (x)] |

--- |

25 Vocês, protestantes, dizem: "Só a Biblia é autori- |
 dade em religião. Só nela devemos crer." {F Todo |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite, exceto pelo segmento 'o chocante do', na linha 12; o segmento '(x', na linha 16 e o segmento '(x)', na linha 23, que foram feitos com tinta preta.
2. Na linha 16, o segmento '(x' foi ocasionado por transferência de tinta do segmento '(x)' feito na linha 14 da página 81.

81

insimul que nos vem da Bíblia, si não é o
 texto da Bíblia, é usurpação e mentira." E
 agora me diz que não tenho autoridade para
 falar de protestantismo uma ^{vez} com peso nos
 corações dos outros protestantes. Outros protes-
 tantes? Para quem? Eu tenho a Bíblia. E
 foi a leitura desta que mais concorreu para
 me levar à Igreja de Jesus e me afastar
 das doutrinas dos livros dos protestantes, meus
 amigos, não interessam a quem ^{quer} conhecer Cristo.
 Eu tenho a Bíblia e a Igreja.

(x) Você diz que não responde de publico as
 minhas cartas abertas, porque eu sou pe-
 queno demais para se discutir com você que
 é tão grande! Confere... Uma coisa eu lhe
 afirmo: não sou eu que sou tão pequeno de conhecimento em
 doutrina e não sou eu que sou tão pequeno de espírito. Depois de
 Odio cristão - Aceito o que você diz sobre
 este ponto. Afinal, sua carta não vem total-
 mente vazia... Meus parabens.

Você, para justificar as expressões amargas
 de odio e de injúrias do Sr. Basilio, vai

[P 81] |

{B {†} B}/>ensino que\ nos vem dos {†}/>h\omem, si não é o |
 texto da Bíblia, é usurpação e mentira." F} E |

agora {V} me diz {†}/>que\ não tenho autoridade para |

5 falar de protestantismo uma [↑vez que] confesso não |

conhecer os autores protestantes. Autores protes- |

tantes? Pra que? Eu tenho a Bíblia. E |

foi a leitura desta que mais concorreu para |

me levar á Igreja de Jesus e me afastar |

10 [das] d{†}/>e\ Lutero{.}/>e\ [↑seus comparsas.] Os livros dos protestantes, meu |

amigo, não interessam a quem [↑quer] conhecer Cristo. |

Eu tenho a Bibli{†}/>a\ e a Igreja. |

---- |

[(80, L 23) (x) Você diz que não responde de publico as |

15 minhas cart{as}/>a\ abert{as}/>a\, porque eu sou pe- |

queno demais para se discutir com você que |

é tão grande! Confere... Uma coisa eu lhe |

[↑afirmo: você deça ou não de sua torre da sabedoria eu] continuaria a mim dever de falar e
 escrever em defesa da Igreja de |

Odio cristão - Aceito o que você diz sobre |

20 este ponto. Afinal, sua carta não vem total- |

mente vazia... Meus parabens. |

----- |

Você, para justificar as expressões amargas |

de odio e de injurias do Snr. Basilio, vai |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite, exceto pelo segmento '(x)', na linha 14, que foi feito com tinta preta.

2. Nas linhas 2 e 3, o fragmento de texto foi cancelado por risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

3. Na linha 24, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

82
aos Evangelhos
e traz as palavras de Jesus condemnando a
hipocrisia farisaica. A Bíblia na mão
do livro examina prova tudo, meu amigo, até
o badiatismo e o assassinio. Um Snr. Basilio qual-
quer vomita expressões de odio e injurias contra
alguem? O livre exame luterano corre em auxilio
do "cujo" e julga justificar as injurias citando
palavras de Jesus. Na mão do livre exame de-
spectado, a Bíblia tem pano para todas as man-
gas. Isto é um assunto que merece um comentario
especial. Aliaz já existia muita coisa escrita
sobre este particular. Meu trabalho é apenas fo-
lhear estudos e expô-los. aos meus Não esquecerei
de fazê-lo, oportunamente.

Você, se referindo ao Bispo Dom Henrique Trindade,
entende de explicar porque "foi que ele não se fez
jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está es-
crito: "Não julgueis."

Com a sua me vieram tambem um livro e um
prospecto, além dos recortes de jornal. No prospec-
to ha uma cousa que muito me interessou.

[P 82] |

aos Evangelhos |

e traz [↑à baila] as palavras de Jesus condemnando a |
hipocrisia farisaica. A Bíblia na mão |

- 5 do livro examina prova tudo, meu amigo, até |
o badiatismo e o assassinio. Um Snr. Basilio qual- |
quer vomita expressões {†}/>de\ odios e injurias contra |
alguem? O livre exame luterano corre em auxilio |
do "cujo" {B {†} B}/>e julga\ justificar as injurias citando |
10 palavras d{o}/>e\ Jesus{.} [↑ a S. Paulo.] Na mão do livre exame de- |
senfreado, a Bíblia tem pano para todas as man- |
gas. Isto é um assunto que merece um comentario |
especial. Aliaz já exist{em}/>e\ muita coisa escrita |
sobre este particular. Meu trabalho é apenas fo- |
15 lhear estudos e expô-los. {aos meu} Não esquecerei |
de fazê-lo, oportunamente. |

----- |

Você, se referindo ao Bispo [↑{de}] Dom Henrique Trindade, |
entende de explicar porque "foi que ele não se fez |
20 jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está es- |
crito: "Não julgueis." |

----- |

- Com a sua [↑carta] me vieram tambem um livro e um |
prospecto, além dos recortes de jornal. No prospec- |
25 to ha uma cousa {mu}/>que\ muito me interessou{:}/>\ um |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.

2. Nas linhas 6 e 10, as abreviaturas se desdobram, respectivamente: Snr. como 'Senhor'; S. como 'São'.

83

processo muito ~~inilicite~~ de propaganda de
 tranco: protestantes escreveram ~~alguns~~ ^{alguns}
 gada ~~as~~ suas seitas, ^{negociados} ~~alguns~~ de catolicos,
 e ainda assinando com o pseudonimo de
 "Um catolico". Que explore a sinceridade de
 do Padre Rohden, vá lá. Que, ~~se~~ ^{se} di-
 gam catolicos e assinem suas ~~tiradas~~ ^{tiradas}
 com o pseudonimo de "Um catolico", é
 que é um abuso mais do que indecente,
 é cinico. Os catolicos ~~tomem~~ ^{tomem} nota de mais
 esta dos comparsas de Lutero.

(4) Você diga ao ~~mt~~ ^{mt} de sua torre de sabedoria, eu
 continuarei a cumprir o meu dever de falar e escrever
 em defesa de minha Igreja que é a de Cristo, contra
 a sua, que é a de Lutero. Já lhe disse e repito:
 minha ignorancia não tem medo de sua sabedoria.
 Você me aconselha mais prudencia. mais prudencia
 e mais siso. Eu lhe devolvo o conselho.

Em suas cartas e cartões e você tem a
 atitudes ma dos conselhos sobre tremor de terra

[P 83] |

- processo muito {†}/>indecente\ de propaganda: {lu- |
 terana}: protestante[s] escreveram {bobagens} {propa-}/>elogios\ |
 {gada} {ou}/>ás\ suas seitas, {dizendo}/[↑mascarados] {-se}/>de\ catolicos, |
 5 e ainda assinando com o pseudonimo de |
 "Um catolico". Que explorem a sinceridade |
 do Padre Rohden, vá lá. Que, {†}, se di- |
 gam catolicos e assinem suas {bobagens}/>tiradas\ |
 com o pseudonimo de "Um catolico", é |
 10 que {os}/>é\ um abuso mais do que indecente, |
 é cinico. Os catolicos {†}/>tomem\ nota de mais |
 esta dos comparsas de Lutero. |

----- |

- (4) Você deça ou não [↑deça] de sua torre de sabedoria, eu |
 15 continuarei a cumprir o meu dever de falar e escrever |
 em defesa de minha Igreja que é a de Cristo, contra |
 a sua, que é a de Lutero. Já lhe disse e repito: |
 minha ignorancia não tem medo de sua sabedoria. |
 Você me aconselha mais prudencia {mais prudencia} |
 20 e mais siso. Eu lhe devolvo o conselho. |
 {B diz que estou me {†} palavra B} />-----\ |
 Em suas cartas e cartões e você tem se |
 metido a me dar conselhos {B que {†} lhe {†} B}/>sobre como devo\ |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.
2. Na linha 14, a nota '(4)' não tem outra marca para indicar a remissão, porém o texto escrito se assemelha ao texto da página 81, linha 14, que se encontra sem final (interrompido).

84

começar a minha ação católica, etc. Sinto
 ter de lhe, de lhe que você "está" passando
 o pé adiante da mão. Falta-lhe
 autoridade intelectual e moral para
 me dar conselhos. Não passo altura aos
 vales. Não passo luz á sombra. "Eu sou
 pequeno mas só fito os Andes." Nas
 suas cartas você tem insistido em frisar
 a minha ignorância. Devo-lhe dizer que
 "eu sou pequeno mas só fito os Andes."

1 - Agora, meu amigo, escute: - Tenho á mão, uma
 carta sua, datada de 28-11-941, na qual você
 diz, de referencia ao livro do Padre F^{co}, e sem
 guinte: "acervo de mentiras e injurias" escrito em
 "linguagem difamatória". E depois afirma: que
 sobre "O muito que, imparcialmente posso dizer
 do livro do Basilio, é que pagou com a
mesma moeda (o grifo é meu).

[P 84] |

começar a minha ação católica, etc. Sinto |
 ter de lhe, d{†} lhe que você "está" passan- |
 do o pé adiante da mão". Falta-lhe |

- 5 autoridade intelectual e moral para |
 me dar conselhos. Não passo altura aos |
 vales. Não passo luz á sombra. {"Eu sou"} |
 {"pequeno mas só fito os Andes"}. Nas |
 suas cartas você tem insistido em frisar |
 10 a minha ignorância. Devo-lhe dizer que |
 "eu sou pequeno mas só fito os Andes." |

---- |

- [*(79, L 19) 1' - Agora, meu amigo, escute: - Tenho, á mão, uma |
 carta sua, datada de 2{†}/>8\11-941, na qual você |
 15 diz, {de referencia} {ao}/>que\ [†o] livro do Padre F^{co}, {o se-}/>é um\ |
 {"guinte": "acervo de mentiras e injurias" escrito em |
 "linguagem difamatória". E depois afirma: {que} |
 {"sobre} "O muito que, imparcialmente posso dizer |
 do livro do Basilio, é que pagou com a |
 20 mesma moeda (o grifo é meu). *(79, L 19) 1'] |

Nota do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.
2. Na linha 15, a abreviatura F^{co} se desdobra como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

Rascunho de carta 16 - Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro

p. 88

88 Eudaldo: Saudações

Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro, com um livro e a copia da carta de Frei Felix. Muito obrigado.

Ciente do que você diz sobre "Imitação de Cristo". Hei de mandar-lhe outro. Fico devendo.

Aguarda a minha "Segunda carta aberta a um amigo", a qual seguirá mais duas publicações. Certamente você não gostará. Fui forçado a lhe responder, com justa indignação, ante acusações levianas, injustas e, as vezes, graves, que você faz contra mim. São as taes inconveniências inevitáveis das polemicas. Neste terreno, nossas vaidades, presunções, amor proprio, falam muito mais alto que o nosso amor ao Cristo. Em taes discussões, quase sempre acontece esta desgraça: nós falamos e Deus silencia.

Vou inscrever-me como socio do Pro-L {†}, de modo que adquirirei ali, com porcentagens especiaes, os livros a que me referi. Tenho o "Paulo de Tarso", de Rhoden, e mais, do mesmo autor, "Maravilhas do Universo" e "Problemas do Espirito."

Muito obrigado pelo seu interesse em me auxiliar na aquisição dos livros a que me referi.

Do conterraneo e amigo

Eulalio Motta

3-3-942.

[P 88] Eudaldo: Saudações

Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro, com um livro e a copia da carta de Frei Felix. Muito obrigado. |

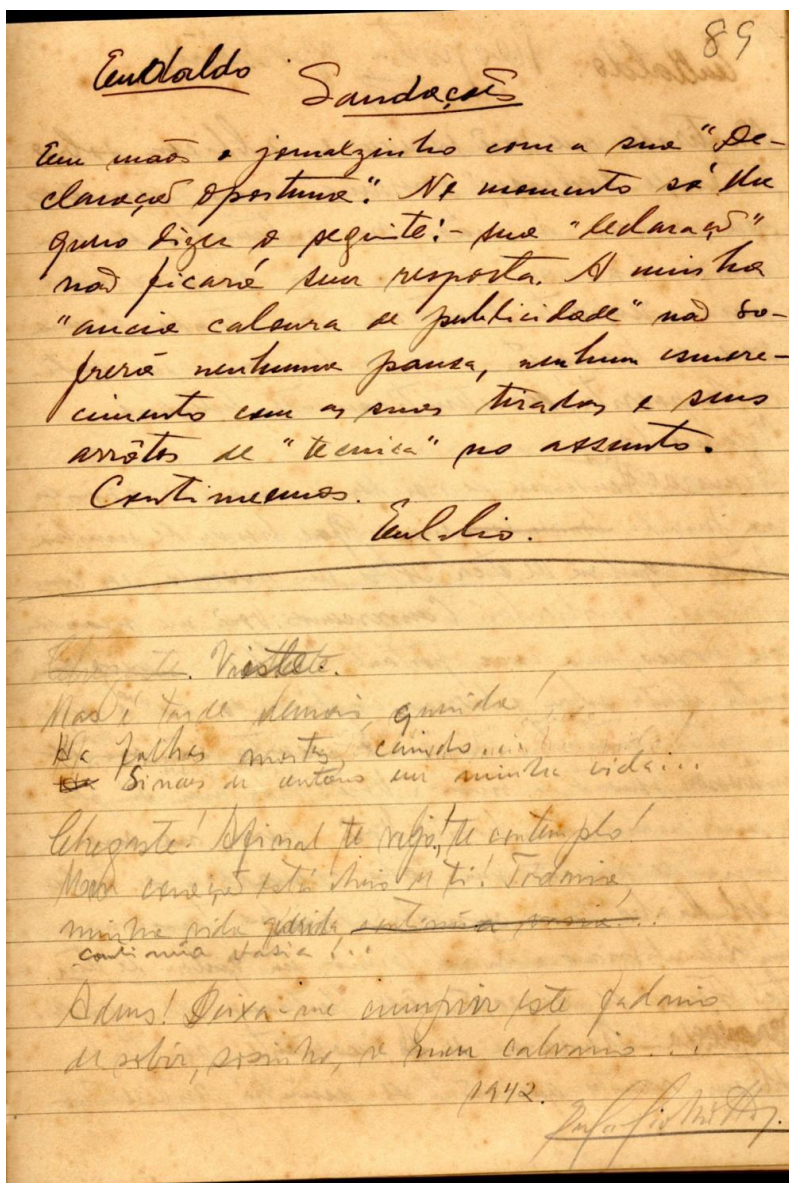
- 5 Ciente do que você diz sobre "Imitação de Cristo". Hei de mandar-lhe outro. Fico devendo. |
- Aguarde a minha "{s}/>Segunda carta aberta a um amigo", ó qual seguirá mais duas publicações. Certamente |
- 10 você não gostará. Fui forçado a lhe responder, com justa |
- indignação, certas acusações levianas, injustas e, as vezes, |
- graves, que você faz contra mim. São as taes inconveniências inevitáveis das polemicas. Neste terreno, nossas |
- 15 vaedades, presunções, amor proprio, falam muito mais |
- alto que o nosso amor ao Cristo. Em taes discussões, |
- quase sempre acontece esta desgraça: nós falamos e |
- Deus silencia. |
- Vou inscrever-me como socio do Pro-L {†}, de modo |
- que adquirirei ali, com porcentagens especiaes, os livros |
- 20 a que me referi. Tenho o "Paulo de Tarso", de Rhoden, |
- e mais, do mesmo autor, "Maravilhas do Universo" e "Pro- |
- blemas do Espirito." |
- Muito obrigado pelo seu interesse em me auxiliar na |
- aquisição dos livros a que me referi. |
- Do conterraneo e amigo |
- 25 [Eulalio Motta.] |
- 3-3-942. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

Rascunho de carta 17 - Eudaldo Saudações | Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”

p. 89



Eu{1}/>d\aldo [P 89] |

Saudações |

- Em mãos o jornalzinho com a sua “De-
claração Oportuna”. No momento só lhe |
5 quero dizer o seguinte: – sua “declaração” |
não ficará sem resposta. A minha |
“ancia caloura de publicidade” não so- |
frerá nenhuma pausa, nenhum esmore- |
cimento com as suas tiradas e seus |
10 arrôtos de “técnica” no assunto. |
Continuemos. |
[Eulálio.] |

{Chegaste}. Vi{nheste.}/>este.\ |

- 15 Mas é tarde demais, {o}/>q\uerida! |
{Ha}/>Ha\ {B {†} B}/>folhas mortas, caindo...\ |
{Ha} {s}/>S\inaes de outono em minha vida... |

Chegaste! Afinal te ve[l]/>j\o{,}/>[!]} te contemplo! |

- Meu coração está cheio de ti! Todavia, |
20 minha vida, {†}/>querida\ {continúa vasia...} |
[↑continúa vasia...]|

Adeus! Deixa-me cumprir este fadario |

descobrir, sosinho, o meu calvario... |

1942. |

- 25 [Eulálio Motta.] |

Notas do editor:

1. A enumeração da página foi feita com lápis grafite, na margem superior direita.
2. Da linha 1 a 12 o texto foi escrito com tinta preta.
3. Há uma divisão na página com um risco horizontal, de ponta a ponta da página, feita com lápis grafite.

4. A partir da linha 14, o texto foi escrito com lápis grafite.

Rascunho de carta 18 - Eudaldo: Resposta oportuna

p. 90

90 Eudaldo: Resposta oportuna

Na tirada que você escreveu e publicou sob o título de "Declaração oportuna", num jornaleco que me veio às mãos por intermédio de um amigo, há uns tantos pontos que merecem uma resposta oportuna. Sua tirada é uma série de acusações, mascaradas com esta santice hipocrita, caracteristicamente luterana.

Vejamos. ^{primeira} Primeira acusa-me de violador de uma correspondência privada, trazendo-os dizendo {ho}/>que\ houve de minha parte "quebra de ética sobre um assunto, por bons motivos, particular." Conversemos: você me mandou um livresco, uma coisa, portanto, pública; escrevi uma carta aberta sobre o livresco, explicando que não fazia em carta particular, porque o assunto não era de interesse somente a mim e você. Nada mais simples e mais natural, mais honesto. Você, porém, na suaância de acusações vem, todo apressadinho, todo afobado, todo sensibilisadinho, transformar um [↑fato] {↑} naturalíssimo e trivialíssimo, em quebra de ética, etc. Fome de acusações. Sêde luterana de agredir.

^{segunda} Segunda acusa-me de incompetente para tratar de um assunto que não é de minha profissão; e

[P 90] Eu {1}/>d\aldo: Resposta oportuna |

Na tirada que você escreveu e publicou sob o |
título de "Declaração oportuna", num jornaleco |

5 que me veio às mãos por intermédio de um |
amigo, há uns tantos pontos que merecem |
uma resposta oportuna. Sua tirada é uma |
série de acusações, mascaradas com esta santi- |
ce hipocrita, {d}/>ca\racteristicamente luterana. |

10 Vejamos-las. |

Primeira [↑acusação] Acusa-me de violador de uma corresponden- |
cia privada, {trazendo-os} dizendo {ho}/>que\ houve de minha |
parte "quebra de ética sobre um assunto, por bons |

15 motivos, particular." Conversemos: você me mandou |
um livresco; uma coisa portanto, pública; escrevo uma |
carta aberta sobre o livresco, explicando que [↑não] o fazia |
em carta particular, porque o assunto não {era de} |

20 interess{e}/>ava\ somente a mim [↑e] [a] você, [↑era de interesse publico.] Nada mais simples |
{e}/>, \ mais natural, mais honesto. Você, porém, na sua |
ancia de acusação, vem, todo apressadinho, todo |
afoba{do}/>di\ nho, todo sensibilisadinho, transformar |
um [↑fato] {↑} naturalíssimo e trivialíssimo, em quebra de ética, |
etc. Fome de acusações. Sêde luterana de agredir. |

25 {Segunda}/>Terceira\ - [↑acusação...] Acusa-me de {f} incompetente para tratar |
de um assunto que não é de minha profissão; e |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Há uma laçada, em forma de espiral, embaixo do título 'Resposta Oportuna', que não pôde ser reproduzida na transcrição. Por conta disso, a linha fora contada como linha escrita.
3. A 'segunda acusação' se encontra na página 94.

91
 arrotar sua competência, ~~para~~ para versar, confor-
me a metodologia científica, assuntos relacionados com
Teologia, História Eclesiástica, Hermeneutica, Filo-
sófia e Lógica. Aqui o pernorticismo luterano
 se revela conto por conto... Todo luterano, pri-
 cipalmente os que se intitulam promisso-
 res de pastores e ministros, é compen-
 trado de que está interpretando a ciência
 divina e que o resto das criaturas, as que não
 cursam em escolas de preconceitos luteranos, são
 uns pobres diabinhos nulos que nem merecem a aten-
 ção de uma resposta [↑pacífica...] Presunção e água benta...
 [Na sua lógica luterana, Pasteur nunca deveria ter se metido com Medi-
 cina porq. não era medico...]
 Meu amigo, escute: o farmacêutico Eulalio Mota |
 sabe ler; e tem {↑}/>uma\ estante, no qual existem, |
 sobre o assunto – Cristianismo – muitos autores, |
 verdadeiramente técnicos no assunto, {o}/>q\ue não |
 se podem, a não ser para fazer {↑}/>r\ir, comparar |
 com você. Seria comparar o globo terre{↑}/>stre\ com |
 um grão de areia. Estes autores têm qualidades |
 que faltam totalmente {a}/>em\ você: – Talento, cultu- |
 ra{,}/>e\ humildade. Eles não se dizem técnicos {no} |
 {assunto} nem batem nos peitos gritando ar- |
 rogantemente: "Eu sei o assunto!" Porque el{ls}/>es\ |

[P 91] |

arrotar sua competência, {↑} para “versar, confor-
me a metodologia científica, assuntos relacionados com
Teologia, História Eclesiástica, Hermeneutica, Filo-

- 5 sófia e Lógica. Aqui o pernorticismo luterano |
 se revelou conto por conto... Todo luterano, pri- |
 cipalmente os que se intitulam pomposa- |
 mente de pastores e ministros, é compene- |
 tra {↑}/>do\ de que está entupidinho de ciência |
 10 divina e que o resto das criaturas, {os}/>as\ que não |
 cursaram as escolas de preconceitos luteranos, são |
 {os}/>uns\ pobres diabinhos nulos que nem merecem a aten- |
 ção de uma resposta [↑pacífica...] Presunção e água benta... |
 [***(94, L 23)** x] [↑(Na sua lógica luterana, Pasteur nunca deveria ter se metido com Medi- |
 [↓cina porq. não era medico...)] Meu amigo, escute: o farmacêutico Eulalio Mota |
 15 sabe ler; e tem {↑}/>uma\ estante, no qual existem, |
 sobre o assunto – Cristianismo – muitos autores, |
 verdadeiramente técnicos no assunto, {o}/>q\ue não |
 se podem, a não ser para fazer {↑}/>r\ir, comparar |
 com você. Seria comparar o globo terre{↑}/>stre\ com |
 20 um grão de areia. Estes autores têm qualidades |
 que faltam totalmente {a}/>em\ você: – Talento, cultu- |
 ra{,}/>e\ humildade. Eles não se dizem técnicos {no} |
 {assunto} nem batem nos peitos gritando ar- |
 rogantemente: “Eu sei o assunto!” Porque el{ls}/>es\ |

Notas do editor:

1. Texto majoritariamente escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e do acréscimo por entrelinhamento (entre parênteses) nas linhas 14 e 15 que também foi escrito com lápis grafite.
2. Na linha 15, a abreviatura porq. se desdobra como ‘porque’.

92

são membros da Igreja de Cristo, que ensinam a humildade, e não das seitas protestantes de Lutero que ensinam a presunção, o pedantismo, o compenetrismo enfatizado dos [↑que] se intitulam de técnicos, conforme a metodologia científica, etc. e tal...

Quarta acusação - No tempo daquelas memoráveis agitações políticas, que sacudiram e vibraram a alma cabocla de meu Brasil brasileiro, um adversário político me mostrou a vítima de um recalque... O camarada lido Freud e ficou todo cheio de si, procurando em quem aplicar sua sabedoria psicanalítica... E eu fui a vítima: o camarada desconfio que eu sofria de um recalque amoroso que estava explodindo no sector político... E agora foi você. Naturalmente {v} leu Freud também e ficou vexadinho para aplicar sua sabedoria psicanalítica... Ainda uma vez, fui eu a vítima! O outro descobriu um recalque amoroso... explodindo no sector político! Você agora descobre um recalque político explodindo no sector religioso... Louvado seja Deus!

[P 92] |

são membros da Igreja de Cristo, que ensina |
a humildade, e não das seitas {protestantes} de |
Lutero que ensina[m] a presunção, o pedantis- |
mo, o compenetrismo enfatizado dos [↑que] se intitulam |
de técnicos, conforme a metodologia científica, etc. |
e tal... |

- {Quinta}/>Quarta\ acusação – No tempo daquelas memoráveis |
agitações políticas, que sacudiram e |
10 vibraram a alma cabocla de meu Brasil |
brasileiro, um adversário político me acusou |
de vítima de um recalque... O camarada {†}/>havia\ |
lido Freud e ficou todo cheio de si, procu- |
rando em quem aplicar sua sabedoria pi{c}/>s\icoa- |
15 nalítica... E eu fui a vítima: o camarada desco- |
brio que eu sofria de um recalque amoroso |
que estava explodindo no sector político... |
E{´} agora foi você. Naturalmente {v} leu Freud |
também e ficou vexadinho para aplicar sua |
20 sabedoria psicanalítica... Ainda uma vez, fui eu |
a vítima! O outro descobriu um recalque amoro- |
so... explodindo no sector político! Você agora |
descobre um recalque político explodindo |
no sector religioso... Louvado seja Deus! |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

93

Com que facilidade leviana! Com que
serena estupidez essa gente se lança á
temeridade de julgar os dramas de uma
alma! Bem razão teve Otavio de Faria
quando afirmou que o mal do Brasil
não é o analfabetismo, a sim^a semi-anal-
fabetismo e o pseudo-ciencia pernostica
dos semi-letrados que se arrogam a ^{direção} pasto
de coletividades. ~~de uma alma~~
Finalizando - Finalizando a sua tirada, você
vem, todo blandício, evocando a memória
daquele santo que foi meu Pae e seu Padrinho.
Era o sôpro... depois da dentada. Você começou
sua tirada me mordendo {./}/>, [↑precisava] terminar me sopran-
do... Processo-morcêgo. Processo luterano...
Somos diferentes, meu amigo. Esta diferença,
alias, não é de hoje... Basta um olhar
evocativo sobre a infancia... Toda vida
fomos diferentes... Pensando na sua infancia,
acho logico que você tivesse achado sendo {um} pas-
{tor protestante}/>tor protestante... Confere...

[P 93] |

- Com que facilidade leviana! Com que |
serena estupidez essa gente se lança á |
temeridade de julgar os dramas de uma |
5 alma! B{†} razão teve Otavio de Faria |
quando afirmou que o mal do Brasil |
não é o analfabetismo e sim [↑o] semi-anal-
fabetismo e {o}/>a\ pseudo-ciencia pernostica |
dos semi-letrados que se arrogam a {pasto-}[↑diretores] |
10 {res} de coletividades. {Louvado seja Deus!}/[↑Otavio de Faria tem razão!]|
{De}/>Te\minando – Finalizando a sua tirada, você |
vem, todo blandício, evocando a memória |
daquele santo que foi meu Pae e seu Padrinho. |
Era o sôpro... depois da dentada. Você começou |
15 sua tirada me mordendo{./}/>, [↑precisava] terminar me sopran- |
do... Processo-morcêgo. Processo luterano... |
Somos diferentes, meu amigo. Esta diferença, |
alias, não é de hoje... Basta um olhar |
evocativo sobre a infancia... Toda vida |
20 fomos diferentes... Pensando na sua infancia, |
{[Eulalio Motta]} |
acho logico que você tivesse achado sendo {um} pas- |
{tor protestante}/>tor protestante\... Confere... |

Notas do editor:

1. Texto escrito majoritariamente com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e pelo segmento {tor protestante}, na linha 23, também escrito com lápis grafite e foi substituído por sobreposição com tinta preta.

94

Segunda acusação - Acusa de eu estar a-
nunciando espetacularmente a "Segunda car-
ta aberta". Isto é mentira! Vejamos: você
respondeu a "Carta aberta", com uma carta par-
ticular cheia de presunção e acusações levianas,
~~na qual você~~ dizendo-me que esta carta seria
lida aos seus correligionários. Deste modo,
deixava de ser particular, dando-me, portanto,
o direito de responde-la publicamente. Daí
a "Segunda carta aberta". Comuniquei-lhe,
então, em carta particular, que as acusações
era injustas, ora graves, todas levianas, e sua
carta, seriam devidamente respondidas em uma
"Segunda carta aberta". Você agora me apare-
ce com essa novidade de que a "Segunda car-
ta aberta" vem sendo anunciada espetacular-
mente! Como se eu a estivesse anuncia-
do na imprensa, no rádio e em todos
os cartazes de todas as cidades do Bra-
sil! Espetacularmente? Mentira!

x Na sua "logica" luterana, Pasteur nunca deveria ter
tratado de medicina, porque não tinha o curso
e o diploma de médico! Só mesmo ~~a~~ "logica" de pro-
testante!

[P 94] |

- Segunda acusação - Acusa de eu estar a-
nunciando espetacularmente a "Segunda car-
ta aberta". Isto é mentira! Vejamos: você |
5 respondeu a "Carta aberta", com uma carta par-
ticular cheia de presunção e acusações levianas, |
{na qual você} dizendo-me que esta carta seria |
lida aos seus correligionários. Deste modo, |
deixava de ser particular, dando-me, portanto, |
10 o direito de responde-la publicamente. Daí |
a "Segunda carta aberta" [.]{,} Comuniquei-lhe, |
então, em carta particular, que as acusações |
ora injustas, ora graves, todas levianas, de sua |
carta, seriam devidamente respondidas em uma |
15 "Segunda carta aberta." Você agora me apare- |
ce com essa novidade de que a "Segunda car- |
ta aberta" vem sendo anunciada espetacular- |
mente!, {c}/>C\omo se eu a estivesse anuncian- |
do na imprensa, no rádio e em todos |
20 os cartazes de todas as cidades do Bra- |
sil! Espetacularmente? Mentira! |

- [(91, L 14) x Na sua "logica" luterana, Pasteur nunca deveria ter |
tratado de medicina, porque não tinha o curso |
e o diploma de médico! Só mesmo {de} "logica" depro- |
25 testante! [(91, L 14)] |

Notas do editor:

1. Texto escrito majoritariamente com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda e pelo segmento "Segunda acusação", na primeira linha, também escrito com lápis grafite.

Rascunho de carta 19 - Ponto final

p. 104

104 Ponto final

Meu amigo:

Estive relendo nossa correspondencia, ^{sobre as nossas diver-} Relendo suas
cartas e as minhas. Relendo-as e meditando-as, ^{gências religiosas.} Com
o espirito de quem faz um exame de consciencia. E cheguei á
triste conclusão de que nossa correspondencia
está horrivelmente vazia de Cristo. A vaedade,
o orgulho, a presunção, o pedantismo, o odio,
transbordam nas suas cartas; e as minhas
tambem não podem receber melhor classificação.
^{Daí o meu proposito de pôr um ponto final definitivo á nossa correspondencia.} Já lhe disse em carta particular e lhe repi-
to: nestas discussões, nossa vaedade, nosso amor
próprio, nossa presunção, falam muito mais
alto que o nosso amor a Deus. Neste terreno a-
contece, quase sempre, esta desgraça: – nós falamos
e Deus silencia.

Ponhamo-nos em presença de Deus. E compreende-
remos que as nossas discussões salpicadas de odio
são um desrespeito á sua presença.

Quando discutimos, descambando para o ter-
reno das agressões pessoais, esquecemos que Deus
está presente!

"Bemaventurados os mansos..."

"Bemaventurados os pobres de espirito..."

[P 104] Ponto final |

Meu amigo: |

Estive relendo nossa correspondencia, [[↑]sobre as nossas diver-][^{↑↑}gências religiosas.]

Relendo suas |

- 5 cartas e as minhas. Relendo-as e meditando[-as]{C}/>c\om{o} |
[[↑]o espirito de] quem, faz um exame de consciencia. E cheguei á |
triste conclusão {q}/>d\e que nossa correspondencia |
está horrivelmente vazia de Cristo. A vaedade, |
o orgulho, a presunção, o pedantismo, o odio, |
10 transbordam nas suas cartas; e as minhas |
tambem não podem receber melhor classificação. |
[[↑]Daí o meu proposito de pôr um ponto final definitivo á nossa correspondencia.] Já lhe
disse em carta particular e lhe repi- |
to: nestas discussões, nossa vaedade, nosso amor |
próprio, nossa presunção, falam muito mais |
15 alto que o nosso amor a Deus. Neste terreno a- |
contece, quase sempre, esta desgraça: – nós falamos |
e Deus silencia. |
Ponhamo-nos em presença de Deus. E compreende- |
remos que as nossas discussões salpicadas de odio |
20 são um desrespeito á sua presença. |
Quando discutimos, descambando para o ter- |
reno das agressões pessoais, esquecemos que Deus |
está presente! |
"Bemaventurados os mansos..." |
25 "Bemaventurados os pobres de espirito...." |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Há uma laçada, em forma de espiral, embaixo do título 'Ponto final', que não pôde ser reproduzida na transcrição. Por conta disso, a linha fora contada como linha escrita.
3. Nas linhas 20 e 21, há duas manchas no centro da página provocadas por borrões de tinta

preta feitos na página 103 que passaram para a página 104.

105
 Gostamos de estas palavras evangelicas. Mas
 não adianta as palavras onde não ha o espi-
 rito evangelico. Cristo não está em palavras
 mas no espirito vivo. Este é o espirito vivo.
 Está na sua Igreja contra a qual as portas do inferno nunca prevaleceram e nunca
 prevalecerão. Deixemos o nosso orgulho, a nossa vaedade,
 a nossa cobiça "sabereria", a nossa cabotinagem, a
 nossa ruindade. Para conhecer e viver o Cristo, é
 preciso que se seja doutor em cristianismo. É pre-
 ciso que se seja humilde, que se seja simples, que
 a gente se faça criança. Só assim poderemos co-
 nhecer, saber, amar, viver o Cristo. Sejam hu-
 mildes. Sem humildade nosso cristianismo é
 uma farça. Sem Cristo não ha salvação. E onde
 não ha humildade não ha Cristo. Onde existe a ar-
 rogancia a humildade não existe. É de arrogan-
 cia e não de humildade que está cheia a nossa
 cobiça e não de humildade que está cheia a nossa
 piedade. Precisamos ser humildes. Precisamos
 tomar juizo. Que o Sagrado Coração de Jesus
 tenha piedade de nós!
 Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós, peccadores!
 Março, 1942.

II [P 105] |

gostamos de citar palavras evangelicas. Mas |
 não adiantam as palavras onde não ha o espi- |
 rito evangelico. Cristo não está em palavras |

- 5 [que se] decor{adas}/>am\ {e}/>para\ cita{das}/>ções\ . Está no espirito vivo. |
 [↑Está na sua Igreja contra a qual as portas do inferno nunca prevaleceram e nunca
 prevalecerão.] Deixemos o nosso orgulho, a nossa vaedade, |
 {o}/>a\ noss{o}/>a\ {caboti} "sabedoria", o nosso cabotinismo, a |
 nossa ruindade. Para [↑se] conhecer{,} e viver o Cristo, não |
 precisa que seja doutor em cristianismo. E'pre- |
 10 ciso que se seja humilde, que se seja simples, que |
 a gente se faça criança. Só assim poderemos co- |
 nhecer, saber, amar, viver o Cristo. Sejam hu- |
 mildes. Sem humildade nosso cristianismo é |
 uma farça. Sem Christo não {↑}/>h\ a salvação. E onde |
 15 não ha humildade não ha Cristo. Onde existe a ar- |
 rogancia a humildade não existe. E é de arrogan- |
 cia e não de humildade que estão chei{as}/>a\ {as}/>a\ noss{as}/>a\ |
 {discussões}/[↑correspondencia.]\ Precisamos ser humildes. Precisamos |
 tomar juizo. Que o Sagrado Coração de Jesus |
 20 tenha piedade de nós! |
 Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós peccadores! [Eulalio Motta.] |
 Março, 1942. |

Notas do editor:

Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na
 margem superior direita.

4 FILOLOGIA DIGITAL E ACERVOS DE ESCRITORES

Nesta seção propomos uma reflexão sobre a Filologia diante do novo paradigma científico-tecnológico representado pela era digital, a qual tem provocado transformações significativas em diversas áreas das humanidades. Embora se trate de um campo tradicionalmente ancorado no estudo crítico de textos, a Filologia tem se beneficiado amplamente das possibilidades oferecidas pelos ambientes digitais, tanto no que se refere à facilitação dos processos de análise documental quanto à ampliação dos modos de edição e circulação textual. As edições digitais, em especial as hiperedições, rompem com a linearidade tradicional da apresentação dos textos, possibilitando múltiplas formas de leitura, de navegação e de representação crítica dos dados textuais.

Serão discutidos, neste capítulo, os elementos que compõem o texto filológico, com especial atenção à natureza dos rascunhos e aos vestígios materiais que constituem objetos centrais das hiperedições. Também se abordará a noção de *acervo*, em contraste com a de *arquivo*, buscando compreender a estrutura e a dinâmica interna dos acervos pessoais de escritores. Tais conjuntos documentais são entendidos aqui como redes intertextuais e interdiscursivas que articulam diferentes tipos de registros e revelam múltiplas camadas de sentido, exigindo, portanto, abordagens críticas que levem em conta tanto a materialidade dos documentos quanto suas relações contextuais e históricas.

4.1 A FILOLOGIA E A CULTURA ESCRITA DIGITAL

A Filologia, entendida neste trabalho em consonância com a crítica textual, constitui uma área que, historicamente, tem se dedicado à edição e à publicação de textos. Nesse contexto, a crítica textual representa a práxis filológica por excelência, uma vez que nela se manifesta, de forma concreta, uma prática que compreende o texto como um artefato cultural complexo, formado por múltiplas camadas de produção, circulação e recepção.

Durante muito tempo, a atividade filológica esteve voltada à busca por uma versão considerada autêntica e definitiva do texto, concebido como uma unidade estável, acabada e coerente. No entanto, as transformações epistemológicas ocorridas nas últimas décadas contribuíram para o deslocamento dessa concepção. Atualmente, o texto é entendido como uma construção dinâmica, marcada por instabilidades, variantes e traços de sua materialidade e historicidade. Essa perspectiva exige do filólogo uma abordagem crítica que considere tanto

os aspectos linguísticos quanto os contextos culturais, sociais e ideológicos que atravessam e configuram o objeto textual.

Oportunamente, Ferdinand Saussure comenta sobre como o ponto de vista do pesquisador cria o objeto, pois ele é moldado a partir de sua filosofia, tendo interferência direta de suas concepções e crenças: “[b]em longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 2006 [1916], p. 15). Ao seguir esse conceito, nota-se que, ao adotar um ponto de vista mais estruturalista e teleológico, há uma tendência a observar o objeto filológico como algo a ser expurgado e finalizado, não considerando necessário expor ou publicar o processo de concepção textual, ou seja, o objeto se torna um elemento estático e sua história se extingue de nuances modificadoras, dos seus processos.

De fato, a filologia tradicionalmente se preocupou com a rasura, mas de uma forma diferente da que se busca hoje em dia. Antes, se buscava compreender a rasura para eliminá-la, a critério do filólogo, guiado pela noção de erro que adotaria na edição, fosse limpando o texto dos “erros de língua” ou de escolhas textuais que o editor acreditava que não eram compatíveis com a índole, filosofia ou estilística do autor. Em paralelo a isso, a corrente filológica italiana denominada de ‘filologia do autor’ considerava o movimento do texto em seus estudos de edição, como afirma Pérez Priego (2011), sendo importante pontuar aqui que, apesar de majoritariamente estruturalista, a filologia não era alheia às questões relacionadas ao processo de escrita e da gênese textual, ainda que não fosse seu objetivo primordial.

Ao voltar para a premissa saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto, a discussão filológica na contemporaneidade busca lançar um olhar mais aberto às possibilidades que o texto pode proporcionar em sua totalidade, transformando o objeto, anteriormente mais estático, em um objeto dinâmico. Nesse sentido, Bernard Cerquiglini (2000) em *Une Nouvelle Philologie*, apresenta dois paradigmas, o da filologia tradicional e o da contemporânea. Em uma das comparações entre os paradigmas, Cerquiglini (2000) toca em um ponto essencial para a discussão desta pesquisa, o objetivo das duas filologias, sendo que na vertente tradicional, mais estruturalista, o objetivo é a reconstrução do texto, fornecendo a melhor imagem possível do original perfeito, mas perdido, reduzindo as variantes ao *status* de cópias; e, já na vertente contemporânea, menos estruturalista, o objetivo é simular a gênese, a circulação, a recepção e o significado do texto. Aqui, nota-se que ao mudar o ponto de vista também muda-se o objeto, abrindo espaço para que os documentos (ou textos) de processo, que carregam gênese, também possam protagonizar edições, tendo seus elementos linguísticos e também seus elementos semióticos explorados (marcas não linguísticas do processo) - o que

é de interesse deste trabalho, visto que os textos de Eulálio Motta editados aqui são rascunhos e, muitos deles, contendo “marcas físicas de manipulação” (Duarte, [1997-], verbete *rascunho*).

Ainda em *Une Nouvelle Philologie*, Cerquiglini (2000) comenta as diferenças entre os paradigmas tradicional e contemporâneo no referente ao resultado, ou seja, a publicação da edição, que também perpassa pelo subtópico da tecnologia. No paradigma tradicional, as publicações editoriais eram feitas de forma impressa, devido às limitações tecnológicas dos períodos anteriores; contudo, no paradigma contemporâneo, o autor chama a atenção para a ‘Nova Crítica’ barthesiana, mencionando também Derrida, que fez com que se pensasse o objeto de uma forma diferente, não buscando apenas explicações biográficas e compreendendo que o texto atua como interação de sistemas. Cerquiglini (2000) afirma que é desejável que a filologia seja inspirada pela corrente barthesiana, buscando uma reflexão filosófica e literária acerca dos métodos de edição de textos. Nesse contexto, Cerquiglini (2000) introduz na discussão as novas ferramentas de publicação editorial, trazendo como exemplo computadores multimidiáticos e a rede de internet, além de mencionar o hipertexto - do qual trataremos mais adiante -, o texto maleável e o compartilhamento textual em maior escala, que muda a nossa noção de texto e sua distribuição como concebíamos anteriormente. A seguir, apresenta-se um quadro comparativo, elaborado por Rocha (2023), a partir do texto

Quadro 03 - Quadro comparativo de Bernard Cerquiglini - *Une nouvelle philologie?*

	Paradigma I	Paradigma II
Opção crítica	autoridade textual	compartilhamento do texto
Tecnologia	impressão	internet
Metáfora	árvore	Rede
Herói	autor	escriba
Amor	singularidade	variância
Objeto	cópia desprezada	recepção positiva
Texto como	essência verbal	materialidade do código
Princípio	descontextualização	contextualização
Olhar (mirar)	reconstrução	simulação
Método	intervencionismo	comparação
Resultado	livro impresso	hipertexto
Relação para:		
1. Oralidade	escreva como resíduo	dialética oral/escrita
2. Teoria medieval da escrita	(nada especial)	“excedente de significado”

Fonte: Rocha (2023, grifo da autora), adaptado de Cerquiglini (2000).

O surgimento da informática impactou, em escala global, o ser humano e suas práticas em diversas instâncias. Ainda, além da informática, que permitiu automatizar e otimizar

processos que manualmente seriam bastante penosos, surgiu a internet, conexões em rede que permitem acesso à informação e compartilhamento em grande escala. Tais mudanças tecnológicas são frequentemente comparadas a invenção da imprensa, que, de fato, foi uma das maiores, senão a maior mudança no paradigma tecnológico da escrita até então. O impacto da informática e da internet sobre as diferentes áreas do conhecimento foi profundo e sem precedentes. No campo das ciências humanas, esse avanço tecnológico propiciou o surgimento de um novo paradigma investigativo: as Humanidades Digitais. Essa área interdisciplinar começa a se consolidar no final do século XX, mas seus antecedentes remontam à década de 1940, quando o jesuíta Roberto Busa, em parceria com a IBM, iniciou um projeto de lematização e indexação automatizada da obra de Santo Tomás de Aquino. Esse empreendimento pioneiro é reconhecido como um marco inaugural das Humanidades Digitais, embora o termo propriamente dito só venha a ganhar notoriedade a partir dos anos 2000.

As Humanidades Digitais se constituem como um campo que articula saberes e métodos das humanidades clássicas (como a história, a literatura, a filosofia, a linguística e a filologia) com os recursos e ferramentas das tecnologias digitais. Mais do que a simples informatização de procedimentos, trata-se de uma reformulação epistemológica que afeta tanto os objetos quanto os modos de produção e circulação do conhecimento. Projetos em Humanidades Digitais frequentemente envolvem bancos de dados, visualizações interativas, mapeamentos georreferenciados, algoritmos de análise textual, edições digitais e hipertextuais, entre outros recursos que ampliam as possibilidades de investigação, leitura e interpretação.

No âmbito da Filologia, o impacto das Humanidades Digitais se manifesta de forma notável na prática editorial. As edições digitais críticas, ou hiperedições, superam os limites da página impressa ao permitir a apresentação de variantes, rascunhos, comentários críticos, anotações paleográficas e fac-símiles em um mesmo ambiente interativo. Essa integração técnica possibilita não apenas maior acessibilidade aos acervos, mas também novas formas de experiência com o texto, que passam a ser navegadas em múltiplas camadas, com interconexões que favorecem leituras mais dinâmicas, comparativas e abertas à reconfiguração. Nesse contexto, a Filologia Digital emerge como uma extensão contemporânea da crítica textual, mantendo seu compromisso com o rigor analítico, mas incorporando as potencialidades das plataformas digitais como meio e método de investigação.

O manifesto das humanidades digitais (Dacos, 2011), traduzido para o português por Hervé Théry, foi formulado a partir de discussões entre pesquisadores das áreas humanas que utilizavam o meio digital para desenvolver suas pesquisas. Tem como definição três pontos que são importantes de serem apresentados:

1. A opção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos. 2. Para nós, as digital humanities referem-se ao conjunto das Ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras. As humanas digitais não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. 3. As digital humanities designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências humanas e sociais (Dacos, 2011).

Como foi mostrado no ponto um, as humanidades digitais questionam a produção e a divulgação dos conhecimentos por meios tradicionais, o que acaba permeando as diversas áreas que optam por seguir pelo meio digital para desenvolver pesquisas. No caso da filologia, questiona-se a preparação das edições utilizando apenas elementos impressos, visto que conexões multimidiáticas podem possibilitar a ampliação do entendimento do texto, proporcionar múltiplas leituras e promover dinamicidade ao texto, além de questionar a publicação apenas em via impressa, que culmina em uma baixa ou média distribuição, se comparada a possibilidade de distribuição on-line, dentre outros contratempos que edições impressas podem sofrer, como as limitações de alteração nas edições já impressas, que não permite mudanças posteriores, a não ser que se publique uma nova edição.

No ponto dois, salienta-se que as humanidades digitais não se opõem ou negam o passado, de forma que convivem com outras modalidades tradicionais de pesquisa, contudo, questionam sempre que possível quando a forma tradicional limita o desenvolvimento do conhecimento. No terceiro ponto, as humanidades digitais se denominam como uma transdisciplina, que une os métodos e teorias do meio digital e as aplicam no âmbito das ciências humanas e sociais, buscando seu aprimoramento por meio de uma interseção.

No âmbito dos estudos filológicos, devido, entre outros fatores, às limitações das épocas anteriores ao digital, as edições impressas realizadas acabavam por não explorar o texto em sua totalidade, priorizando o código alfanumérico em detrimento do código bibliográfico. Se entende como código alfanumérico um constructo linguístico formado por palavras, sinais de pontuação, espaços e números; enquanto o código bibliográfico se refere, de acordo com Barreiros (2017), aos

[...] elementos materiais que garantem a percepção do texto pela visão, dos quais se podem depreender algum sentido. Integram os códigos bibliográficos as dimensões do papel, a cor da tinta, o tipo de letra, a disposição da mancha sobre a página, as gravuras, o destaque para palavras, a encadernação, os títulos, o layout etc. (Barreiros, P., 2017, p. 404).

Para Moreira (2011), além da materialidade, o documento, objeto filológico, como um artefato bibliográfico é

constituído não apenas dos materiais, tinta, papel et cetera - cujas partes componentes e integralizadoras - as marcas grafemáticas seriam um dos elementos da integridade documental também não podem ser dissociadas sob pena de mutilação de sua natureza intrínseca e que só pode ser compreendido quando contextualizado historicamente; portanto, não se atribui ao supramencionado vocábulo uma existência autônoma que se contraporá à do 'texto' - conjunto de signos (palavras e pausas) gravados sobre um suporte (Moreira, 2011, p. 91).

Diante do apresentado, destaca-se a importância do código bibliográfico no que toca a materialidade e contexto, e, desse modo, tal código se caracteriza como altamente relevante em uma edição, visto que sua ausência cerceia a compreensão do documento como um artefato que é localizado socialmente e historicamente, considerando que todas as partes do documento são importantes na sua edição. Nesse sentido, Shillingsburg (2004) pontua sobre a orientação bibliográfica, postulada por McKenzie:

[...] pode ser vista como uma extensão da documental ou da sociológica, mas nos últimos anos o interesse por ela aumentou o suficiente para garantir sua descrição separada. Com base nos estudos bibliográficos de D. F. McKenzie, esta orientação amplia a definição de texto para incluir todos os aspectos das formas físicas nas quais o texto linguístico é escrito. Essa abordagem não admite que nenhuma parte do texto ou do meio físico seja considerada insignificante e, portanto, corrigível. A textura do papel, a fonte do tipo, o estilo e custo da encadernação, a cor, as indicações no livro do tipo de mercado empreendido, o preço, a largura das margens - em suma, todos os aspectos do objeto físico que é os livros que carregam pistas de suas origens e destinos e pretensões sociais e literárias - são textos para orientação bibliográfica³⁵ (Shillingsburg, 2004, p. 23-24, tradução nossa).

³⁵ Texto original: [...] can be seen as an extension of either the documentary or the sociological, but in the last few years interest in it has increased sufficiently to warrant its separate description. Based in the bibliographical studies of D. F. McKenzie, this orientation enlarges the definition of text to include all aspects of the physical forms upon which the linguistic text is written. This approach does not admit to any parts of the text or of the physical medium to be considered nonsignificant and therefore emendable. The texture of paper, the type font, the style and expense of binding, the color, the indications on the book of the type of marketing undertaken, the price, the width of margins - in short, all aspects of the physical object that is the book that bear clues to its

Com o advento da era digital, houve uma união entre a Crítica Textual e o universo digital, viabilizando a exploração de novas possibilidades, como, por exemplo, a realização e publicação de edições em meio digital, chamadas de edições digitais ou hiperedições, que contemplam diversas necessidades do texto e do leitor. As edições digitais, ou hiperedições, se comportam como hipermídias, apresentando hipertextos digitais.

Segundo Barreiros (2015), o hipertexto pressupõe uma escrita/leitura não sequencial que “[...] permeia o universo da escrita desde quando os textos começaram a dialogar entre si, por meio de citações e referências, possibilitando aos leitores reportarem-se a outros textos” (Barreiros, 2015, p. 182). Sobre a escrita do hipertexto, o autor complementa:

Do mesmo modo, os índices e glossários inseridos nos rolos de papiro e pergaminho, pelos filólogos alexandrinos do século III a. C., a paginação, as notas de pé de página e as iluminuras dos códices medievais e os diversos códigos criados pela imprensa, para possibilitar o avanço e o recuo na sequência da leitura, são exemplos de não linearidade presentes na escrita e que favorecem ao leitor escolher como deverá ler o texto (Barreiros, 2015, p. 182).

Para Prudente (2018), o meio digital causou impacto e modificações no hipertexto, tanto em sua natureza, quanto em sua disposição e acesso:

[o] hipertexto digital, sendo interligado e não linear, tem possibilitado a construção de arquivos digitais hipermídias, que se configuram em uma rede de textos também, promovendo transformações na sociedade do saber, modificando o acesso às informações e construindo uma cultura digital, identificada pelos seguintes marcos comportamentais e opções políticas (Prudente, 2018, p. 101).

De acordo com Lourenço (2009), o formato editorial eletrônico (compreende-se aqui como digital) é considerado como o mais adequado para atender as exigências da *radial reading* - leitura radial, devido ao fato de que os hipertextos digitais são textos múltiplos e interativos e que, por isto, exigem a leitura radial. Para McGann (1991),

[e]ssa “leitura” é uma reação sobre um campo textual que compreende muito mais do que o texto linguístico, muito mais ainda do que o texto linguístico e espacial. É uma leitura que parte do pressuposto de que os textos físicos [...] não são linguísticos e espaciais, mas também múltiplos e interativos. É uma leitura que busca visibilizar o campo textual - o cenário da leitura radial - por

meio da observação atenta dos materiais, meios e modos de produção textual à medida que se desenvolvem e interagem ao longo do tempo³⁶ (McGann, 1991, p. 124-125, tradução nossa).

Nesta perspectiva, McGann (2001) discute a questão de instabilidade do texto, especialmente pelo ponto de vista da leitura radial. A instabilidade vem da não possibilidade de fixação do texto, visto que ele assume interpretações diferentes a partir do leitor e do contexto de leitura que se encontra. Assim, o significado de um texto se encontra em constante mudança, condicionado a questões sociais, históricas e pessoais (de cada leitor), sendo a variabilidade uma condição inata do texto. Para McGann (2001, p. 181), tais transformações de sentido ocorrem, pois, o texto é sempre um texto negociado, sendo parte percebido e parte criado por aqueles com quem ele interage (leitores).

De acordo com Lourenço (2009), Barthes, em *The death of the author* (2001), compreende que a construção de sentido não está na produção e sim na recepção, o que atribui ao leitor grande valor. Tal afirmação confere talvez até certo protagonismo no processo de leitura, que, até então, se concentrava no autor e no que ele quis dizer com determinado texto:

[...] um texto é feito de escritas múltiplas, tirado de muitas culturas e entrando em relações mútuas de diálogo, paródia, contestação, mas há um lugar onde essa multiplicidade se concentra e esse lugar é o leitor, não, como até aqui se dizia, o autor. O leitor é o espaço onde se inscrevem todas as citações que compõem uma escrita sem que nenhuma delas se perca; a unidade de um texto não está em sua origem, mas em seu destino³⁷ (Barthes, 1977, p. 148, tradução nossa).

Diante do exposto, é compreensível a filologia se preocupar tanto com a etapa de recepção do texto editado, uma vez que tal recepção criará diversos sentidos perante ao leitor que irá acessá-la, seja ele especializado ou não. Lembrando que no mundo contemporâneo, cada vez mais os leitores estão se habilitando nas mídias digitais, desde crianças, e essa

³⁶ That “reading” is a reaction upon a textual field that comprises far more than the linguistic text, far more even than the linguistic and the spatial text. It is a reading that assumes that the physical texts [...] are not linguistic and spatial, but multiple and interactive as well. It is a reading which seeks to visibilize the textual field – the scene of radial reading – by a close observation of the materials, the means, and the modes of textual production as they develop and interact over time (McGann, 1991, p. 124-125).

³⁷ [...] a text is made of multiple writings, drawn from many cultures and entering into mutual relations to dialogue, parody, contestation, but there is one place where this multiplicity is focused and that place is the reader, not, as was hitherto said, the author. The reader is the space on which all the quotations that make up a writing are inscribed without any of them being lost; a text’s unity lies not in its origin but in its destination. (Barthes, 1977, p. 148).

habilidade promove a leitura radial, pois na rede há uma tendência a não-linearização da escrita e da leitura³⁸.

É preciso pontuar que a leitura radial não é restrita ao meio digital, pois leituras com aparatos, ou seja, não linear ou sequencial (que induzem o leitor a sair do curso do texto para verificar informações fora dele, como notas, por exemplo), também são consideradas leituras radiais. A exemplo disso, há as edições críticas, que além de apresentar o contexto sócio-histórico do texto, apresentam aparatos críticos, notas, referências para outros textos/livros, e isso resulta em uma leitura não sequencial e induz à historicização textual, caráter da leitura radial. Contudo, para Lourenço (2009), muitos editores optam por utilizar o meio digital em busca de promover uma otimização da leitura radial e o favorecimento da metaleitura (nível de leitura em que há um metaleitor que constrói um novo texto a partir de sua leitura):

Essa opção fica a dever-se ao facto de o arquivo electrónico favorecer a metaleitura e, por esse motivo, constituir o formato mais adequado à “radial reading”, permitindo representar a história da produção, transmissão e recepção dos textos de uma obra e de outro tipo de documentos, o seu estudo e comparação, e a inclusão de novos tipos de anotação que ultrapassam a dificuldade da edição impressa em conciliar texto e aparato crítico (Lourenço, 2009, p. 251).

É também, no meio digital, que se possibilita a ampliação dos domínios da escrita, proporcionando novos níveis de interatividade por parte dos leitores mediante aos textos, a exemplo de uma ação que resulta em uma reação por parte do hipertexto eletrônico/digital (a ação de clicar em um *hyperlink* e o mesmo abrir e apresentar informações diversas sobre o que se lê). Sobre isso, Barreiros (2015) pontua:

O texto reflete concretamente aspectos sócio-histórico e culturais de um povo. No meio digital isso não é diferente, mas ele tem a capacidade de ampliar os domínios da escrita, instituindo uma nova noção de textualidade a partir do hipertexto digital que potencializou a não linearidade da escrita, convertendo o texto numa hipermídia interativa (Barreiros, 2015, p. 173).

Contudo, há edições que, apesar de se apresentarem como digitais, por vezes não exploram as possibilidades que esse meio propicia, ocasionando a reprodução dos modelos de edição impressa no meio digital. Segundo Barreiros (2014), tais edições que perpetuam os modelos lineares estáticos dos documentos impressos em meio digital acabam se tornando

³⁸ Na continuação desta subseção, será discutido os tipos de leitores, a partir de Santaella, e quais enfrentamentos os leitores sofrem no ambiente digital.

‘incunábulos digitais’ e, para ratificar esta proposição, Patrick Sahle (2008 *apud* Santiago *et al.*, 2017) afirma que as edições em formato digital que seguem apenas os padrões estabelecidos para o modelo impresso não são edições digitais, segundo o sentido estrito abordado aqui, e sim edições digitalizadas:

As edições filológicas digitais não são apenas edições filológicas em mídias digitais. Eu distingo entre digital e digitalizada. Uma edição impressa digitalizada não é uma ‘edição digital’ no sentido estrito utilizado aqui. Uma edição digital não pode ser impressa sem uma perda de informação e/ou funcionalidade. A edição digital é guiada por um paradigma diferente. Se o paradigma de uma edição é limitado ao espaço bidimensional da ‘página’ e aos meios tipográficos de representação da informação, então não é uma edição digital³⁹ (Sahle, 2008 *apud* Santiago, Santiago, Barreiros, 2017, tradução dos autores, p. 50).

Referente às edições genéticas, o meio digital também favorece a explorações dos elementos de gênese que compõem textos marcados com processo de escrita. Além de publicá-las em versão linearizada, ou seja, com codificadores para sinalizar suas marcas físicas de manipulação, é possível publicar a sua versão topográfica, que visa apresentar a *mise en page* do documento como ele está, na medida do possível, reproduzindo riscos de cancelamento, borrões, entrelinhamento e escrita sobreposta (um fragmento escrito por cima de outro), utilizando funcionalidades digitais para facilitar a apresentação e a leitura destes textos.

Apresentar os processos de escrita de um texto ou obra ao leitor é um ato de coragem por parte do escritor, pois assim, se desnuda do pedestal de imaculação que, infelizmente, insistem em colocar os escritores e isso poderia abrir espaço para possíveis julgamentos e até certo desprestígio. Uma vez que o processo de escrita é revelado, se desvenda lapsos ortográficos, escolhas menos poéticas anteriormente consideradas para compor determinado poema, estruturas não tão perfeitas quanto as apresentadas em estado final e divulgado ao público, anotações e opiniões de caráter íntimo (que acreditaram que jamais seriam reveladas), um *backstage* de rasuras que para uns não é tão glamouroso, mas para outros é um verdadeiro baú do tesouro. Para muitos leitores, o autor, em um momento de epifania, senta e discorre, quase milagrosamente, um poema/romance/conto sem igual, sem qualquer esforço

³⁹ Digital scholarly editions are not just scholarly editions in digital media. I distinguish between digital and digitized. A digitized print edition is not a “digital edition” in the strict sense used here. A digital edition can not be printed without a loss of information and/or functionality. The digital edition is guided by a different paradigm. If the paradigm of an edition is limited to the two-dimensional space of the “page” and to typographic means of information representation, than it’s not a digital edition (Sahle, 2008, *apud* Santiago, Santiago, Barreiros, 2017, p. 50).

ou sofrimento, apenas por inspiração da musa. Seria, de fato, mais prático se fosse assim, mas os acervos de escritores cada vez mais mostram que no processo de escrita de um texto há mais camadas do que se imagina ao olhar um livro em uma livraria.

É importante, ao meu ver, mostrar esse *backstage* da produção de um texto: primeiro, porque desromantiza o ato de escrita que, por vezes, é muito penoso; segundo, porque, ao tomar conhecimento de que para chegar a um texto que está ao contento do escrito, este teve muito trabalho, um trabalho árduo e cansativo, o que de certa forma, socialmente, dignifica a profissão. Não que para ser escritor se deva sofrer na escrita, mas muitos desmerecem a profissão tal profissão devido à falta de conhecimento do processo de escrita, por achar que se trata de um trabalho ‘fácil’; e terceiro, porque mostrando que autores publicados, e até canônicos, também necessitavam fazer um esforço para escrever, isso os aproxima do leitor e de escritores iniciantes, que chegam até a pensar que não poderiam escrever, pois não têm o ‘dom’. Contudo, ao ver que os escritores também faziam rascunhos, descartavam boa parte dos seus textos, riscavam, substituíam palavras, frases, trechos inteiros, retomavam o texto posteriormente e o modificavam quase que completamente, realizando diversas campanhas de correções até chegar (ou não) a um resultado que os satisfizessem, tal escritor é humanizado e os seus leitores começam a achar possível escrever também.

Edgar Allan Poe publicou um ensaio chamado *A filosofia da composição* (1985 [1846]) em que trata do processo de composição de uma obra, partindo de sua própria experiência ao criar o poema *O Corvo*. No ensaio, Poe comenta sobre o processo de escrita e sobre como os escritores podem se sentir em relação a trazer à luz os bastidores da composição:

Muitos escritores, especialmente os poetas, preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição estática; e positivamente estremeceriam ante a idéia de deixar o público dar uma olhadela, por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os inúmeros relances de idéias que não chegam à maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações; numa palavra, para as rodas e rodinhas, os apetrechos de mudança no cenário, as escadinhas e os alçapões do palco, as penas de galo, a tinta vermelha e os disfarces postiços que, em noventa e nove por cento dos casos, constituem a característica do hístrião literário (Poe, 1985 [1846], p. 102).

É compreensível que os escritores queiram evitar revelar os bastidores da escrita, pois, podem atribuir um caráter inferior à obra caso esta tenha passado por reescritas exaustivas e

‘erros’ do escritor, tendo aqui a noção de erro principalmente atrelada à ortografia e gramática. Tais tipos de ‘erros’ podem ser socialmente correlacionados ao nível intelectual de uma pessoa, visto que, para os puristas da língua, são inadmissíveis em uma sociedade letrada e intelectualmente desenvolvida. O medo de sofrer uma retaliação por preconceito, por certo, é um fator para que os escritores decidam por deixar em oculto os bastidores que abrigam os processos de escrita de seus trabalhos.

4.2 ACERVOS DE ESCRITORES E SUA NATUREZA RIZOMÁTICA

Afirmar que o acervo de um escritor é uma extensão de sua existência pode parecer um exagero, contudo, perde um pouco o caráter exagerado quando se pensa que o que fica para posteridade é o que se faz, se acumula e se guarda ao longo da vida: sejam bens financeiros; objetos de afeto pessoal; fotografias; documentação pessoal e nossas produções escritas, como por exemplo acadêmicas, pessoais, literárias. Tudo aquilo que é guardado faz parte de um quebra-cabeça de si próprio, que, em algum momento, será montado por alguém que encontrará esses objetos e documentações. No caso de um escritor, que dedicou toda ou parte de sua vida para produzir literatura, tal conjunto de escritos e objetos é agregado de um sentido literário que a difere das demais, pois é um material que tem em si o poder de mobilizar indivíduos, criar sentido social, modificar realidades e até gerar questionamentos sobre o mundo em que vive.

É possível que, nem todo acervo de escritor seja de fato valorizado como foi dado a entender acima, e pode ser até uma visão romantizada de uma filóloga, visto que há ainda na crítica literária certo juízo de valor acerca do que, ou melhor, de quem deve ser estudado e lido. Contudo, salienta-se que a importância de um texto literário é atribuída também, ou até principalmente, por quem o lê, e um texto pode até parecer despretencioso, sem muita importância para alguns críticos, mas que alcança e mobiliza algum leitor de maneiras inimagináveis até para quem o escreveu. Portanto, aqui não será feito julgamento de valor sobre qual acervo deve ou não ser preservado e investigado, partindo da premissa de que todos detêm um valor inestimável, seja ele literário ou como artefato histórico, cabendo ao pesquisador tentar descrever sua importância, compreender como se dá a sua organicidade, enfatizar e explorar as relações de conectividade existentes entre a documentação nos acervos de escritores.

Primeiramente, a noção geral de acervo se refere a um grande conjunto ou uma grande coleção de objetos diversos ou de uma mesma natureza que mantêm alguma relação entre si, seja por sua natureza ou por quem os preservou. Pensando assim, os livros que alguém guarda ao longo de sua vida compõem uma coleção, assim como os quase obsoletos CDs e DVDs, um álbum de fotografias reveladas ou uma pasta de fotografias digitais no computador compõem uma coleção e fazem parte do acervo desta pessoa. Há também coleções mais específicas, como moedas antigas ou comemorativas de edições limitadas como as da olimpíadas de 2016; de cartões postais e de cartões telefônicos, bastante utilizados no final do

século XX e início do século XXI; coleções de sapatos, canetas, lápis, folhas decoradas, papéis de cartas, podem ser inúmeras.

É comum iniciar o hábito de colecionar ainda jovens e isso é incentivado pelas indústrias, criando coleções de figurinhas para álbuns ou cards de jogos; tazzos; brinquedos colecionáveis como os gelocósmicos e mini garrafinhas da coca-cola que eram populares no início do século XXI; brinquedos em geral como ursinhos da Parmalat, carrinhos Hot Wheels, as bonecas Barbie, Polly e LOL que, além de colecionar as bonecas, também se coleciona os objetos de uso delas. Ao considerar essa cultura de acumular diversos objetos que fazem sentido entre si e têm importância para o acumulador, ainda que seja jovem, consegue-se compreender o ânimo cultural de acumular objetos quando adultos, até o fim da vida. O acervo consiste de todo o conjunto de itens significativos que são agrupados e preservados, ainda que sem finalidade clara, seja por apego emocional, por achar que um dia serão utilizados, por achar algo bonito, por ter sido algo feito por nós mesmos (como um artesanato, um poema ou uma carta, por exemplo). No entanto, os que não são pessoas públicas ou personalidades notórias, geralmente, não tem grande valor social atribuído ao seu acervo, podendo porém se tornar relevante no futuro como artefato histórico ou econômico, devido a exclusividade e raridade.

No caso dos escritores e personalidades públicas, por conta de suas contribuições intelectuais e sociais e também da fetichização em torno de suas vidas, é atribuído valor a seus acervos, se tornando objetos de investigação e exposição. Aqui, no Brasil, há alguns exemplos de grandes acervos, conhecidos internacionalmente, como o Acervo Santos Dumont, que está sob guarda permanente do Centro de Documentação da Aeronáutica, além de ter também itens pessoais e algumas invenções alocadas na antiga casa do pai da aviação; a Fundação Casa de Jorge Amado, referente ao acervo de Jorge Amado, autor baiano mundialmente referenciado; o acervo da Fundação Oscar Niemeyer, grande arquiteto e artista plástico brasileiro, entre outros. Vale lembrar que há também o acervo do Museu Oscar Niemeyer que conta com cerca de 14 mil peças feitas pelo arquiteto, que, não necessariamente, foram guardadas por ele. Esse fator é importante ao se pensar um acervo, itens/documentação podem ser agregados por terceiros à formação original, mais orgânica, do acervo, especialmente quando se trata de uma personalidade que produziu muito ao longo de sua vida. Apesar de grandes e conhecidos acervos como os mencionados já terem seu valor atribuído, cabe a reflexão acerca de outros acervos, que contam a história e a realidade de pessoas e escritores que, ainda que não tão conhecidos, foram relevantes.

O acervo de Arthur de Salles é um bom exemplo de valorização de acervo literário, cujo escritor não é canônico, o que é um avanço no que toca a divulgação da literatura local, mais especificamente, baiana. Na Universidade Federal da Bahia, pesquisadoras vêm se dedicando a estudar seu acervo e obra e, também, aspectos de sua vida que são revelados pelo seu acervo. Acerca da investigação em acervos literários, Lose (2020), que também realizou pesquisas no acervo Arthur de Salles, pontua que é necessário ter um enfoque multidisciplinar, indo além da organização e classificação, que é a metodologia básica da arquivologia. Para a autora, há uma necessidade de um olhar menos objetivo, menos mecânico, para os acervos literários, pois “[...] os manuscritos de um autor, assim como os documentos que dão testemunho da gênese de sua obra e dos episódios de sua vida, exigem do pesquisador um tratamento diferenciado, eclético, amplo, erudito” (Lose, 2020, p. 10).

Essa diferenciação entre o *modus operandi* do pesquisador com o acervo literário pode ser melhor evidenciada se compreender o que é um arquivo e o que é um acervo. Para Bordini (2009), o termo arquivo se relaciona às atividades museológicas e biblioteconômicas de exposição e consulta, enquanto o acervo transcende tais atividades. Para se referir ao conjunto de documentação literário, Bordini (2009) que é preferível utilizar a denominação acervo, pois:

[...] especifica a qualidade de um legado a ser manejado noutra ordem de interesses: o de ser constituído, não por objetos de exposição ou de consulta esporádica, mas por fontes primárias para o conhecimento literário, que testem ou promovam, na sua multidisciplinaridade, achados ou afirmações em sua concretude. Destaque-se que a investigação de acervos alarga o conceito de “obra”, chamando a atenção para sua materialidade (Bordini, 2009, p. 47-48).

Lose (2020) também discorre sobre acervo e arquivo, afirmando que são termos que, até certo ponto, poderiam ser utilizados como sinônimos, contudo, pode-se pensar acervo como:

[...] como um conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação, sendo, portanto, o conteúdo de uma coleção privada ou pública que pode ser de caráter variado - bibliográfico, artístico, fotográfico, científico, histórico, documental ou misto (Lose, 2020, p. 11).

Já no que toca o arquivo, a autora afirma que:

[...] por sua vez, pode ser definido como um conjunto de documentos - de variados tipos e suportes - criados ou recebidos por uma organização, firma

ou indivíduo, que os mantém, ou deveria manter, ordenadamente como fonte de informação para a execução de suas atividades (Lose, 2020, p. 11).

O acervo também se distingue do arquivo no que diz respeito ao tratamento que é dado pelo pesquisador à documentação que o constitui. No acervo, deve haver um modelo de organização mais flexível, que leve em consideração tanto a organização primeira, feita pelo proprietário, as necessidades específicas dos documentos, muito maiores e diferentes do que as da documentação de caráter institucional, quanto as necessidades do pesquisador, como afirma Barreiros (2014):

[o] modelo de acervo literário diferencia-se dos arquivos tradicionais, sobretudo na maneira como ambos são concebidos. Em sua maioria, os arquivos surgem e são organizados para possibilitarem o acesso dos pesquisadores que, num segundo momento, interessam-se pelos documentos. Por sua vez, os acervos literários, como Bordini (2009) os compreende, surgem em função dos interesses específicos de pesquisas, sendo organizados pelos próprios pesquisadores (Barreiros, 2014, p. 4).

Ao considerar que grande parte dos acervos pessoais de pessoas físicas são organizados pelos próprios donos ou pelos seus familiares, e isso acarreta em uma organização mais intuitiva ou funcional, sem precisão de catalogação ou organização categórica, por exemplo, que são atividades inerentes à arquivologia. Ainda sobre a prática laboral com os acervos, Lose (2020) pontua que:

[...] os pesquisadores de acervos se ocupam tanto de arquivos quanto de acervos, pois, para nós, um acervo pode abarcar um arquivo (o conjunto de seus documentos, manuscritos, datiloscritos, provas e impressos), uma biblioteca, um conjunto de objetos (ao acervo de diversos escritores, por exemplo, pertence todo o seu mobiliário e equipamentos de escrita - escrivaninha, cadeira, máquina de escrever, canetas, tinteiros -, além de objetos pessoais - óculos, chapéu, camisas, etc.).

A variedade de um acervo o enriquece e, quanto mais rico o acervo é, maiores são as informações históricas que surgem dele. O acervo sendo um artefato histórico e um objeto de investigação como um todo, não só como fonte de informação sobre uma obra literária, tem seu valor e suas possibilidades de leitura ampliadas. Ao observar que há uma máquina de datilografar, infere-se que o escritor tinha hábito de escrever nela, não produzia somente escrevendo com penas ou canetas. Por meio dos tipos de instrumentos de escrita utilizados, é possível saber se o escritor tinha certa condição financeira e até em quais lugares costumava adquirir tais suplementos; por meio das fotografias ou até de uma máquina fotográfica, infere-

se que o escritor tinha hábito de fotografar lugares, familiares, animais e terceiros, entre outras inferências possíveis.

No caso de Arthur de Salles, é sabido que o autor tentou queimar seu acervo e isso é contado pela própria documentação, que sobreviveu a tentativa e guardou em si marcas da queimada e, neste caso, o próprio acervo conta sua história. Por meio do acervo também é possível saber por quais lugares o escritor passou, como no caso de Eulálio Motta, que viajava pela região de Mundo Novo, visitando fazendas para negociar gado e cavalo, registrando parte de suas andanças em suas anotações avulsas e rascunhos de cartas. O acervo revela detalhes da vida do proprietário, de sua família, de suas finanças e de sua comunidade, especialmente se o escritor tiver uma vasta documentação.

No caso de Eulálio Motta, seu acervo conta parte de sua história e da história de Mundo Novo no qual viveu, também de Salvador, de Itabira, do Ginásio Ipiranga. Conta a história de seus relacionamentos amorosos, de amizades, de inimizades, da política local e nacional, das religiões em Mundo Novo e no geral, sempre a partir de sua ótica. Adentrar em um acervo de escritor não é somente ter contato com materialidade, com objetos antigos, com papéis e fotografias envelhecidos, mas é sim viajar no tempo, compreender pensamentos de períodos anteriores aos nossos, bem como seus costumes, suas formas de agir em determinadas situações, é aprender com o passado e retirar dele ferramentas para pensar o presente. Se tratando de um acervo literário, imagina-se que os manuscritos literários sejam os únicos que gerariam interesse no acervo, contudo, o que a prática em investigativa a partir desse objeto revela é que todos os elementos do acervo o compõe e são valiosos para sua formação, eles se relacionam entre si.

As relações documentais evidenciam a conectividade presente no acervo como um todo, pensando-o como uma unidade indissociável e que deve ser levada em conta no momento de estudar ou ao editar quaisquer textos ou outros documentos de sua composição. Para explorar a conectividade no acervo, faz sentido recorrer à filosofia rizomática, postulada por Deleuze e Guattari (1995). Tal filosofia parte da discussão dos modelos de organização de ideias, sendo estes pivotante ou rizomático, tomando por base metafórica a morfologia vegetal. O modelo pivotante, ou arborescente, se refere a uma organização de ideias que parte de um eixo principal mais desenvolvido em relação aos demais, que sustenta as raízes e outras ramificações secundária, sendo ele o centro que permite a existência de toda a estrutura do pensamento. O modelo rizomático, por sua vez, proposto por Deleuze e Guattari (1995), é a oposição do modelo pivotante, propõe uma multiplicidade ao invés de unidade, deixa de

existir um único pivô e passa a existir um amplo conjunto de unidades que se correlacionam e não se hierarquizam, apenas se somam. Sobre o rizoma, os autores afirmam:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37).

Para Santiago e outros (2017), a filosofia rizomática consiste basicamente em uma abordagem que busca evitar os arquétipos por meio do abandono das sínteses ou simplificações, passando a analisar o caráter múltiplo dos objetos. Trata-se de um modelo que considera a coexistência dialógica das coisas e tenta construir representações em torno de complexidades, estabelecidas a partir de conexões. Sobre as conexões textuais partindo dos acervos, Bordini (2005) enfatiza que se estabelecem relações radiais a partir da natureza diversa da documentação do acervo:

As diversas classes de documentação literária e extraliterária reunidas em um acervo facultam o estabelecimento de relações radiais, entrecruzadas, tais como as que Roland Barthes advogava em S/Z, entendendo o texto como interação de sistemas significantes sempre em (re)estruturação por força da vitalidade das instituições culturais, ordenados por diversos códigos dinâmicos, artísticos e não-artísticos (Bordini, 2005, p. 18).

As relações radiais mencionadas por Bordini (2005) podem ser exploradas e mapeadas ao elencar as relações entre textos, que funcionalizam a leitura conectada dos textos, uma leitura radial, quanto a partir de múltiplas edições que são apresentadas na hiperedição, uma vez que ao ter acesso a diferentes formas de apresentação do texto/documento - que exploram diferentes níveis dele - surgem novas leituras que revelam novas camadas de interpretação textual/documental. Uma das formas de trazer à luz as relações textuais é elaborando dossiês, que, de acordo com Barreiros (2015), é o conjunto de documentos que foram escolhidos pelo pesquisador, mediante critérios próprios, com o intuito de auxiliá-lo na compreensão do texto. Apesar de selecionar outros documentos para auxiliar na compreensão de um texto em específico, nenhum dos documentos selecionados se hierarquiza, todos são dotados do mesmo valor. Esta pesquisa não emprega juízo de valor ou subordinação aos textos,

independentemente de seu gênero textual ou literário, atribuindo relevância igual a todos os documentos do acervo.

Para apresentar a documentação do acervo de forma conectada, seguindo a filosofia rizomática, pensa-se na hiperedição como uma alternativa próspera, já que o meio digital possibilita, como já foi discutido na subseção 4.1, uma ampliação de sentidos do texto por meio da conectividade proporcionada pelos *hyperlinks*, que, por sua vez, são carregados de informações e metadados selecionados pelo editor, além de promover uma dinamicidade por meio da leitura de diversos tipos de edição (a critério do editor), que exploram e apresentam níveis diferentes de interpretação e leitura, sendo apresentadas em um só lugar/*site*.

O acervo de Motta não se trata um conjunto assistêmico de guardados, ele se constitui como um produto autobiográfico resultante de um processo de contínuas reescritas. Compreende-se que tal construção não seja um feito desprezioso do escritor que, observando como seu acervo foi organizado e os documentos decidiu preservar, tinha em vista um provável leitor, ainda que fosse ele mesmo. Sabe-se que Motta tinha o hábito de consultar seu acervo e reaproveitar versos para a escrita de outros poemas, como pode ser verificado na pesquisa *Hiperedição das Trovas de Eulálio Motta*, de Rocha (2023), que revela esse comportamento literário do escritor, no qual ele cria trovas e as reaproveita em sonetos, ou em poemas em trova.

Para além das trovas, exemplificando com o *corpus* desta tese, os textos demonstram que o autor visitou os rascunhos de carta para Eudaldo Lima afim de elaborar seu pensamento e escrever os rascunhos de crônicas, e isso é dito por ele mesmo, no rascunho de carta número 9 intitulado *Eudaldo amigo: Saludem! / Por intermedio de um amigo Frei Felix*, no qual Motta pontua que o material das cartas trocadas com Lima, e os livros por ele enviados, são copiosas fontes para o trabalho que pretendia realizar (Ação Católica). Infelizmente, os livros protestantes que foram enviados por Lima não constam no acervo, como o livro *Cochilos de um Sonhador*, de Basílio Catalá Castro, que foi mencionado nos rascunhos de cartas e foi base para a publicação da versão do rascunho de *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, mas o livro não permaneceu na composição do acervo de Motta. Mesmo que o livro não componha o acervo de Motta, são informações relevantes para compreender a construção do pensamento do escrito e como tais obras afetam/influenciam a sua escrita, além de ser possível notar, por meio dos textos que escreveu sobre o mencionado livro, aspectos ideológicos do autor em relação à religião protestante.

Ainda que alguns documentos não estejam no acervo, mas sejam mencionados pelo autor, eles também devem ser inseridos na rede de conexões do texto a ser editado. Segundo

Barreiros (2014), é preciso estabelecer conexões entre os textos - convertidos em objeto de estudo filológico ou literário - e os demais documentos do acervo, além daqueles que estão fora dele, ou seja, ancorando-se no sociotexto. Assim, o pesquisador expandirá a teia de sentidos do documento, lidando com um rizoma complexo, e poderá oferecer aos leitores, ou novos pesquisadores, uma espécie de mapa, com conexões entre diferentes pontos do acervo e até mesmo expandir a rede para outras fontes. Na descrição temática dos rascunhos de cartas - que foi elaborada no âmbito da dissertação *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* (Santiago, 2021), revisada e atualizada nesta pesquisa - a ser apresentada na subseção 3.3, buscou-se evidenciar as conexões entre os rascunhos de cartas, uma vez que eles compõem um debate que tem como elemento a elaboração de resposta da carta anterior, muitas vezes referenciando-as no próprio corpo do texto, provando que havia uma releitura de documentos anteriores para a escrita de um novo texto.

Devido ao fato de que Motta revisitava e reaproveitava a sua escrita, é importante que o pesquisador lance um olhar sobre a documentação que se encontra no acervo considerando que este se constitui de maneira integrada, como uma grande rede de informações. Para além da reescrita, os documentos do acervo podem se interligar por diversos fatores, por exemplo: pela temática - religiosa, política, amorosa, cotidiana; pela datação (lugar e período de escrita) - considerando período histórico/político/social; pelo local onde o documento se encontra no acervo - se faz parte de um caderno, se é um documento avulso, se foi guardado formando um volume de documentos; pelo destinatário, a exemplo do *corpus* desta pesquisa, que se trata de destinatário único e temática centralizada na religião com um *glimpse* na política, entre outros fatores. O rompimento dessas relações, ao estudar os documentos isoladamente, é um procedimento arriscado, pois limita a visão do pesquisador, não apenas sobre o documento, mas também sobre o escritor e o acervo, induzindo-o a leituras e conclusões equivocadas ou parciais.

É importante exercitar esse olhar mais crítico sobre o acervo, pois é graças à essa ótica que o acervo deixou de ser apenas o lugar onde se extrai o objeto de pesquisa para ser o próprio objeto de pesquisa. Ainda que o pesquisador aprofunde sua análise em um documento específico do acervo, o universo deste acervo também precisa fazer parte de sua análise editorial/filológica, principalmente ao lidar com um acervo literário. Barreiros (2014) diz que:

[o] modelo de acervo literário diferencia-se dos arquivos tradicionais, sobretudo na maneira como ambos são concebidos. Em sua maioria, os

arquivos surgem e são organizados para possibilitarem o acesso dos pesquisadores que, num segundo momento, interessam-se pelos documentos. Por sua vez, os acervos literários, como Bordini (2009) os compreende, surgem em função dos interesses específicos de pesquisas, sendo organizados pelos próprios pesquisadores (Barreiros, 2014, p. 4).

Por vezes, o acervo também é mantido com a mesma organização que o autor deixou, pois até a forma que o dono organiza apresenta um significado. Contudo, nem sempre é possível manter como foi encontrado, caso o acervo não apresente certa ordenação, visto que a maioria dos acervos de escritores são organizados pelo próprio escritor, ou por terceiros, como parentes, por exemplo, e para fins de catalogação, a documentação é remanejada. Uma opção é fotografar como o acervo foi encontrado, para manter, de certa forma, uma noção de como era seu estado primário. Sobre a interferência de terceiros e do elemento ‘acaso’ em acervos pessoais, Santiago et al (2019):

Em outro nível de intromissão, a ação de terceiros também pode influenciar nessa organização, pois, muitas vezes, alguns documentos podem ser descartados, perdidos, escondidos, furtados ou doados, como é o caso de parte da biblioteca pessoal de Eulálio Motta, doada pela família, e dos cadernos fotocopiados 1 e 2, que desapareceram do acervo, ou, em uma direção contrária, podem ser preservados justamente pela intervenção dos familiares, leitores e amigos. O acaso, manifesto nos acidentes, coincidências, catástrofes naturais, também transforma os percursos e o resultado final do arquivamento. Nesse sentido, é necessário considerar que atividade não planejada, aleatória e imprevisível termina alterando a constituição da documentação por assegurar a sobrevivência ou a extinção de um determinado objeto.

No âmbito do acervo de Motta, por exemplo, há uma quantidade considerável de documentos que não faziam parte o acervo em seu estágio inicial, porém, foi encontrada e passaram a integrar ao acervo. Dentre esses documentos, destacam-se os periódicos *O Lيدador*, *Gazeta do Povo*, *Vanguarda* e *O Serrinhense*. É importante pontuar sempre ao se editar um texto que foi integrado ao acervo depois, visto que a maioria dos leitores da pesquisa não tem acesso ao acervo para identificar quais documentos foram adicionados à sua formação original. Os três primeiros jornais, que foram mencionados acima, passaram a compor apenas a dimensão digital do acervo, pois este tem se expandido nestes dois âmbitos, o físico e o digital. Visto que os jornais *Lيدador*, *Gazeta do Povo*, *Vanguarda* não possuem cópias impressas, apenas digitalizações, eles se configuram na dimensão digital; ao passo que *O Serrinhense*, além das cópias digitalizadas, possui fotocópias dos textos originais, configurando na dimensão física.

Ainda que tais documentos não façam parte da formação original do acervo - devendo ser sinalizado - cabe ao pesquisador não fazer juízo de valor ou considerá-los hierarquicamente inferior a outros textos, pois nos estudos de acervos pessoais/literários, na Crítica Textual Moderna, busca-se adotar a filosofia rizomática, que consiste em não atribuir hierarquias à documentação, contrapondo a Crítica Textual Tradicional, que buscava o texto mais ‘perfeito’ - sem rasuras e sem ‘erros’ - e, precisamente, literário. Numa perspectiva literária problemática, por vezes, acaba acontecendo uma supervalorização da vontade do autor ou dos textos considerados literários, atribuindo um *status* de secundário para qualquer tipo de material visto como de fonte de consulta (não sendo um texto literário ou sendo um rascunho/esboço, que só recebe certo valor na ausência de um ‘texto finalizado’), promovendo assim duas modalidades de hierarquias: a de que desejo do autor é mais importante do que qualquer outra força externa exercida sobre o acervo e a de que o texto literário deve ser publicado e o não literário deve servir de fonte para fundamentar a análise da vida e da obra do escritor. Na perspectiva rizomática, todos os textos são importantes e devem ser editados, a exemplo do *corpus* desta pesquisa, que não se trata de documentação literária, mas é de inestimável valor para o acervo e para a composição da figura de Eulálio Motta.

Deleuze e Guattari (1995) elencam um total de seis características aproximativas do rizoma: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania; sendo que todos estes elementos cabem na constituição e interação documental do acervo, como mostra a tabela 01:

Tabela 01 - Características do rizoma encontradas no dossiê arquivístico

CARACTERÍSTICAS APROXIMATIVAS DO RIZOMA	APLICAÇÃO AO DOSSIÊ ARQUIVÍSTICO
Conexão	São identificadas dentro do acervo linhas de conexão entre os documentos.
Heterogeneidade	As linhas de conexão apresentam naturezas diversas, como temática, genérica, implícita, explícita.
Multiplicidade	O texto não é mais considerado como unidade, mas como multiplicidades, se materializando no conjunto dos documentos que são percebidos como extensão deste. Esses documentos complementam, ampliam os sentidos do texto e, em alguns casos, se mostram indispensáveis para que se possa compreendê-lo. Não há centralização do texto, visto que qualquer documento pode tornar-se ponto de partida para a elaboração de um dossiê e não apenas os textos literários.
Ruptura a-significante	Cada dossiê elaborado consiste em um recorte dentro do acervo, havendo uma ruptura entre o que aparece e o que não aparece na edição. Tal ruptura não anula a autonomia e a coerência de sentido que são construídas a partir do dossiê estabelecido.
Cartografia	Apesar de haver uma metodologia pensada para a elaboração dos dossiês, não há uma arquitetura fixa. A estrutura é ditada pelo percurso lógico criado a partir de cada texto tomado como ponto de partida.
Decalcomania	Não se reproduz modelos, cada dossiê se estrutura de uma forma diferenciada a depender do texto que se toma como ponto de partida.

Fonte: Santiago; Santiago; Barreiros (2017) a partir de Deleuze e Guattari (1995).

O acervo é, devido a sua natureza rizomática, um conjunto autossuficiente, porém aberto, podendo agregar um número infinito de relações de natureza diversa a partir de documentação externa a ele. Dentro do acervo do escritor mundonovense, por exemplo, é possível encontrar fotografias, anotações, documentos pessoais, dentre outros objetos, que estabelecem relação entre si e também entre documentos que não se encontram no acervo, favorecendo uma edição com camadas de complexidade documental, caso tais relações sejam evidenciadas. Porém, não é necessário incluir todos os documentos relacionados ao texto em edição, e sim apenas os documentos escolhidos pelo editor em função desta (Barreiros, 2015).

5 HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

Nesta seção, apresenta-se a estrutura do *site Por uma Ação Católica: cartas de Eulálio Motta*, resultado do trabalho de hiperedição dos rascunhos de cartas localizadas no caderno *Farmácia São José*, especificamente aquelas destinadas a Eudaldo Lima. A hiperedição aqui proposta tem como eixo central os rascunhos de cartas religiosas que Motta escreveu ao interlocutor protestante, registradas nesse caderno manuscrito. Essas cartas discutem de maneira sistemática questões doutrinárias e ideológicas vinculadas à fé católica, à crítica ao protestantismo e à atuação religiosa como forma de militância.

Contudo, ao longo do processo editorial, tornou-se evidente que a compreensão plena desses documentos exigia a mobilização de outros textos presentes no mesmo caderno, especialmente os 24 rascunhos de crônicas religiosas que tratam da Ação Católica. Essas crônicas, embora não dirigidas a Eudaldo Lima, retomam temas recorrentes nas cartas e ampliam o escopo do debate promovido por Motta, configurando-se como extensões públicas e reflexivas de seu projeto discursivo. Assim, entende-se que o *caderno Farmácia São José* constitui, por si mesmo, um dossiê documental - um arquivo articulado em torno de um projeto político-religioso, no qual a escrita é instrumento de intervenção ideológica.

O *site*, portanto, organiza-se como uma hiperedição que articula esses diferentes materiais textuais, respeitando suas singularidades e interconexões. A edição digital proposta visa não apenas disponibilizar publicamente esse conjunto documental, mas também oferecer diferentes modalidades de leitura e interpretação dos textos, valorizando tanto a materialidade dos manuscritos quanto a complexidade discursiva que os atravessa.

Para demonstrar o funcionamento do *site* e a lógica editorial que o estrutura, esta seção detalha a organização dos menus, os diferentes tipos de edição disponíveis e as possibilidades de navegação oferecidas ao usuário. Explicita-se como as edições podem ser acessadas, visualizadas e comparadas, evidenciando os recursos interativos desenvolvidos para facilitar a leitura crítica dos documentos.

Ao tornar acessíveis essas edições em ambiente digital, busca-se oferecer ao leitor não apenas um texto, mas um sistema textual relacional, em que as múltiplas camadas de produção, correção e intenção possam ser compreendidas em sua complexidade. Trata-se, assim, de expandir os horizontes da edição filológica, conjugando rigor acadêmico, acessibilidade e inovação tecnológica.

5.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE HIPEREDIÇÕES

Edições digitais têm-se popularizado cada vez mais no âmbito da crítica textual, visto que ela possibilita a realização das duas grandes vontades do editor: representação mais fiel possível do documento editado em uma edição que explore diferentes níveis do documento e acessibilidade/ampla difusão da edição. No entanto, não se deve atribuir menor valor de importância às edições convencionais, visto que na própria edição digital, utiliza-se modelos de edições convencionais para que juntas, associadas a elementos do digital para promover a não-linearidade textual e trazer uma dinamicidade, formando uma hiperedição:

De acordo com suas características, essa edição é classificada como hiperedição. Uma hiperedição é uma hipermídia que geralmente apresenta mais de um tipo de edição convencional (crítica, facsimilada, diplomática, sinóptica etc.) de modo integrado e dinâmico, documentos paratextuais diversos (textos, imagens, vídeos, sons e animações), organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. Trata-se, portanto, de uma edição híbrida que apresenta novas potencialidades de leituras e análises dos textos e que somente se efetiva no meio digital (Barreiros, 2013, p. 20-21).

É importante mencionar que as edições impressas não irão cair em desuso, uma vez que tal tradição continua sendo mantida os editores estão sempre publicando novas edições que, nem sempre, seriam viáveis de serem feitas no meio digital, muitas vezes pela falta de facilidade do editor com o meio digital. É, de fato, possível contratar um especialista para elaborar o *site*, mas, a depender do tipo e da extensão da pesquisa, não se torna viável, o que ocasiona em edições no formato impresso continuamente sendo feitas e publicadas - não questionando a qualidade destas edições. Não é, de forma alguma, uma crítica aos filólogos, apenas uma reflexão: se o meio digital nos proporciona um ambiente prolífico para publicar uma edição que possibilita conexões multimidiáticas; ampliação do entendimento do texto - favorecendo múltiplas leituras e promovendo dinamicidade ao texto - alcançando uma alta distribuição e acessibilidade; possibilita ter um formato atrativo para pesquisadores especialistas, jovens pesquisadores e o público no geral, incluindo estudantes de nível médio; além de permitir que o editor sempre possa revisar o texto e modificá-lo, por meio de correções na edição ou acréscimos feitos a partir de novas documentações consultadas (sempre sinalizando no *site* as modificações), e tal ação não é possível em uma edição impressa, visto que após ser publicada, caso haja alguma modificação, precisa ser publicada novamente, cabe a indagação: por que não buscar se familiarizar e compreender um pouco

esse ambiente, em virtude de conseguir elaborar uma edição digital que apresenta tantas vantagens editoriais?

Contudo, além das vantagens, é preciso levar alguns fatores em consideração antes de propor uma edição digital: o tempo de execução - a depender da complexidade do *corpus* ou da falta de habilidade digital do editor, é provável que a edição digital leve certo tempo para ser feita, visto que até uma edição impressa é, por muitas vezes, desafiadora; o custo de produção e de manutenção - caso o editor opte por elaborar a sua própria edição digital, como foi o caso desta pesquisa, deve-se levar em conta que há um valor a ser pago anualmente para manter o domínio do *site* (o nome do *site* como aparece no *link*) e para mantê-lo no ar utilizando o espaço digital de hospedagem do *site* (seja *hostgator*, *hostinger*, *kinghost*), que consta com vários planos de pagamento, porém eles precisam ser contínuos para que o *site* fique no ar. Caso o editor opte pela contratação de um especialista, ele irá abrir um *site* a partir de uma linguagem de programação para sediar a edição, sem a necessidade de uma hospedagem. Infelizmente, nem todos os filólogos dominam a linguagem de programação para elaborar seus próprios *sites*, sendo assim, a contratação de serviços de hospedagem é uma alternativa para os editores que querem elaborar os *sites* a partir de algum sistema de gestão de conteúdo, a exemplo do *Wordpress.org*, como no caso desta pesquisa.

De fato, para muitos pesquisadores das humanidades, o meio digital pode parecer confuso e dificultoso, mas, ainda assim, é uma empreitada válida e que deve ser incentivada, visto que as vantagens do meio digital ainda se sobrepõem às dificuldades e certos custos operacionais, especialmente se o *corpus* a ser trabalhado apresenta certas peculiaridades que o meio impresso acaba limitando a sua edição. Um exemplo de *corpus* que se beneficia de forma incomparável de uma edição digital são os rascunhos que apresentam marcas de processo de escrita. Na dissertação intitulada *Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta*, defendida por mim em 2021, foi apresentada uma discussão sobre a ‘condição de ser’ do documento como rascunho, além de apresentar suas características e particularidades, com ênfase no gênero textual carta (rascunho de carta), considerando sua estrutura e uso. Contudo, cabe retomar aqui algumas discussões sobre o rascunho para melhor compreender as suas necessidades em virtude de uma edição digital. Assim, para Santiago (2021):

O ato de escrever um texto sem atribuir grandes preocupações à economia espacial do suporte e, às vezes, até mesmo à clareza lógica e cronológica do texto são algumas das características do rascunho. Pontua-se que a condição de ‘ser’ um rascunho pode ocorrer a qualquer gênero textual, uma vez que

ele se refere a um determinado momento de produção do texto, independente do gênero, sendo importante considerar que os processos de escrita de um texto podem ser diversos e há casos em que pode não ocorrer a fase de elaboração do rascunho, partindo prontamente para um ‘texto finalizado’ (Santiago, 2021, p. 31).

Neste trabalho, assim como em Santiago (2021), não se assume uma categorização hierárquica entre fases de escrita, assim, não é atribuído juízo de valor entre a noção de rascunho e ‘texto final/finalizado’. Tais noções são empregadas para diferenciar as fases de escrita de um texto e não para considerar quaisquer delas como melhor ou inferior. Também é importante pontuar que nem todo rascunho apresentará as mesmas características, alguns contam com menos marcas físicas de manipulação do que outros, sendo possível até que não apresente nenhuma marca, mas ainda seja um rascunho - isso é definido de acorno com a sua funcionalidade, se o texto foi feito para ser uma versão de outro que será passado a limpo, ou não, pelo escritor, de acordo com seus critérios, visto que muitos rascunhos nem chegam a ser reescritos ou reaproveitados pelo autor. Sobre isso, Santiago (2021) afirma:

Por vezes, há uma certa ‘despreocupação’ na escrita do rascunho devido ao fato de que, aos olhos de quem escreve, ele está inserido em uma fase de escrita que será - ou não, a depender do escrevente - ‘passado a limpo’ para que possa cumprir seu ‘destino’. É comum encontrar nos rascunhos as marcas físicas de manipulação e construção do texto, como as interpolações, rasuras, desenhos, emendas, correções e, em alguns casos, falta de coesão, pois na urgência da escrita de um rascunho pode haver a falta de elementos textuais que serão incorporados ao texto no futuro - ou não - caso ele seja ‘passado a limpo’. Esses elementos em conjunto constituem campanhas de texto, mesmo que ele esteja hospedado em um único suporte [...] (Santiago, 2021, p. 31).

Um exemplo prático do que seria um rascunho é o próprio *corpus* desta pesquisa, uma vez que, realizando uma análise documental considerando o gênero textual e o suporte no qual ele foi escrito, além da quantidade de marcas físicas de manipulação (Duarte, [1997-], verbete *rascunho*, p. 12), infere-se que se trate de rascunhos de cartas, pois:

No caderno FSJ, há rascunhos de vários gêneros e podem ser considerados assim por muitos deles apresentarem campanhas de escrita, rasuras e apêndices com índices remissivos, além de terem uma escrita pouco monitorada em relação à caligrafia e estarem localizados em folhas costuradas em um suporte único. De fato, é possível se escrever um texto que não seja rascunho em um caderno e em seguida estiletá-lo, contudo, não há qualquer indício deste tipo de manipulação no caderno FSJ. É uma característica inerente do gênero carta que haja um destinatário e que o texto seja enviado e lido pelo destinatário, já o rascunho desse gênero é escrito

para ser lido pelo próprio escrevente - ou mais alguém com quem queira compartilhar - para que depois disso ele seja ‘passado a limpo’ e enviado (ou não) ao destinatário. Para que seja enviado, é preciso que esteja em um suporte solto, volante, ou anexado a algo que seria enviado juntamente com ele, o que não ocorre a nenhum dos rascunhos do *corpus* desta pesquisa, pois todos se encontram bem preservados e costurados no caderno, levando a crer que as cartas enviadas para Eudaldo Lima foram reescritas a partir dos textos que se encontram em seus rascunhos no caderno FSJ (Santiago, 2021, p. 32).

Além disso, como dito em Santiago (2021), considera-se como rascunho todos os textos epistolares escritos por Eulálio Motta que não foram enviados - visto que não chegaram a cumprir a fase final do seu propósito como gênero. Assim como a crítica genética considera rascunho como uma das fases que figura antes da publicação de uma obra, aqui se faz uma analogia entre a publicação de uma obra e o envio de um documento epistolar, ou a sua publicação - como no caso de cartas abertas - visto que neste momento, o texto sai das mãos do escritor e cumpre seu objetivo público. Ainda sobre a natureza do rascunho, Santiago (2021) diz:

É claro que nem todo rascunho apresentará as mesmas características, alguns contam com menos marcas físicas de manipulação do que outros, sendo possível até que não apresente nenhuma marca, mas ainda seja um rascunho. Essas diferenças entre os tipos de rascunhos são de grande importância para decidir qual é o tipo de transcrição e de edição capaz de explorar e evidenciar as características deste objeto. O rascunho é de grande interesse da crítica genética, uma vez que foi a área que deu notoriedade a potencialidade do movimento escritural, do processo genético de escritura de um texto, é também a área que mais discute este objeto (Santiago, 2021, p. 32).

É importante reafirmar que, no acervo, os tipos de documentos são diversos, assim como os gêneros. Nem todos os documentos do acervo são rascunhos e, como já foi dito, nem todos os rascunhos apresentam a necessidade de uma transcrição genética (apresentada na subseção 3.5) e, portanto, o que irá definir o tipo adotado será o próprio documento. Para Santiago (2021), ao se deparar com um documento que não apresenta marcas físicas de manipulação, ou pouco delas, cabem diversos tipos de transcrição, que podem compor diversos tipos de edição, como uma diplomática, uma semidiplomática, cada uma contando com seu tipo de transcrição. A interpretativa e crítica não são consideradas transcrições, visto que há um considerável processo de modificação a partir de escolhas do editor quando comparada a diplomática e semidiplomática.

Santiago (2021) afirma que, devido à grande quantidade de operadores genéticos que são utilizados nas transcrições, ela se enquadra no tipo de alto grau de interferência do editor, por buscar marcar o processo da gênese da escrita dentro do corpo do texto, contudo, a

interferência no código alfanumérico é mínima. Assim, caso de o editor se deparar com um documento que apresente diversos processos, a transcrição que mais se propõe evidenciar e explorar estas características é a genética, pois esta dará conta de marcar, na medida do possível, os processos na transcrição e, conseqüentemente, na edição. No caso do *corpus* deste trabalho, a maioria dos textos apresentam marcas físicas de manipulação e lhe cabe a transcrição genética com o uso de operadores genéticos. A transcrição genética é de importância ímpar para a elaboração das demais edições que compõem a edição digital proposta nesta pesquisa (topográfica, interpretativa com aparato genético e interpretativa modernizada), pois ela serve de base editorial para a confecção das demais, uma vez que nela é marcada, por meio dos operadores genéticos, todas as manipulações possíveis do texto no processo de escrita, servindo como um mapa de onde as mudanças foram feitas para serem marcadas nas outras edições sem operadores.

Para a elaboração da hiperedição, foram realizadas algumas etapas. Primeiro, foi feita a revisão das transcrições genéticas linearizadas do *corpus* (SANTIAGO, 2021), visto que as demais edições serão feitas a partir desta transcrição. As transcrições genéticas linearizadas dos 19 rascunhos de cartas já foram revisadas, cabendo então a revisão e a modificação dos operadores, caso sejam necessários posteriormente, a partir dos operadores genéticos elaborados por Barreiros (2013) que foram ampliados e adaptados por Santiago (2021). Então, foram feitas análises do ponto de vista filológico, ressaltando aspectos bibliográficos e sócio-históricos dos textos, como seu contexto de produção e circulação.

Posteriormente, foram elaborados três tipos de edição, visto que a edição genética linearizada servirá de base para elas. São as edições: genética topográfica, que buscará reproduzir, na medida do possível, a *mise en page* do documento, as rasuras de diversos tipos, o entrelinhamento, etc.; a edição interpretativa com aparato genético (doravante a ser chamada somente de interpretativa), ou seja, uma edição crítica de um documento que conta apenas com um testemunho (Duarte, 2019, p. 386), em que foram feitas escolhas cronologicamente marcadas (já direcionadas pela transcrição genética linearizada) e que tem anotadas as alterações (aparato genético) no corpo do texto por meio de *hiperlink*; e a edição interpretativa modernizada que, de acordo com Duarte (2019, p. 386), se refere a uma edição voltada para um público não diferenciado (não especializado), que será elaborada a partir da interpretativa com aparato genético, na qual foram feitas escolhas a partir da cronologia, assim, escolhendo uma versão de base para modernizar a ortografia para a norma vigente.

Por fim, foi utilizado o sistema de gestão de conteúdo *Wordpress.org* para criar o *site*, sendo sediado no *hostinger*, abrigando a hiperedição, que será alimentada pelas demais

edições apresentadas anteriormente. A hiperedição buscou seguir, na medida do possível, a metodologia proposta por Barreiros (2015), bem como os critérios e princípios adotados como design, portabilidade, expansibilidade, capacidade de impressão etc.

O sistema *Wordpress.org* conta com o *plug-in Elementor*, que tem também a versão paga, contudo, foram utilizados neste trabalho apenas as funcionalidades gratuitas do *plug-in*, possibilitando a construção de um *site* de forma um pouco mais rápida e intuitiva, sem a necessidade de utilizar linguagem de programação na maioria das etapas de preparação, como a composição do *layout*, construção e edição das páginas, inserção de ferramentas de busca etc. O *Elementor* apresenta alguns recursos que podem ser utilizados nas páginas, permitindo a inserção de textos, vídeos e imagens, além de outros *plug-ins* que possibilitam a construção de páginas mais dinâmicas e cômodas à navegação. Assim, o uso desses recursos possibilita a elaboração de *sites* de qualidade sem a necessidade de conhecimentos na área de programação.

5.2 HIPEREDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

A hiperedição dos rascunhos das cartas para Eudaldo Lima, que se encontram no caderno *Farmácia São José*, segue os princípios básicos de hiperedições postulados por Barreiros (2015), que elaborou critérios para a publicação da hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Como apresentação do *site*, produto desta tese, temos o título *Por uma Ação Católica: cartas de Eulálio Motta* e está sediada no endereço digital <https://acbmotta.com/>, que pode ser acessado pelo computador ou celular (é importante informar que nem todas as funcionalidades estão disponíveis para o celular, como o recurso da anotação do aparato genético da edição interpretativa, por exemplo).

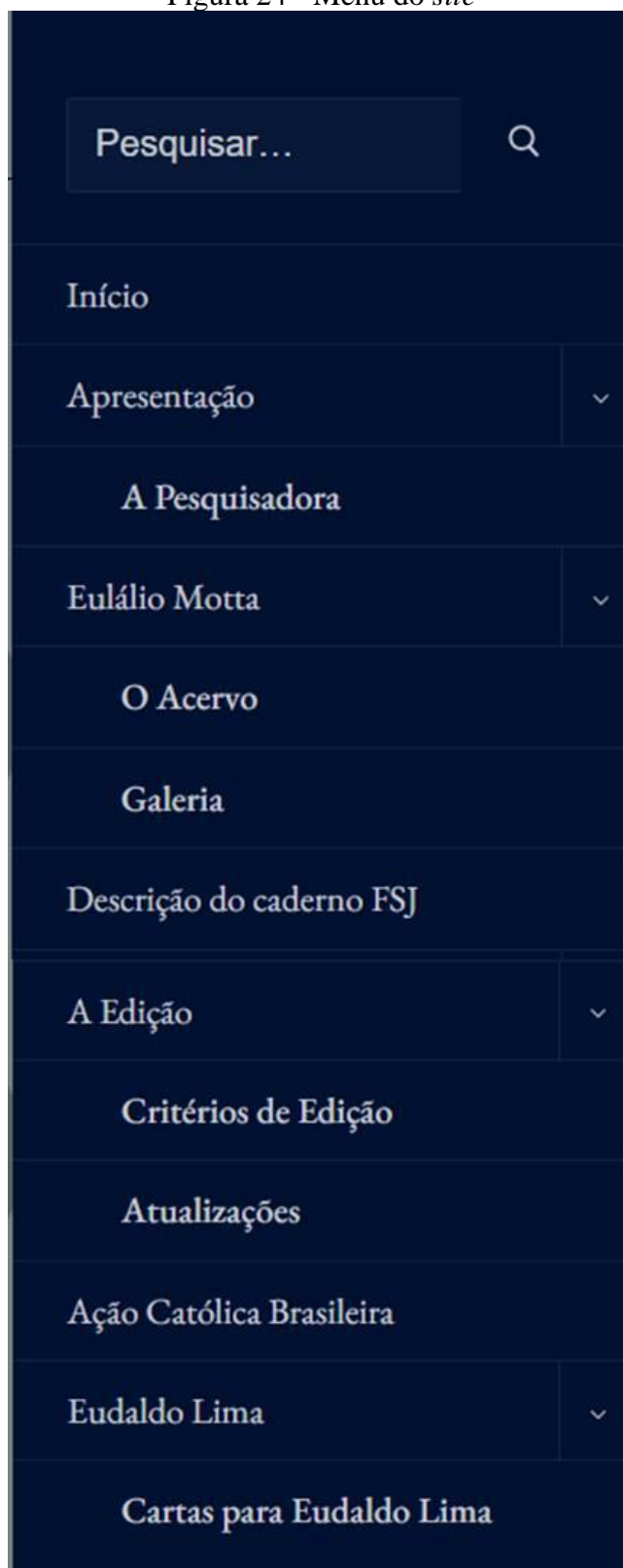
O *site* foi elaborado seguindo a paleta de cores do caderno *Farmácia São José*, que tem, principalmente, um tom de azul escuro. A página inicial conta com um cabeçalho que apresenta o título do *site*, uma imagem da primeira página do caderno *FSJ* e a logo do *site*. Deslizando pelo *site*, encontra-se um carrossel de citações de Eulálio Motta, que será ampliado e um botão direcionando para acessar mais citações, em uma página criada para esta finalidade. Na sequência da rolagem do *site*, encontram-se quadros clicáveis com a seguinte chamada: *O escritor*; *Atualizações*; *Conheça o caderno Farmácia São José e Hiperedição das Cartas*. Cada quadro, respectivamente, direciona o usuário para uma página correspondente: na primeira, uma breve biografia do autor; na segunda, as atualizações feitas no *site*, como

modificações ou correções na edição ou em alguma página do *site*; a terceira, uma descrição material e conteudista do caderno *Farmácia São José* e, por fim, a página em que constam as cartas elencadas. Seguindo a página inicial, há uma galeria com fotos de Eulálio Motta e uma caixa destinada aos vídeos que serão apresentados na edição. Segue a imagem da página inicial do *site*:

Figura 23 - Página inicial do site <https://acbmotta.com/>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A página inicial foi pensada para trazer os elementos do *site* e instigar a curiosidade dos usuários. Ao ver as citações passando pelo carrossel, ou ao ver um quadro com a chamada para conhecer o escritor e as cartas, é mais provável que os usuários se direcionem para tais páginas, se comparado a uma página apenas com a apresentação escrita do *site*. O menu está localizado na parte superior direita do cabeçalho do *site*, com o ícone de três barras horizontais, ao lado da lupa (ícone para pesquisa). O menu foi pensado no formato de sanfona e conta com os seguintes itens, todos clicáveis: 1) Início; 2) Apresentação, que se desdobra em A Pesquisadora; 3) Eulálio Motta, que se desdobra em O Acervo e Galeria; 4) Descrição do caderno *Farmácia São José*; 5) A Edição, que se desdobra em Critérios de Edição e Atualizações; 6) Ação Católica Brasileira e Ação Integralista Brasileira; 7) Eudaldo Lima, que se desdobra em Cartas para Eudaldo Lima. Segue a imagem do menu do *site*:

Figura 24 - Menu do *site*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para deixar a hiperedição mais completa, foi necessário elaborar páginas sobre o escritor Eulálio Motta e seu correspondente, Eudaldo Lima, para que o leitor/usuário do *site* tenha acesso às informações em um único local e de fonte segura. Além dos perfis de Motta e Lima, também se fez necessário elaborar uma página que resumisse, brevemente, como se deu a correspondência entre os amigos de infância, ainda que haja uma descrição temática em cada página de edição, este resumo foi feito de uma forma mais abrangente, englobando o período da troca de correspondência entre os escritores. Também foi feita uma página para explicar um pouco o que foi a Ação Católica Brasileira e a Ação Integralista Brasileira. Todas as páginas mencionadas contam com fotografias e vídeos, para deixar a leitura mais interessante e informativa.

Figura 25 - Perfil de Eulálio Motta



Eulálio Motta



O escritor baiano **Eulálio de Miranda Motta** nasceu em 15 de abril de 1907, em Alto Bonito, pequena vila de Mundo Novo. Viveu sua infância entre o arraial e a Fazenda Morro Alto e sua vivência no ambiente rural deixou fortes marcas no imaginário do poeta. Na adolescência, ele morou em Monte Alegre (hoje Mairi), onde trabalhou como balconista numa farmácia e conheceu a jovem Edy, por quem se apaixonou, contudo, se casou com outro e Eulálio Motta alimentou por ela um amor platônico durante toda a sua vida. Em 1925, ele se mudou para Salvador, instalando-se no Ginásio Ipiranga e, nos tempos ginasianos, conheceu Jorge Amado com quem manteve amizade. Cursou Farmácia na antiga Faculdade de Medicina da Bahia, em 1933, concluiu os estudos e retornou a Mundo Novo. No período que viveu em Salvador, Eulálio Motta participou da vida literária local publicando seus sonetos em revistas e jornais, chegando a publicar dois livros de poesias, na década de 1930. Tornou-se integralista em 1933 e militou nas trincheiras da Ação Integralista Brasileira. Em 1934, abriu uma farmácia em Itabira (uma comunidade quilombola no município de Miguel Calmon), onde viveu até 1935, quando estabeleceu uma farmácia em Mundo Novo, retornando à cidade natal. Em 1948, publicou mais um livro de poesia, reeditado em 1983. Entre as décadas de 1930 e 1980 publicou panfletos em Mundo Novo, participando efetivamente dos acontecimentos políticos da cidade. Eulálio Motta faleceu em Salvador em 1988.

Eulálio Motta dedicou-se à poesia durante toda a sua vida. Ele começou a escrever seus primeiros versos ainda na adolescência. Depois que se mudou para Salvador o desejo de se tornar poeta concretizou-se. Na capital, ele entrou em contato com os clássicos da literatura brasileira e francesa, fez amizade com poetas como Arthur de Salles, seu professor no Ipiranga, e aderiu à estética parnasiano-simbolista, dedicando-se à composição de sonetos. A primeira fase da poesia de Eulálio Motta apresenta um tom pessimista e de desencanto diante da vida, mas, a partir da década de 1930, ele passou a incorporar aspectos do

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 26 - Perfil de Eudaldo Lima



Eudaldo Lima



Eudaldo Silva Lima, assim como Eulálio Motta nasceu no distrito de Alto Bonito, Mundo Novo, no ano de 1909 e faleceu em 1988. Filho de Lucinda Guimarães da Silva e Apolônio Silva Lima, viveu sua infância com seu conterrâneo e amigo, Eulálio Motta, pois residiam na mesma fazenda, a qual pertencia ao pai de Motta. Estudou da primeira à quarta série na escola particular de Dona Zizinha, fez o curso secundário na Escola Normal Missionária, em Ponte Nova, e o curso pré-teológico no José Manoel da Conceição, o Mackenzie, em São Paulo. Completou o curso teológico na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, Campinas-SP, e frequentou um curso de especialização em Teologia Pastoral, nos Estados Unidos da América. Foi eleito vereador de Campo Formoso-BA pela antiga UDN, tornou-se presidente da Câmara Municipal de 1945 a 1949, em 1943, foi nomeado Prefeito e foi Oficial do Registro de Imóveis por três anos. Também, era escritor e biógrafo, além de atuar como pastor presbiteriano em Campo Formoso-BA.

Ainda na Bahia, em Salvador, Eudaldo Lima atuou como pastor da Igreja Presbiteriana da Bahia, de 1950 até 1960, quando em 21 de abril de 1961, dia de seu aniversário, foi a inauguração de Brasília e lá tomou posse de encargos. Ainda na Bahia, na parte pedagógica, ministrou aulas de Latim e Português nos colégios Estadual da Bahia (Central) e Dois de Julho. Além disso, atuou também como escritor, conferencista, orador, tradutor, memorialista, professor, ficcionista, poeta, ensaísta, pensador religioso,



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 27 - Cartas para Eudaldo Lima



Cartas para Eudaldo Lima



Eulálio Motta foi um ávido escritor e uma figura cheia de opiniões acerca dos mais variados temas, principalmente política e religião. Com base na literatura cristã, em meio ao movimento de Ação Católica Brasileira e da efervescência política da década de 1940, em que o Estado Novo estava estabelecido e o Integralismo (partido político que Motta se vinculava), Eulálio Motta e Eudaldo Lima (amigo de infância do escritor) iniciaram um longo debate, que durou por volta de sete meses (agosto de 1941 até março de 1942), sobre religião, mais especificamente, sobre o catolicismo *vs* protestantismo, com nuances políticas adicionadas à discussão.

Eulálio Motta, defendeu a Igreja Católica e o Integralismo, enquanto Eudaldo Lima, pastor presbiteriano, defendia o protestantismo e criticava veementemente o Integralismo. O debate se iniciou quando Eudaldo Lima, que morava em Campo Formoso-BA no período, enviou para Eulálio Motta o livro *Cochilos de um Sonhador*, que foi escrito por seu amigo, também pastor presbiteriano em Campo Formoso, Basílio Catalá Castro. Motta, que residia em Mundo Novo-BA, recebeu o livro e, prontamente, quis responder ao seu amigo dando sua opinião sobre o livro recebido. Sabe-se que um Frei que era amigo de Motta, por nome de Félix, que residia em Campo Formoso, fez o intermédio dessa correspondência (detalhe mencionado nos rascunhos de carta).

Caba mencionar aqui havia um grande atrito entre a comunidade neoprobiteriana e a

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 28 - Ação Católica Brasileira e Ação Integralista Brasileira



Ação Católica Brasileira e Ação Integralista Brasileira



O seguinte texto foi retirado da tese *Por uma Ação Católica: hiperedição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta, no Caderno Farmácia São José*. Para compreender bem do que se trata a Ação Católica Brasileira e qual sua relação com o movimento político de Ação Integralista Brasileira, comumente conhecido como Integralismo, é necessário apresentar os dois movimentos e contextualizar historicamente. A Igreja Católica, após a Proclamação da República, perdeu grande parte de sua influência no Estado, como afirma Magalhães (2005), “A proclamação da República em 1889, de inspiração positivista e maçônica, fez extinguir o padroado (Magalhães, 2005, p. 2)”. O padroado se refere a uma troca de benefícios, uma concordata, entre o Estado e a Igreja, em que a Santa Sé conferia aos monarcas o direito de administrar e controlar assuntos eclesiásticos, como nomeação de clérigos e gerir os bens da Igreja, ao passo que o Estado apoiaria a expansão da fé e das missões religiosas. Pontua-se que o Estado também concedia dízimos arrecadados da Coroa para a sustentação da Igreja, constituindo uma espécie de ‘apadrinhamento’.

Após a Proclamação da República e do Decreto de 1890, que dizia que “[...] nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o governo da União ou dos Estados”, o regime de concordata que era vigente chega ao fim, e, com isso, houve a separação do Estado e da Igreja, que, consequentemente, perdeu influência política e econômica devido à autonomia da Igreja laicidade estatal. O Estado, se tornando laico, promoveu uma maior diversidade religiosa, fazendo com que a Igreja Católica perdesse seu protagonismo absoluto no cenário religioso nacional, deixando a Igreja em desvantagem, e, a partir de então, passou a se esforçar para melhorar sua imagem e recuperar fiéis que se espalharam e se dividiram em outras religiões, como o protestantismo, por exemplo. É importante considerar que a separação da Igreja e do Estado, principalmente a laicidade estatal, não foi bem aceita pelo Vaticano, que considerou tal movimentação como heresia da modernidade.

A partir do fim do padroado, a Igreja Católica passou a responder apenas ao Vaticano e a Santa Sé, dependendo financeiramente e, principalmente,

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para acessar a lista das cartas, é possível seguir clicando em *A Edição*, no Menu, ou em *Hiperedição das Cartas*, no quadro da página inicial. Ao clicar em quaisquer desses *links*, o usuário será direcionado para a página na qual consta a lista de cartas e suas informações, como a miniatura do facsímile da primeira página de cada carta, o título, a datação, as páginas nas quais se encontram no caderno e o tema (breve resumo, com palavras-chave) de cada carta. Além das páginas mencionadas, também há uma página com a descrição paleográfica do caderno *Farmácia São José*, para que o leitor/usuário tenha a experiência de ver o corpo do caderno e seu estado de conservação, além de ter acesso noções sobre terminologias específicas referentes à nomenclatura das partes do caderno. Por fim, há uma videoteca, que conta com vídeos de apresentações relacionadas ao acervo e às cartas para Eudaldo Lima, além de vídeos sobre a Ação Integralista Brasileira e alguns dos famosos sermões ministrados por Eudaldo Lima (além de os vídeos estarem na videoteca, também foram adicionados às páginas pertinentes a eles).

Figura 29 - Lista das cartas

<div>  <div> Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta </div> <div> <div></div> <div></div> </div> </div>						
<div> <div>24 resultados por página</div> <div> Pesquisar <input type="text"/> </div> </div>						
Nº	Facsímile	Título	Datação	Páginas	Tema	
1		Meu caro Eudaldo: Saudações	22/08/1941	14-16	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Início do debate religioso entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima no caderno Farmácia São José. Este rascunho de carta se trata do agradecimento pelo envio, por parte de Eudaldo Lima, do livro protestante Cochilos de um Sonhador, de Basílio Catalá Castro e da promessa de um comentário sobre o livro. Também teceu comentários sobre o prólogo, de autoria de Getúlio Vargas.	
2		Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)	24/08/1941; 31/08/1941	16 a 25	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta se trata do comentário prometido no rascunho de carta Meu caro Eudaldo: Saudações sobre o livro do autor protestante Basílio Catalá Castro, Cochilos de um sonhador. Este rascunho fora iniciado como uma carta privada, porém Motta cancelou o início, em que se direcionava a Eudaldo Lima, e a nomeou como Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro), com intenção de publicá-la. Essa carta aberta foi publicada em avulsos, de acordo com Eudaldo Lima em sua carta aberta publicada em O Lidador, por título de "Declaração Oportuna" (08/03/1942). Neste rascunho, Motta teceu comentários sobre os pontos de discordância entre ele e o escrito por Basílio Castro.	
3		a) Meu amigo: Você,	09/11/1941	34 e 35; 38 a 40	Religião. Bíblia. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta não apresenta destinatário explícito, porém, após análise do conteúdo,	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para exemplificar a edição, foi selecionado o texto *Meu caro Eudaldo: Saudações*. Para acessar a página da edição, o usuário pode clicar tanto no título, quanto na miniatura do fac-símile da carta desejada. Ao clicar no *link*, o usuário será direcionado a edição interpretativa modernizada da carta, mas é possível acessar todos os tipos de edição por meio dos botões dispostos no cabeçalho da página. Deslizando pela página, o usuário encontrará uma sanfona na qual exibirá os critérios de edição, e na sequência, a edição interpretativa modernizada justalinear. Para mudar o tipo de edição, basta selecionar o botão correspondente no cabeçalho da página e o usuário será direcionado para a edição desejada, a saber: genética linearizada (com operadores genéticos), genética topográfica, interpretativa com aparato (edição crítica em testemunho único, de acordo com Duarte (2023)) e interpretativa modernizada.

Duarte (2019) apresenta duas acepções para edição interpretativa. A primeira acepção diz: “[e]dição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura (*emendatio ope ingenii*), e registra em aparato todas as suas intervenções” (Duarte, 2019, p. 386). Nesta edição, não são considerados os ‘erros’ do autor, pois não se considera erro as diferentes grafias que o autor apresenta, ainda que sejam lapsos de escrita, serão mantidos como no original, realizando mudança por conjectura do editor apenas nos casos que comprometam a leitura do texto ou de segmentos parcialmente ilegíveis, devidamente sinalizados. Contudo, o restante da acepção cabe à edição interpretativa com aparato genético, sendo esta uma edição crítica de um documento de monotestemunhal ou de testemunho único encontrado, elaborada a partir de uma transcrição genética linearizada (que utiliza operadores genéticos para marcar o processo de escrita), e são registradas as intervenções do(s) autor(es) por meio de um aparato genético integrado ao texto (no caso de uma hiperedição), por meio de *hiperlinks*, que revelam um *pop up* de uma anotação apresentando a versão (ou versões) anteriores do texto, na ordem substituído> substituto.

A segunda acepção de edição interpretativa apresentada por Duarte (2019), diz que é uma “[e]dição de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral” (Duarte, 2019, p. 386). Novamente, retirando a parte referente ao ‘erro’, a definição cabe à edição interpretativa modernizada, uma vez que ela é feita a partir da edição interpretativa com aparato genético e é destinada ao leitor não especializado, sendo uma versão de leitura, na qual foi feita a atualização/modernização ortográfica e conta com notas explicativas.

Assim, cabe informar que doravante, meramente por fins práticos, a edição interpretativa com aparato genético será chamada apenas de interpretativa, e a edição interpretativa modernizada será chamada apenas de modernizada. No *site*, também seguirão sendo chamadas assim.

Apresenta-se, abaixo, os critérios das edições seguidas de seus respectivos exemplos retirados do *site*. A Edição Genética é a edição que se atenta em marcar, dentro da própria transcrição, por meio de operadores genéticos, os movimentos de escrita do(s) autor(es) de um texto. Há documentos, principalmente manuscritos modernos, que apresentam diversas marcas de manipulação (Duarte, 2019, p. 383) na construção do texto e, nestes documentos, se aplicam critérios de edição que contam com operadores genéticos, ou seja, símbolos que são utilizados para determinar o processo genético de escrita, dando, além de uma atenção especial às mudanças linguísticas e estilísticas do texto, uma ênfase nos aspectos materiais do documentos, como os tipos de cancelamentos, ou tipos de acréscimos que o(s) autor(es) empreenderam no texto, por exemplo.

A edição genética é útil, visto que pode ser elaborada no *word* e consegue apresentar, ao máximo possível, os movimentos de escrita do texto, sem necessariamente estar com o fac-símile presente, pois, conhecendo os operadores genéticos, apenas lendo a transcrição, é possível acessar uma ‘imagem mental’ das características físicas do texto no documento, incluindo a cronologia das modificações. Além disso, esta edição serve de base para as demais edições elaboradas nesta pesquisa e, se tratando de rascunhos que contam com movimentos de escrita, é a mais adequada para a sua edição e deve ser, acredito, a primeira edição a ser feita com este tipo de documentos, seguindo para outros tipos após a sua elaboração, utilizando-a como base editorial. A partir da edição dos 19 rascunhos de cartas de Eulálio Motta para Eudaldo Lima, além de outros rascunhos, este tipo de edição têm-se mostrado eficiente no que se propõe: marcar a gênese da construção textual em documentos que apresentam marcas físicas de manipulação processual de escrita.

A edição foi publicada no *site* por meio do *plugin TablePress*, que permite a inserção de tabelas no *site*. Optou-se por apresentar o texto em formato de tabela, pois cada linha fica marcada na apresentação, deixando claro onde cada linha começa e onde termina, dispensando o uso do operador | para quebra de linha. Além disso, ao inserir o texto diretamente no *site*, sem o recurso da tabela, o conteúdo foi desconfigurado. A edição genética mantém os critérios apresentados na subseção 3.5 e também estão disponíveis na página da edição genética. *Link* para acessar a edição: <https://acbmotta.com/index.php/edicao-genetica-de-meu-carro-eudaldo-saudacoes/>.

Figura 30 - Edição Genética de *Meu caro Eudaldo: Saudações*



Por uma Ação Católica:
Cartas de Eulálio Motta

↔

Genética

✂

Topográfica

⌕

Interpretativa

📖

Modernizada

🖨

Imprimir

Meu caro Eudaldo: Saudações

Edição Genética Linearizada

Critérios de Edição

Descrição Temática

Referência da carta para citações



p. 15

Meu caro Eudaldo: [P 15]

Saudações

Em mãos o exemplar do livrinho "Cochilos de um sonhador", que [V] me mand{aste}/~ou\, pelo

5 que me apresso em {te}/~lhe\ en{+}/~v\iar um muito obrigado, de coração.

Depois de le-lo, não deixarei de {te}/~lhe\ fazer

algumas linhas, dizendo algo sobre o mes-

mo e sobre o assunto. Por enquanto, só li

10 as palavras do Dr. Getulio Vargas, que precedem

de um sonhador", que [V] me mand{aste}/~ou\, pelo

5 que me apresso em {te}/~lhe\ en{+}/~v\iar um muito obrigado, de coração.

Depois de le-lo, não deixarei de {te}/~lhe\ fazer

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Edição Topográfica é a edição que busca representar, o máximo possível, *mise en page* do documento, ou seja, a disposição do texto como está no documento original. A *mise en page* aqui se refere a aspectos diversos do documento, como elementos riscados/cancelados, entrelinhamento, interpolação, acréscimo, cores distintas dos instrumentos de escrita (como lápis vermelho, azul, grafite, tinta), cor do papel e das linhas, espaço de margens, com o intuito de evocar a forma e aspectos físicos do documento original. Para a elaboração de tal edição, são utilizados programas computacionais que permitam emular tais elementos, a exemplo do *Publisher*, programa que faz parte do pacote do *Microsoft Office*, mas também pode ser elaborada em qualquer outro tipo de programa que tenha características similares (voltados para publicação digital, diagramação eletrônica, elaboração de *layouts*), como o *Adobe InDesign*, por exemplo. A edição topográfica desta pesquisa foi feita no programa *Publisher* e salva em PDF, para poder ser anexada ao *site*. Devido aos muitos elementos gráficos que constam nesta edição, não foi possível elaborá-la diretamente no *site*, visto que em todas as tentativas houve a desconfiguração dos elementos gráficos. *Link* para acessar a edição: <https://acbmotta.com/index.php/edicao-topografica-de-meu-caro-eudaldo-saudacoes/>. Seguem os critérios adotados para esta edição:

1. As edições foram elaboradas no programa *Publisher*;
2. As páginas são feitas na coloração sob código #F7DAAF;
3. As cores do texto são similares ao original: texto escrito em tinta, apresenta-se na cor sob código: #491D03; texto escrito em lápis grafite, apresenta-se na cor sob o código: #5F5F5F;
4. A disposição do texto deve reproduzir, o máximo possível, como está no manuscrito original, respeitando o entrelinhamento, centralização, texto com escrita sobreposta;
5. Os elementos de escrita sobreposta, ou seja, um elemento textual escrito por cima do outro, foi representado pelo texto substituto na **cor verde**, (ou seja, o elemento textual que ficaria no 'texto final' do autor está marcado de verde). Não foi possível colocar a sobreposição na edição pois inviabilizaria a leitura e não foi possível adicionar *hiperlinks* no formato PDF, até o presente momento;
6. A Descrição Temática, os Critérios de Edição e a definição do tipo de edição estarão dispostas no início da página do texto editado. As Notas do Editor se encontram dispostas abaixo de cada texto.

Figura 31 - Edição Topográfica de *Meu caro Eudaldo: Saudações*



Por uma Ação Católica:
Cartas de Eulálio Motta






Genética



Topográfica



Interpretativa



Modernizada



Imprimir

Meu caro Eudaldo: Saudações

Edição Topográfica

Critérios de Edição

Descrição Temática

Referência da carta para citações



Meu caro Eudaldo: Saudações

15

Em mãos o exemplar do livrinho "Cochilos de um sonhador", que ~~me~~^{tu} me mandaste, pelo que me apresso em ~~te~~^{te} enviar um muito obrigado, de coração.

Depois de lê-lo, não deixarei de ~~te~~^{te} fazer algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo e sobre o assunto. Por enquanto, só li as palavras do Dr. Getúlio Vargas, que precedem o "Prefácio". Que a "alta sociedade" adota um Catolicismo cético e elegante, estou de acordo, com restrições. Que a "Massa ignara está na fase fetichista de adoração dos santos com varias especialidades milagreiras", também aceito, com restrições. Que "uma pessoa, para ser católica, é preciso que aceite todos os seus dogmas, e pratique", de acordo, sem restrições. Para que uma pessoa se diga católica, é preciso que ~~conheça~~^{conheça} a Doutrina, aqui é que estou em desacordo... ¹ {o} / > O\ autor

de tal afirmação, se chamado a prova-la com a História, ^{os fatos, com de ontem e de hoje,} sem veria ^{se} em apuros que nunca conheceu nas tertulias políticas...

com conhecimentos políticos, não se pode...

tar afirmações religiosas. ^{Os} apresento ^t As afirmações nesse

o assunto seriam demais para serem resolvidos

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Edição Interpretativa (com Aparato Genético), de acordo com Duarte (2019, p. 386), se trata de uma edição crítica de testemunho único. Ainda que os textos não sejam monotestemunhais, já que uma versão foi enviada para Eudaldo Lima, eles não apresentam outro testemunho no acervo ou em lugar conhecido. Portanto, o tratamento editorial será dado como o mesmo de textos monotestemunhais. Nesta edição, apresenta apenas a última campanha (ou versão) de escrita do autor, acompanhada do aparato genético integrado à edição, marcando a ordem cronológica das alterações feitas pelo escritor, que pode ser acessado passando o cursor em cima dos segmentos em negrito e do * para segmentos removidos da versão final, mas que tem campanhas anteriores. Para fazer essa edição, foi tomada por base a edição genética linearizada. No *site*, a Edição Interpretativa com Aparato Genético aparecerá apenas com o nome de Interpretativa, por fins práticos e de *layout* do *site*. *Link* para acessar a edição: <https://acbmotta.com/index.php/edicao-interpretativa-de-meu-caro-eudaldo-saudacoes/>. Aviso importante: que nem todas as funcionalidades da hiperedição estão disponíveis para o uso no celular, como o recurso da anotação do aparato genético da edição interpretativa, por exemplo, pois não há como passar o cursor por cima dos elementos anotados em negrito. Seguem os critérios utilizados para a edição interpretativa:

1. A edição foi publicada no *site* por meio do *plugin TablePress*, que permite a inserção de tabelas no *site*. Optou-se por apresentar o texto em formato de tabela, pois cada linha fica marcada na apresentação, deixando claro onde cada linha começa e onde termina, dispensando o uso do operador | para quebra de linha. Além disso, ao inserir o texto diretamente no *site*, sem o recurso da tabela, o conteúdo foi desconfigurado;
2. Foram utilizados códigos em HTML para realizar anotação nos textos. As anotações servem para apresentar o aparato genético do texto, uma vez que a edição interpretativa se refere a tal edição em testemunhos únicos;
3. Utilizou-se **NEGRITO** para marcar as passagens no texto que foram anotadas. O usuário, ao passar o cursor por cima do texto em negrito, terá acesso a anotação crítica com a explicação das outras versões anteriores do texto por meio de um *pop up* que aparecerá na tela;
4. Utilizou-se o símbolo *, em negrito e em vermelho, para marcar as passagens do texto que foram canceladas (suprimidas) e que não aparecem na ‘versão final’ do texto. Ao passar o cursor por cima desse elemento, o texto suprimido referente às campanhas anteriores é revelado por meio de um *pop up* que aparecerá na tela;
5. As campanhas dos textos serão marcadas pelas iniciais do título + o número da campanha. Por exemplo MCES1 (*Meu caro Eudaldo: Saudações* 1 campanha). Na anotação crítica que aparecerá ao passar o cursor nos elementos **em negrito** (representando a ordem substituto>substituto, sendo o segmento **em negrito** o substituto, que foi escolhido pelo editor para compor a ‘versão final’ do texto com base

na ordem cronológica de escrita do texto) e no ícone * estará marcada a campanha do texto referente a anotação de passagens suprimidas/canceladas do texto de base, mas que apresentam campanhas anteriores.

6. A Descrição Temática, os Critérios de Edição e a definição do tipo de edição estarão dispostas no início da página do texto editado. As Notas do Editor se encontram dispostas abaixo de cada texto.

Figura 32 - Edição Interpretativa de *Meu caro Eudaldo: Saudações*

Genética

Topográfica

Interpretativa

Modernizada

Imprimir

Meu caro Eudaldo: Saudações

Edição Interpretativa com Aparato Genético

Critérios de Edição

Descrição Temática

Referência da carta para citações

p. 15

Meu caro Eudaldo:

Saudações

Em mãos o exemplar do livrinho “Cochilos

5 de um sonhador”, que * me mandou, pelo

que me apresso em **lhe** enviar um muito

obrigado, de coração.

Depois de le-lo, não deixarei de **lhe** fazer

algumas linhas, dizendo algo sobre o mes-

10 mo e sobre o assunto. Por enquanto, só li

as palavras do Dr. Getulio Vargas, que precedem

“... e a ...”

de um sonhador”, que * me mandou, pelo

que me apresso em **lhe** enviar um muito

obrigado, de coração.

MCES1: Segmento ‘te’ foi substituído por ‘lhe’.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Duarte (2019) apresenta duas acepções para edição interpretativa. A segunda acepção diz: que é uma “[e]dição de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de caráter geral” (Duarte, 2019, p. 386). Nesta edição, não são considerados os ‘erros’ do autor, visto que não se considera erro as diferentes grafias que o autor apresenta, ainda que sejam lapsos de escrita, serão mantidos como no original, realizando mudança por conjectura do editor apenas nos casos que comprometam a leitura do texto ou de segmentos parcialmente ilegíveis, devidamente sinalizados. O restante da definição cabe à Edição Interpretativa Modernizada, que uma edição é feita a partir da Edição Interpretativa com Aparato Genético e é destinada ao leitor não especializado, sendo uma versão de leitura, na qual é feita a atualização/modernização ortográfica e conta com notas explicativas. Não foi realizada nenhuma correção sintática ou correção gramatical. No *site*, a Edição Interpretativa Modernizada aparecerá apenas com o nome de 'Modernizada', por fins práticos e de *layout* do *site*. *Link* para acessar a edição: <https://acbmotta.com/index.php/edicao-modernizada-de-meu-carro-eudaldo-saudacoes/>. Seguem os critérios utilizados para a edição modernizada:

1. São unidas as separações de palavras ocasionadas por quebra de linha;
2. São unidas as palavras que apresentam escrita hipersegmentada (palavras que estão escritas juntas, mas deveriam ser separadas, ex.: ‘porisso’, que deveria ser ‘por isso’) e são separadas as palavras que apresentam escrita hiposegmentada (palavras que estão escritas separadas, mas deveriam ser escritas juntas, ex.: ‘ba teu’, que deveria ser ‘bateu’);
3. É atualizada a ortografia do texto para a norma vigente, a exemplo: Christo>Cristo; Creança>Criança; Ceo>Céu; Organização>Organização. A última foi atualizada visto que a escrita do período variava entre o uso de s e z para a escrita de s intervocálico e, devido à ausência de uma norma ortográfica oficial durante o período de escrita do texto (surgiu somente em 1943, no Brasil), não se considera tal atualização como correção ortográfica;
4. Se mantém a pontuação como se encontra no original;
5. A acentuação de palavras foi atualizada de acordo com a norma vigente, a exemplo: Catolico>Católico; Há>Há.
6. Foram adicionados *links* com direcionamento para páginas biográficas de personalidades mencionadas nos textos e para o *Dicionário Online Aulete*, em contextos de palavras pouco usuais ou termos;
7. A Descrição Temática, os Critérios de Edição e a definição do tipo de edição estarão dispostas no início da página do texto editado. As Notas do Editor se encontram dispostas abaixo de cada texto.

Figura 33 - Edição Modernizada de *Meu caro Eudaldo: Saudações*

Por uma Ação Católica:
Cartas de Eulálio Motta

Genética

Topográfica

Interpretativa

Modernizada

Imprimir

Meu caro Eudaldo: Saudações

Edição Interpretativa Modernizada

Critérios de Edição

Descrição Temática

Referência da carta para citações

Meu caro Eudaldo: Saudações

Em mãos o exemplar do livrinho “Cochilos de um sonhador”, que me mandou, pelo que me apresso em lhe enviar um muito obrigado, de coração.

Depois de lê-lo, não deixarei de lhe fazer algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo e sobre o assunto. Por enquanto, só li as palavras do Dr. Getúlio Vargas , que precedem

as palavras do Dr. Getúlio Vargas , que precedem

o “Prefácio”. Que a “alta sociedade” adota um

Catolicismo cético e elegante, estou de acordo,

com restrições. Que a “Massa ignara” está na fase

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A hiperedição apresentada foi pensada para suprir, ao máximo possível, às necessidades dos rascunhos, trazendo edições que exploraram a sua materialidade e suas camadas de escrita. Além disso, foi pensada para proporcionar uma boa experiência de leitura para o usuário, buscando apresentar um *design* mais limpo e objetivo, e utilizando os recursos digitais para ampliar as possibilidades de leitura do texto, tanto trazendo *hiperlinks* explicativos ou informativos na edição modernizada, em virtude de promover uma leitura mais facilitada do texto e que atinja um nível de compreensão maior.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filólogo contemporâneo, ao lidar com documentos com escrita moderna, se depara com desafios que precisa enfrentar para alcançar uma edição que além de contemplar, na medida do possível, as potencialidades dos documentos editados, também apresente esta edição de uma forma dinâmica e interligada e que atinja diversos públicos, especializado e não especializado. Na era das redes, percebe-se que grande parte dos leitores utilizam meios digitais para a leitura, se tornando leitores-usuários. A crítica textual contemporânea tem buscado atender esses novos formatos de leitura, elaborando e disponibilizando edições digitais, também conhecidas como hiperedições, que fornecem, em um único *locus*, edições confiáveis de textos que contam com informações que passaram pelo crivo do editor sobre o contexto de escrita dos textos, contexto sócio-histórico no qual os autores/escreventes estavam inseridos, informações sobre os escritores dos textos, sobre como esse texto foi produzido, qual era a sua finalidade, por onde ele circulou, como o texto foi recebido.

A elaboração de uma edição é um trabalho árduo, que mobiliza várias fontes documentais e várias áreas de investigação com o intuito de preservar um documento como fonte histórica que revela aspectos da macro e micro-história; de iluminar o documento e o texto, considerando os aspectos linguísticos e bibliográficos (materiais), com informações que o editor consegue mobilizando outras inúmeras fontes documentais diversas, como fotografias, anotações, rascunhos, livros, *sites*; de difundir o documento/texto editado para que mais leitores e pesquisadores conheçam partes da história por vezes não contada, obras literárias, fragmentos da vida de pessoas que não se encontram mais entre nós mas que deixaram suas marcas no mundo e que merecem ser lembradas/estudadas; e isso tudo enfrentando dificuldades de leituras de documentos, dificuldades em pensar uma edição que contemple seus documentos a serem editados e dificuldades também no editar em si, seja na forma impressa ou na forma digital, cada uma com suas peculiaridades. De fato, é uma profissão que cobra muito do profissional, mas também recompensa em ver uma edição publicada e que conseguiu alcançar o que foi pensado no projeto.

E hiperedição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta para Eudaldo Lima é a realização de um desejo antigo, que começou na graduação, quando comecei a transcrever os textos do caderno *Farmácia São José* em 2015, na Iniciação Científica, pois logo no começo, estes rascunhos se destacaram da totalidade do caderno, como uma história estava esperando para ser lida, editada e contada. Minha formação como filóloga se deu ao longo de três anos de Iniciação Científica (2015-2018) no projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*,

no âmbito do *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (NeiHD), de mais dois anos no mestrado elaborando a edição genética dos rascunhos de cartas de Motta para Lima e discutindo seu tipo de edição e a natureza do rascunho em paralelo ao gênero carta e ainda nos quatro anos de doutorado, buscando formas de conseguir editar e apresentar uma hiperedição e elaborar um *site*.

Durante todos estes anos de formação, as fontes primárias estiveram presente, mais especificamente o acervo de Eulálio Motta, que é uma fonte histórica riquíssima, desde documentos que revelam aspectos sobre a política a nível do Brasil, quanto a nível do interior da Bahia durante vários períodos do século XX; revelam aspectos da vida na fazenda, sobre doenças que nem vemos mais hoje em dia, por meio de anotações; sobre a escrita poética/literária; sobre hábitos de leitura e escrita de um escritor no século XX; sobre a dinâmica e discussões religiosas no interior da Bahia; entre outros aspectos que as fontes primárias proporcionam e devem sempre ser preservadas e estudadas. Além de tudo isso já dito, as fontes primárias nos impulsionam a discutir a filologia, que nem sempre o que já foi escrito na área dá conta de suprir as necessidades dos documentos que são encontrados nos acervos, e isso é um grande ganho para a área, pois sempre precisamos voltar para questões teóricas e metodológicas e repensá-las a partir dos documentos que encontramos, como no caso do *corpus* desta edição, rascunhos de cartas com movimentos de escrita e marcas físicas de manipulação, que em outras épocas não seriam nem editados, se formos observar o histórico editorial da filologia, e hoje esse tipo documental é repensado como algo único, como uma fonte linguística, bibliográfica, histórica e documental inestimável, digna de edições e estudos.

Nesta tese foi proposta a hiperedição dos 19 rascunhos de cartas de Eulálio Motta para Eudaldo Lima, além de propor analisar o fator político dentro do embate religioso, que, pode passar despercebido, visto que não é um elemento explícito do texto, e acaba sendo necessário compreender um pouco sobre o cenário político e o papel da Igreja Católica neste cenário, para conseguir acessar nuances discursivas com tom político na correspondência entre os amigos. Para tal, é necessário não apenas domínio técnico das metodologias filológicas, mas também sensibilidade interpretativa para compreender o texto em sua materialidade e historicidade. Contudo, do ponto de vista da crítica textual e da filologia, reafirma-se que o princípio de que toda edição é uma hipótese de leitura e, portanto, um gesto interpretativo, podendo ocasionar em diversas leituras diferentes, sendo o papel do editor apresentar as informações necessárias, como instrumento de leitura, para que os leitores interpretem os textos conscientes dos fatos históricos e sociais que os envolvem. Assim, este

trabalho representa um exercício de crítica textual e de filologia aplicada, no qual a prática editorial se configura como uma experiência de leitura crítica, de mediação cultural e de produção de conhecimento.

A forma de apresentação das edições, a hiperedição, é um meio de democratizar o acesso aos documentos que antes estavam restritos ao acervo e às visitas presenciais. De fato, as edições convencionais também possibilitaram um acesso menos dificultoso aos documentos de acervos, mas as edições impressas são muito custosas e nem sempre chega a um grande público, no sentido de acessibilidade mesmo. Já com uma hiperedição é mais fácil, rápido e sem custo para o leitor, basta compartilhar o *link* e o leitor já tem acesso a vários elementos da edição e a vários tipos de edição convencional de uma só vez e em um só lugar, além de não ter uma limitação de incorporar documentos, a qualquer momento o editor pode acrescentar fotografias; novos documentos que porventura surgirem; novos vídeos, incluindo apresentações acadêmicas *online* sobre os documentos, sobre o autor, sobre o acervo, e até sobre o tema abordado no documento, trazendo vídeos de especialistas, historiadores, entrevistas sobre o tema, como foi feito na hiperedição das cartas.

Assim, a construção da hiperedição - que reúne edições genéticas e interpretativas - expande o trabalho filológico para o campo das humanidades digitais, valorizando a materialidade dos documentos e democratizando o acesso ao acervo. Essa abertura pública das fontes manuscritas cumpre não apenas uma função científica, mas também ética e política: tornar acessível à sociedade um patrimônio antes restrito e invisível. É válido ressaltar que dentre os quatro tipos de edição propostos, uma é a edição interpretativa modernizada, voltada para o grande público e até estudantes de ensino médio ou fundamental, em aulas de história e português sobre gênero carta ou sobre mudança linguística, uma versão de leitura mesmo, que conta com *links* que direcionam às páginas biográficas de *sites* oficiais, para páginas da própria hiperedição que contenham informações pertinentes ao texto ou para página do *Dicionário Online Aulete* com definições de palavras e termos que podem ser de difícil entendimento.

Nesse sentido, o trabalho aqui desenvolvido dialoga com as reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht (2021), ao compreender o filólogo como um mediador cultural, situado entre o passado e o presente, entre o texto e o leitor. Para Gumbrecht, a edição é o resultado de uma tripla função - a de leitor, autor e editor -, e não um gesto neutro ou invisível. O editor intervém, interpreta, escolhe e organiza o texto, e essas escolhas são inevitavelmente marcadas por valores, por uma posição histórica e por uma ética do saber. Assim, esta tese assume abertamente que a prática editorial é também uma prática política, porque toda forma

de dar visibilidade a um texto é, em alguma medida, um ato de seleção e de legitimação do que será preservado e lido.

As contribuições desta pesquisa para a crítica textual, a filologia digital e as humanidades digitais situam-se, portanto, na intersecção entre tradição e inovação. Ao mesmo tempo em que recupera o rigor da análise filológica clássica - com atenção às variantes, rasuras e testemunhos -, amplia seus horizontes através da mediação tecnológica e da hipertextualidade como forma de leitura múltipla e dinâmica. Trata-se de um gesto que reafirma a vitalidade da filologia como disciplina humanista, capaz de integrar a reflexão crítica ao compromisso com a preservação e a circulação do conhecimento.

No campo da história política e religiosa do Brasil, esta pesquisa oferece contribuições importantes ao revelar o modo como discursos de fé e ideologia se entrelaçam na obra de Eulálio Motta. Suas cartas e crônicas trazem à tona tensões entre catolicismo, protestantismo, integralismo e conservadorismo, evidenciando como a religião se tornou um instrumento de mobilização social e política no interior baiano das décadas de 1930 e 1940. Ao analisar esses textos, torna-se possível identificar as raízes históricas de discursos que voltam a ressurgir no Brasil contemporâneo, nos quais fé, poder e nacionalismo se entrelaçam de forma preocupante e os estudos desta documentação contribui para o desenho de uma história política e religiosa do Brasil, pois trata de temas que, mesmo sendo a partir de textos do século XX, são cruciais para compreender o Brasil contemporâneo, especialmente acerca de questões políticas de extrema direita e as relações que ela estabelece com a religião por conta do conservadorismo. É possível que o integralismo tenha apenas mudado de nome, mas não tenha morrido, os seus ideais continuam vivos no solo fértil da extrema direita.

Por fim, esta tese reafirma Eulálio Motta como um intelectual múltiplo e estrategista, cuja escrita se converteu em instrumento de ação política e religiosa. Sua produção textual ultrapassa o âmbito devocional, revelando uma tentativa consciente de moldar a opinião pública local e de inserir Mundo Novo no circuito das ideias católicas e nacionalistas de seu tempo, pois uma vez que convertesse fiéis ao catolicismo, conseqüentemente, angariaria possíveis apoiadores políticos integralistas, dado à estreita relação entre a Igreja Católica e o Partido Integralista. Com a edição e a publicação digital de seu acervo, o presente trabalho contribui não apenas para a história da literatura e da cultura escrita no Brasil, mas também para a democratização do patrimônio documental. Nesse gesto editorial - consciente de seu poder e de sua responsabilidade -, reafirma-se o papel do filólogo como mediador cultural, como leitor ativo e como autor de sentidos, cuja prática é, inevitavelmente, um ato de construção ética e política do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Solange Dias de Santana. **A Igreja Católica na Bahia: fé e política**. 2003. 216f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. **Dep. Basílio Catalá**. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000095>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BARREIROS, Liliane L. S. **Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta**. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. **Revista Internacional del Libro**, Digitalización y Bibliotecas, v. 2, p. 20-33, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Cantos tristes, no cemitério da ilusão**: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta. 2007. 346f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Edição Digital da correspondência de Eulálio Motta**. 2018. 48f. Relatório (Estágio de Pós-Doutorado) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, (acesso restrito).

BARREIROS, Patrício Nunes. Imagens de Eulálio Motta: comemoração dos 20 anos de pesquisa no acervo do escritor. **Légua & Meia**, Brasil, n. 9, v. 1, p. 123-145, 2019.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça**: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça**: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 2013. 666f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Sonetos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. **Alea: Estudos Neolatinos**. Brasil, vol. 19, n. 2, p. 389-414, 2017.

BARTHES, Roland. The death of the author (1968), in **Theories of Authorship**. Ed. John Caughie. London and New York: Routledge, 2001, [1986], p. 208-213.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Lisboa: edições 70, 1970.

BARTHES, Roland. From Work to Text (1971), in **Debating Texts – A Reader in 20th Century Literary Theory and Method**. Rick Rylance Ed. Open University Press, 1993 [1987], p. 117-122.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 11, p. 15-24, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. **Patrimônio e Memória**, UNESP, v. 4, p. 1-20, 2009.

BORGES, Rosa. Edição Crítica em perspectiva genética. In: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 60 -105.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de (Org.). **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES; Rosa; SOUZA; Rosa e Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 15 a 59.

CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 30, n.1 p. 65-86, 20, 2010.

CERQUIGLINI, Bernard. Une nouvelle philologie. In: **Philologie a l'ere de l'internet**, 2000, Budapeste. Disponível em: <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>
Acesso em: 15 de mar. de 2023.

CORREIA, Fabiana Prudente. **Filologia e humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde**: acervo e edição de *os desinibidos*. 2018. 360f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

Decreto nº. 510 de 22 de junho e nº. 914-A de 23 de outubro de 1890, § 7

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. Différance (1968), **Margins of Philosophy**. Chicago: University of Chicago Press, 1982, pp. 1-28.

DERRIDA, Jacques. Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences (1966). In **Debating Texts** – A Reader in 20th Century Literary Theory and Method. Ed. Rick Rylance. Open University Press, 1993, [1992], pp. 123-136.

DERRIDA, Jacques. **Mal d' Archive** – Une impression freudienne. Paris: Editions Galilée, 1995.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica Textual**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997-]. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#181>
Acesso em: 19 de maio de 2025.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Os Palácios da memória**: ensaios de crítica textual. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Disponível em: <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/16901066/202021811200268outfile.pdf>. Acesso em 06 maio 2025.

FERREIRA, Laíz Mônica R. A Imprensa integralista na Bahia: o caso do Jornal O Imparcial. **Revista de História Regional**, n. 11, v. 1, p. 53-86, 2006. Disponível em: <https://repositoriohml.ufba.br/handle/ri/2849>. Acesso em 18 de mar. de 2023.

FERREIRA, Leandro da Silva. **O Sigma e a Cruz**: um Estudo Sobre a relação do Integralismo com A Igreja Católica. São Paulo 2021 Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Instituto Federal de São Paulo, 2021.

HINOLOGIA CRISTÃ. **Eudaldo Silva Lima**. [2018-] Disponível em: <http://www.hinologia.org/eudaldo-silva-lima/>. Acesso em 15 jun. 2023.

KLINE, Mary-Jo. **A guide to documentary editing**. 2 ed. London: The Johns Hopkins Press Ltd., 1998.

JATOBÁ, Tiago F. **O vento da mudança sobre o Morro dos Alecrins**: reação católica à instalação dos presbiterianos em Campo Formoso - Bahia, primeira metade do século. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina, 2011.

LIMA, Dante de. **Mundo Novo, Nossa Terra, Nossa Gente**. 4ª ed. Salvador: Contemp, [1998] 2016.

LIMA, Eudaldo Silva. Declaração oportuna. **O Lيدador**, Jacobina, ano IX, n. 384, p. 4, 08 mar. 1942.

LIMA, Eudaldo Silva. **Romeiros de meu caminho**. Brasília: Itamarati, 1981.

LIMA, Eudaldo. **Razões de Minha Religião**: Por que sou evangélico e não romanista. Casa Publicadora Norte Evangélico Garanhuns, Campo Formoso, Bahia, 1944.

LOIS, Élida. **Génesis de escritura y estudios culturales**: introducción a la crítica genética. Edicial S.A., Buenos Aires, ed.1, 2001.

LOSE, Alícia D. **Arthur de Salles**: esboços e rascunhos. 2004. 277f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

LOSE, Alícia Duhá. Revisitando o meu acervo: um retorno (ou uma releitura) sobre a pesquisa no acervo do poeta baiano Arthur de Salles. In: LOSE, Alícia Duhá et al. **Pesquisando Acervos**. v. 1. Salvador: Memória e Arte, 2020. Disponível em: https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c_d78d7b2c948b4b299961e3b4b8168108.pdf

LOURENÇO, Isabel Maria da Graça. **The William Blake Archive**: da gravura iluminada à edição electrónica. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Língua e literaturas Modernas, Coimbra. 490f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/12069>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MAGALHÃES, Gilcéia Freitas. Ação Católica, ação política: as influências do grupo católico durante o Estado Novo. UFOP ANPUH - **XXIII Simpósio Nacional de História** - Londrina, 2005.

MARQUILHAS, Rita. Filologia. In: CEIA, Carlos. (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários**. 26 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/filologia/>. Acesso em 20 nov. de 2022.

MARTINS, Hélio L. A implantação do Estado Novo e a Revolta Integralista. **Revista do IGHMB** –ANO 72/73–nº 100/101–2013/2014.

MILEVISKI, Robert J. **Manual de pequenos reparos em livros**. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

MCGANN, Jerome. **Radiant Textuality: Literature after the World Wide Web**. New York: Palgrave/St. Martin's, 2001.

MCGANN, Jerome. **The Textual Condition**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1991.

MCGANN, Jerome. **The Rationale of Hyper-Text**. Disponível em: <http://www2.iath.virginia.edu/public/jjm2f/rationale.html>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MCKENZIE, Donald F. **Bibliografia e Sociologia dos Textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018 [1986].

MODERN LANGUAGE ASSOCIATION. **Preliminary Guidelines for Electronic Scholarly Editions**. Disponível em: <https://www.mla.org/Resources/Guidelines-and-Data/Reports-and-Professional-Guidelines/Guidelines-for-Editors-of-Scholarly-Editions>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, 2005.
MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência Mario de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in caelum revocata?: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MOTA, Mabel M. **Filologia e Arquivística em tempos digitais: o arquivo hipertextual e as edições filológicas de A Escolha ou o Desembestado de Ariovaldo Matos**. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Evocações I, Eureka II**. Mundo Novo: Avante, 1942.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Alma enferma**. Salvador: Imprensa Vitória, 1933.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Evocações, Eureka**. Mundo Novo: Avante, 1942.

MOTTA, Eulálio. Caderno **Farmácia São José**. EA2.3.CV1.03.001, [S.l.], [entre 1940 e 1945].

MOTTA, Eulálio. Espiritismo. **Mundo Novo**, Mundo Novo, ano XI, n. 199, p.6, 25 dez. 1931.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. a) Meu amigo: | Você, protestante convicto. [S.l.]. [1941c]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro). [S.l.]. [1941b]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo Salutem! | Ausente, em trabalhos na Fazenda. [S.l.]. [1941f]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Respondendo... I. [S.l.]. [1942d]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix. [S.l.]. [1942b]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! | Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”. [S.l.]. [1942c]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942. [S.l.]. [1942g]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Saudações | Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio. [S.l.]. [1941e]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo Saudações | Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”. [S.l.]. [1942j]. Carta pessoal. Editado por

Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Resposta oportuna. [S.l.]. [1942l]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saludem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro. [S.l.]. [1942a]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saludem! | Em mãos a sua carta de 20 do corrente. [S.l.]. [1941g]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saudação | Em mãos a sua carta de 2 do corrente. [S.l.]. [1942h]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saudações | Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro. [S.l.]. [1942i]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Dr. Getulio Vargas: Respeitosas saudações. [S.l.]. [1942t]. Carta pessoal. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Meu amigo: | Promessa é dívida. [S.l.]. [1941d]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Meu caro Eudaldo: Saudações. [S.l.]. [1941a]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Ponto final. [S.l.]. [1942m]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediário?. [S.l.]. [1942e]. Carta pessoal. Editado por Stephanne da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [Correspondência]. Respondendo... III. [S.l.]. [1942f]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

PAGLIONE, Camila Zanon. **Glossário Visual de Conservação**: Um Guia de Danos Comuns em Papéis e Livros. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017.

ROCHA, Juliana Pereira. **Hiperedição das Trovas de Eulálio Motta**. 2023. 157f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. **Légua & Meia**, Brasil, n. 9, v. 1, p. 101-122, 2019.

SANTIAGO, Iago Gusmão. SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Patrício Nunes. A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. **A Cor das Letras** (UEFS), Feira de Santana: v. 18, n. 2, p. 45-67, 2017.

SANTIAGO, Stephanie C. **Meu caro Eudaldo**: edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Farmácia São José. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SANTOS, Fernando Santana de Oliveira. **Intelectual de(a) Ação**: a militância integralista de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947). 2018. 219f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 2006. SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

SHILLINGSBURG, Peter L. **Scholarly editing in the computer age**: theory and practice. 3. ed. Michigan: University Michigan, 2004.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 070/2016. Aprova o Projeto de Pesquisa **Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta** (IV Etapa), sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FAPESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 128/2008. Aprova o Projeto de **Pesquisa Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta**, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.

WILLIAMS, William P.; ABBOTT, Craig S. **A introduction to bibliographical and textual studies**. 3 ed. New York: The Modern Language Association of America, 1999.